CARBONO PAUTADO
As memórias de um auxiliar de escritório.
Rodrigo de Souza Leão
virtualbooks

CARBONO PAUTADO

AS MEMÓRIAS DE UM AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

Rodrigo de Souza Leão

Capítulo 1

Desde meus doze anos, meu avô procurava um emprego pra mim. Não que fôssemos pobres ou eu, um mau aluno. Éramos classe média alta e minhas notas na escola, tão azuis quanto o céu. Só quando eu beirava os dezoito anos, com a ascensão política de um parente, meu avô conseguiu o trabalho que considerou ideal. Iria labutar em meio expediente, como auxiliar de escritório, numa agência do maior banco estatal brasileiro: o BMB. Tratava-se de um emprego temporário, duraria seis meses, durante os quais eu iria me aclimatando para outra função hierarquicamente superior. Mas nada se deu de acordo com os planos do meu avô. Na entrevista com o Gerente Geral do BMB, fomos destratados – eu e meu pai – e enxotados aos berros: “Esta empresa não é cabide de emprego”.

Porém, vovô tinha suas artimanhas. Logo que contamos o ocorrido, tocou o telefone para meu primo Mauro, na Paraíba. Não deu uma semana e já haviam ajeitado outro lugar para mim. Tratava-se da Espace, a seguradora do BMB. Novamente fui à entrevista; desta vez sozinho. Poupei meu pai de qualquer aborrecimento maior.

Cheguei na Espace meia hora antes do combinado. Uma secretária me ciceroneou todo o tempo, enquanto o Cristo na parede parecia me censurar por estar de terno. Terno, só executivo, e eu iria ser auxiliar de escritório. A sala suntuosa abrigava ainda mais três mesas, todas vazias. Ao perceber que estava olhando muito, a secretária foi logo puxando assunto:

– Cê mora perto daqui?

Fui meio deseducado. Disse um sim soltando todo o ar que importunava meu pulmão. Ela tratou de me acalmar.

– Meu jovem, aguarde só um pouquinho. O Dr. Holianda não costuma se atrasar. Ele deve estar chegando em instantes.

Levantei, sentei. Tirei meus olhos da divindade na parede, fiz fita nos meus dedos gorduchos. Observei o ambiente. A janela parecia lacrada. O ar condicionado filtrava a fumaça que se espargia no ar.

Me aproximei da janela.

O vento glacial deveria estar congelando os pedestres, que se encolhiam como aves na muda. Os garis limpavam o lixo da sua própria greve. Cidade maravilhosa.

Passara algum tempo, quando os ponteiros do relógio, alojado acima da cabeça da secretária, marcaram unidos o meio-dia e expeliram do seu âmago um cuco. Aquela foi a assertiva da qual necessitava para ir embora. Já esperara por muito tempo, desisti. Mas, quando ia saindo, fui abalroado pela secretária, que queria por fina força marcar um novo horário na agenda. Aceitei o que ela me ofereceu:

– Amanhã, às duas horas.

Ao descer de elevador, uma espécie de gaiola transparente, pude observar tudo o que existia de shopping dentro daquele edifício. Meninas lindas nas bocas das lojas pareciam fazer um convite ao prazer e toda aquela quantidade de letreiros produzia uma bonita luminosidade. No sistema de alto-falantes, Frank cantava Cole. Tudo impulsionava à compra, mas eu não tinha um tostão no bolso. Só o da passagem.

Cheguei ao térreo, onde a campainha do elevador me trouxe de volta à realidade. O átrio estava repleto. Passei, costurando o trânsito, e vesti o meu casaco. A chuva leve tornou-se torrencial. Gostava dos dias frios. O céu do Rio se enchia de nuvens e, não fosse o lixo sobre os meus sapatos e a eterna podridão no reino, tudo estaria muito bem. Caminhei até o ponto.

Fiquei parado durante quinze minutos levando chuva na moleira. O ônibus chegou apinhado. Pensei cá comigo: “Vida de pobre”. Naquele momento, a riqueza material alcançava posto de liderança. O trabalho ganhava importância. Mas queria mesmo era me formar em jornalismo – o que aconteceria em três anos. Não queria trabalhar. Mas, ninguém, a não ser a Espace, iria me pagar cinco mínimos por meio expediente. Claro que o dinheiro, na falta do papai, não daria para nada. Cruz-credo, papai era um garotão ainda. Não iria morrer tão cedo.

O ônibus chegou à rua onde eu residia. Desci as escadas que me separavam de uma poça e num breve rodopio safei meus pés de submergir em águas imundas. Esperei toda a gama de carros em passagem perfilarem-se no sinal, e então atravessei a rua. Já na calçada do outro lado, cumprimentei o porteiro do prédio. Morava com meu avô no quarto andar, enquanto meu pai, mãe e filharada residiam num apartamento maior no sexto andar. Sem as chaves de casa, tive de

tocar a campainha. Fatalmente, demorariam a atender. Meu avô e minha avó juntos somavam quase cento e quarenta anos. Mas de uma nesga se fez umbral:

– Estamos diante de mais um novo contratado da Espace? -, perguntou meu avô.

– Não. - , lacônico.

– Foi maltratado de novo?

– O presidente não foi.

Entramos. O ancião falava em profusão. Não dava conta de tamanha velocidade de raciocínio. Eu estava cansado. Fui para meu quarto. Não queria mais nada que não fosse meu cobertor e minha cama. As gotículas de chuva faziam na vidraça um enorme barulho e quase a calma e quase a paz já me tomavam pela mão do sonho, quando uma enorme luz brotou da direção da porta. Vovô foi logo colocando o telefone no meu ouvido:

– Fala, figura.

Estava meio atordoado mas não pude deixar de reconhecer o sotaque e a voz do primo Mauro.

– Tudo indo.

– Já conversei com Holianda, fique tranqüilo que amanhã às duas ele estará lá. Passe a peteca pro seu avô.

Na verdade não tinha muita identificação com o primo Mauro. Pelo contrário, neguei a minha cama para ele dormir todas as vezes que vinha ao Rio. Mas há muito que não ficava mais hospedado lá em casa, preferia com toda a razão os hotéis cinco estrelas. Meu avô puxou o telefone. As portas do meu quarto fechadas aliviaram-me da conversa amistosa dos dois sobre o meu futuro na Espace Seguros. Dormi. Tive um sonho estranho. Muitas pessoas me seguindo. Eu corria feito um desesperado. Mas que bom!

Nunca precisei de despertador, meu reloginho mental me acordava diariamente às sete horas da manhã. Minha rotina não mudara. Mesmo com um emprego em vista, tinha de levantar e ir à faculdade. Não tomei desjejum, como sempre; não tinha muita fome pela manhã. Me vesti. Na época, andava de jeans e camiseta, e mesmo tendo posto um terno no dia anterior, não iria a entrevista todo engomadinho desta vez.

A faculdade ficava perto de casa: quinze minutos a pé. E pegar um ônibus para saltar em dois pontos seguintes parecia coisa de velho. Tinha dezessete anos e achava que o mundo seria meu um dia. Assisti às primeiras aulas e depois me exilei no pátio interno, um lugar não muito bem freqüentado, onde a turma das drogas vez em quando dava o ar da graça. Mas aquele dia parecia particularmente calmo, também com dois guardas da PM policiando o lugar, o pessoal da pesada arregava aparição. Voltei à sala de aula. Muita gente pode pensar que o clima de facul-

dade é diferente do de colégio, mas não estava vendo isso, com meus olhos. A turma descontraída se descontraía até demais nas brincadeiras e coisas do tipo. Eu me sentia meio bobo. Não estava naquela infância; afinal, havia conseguido um emprego. Teria forçosamente de crescer. O professor de TTT terminou a última aula. Pegar um ônibus na Lagoa, na ocasião, era uma tarefa hercúlea. Tinha de se andar até a Visconde de Pirajá para conseguir uma condução para Copacabana. Assim foi.

O ônibus parava um pouco longe da Espace. Andei um bocado, o suficiente para ir me familiarizando com o trajeto. Os primeiros cem metros percorridos foram sobre areia batida da praça Chatô. Deixava pegadas no chão. Após o sinal: cinqüenta metros de pedras portuguesas. Já se podia avistar a portaria de serviço da torre Basel. Contudo, antes de chegar lá, teria de atravessar o canteiro de plantas (mais cem metros}. Naquele novo dia, os garis continuavam em greve e as ruas imundas. Um porteiro usava um enorme jato d'água para deslocar três centímetros adiante uma ínfima paçoca que sujava a calçada. Passei pelo sujão, galguei a escadaria e aproveitei a subida do elevador.

O relógio cuco da presidência apontava uma e quarenta e cinco. Nem mais e nem menos. Não havia ninguém na sala; mesmo assim a recepcionista me acomodou confortavelmente num sofá. Não demorou muito, a secretária chegou em seguida. Ela me encarou e não disse nada por cinco minutos. Depois:

– O Dr. Holianda deve chegar daqui a pouco. Aguarde meu jovem. Hoje será atendido. Ou melhor... nosso tutor já chegou e aguarda você. Pode entrar.

Por onde o Dr. Holianda teria entrado? Não passou por mim. Tudo bem. “Deve haver alguma passagem secreta lá por dentro”. Acompanhei a secretária até a porta. Entrei numa sala ricamente decorada e ouvi uma voz:

– Cê é o nosso mais novo empregado.

Não respondi. O silêncio tomou conta dos espaços superdecorados. Holianda foi sincero:

– Cê é calado mas tenho de lhe dizer o necessário. Por lei estamos proibidos de contratar funcionários. Porém, nada nos impede de termos empregados de outras firmas aqui dentro. São as firmas contratadas. Você trabalhará para uma dessas empresas prestadoras de serviço.

Fiquei mais calado ainda. O cheiro de picaretagem estava no ar.

– Cê sabe bater a máquina?

– Como jornalista.

– Como é como jornalista?

– Com dois dedos. - E finalmente dei com os olhos no Dr. Holianda. Era um homem velho, menos do que meu avô. Simpático.

O presidente Holianda deu uma sonora gargalhada. Eu acompanhei-o.

****

Contei as novidades, que fizeram meu avô sorrir. Ele gritava aos sete ventos: “Meu neto trabalhando no serviço público”. Havia status naquela fala e muito orgulho. Mas cá entre nós, que orgulho mais estranho. Não fiz prova pra entrar. Não fora chamado pra ser funcionário. Acho que o único a ter a medida da realidade naquele momento era eu próprio.

À tarde fui acometido por um sono inconteste e sucumbi no sofá da sala. Tive o mesmo sonho do dia anterior. Pessoas me seguiam. Um corre-corre danado. Acordei. Percebi que havia dormido direto. Sete horas. Fui à faculdade. Assisti a todas as aulas e voltei para casa, para conversar com mamãe.

– Não vê que eu tô ocupada?

Tinha um assunto sério e rápido a falar com a progenitora. Expliquei a ela que não havia ônibus naquela região. Seria muito difícil cumprir o horário de meio-dia às seis.

– Mãe, você vai ter que me buscar na faculdade.

Ela falou que tudo bem. Reclamou um pouco da vida. Disse que quando fizesse dezoito anos me emprestaria o carro. Tudo mentira. Ela queria me animar. O mundo tinha suas estranhezas e eu as minhas. Não aprovava muito minha forma de contratação. Iria cair de pára-quedas. Mas foi coisa de momento. No futuro veria que este pára-quedas agüentava muita gente no seu bojo e vez em quando aterrissava em solo espaciano.

- Vamos lá. Eu te levo agora. Começamos hoje.

Não reneguei ajuda.

Fomos. Minha mãe me deixava tão longe quanto o ônibus mas não estava na ordem do dia o conforto. Andei até chegar à porta da torre Basel. O ascensorista berrava:

– Quem tem põe, quem não tem tira. Vamo’ entrando, nobreza.

Entrei no elevador e perfilei-me junto às moças bonitas que ficavam ao fundo. Para a minha infelicidade, não tinham o crachá azul que a secretária do presidente portava, aferindo a todos que o usassem um vínculo empregatício com a Espace. Resumindo: não iríamos trabalhar juntos.

Cheguei ao sexto andar, o andar da presidência. O presidente não estava, mas a secretária fora encarregada de me encaminhar ao Departamento de Pessoal. Não sabendo ao certo como trafegar pela empresa, fui ciceroneado pelo auxiliar de gabinete. Andamos, subimos e descemos

escadas. Posto incólume à porta do DP, agradeci ao boy de sessenta anos. Pensei: uma vida inteira como boy. Cruz-credo.

A secretária do DP me aguardava. Convidou-me a entrar. Sentei numa cadeira em frente a sua mesa.

– Você trouxe carteira de trabalho? – desenhei um sim com um meneio de cabeça. Ela me mandou entrar numa outra sala. Olhei uma placa presa à porta: “Príamo Antunes Filho”. Conclui que o homem sentado com os pés na mesa chamava-se Príamo e mandava em toda a divisão. Ledo engano. O nome do folgado era Alvim: “Sou o substituto do chefe”. Ele ainda me disse que deveria ir à FUSTEL, a firma prestadora de serviço, para encaminhar minha papelada.

Há muito não passava pela praia de Botafogo, mas ela continuava a rainha da poluição dentre as praias da Zona Sul, pouco diferente do tempo em que jogava pólo aquático no Guanabara e corria com um certo nojo pela areia, visando à preparação física. A praia do Flamengo estava pior. Mas felizmente o ônibus cruzou a fedorenta área e chegou ao meu destino: Cinelândia.

A FUSTEL ficava num edifício podre na Senhor Álvares e a empresa ocupava uma sala de porte médio no segundo andar.

A sala estava repleta da fina-flor do operariado e desenhava um caracol como fila. Fui à recepcionista e recebi um número. Ela falou em voz alta:

– Este jovem é numero vinte e quatro. É o último de hoje.

Fui alvo de risinhos de deboche. Fiquei encabulado mas não perdi a pose de macho.

A espera parecia aflitiva para uns. Eu, cá comigo, criado com o bom e melhor, garoto de Zona Sul, achava aquilo um aviltamento humano. Já aguardava por duas horas e ainda havia duas pessoas na minha frente. Concordei com certa opinião de que trabalhar no Brasil dava muito trabalho. Chegada a minha vez, foi-me pedido toda uma batelada de documentos. Os funcionários da FUSTEL iam terminando seu expediente. Um a um iam saindo. Havia um rapaz de roupas puídas, meio maltrapilho. Ele datilografava no canto com uma velocidade estelar. A secretária fez o sinal da cruz, virou-se pra mim e disse:

– Seus dados já foram remetidos via computador. Você é o mais novo contratado da Espace.

Eu não sabia se chorava ou se sorria. Na verdade, não via orgulho algum em ocupar aquela função. Queria mesmo era ser jornalista. Foi me passada em mãos, para que soprasse, a minha ficha de ingresso. Havia ocorrido um erro datilográfico e a folha estava repleta de líquido corretivo para máquina. Que audácia dessa mulherzinha! Me fazer passar ridículo:

– Já vai trabalhando de agora.

Fiquei fulo enquanto a mulher curtia com a minha cara. Queria sair dali o mais rápido possível. Soprava, soprava, quando recebi a ajuda do vento. A manifestação da natureza foi tão forte que provocou um reboliço daqueles. Pôde-se ver um tufão de ofícios. A papelada voava por todo o lado. A secretária entrava em desespero tentando ir a cata de cada uma das cartas, memorandos, fichas. Mas eu não. Estava com a minha ficha em mãos: sã e salva. A janela, num esforço da recepcionista, foi fechada, e começou o inquérito:

– Quem foi que abriu a janela? -, perguntou o senhor sentado na maior mesa. - O poder é diretamente proporcional a mesa (aprendi depois).

O homem se levantou, não vendo nenhum culpado se manifestando, puxou pela orelha o pequeno e pobre auxiliar de escritório. Ele dizia: “Quem cala consente.” O homem suspendeu o moleque e quase pendurou-o no cabide de roupas. O poderoso tirou de sua mesa uma antiga palmatória e disferiu alguns golpes no garoto. Não poupava nem o rosto. Poderoso e recepcionista pareciam acostumados com a violência. Eles gargalhavam a cada pancada levada pelo garoto, pobre profissão: auxiliar de escritório. Não podendo impedir o massacre e não querendo ver o espetáculo, bati em retirada.

No itinerário de volta, na condução, as ruas passavam à velocidade da luz. O que não faz um copo de cerveja tomado de barriga vazia. Quando saltei na praça Chatô, o álcool em meu sangue era nenhum; eu apenas precisava tirar o bafo. Mandei pra dentro duas balas menta superforte. Aí a situação mudou. Pude subir aliviado a escadaria e entrar tranqüilo no elevador. Ele parou no quinto andar. A secretária do DP passou por mim. Piscou um olho e falou: “Trouxe duas fotos?”. Ninguém tinha me avisado. Ela disse pra eu ficar calmo. Havia um lambe-lambe automático no quarto pavimento. As fotos saíam ótimas, ela disse. Mal havia chegado, já tinha de descer novamente. Ia eu na gaiolinha vazia que ora se iluminava ora se obscurecia, conforme as lojas faziam o mesmo. Os andares se alternaram: seis, cinco e, finalmente, quatro. Saí e passei a minha peregrinação a procura de um lugar que me desse algum assomo fotográfico. Meio perdido, mas não tão idiota a ponto de achar estar na Disney, ancorei meu esqueleto num dos bancos perto da praça de alimentação do shopping. Sentado, pude avistar todo um horizonte de lojas. No fim deste horizonte havia uma cabine ao lado do pipoqueiro. Só podia ser lá e era. Comprei as fichas. Duas fichas davam direito a quatro retratos. Coloquei as fichas no orifício indicado e entrei me ajeitando no banco da máquina de lambe-lambe automático. Arrumei o cabelo e me empertiguei, pondo-me o mais bonito para a foto. Foram quatro flashes. No primeiro sai belo feito o Marlon Brando moço, mas do segundo em diante, dois desocupados encostaram na máquina. Começaram a contar uma piada. Eu comecei a rir da situação. A piada foi

evoluindo. Segundo flash. Eu ria. Terceiro flash. Gargalhava. Quarto flash. Pândego. No final estava irado com os desocupados, que se volatizaram na multidão.

Duas fotos serviram. A secretária do DP plastificava o meu crachá. Ela fazia cuidadoso cafuné na minha estampa: “gatinho”. Virou-se e apontando para a identificação:

– É toda sua. Só pode perder uma vez. A segunda paga.

E veio o pior, a explicação:

– Você deve colocá-lo ao entrar e tirá-lo ao sair.

Ela me puxou pela mão e levou-me a conhecer Príamo. Foi fidalgo:

– Parabéns, você é o mais novo funcionário contratado da empresa. Temos mais de quinhentos funcionários. Ocupamos o nono lugar no mercado e o quinto , o sexto e o sétimo andares da torre Basel.

Dito aquilo, Príamo, que não parecia ser mais garoto, virou-se e, tal qual um robô, recarregou seu marcapasso e me liberou:

– Pode ir. Já fez muito por hoje.

Finalmente estava dentro da empresa. Agora os mistérios aumentavam. Onde? Com quem trabalharia? Iria me adaptar rapidamente. Tudo passava pela minha cabeça com a velocidade de um raio.

A secretária do DP me acompanhou até o elevador:

– Faremos o que for melhor pra você e o colocaremos num lugar especial, onde haja pelo menos o clima da sua futura profissão.

Capítulo 2

Como de sempre, não comi nada de desjejum. Era meio gordinho. Apesar de muito esforço, não conseguia manter-me no peso exato à minha altura. Os complexos de gordura alojados em regiões mais adiposas já bastavam; eu objetava qualquer aumento ponderal.

– Atrasado!

Meu avô, recém-acordado, quase que sonambulando pela casa, expelia-me para a faculdade. Fui à aula.

Depois de seis tempos que versaram sobre os mais variados assuntos, lá estava minha mãe na porta do educandário. Ouvi uma palavra:

– Atrasado.

Por enquanto, o único ponto alto da Espace era a sua localização: dentro da torre Basel, onde havia sempre meninas lindas desfilando sua juventude. Andavam em grupinhos e me fascinavam. Pernas torneadas, calças apertadas. E eu só com dezessete anos. Tão velho. De longe percebi o elevador parado. Dei uma corrida de cem metros. Mas não adiantou. A gaiolinha subiu sem me levar e o pique só serviu para me banhar de suor. As glândulas sudoríparas foram rápidas. Fedia um pouco.

– Quem tem põe, quem não tem tira.

Me acomodei no final do cubículo. Subi. A princípio meu cheiro de bode passou despercebido, mas depois começou a fazer mal ao emanador do referido aroma. As portas se abriram. Uma corrente de ar se deslocou até as minhas narinas. Ah, que alívio! Corri até o banheiro mais próximo. Tinha de dar um jeito naquela situação. Perguntei à recepcionista em que andar estava e onde ficava o banheiro. Ou ela achou-me louco ou novato. Mas se ela for bem esperta terá concluído por ambas as classificações. Encaminhei-me até o refeitório, no quinto andar, onde ficava o banheiro. Entrei no mictório. Muni-me de um chumaço de papel higiênico embebido numa mistura de sabão e água. Levei aquele antifedentino às axilas e, com movimentos circulares, fui minimizando a ação das sudoríparas. Ao sair encontrei com a secretária do DP. Ela não manifestou qualquer desprazer de natureza olfativa e disse:

– Chefe Príamo quer falar com você. Vá ao DP.

Tive vontade de fazer umas piadinhas. Coisas da idade. Ela conduziu-me com a leveza de um elefante até aquela figura imponente: Príamo, o corcunda.

– O Dr. Holianda, após uma conversa formal, notificou-me que você irá trabalhar com Tucano no setor de marketing. Lá eles tratam com agências de publicidade e produzem artes. Como é uma parte ainda pequena da empresa, fica lotado na Divisão de Organização e Métodos. A minha secretária levará você lá.

Tive um leve momento de euforia. Iria trabalhar na minha área de atuação. Que bom! A alegria invadia-me. Meu chefe seria um tal de Tucano.

– Irá trabalhar com um rapaz pouca coisa mais velho que você.

Eu cantava dentro de mim um samba do Gonzaguinha, tamanha a alegria, e me deixei ser conduzido pela secretária do DP.

– Daqui cê vai sozinho. Parecia uma despedida. Quase chorei.

Entrei na Divisão de Organização e Métodos – a DIORG.. Me apresentei a uma senhora de nome Estela, secretária do chefe. Disse-me para sentar numa poltrona perto que parecia confortável. A mulher portava um grande crachá com a função escrita: assessora. Para me acalmar passei uma vista nas revistas em cima de uma mesa de centro a meio metro de mim. Todas versavam sobre o mesmo assunto: informática. O que a informática teria de estreita ligação com Organização e Métodos? Perguntas nunca cansam de perguntar. Logo após este surto de racionalidade tamanho, fui tomado por um leve sono. Meu cochilo foi interrompido quando participava dos festejos na casa de Menelau e fitava o rosto de Helena.

– Meu nome é Fichelm.

Abri os olhos e pude perscrutar um homem louro, olhos claros, barba por fazer, mais de dois metros. Ele continuou:

– Vamos aca a entrada de minha sala. Ah, sou o chefe da DIORG..

E ele prosseguiu dando dados:

– A DIORG é responsável, em ordem de importância, pelas áreas de Informática, O&M e Marketing. Este último sob a tutela de Dulcídio Tucano Júnior, o filho do Gerente Geral do BMB Rio.

Quando escutei esta última afirmação meu coração gelou. Iria trabalhar com o filho do homem que havia destratado a mim e ao meu pai, dias antes, no BMB. O mundo dá voltas. Tinha de encarar. Nem todo filho é igual ao pai. Mas não tive um bom augúrio quanto ao meu relacionamento com Júnior.

Fichelm permaneceu falando. Não parava. Parecia ter engolido um rádio de pilha.

– Vocês aca são jovens. Serão o futuro da Espace. Estamos bem fixados no mercado de seguros e temos toda a tradição BMB nos ancorando.

Na verdade, Fichelm estava esperando que fossemos o supra-sumo do Marketing e que nos tornássemos mais amigos do que Batman e Robin. Cruzes. Infelizmente não posso proibir o chefe da DIORG de sonhar sermos mais que somos.

A DIORG tinha mais de mil metros quadrados e havia subdivisões que separavam cada área de trabalho. Fichelm me mostrava tudo no mapa. E de súbito:

– Agora vamos circular pela Divisão.

Me puxou num abraço e caminhamos num corredor. Pude ver toda a área de digitação. As janelas eram de vidro, permitindo a quem está de fora ver para dentro e vice-versa. No caminho havia a mesa do auxiliar. Seu nome, Jacks Trouth, um negão de quase dois metros com a voz tão fina quanto a de Yma Sumac. Ele me cumprimentou. Continuei no corredor. Muitos funcionários sem ocupação inventavam qualquer afazer para fingir trabalho. Andei. Caminhamos por quase todos os mil metros quadrados da DIORG. O momento de maior orgulho de Fichelm foi ao me mostrar o supercomputador Jackson 5. Enfim chegamos aos cinqüenta metros finais e o que importava: o local onde iria trabalhar. As duas últimas salas estavam de portas fechadas, mas graças às janelas de vidro dava para ver que a separação entre uma sala e outra era feita por um aquário – tipo redação de jornal. Assim todo mundo de uma sala via a outra. Que falta de privacidade! Entramos na porta da direita; a minha primeira visão não foi da sala e sim do aquário. Havia três moças trabalhando com pranchetas de desenho industrial. A sala onde estava parecia um quartel com três mesas de cada lado. Fui apresentado aos ocupantes. Na primeira mesa à direita, colado no aquário, ficava Matossas. A primeira informação que tive dele é que tinha jogado no Volta Redonda. Era beque, apesar de seus parcos metro e setenta. Defendia com vigor o time da empresa. Se havia algo em que a Espace era vencedora, esse algo chamava-se futebol: primeiro lugar no torneio das seguradoras e primeiro no campeonato estatal. Mas, passando a bola, atrás de Matossas, quem dava o duro chamava-se Marlucy, uma suburbana com mania de grandeza, contudo muito trabalhadora. No fundo ficava o Assessor-chefe. Seu nome, Xarluz. Seu pai havia trabalhado na embaixada da França, onde um dos funcionários sempre repetia que quando seu Tartufo tivesse um filho deveria se chamar Xarluz. Como Tartufo não sabia ler, o nome saiu com X e Z. Coisas da vida. Xarluz detinha a maior patente da sala. Por sinal cabe uma explicação aqui: o setor de Organização e Métodos estava restrito àquelas quatro pessoas, incluindo Fichelm; porém, na Divisão inteira, de Informática, quem substituía Fichelm recebia a alcunha de Xarluz. No entanto, havia ainda mais uma pessoa, Maria Luísa, que sentava-se à esquerda de quem abria a porta, bem na mesa do meio entre a terceira e a pri-

meira, numa fila de três. Ela tinha os cabelos oxigenados e ainda possuía sua beleza, apesar de estar adentrando a decadência. Feitas as apresentações, Fichelm protocolarmente me inseriu no contexto daquele grupo.

– Eis aca a sua mesa.

Mogno. Uma beleza. Minha escrivaninha ficava enfileirada lado a lado com a de Matossas; sentaria na frente de Maria Luísa. Fiquei contente e fui logo me sentando. A cadeira parecia muito confortável. Não tinha braços. Só assessores podiam dispor dessa específica mordomia. Fichelm saiu.

Durante os primeiros minutos de minha presença no local, o silêncio só era deflorado pelos toques estenográficos de Marlucy. O respeito sepulcral foi quebrado por Xarluz:

– Dentro de poqua de tempo, Tucano devi chegar. É so aguardit.

Quase cai na gargalhada. Xarluz tinha uma voz adamada e ainda tentava copiar um sotaque francês. Não iria cair na asneira de perguntar por que falava assim. Já bastava um chefe que falava aca, aqui e acolá. Tinha-se que suportar, porém com ternura. Cruzes.

Havia um relógio na parede acima da porta. Ficava de frente para todos. O tempo passava. Os empregados da seção não sabiam o que falar. Estava sendo observado até pelas desenhistas que ficavam no aquário. Tinham olhos nas costas. Se viravam o tempo todo. Mas não havia beldades naquelas duas seções; quando não horríveis, as mulheres estavam passadas para a minha idade. Portanto, quem mais eu queria conhecer tinha o mesmo sexo que eu: Tucano. Mas teria de ficar para outro dia já que o expediente terminara, acabando com minhas esperanças. Cumprimentei a todos e recebi um cordialíssimo até amanhã. A falsidade é uma cobra venenosa.

Capítulo 3

Já esperava Tucano há mais de duas horas. Queria saber – sem nenhum desejo latente de homossexualidade –, se seria gordo, alto, baixo ou narigudo como o pai. Minha total descrença em relação ao gênero humano não me fazia ter nenhuma expectativa quanto ao caráter e à moral, contudo, quanto ao aspecto físico, como ex-integrante das aulas de fisiogonomia do professor Honório, tinha lá minhas curiosidades.

O tempo passava devagar. A vida parecia fincada numa ampulheta obstruída na passagem. Todos me olhavam e eu sem saber onde enfiar meus olhos. Não fazia nada. Detestava ficar quieto. Parecia estar num buraco negro (dentro da Espace).

– Tucanit devua estar chegandô. Ele sabí que a empresa pune funcionariua que descumpre as regrit do tomo de recursits humanos.

Xarluz falou sem me convencer em nada. Mantive-me quieto e logo comecei a bocejar de enfado: doença comum em emprego público.

O assessor-chefe mostrou-me um logotipo feito por Tucano. Eu não sabia muito de artes gráficas mas tinha bom senso: aquilo era uma porcaria.

– É uma belezit. Cosua como essa são a razionit de vivua de cada artistit.

Matossas se animou a entrar na conversa:

– Todos sabemos. A Espace não é a maior e melhor empresa do mundo ainda. Nos faltam dezoito salários, auxílio habitação, auxílio condomínio, auxílio mensalidade escolar. Mesmo assim, somos os empregados mais felizes do mercado segurador e ostentamos honrosa posição no ranking.

Eu é que não tinha direito nunca a nada daquilo. Pertencia a FUSTEL. Tinha no máximo décimo terceiro salário. Nem auxilio refeição eu ganhava.

Maria Luísa, que manuseava um fichário de metal, deixou-o cair. Quase fez um buraco no chão, além de espalhar todas as fichas pela divisão. Havia horror na cara da mulher e uma voz gritando:

– Puta que o parit. Querua tudua amrrumadô em cinco minutits. Saio agora, quando voltar quero ver tudua como antua.

Me apiedei da mulher. Ela parecia sequer saber colocar em ordem alfabética. Jamais faria aquilo em cinco minutos. Fui ao solo, catei as fichas e as pus em ordem. Depois acondi-

cionei na caixa de metal. Realizado o pequeno serviço, fui longamente aplaudido pelo restante da seção. Senti-me um idiota total. Como que ensandecidos e tomados de um espírito de louvação a um Deus, pareciam (subitamente) me adorar ou, coisa mais simples, faziam parte da gangue de aduladores escrotais existente em todo o serviço estatal.

Xarluz voltou. O expediente chegou ao fim e Tucano ainda não aparecera. Parecia ser mais um dia perdido. Na verdade, tudo no serviço público tinha aquele ritmo. Arrastado. A curiosidade aumentava. Quem quando como aonde tucano, porra. As perguntas chafurdavam a minha cabeça: a minha função seria só de auxiliar de escritório? O que faria? De uma certa forma, apesar de estudando o assunto na faculdade, não dominava o Marketing; tinha receio de ser exigido em áreas nas quais não tinha ainda sequer uma noção do que se tratava. Mas a disposição geral, a vontade, seria a de enfrentar o que viesse pela frente. Hora de ir pra casa.

Capítulo 4

Antes do jantar meu pai me chamou para uma conversa. Perguntou-me, a princípio, sobre Tucano. Mas desse assunto expliquei-lhe que nada sabia. Sequer havia conhecido a peça ainda. Expliquei-lhe que minha única função até agora fora organizar um fichário. Ele complementou dizendo que fora assim o seu começo na repartição de meu tio-avô, Beltrão. Fui incisivo:

– Só que eu tenho que ir todo o dia.

– Meu filho, ninguém proibiu-o de levar um livro. Você gosta mesmo de ler. Aproveite o tempo.

– Dê uma sugestão.

– Leve Gabriel Garcia Marques

– Boa idéia, levarei *Humano demasiado humano*.

– As pessoas irão chamá-lo de nazista.

Jantamos em silêncio. Pensávamos.

Desci os dois lances de escada. Meu pai tentou mais uma vez:

– Leve o *Apanhador no campo de centeio*.

Ele queria por fina força que lesse este livro. Falava muito bem de seu autor e do enredo. Quando fiz definitivamente que não com a cabeça, os sentimentos de meu pai vieram à tona. Uma lágrima rolou em sua face. Deixei a cena.

Já no meu quarto, na casa de meu avô, me entreguei ao espetáculo de desiluminação. A intensidade da luz no meu quarto variava, fruto de um problema na estrutura elétrica do prédio, ao sabor do qual meus olhos se ofuscavam ou contraíam-se. Enquanto isso, eu pensava. Pensava logo existia. Passava da meia-noite. Há dezoito anos estava nascendo naquele momento. O sono veio e sem sonhos.

Capítulo 5

Acordei com beijos de minha avó. Aos poucos percebia o motivo de fato tão incomum. A maioria da família via importância em datas festivas; quanto a mim, não tinha o que comemorar no dia do meu aniversário.

– Seu avô deixou este presente pra você. Ele saiu pra pescar.

Meu avô insistia na pesca como hobby. Naquela altura do final dos anos oitenta não havia um peixe sequer em Copacabana. Mas curar as manias nunca foi minha função.

Abri o embrulho e havia uma caneta Parker com meu nome cunhado. Fiquei todo contente. A alegria é um estado de espírito interessante.

****

Sociologia, devido ao professor, talvez fosse a matéria mais trabalhosa do currículo do segundo período. O mestre, ao corrigir a prova, não olhava o nome do aluno. Quem acabasse ia formando uma fila à frente de sua mesa. O professor tinha uma técnica toda peculiar de corrigir os trabalhos. Usava um computador de bolso. Nunca nenhuma nota foi maior que sete; ou se tirava seis ou estava-se reprovado. Tirei seis.

Na saída minha mãe me deu um presente de grego. Deixou-me a cabo da condução do veículo. Foi a primeira vez e a última: “olha a seta ligada”, “cuidado com os carros da direita”, “não passe dos sessenta”. Naquela idade dirigir era mais do que uma afirmação. Transformava-se num dos ritos transitórios da passagem da adolescência para a vida adulta. Mas calma lá. Ir levando bronca não estava nos meus planos. Chegamos.

Posto no caminho e a pé no trilho em direção à torre Basel. Só ouvia o barulho estridente das guitarras. A casa de espetáculos Lies for Pieces transbordava de fãs da banda Postulantes ao Céu. Eles pararam de tocar um segundo para um recado:

– Deus agradecerá seu donativo hoje à noite no show. -, falou o vocalista.

Brincou ou não o baixista:

– Deus também precisa de dinheiro!

Ouvi aquela baboseira toda, mas prossegui a minha peregrinação a um lugar nada santo. Atravessei o caminho da floresta verde e subi com maior vagar os degraus negros. Levei esporro do ascensorista:

– Cê tem que aprender rápido, rapaz. Quando entrar no elevador, vá logo dizendo o andar pra onde deseja ir.

– Pois não.

Usei de ironia. Na verdade, não estava entendendo o porquê do tratamento de segundo nível dispensado à minha pessoa.

– Você não é funcionário da Espace. Seu crachá é laranja. Quando chegar a ser um espaciano poderá conversar e até reclamar de mim. Enquanto isto defeco em você e tudo bem.

O tempo esquentou. Parti pra cima do ascensorista. Mas a turma do deixa-disso conteve os ânimos exaltados. A única vez que briguei na vida foi na infância. Eu era gordo como um elefante. Uma outra criança resolveu passar a mão nos meus peitinhos. Ferdinando tinha a força de cem leões. O porteiro do meu prédio avisou para não me meter com ele. Mas teimei. Fui enfrentar a fera. A luta foi rápida. Na época fazia judô no Paulo, passei um ossotogari em Ferdinando. Ele caiu estatelado, imobilizei-o e disse palavras de bom comportamento ao rapazinho. Separaram-nos e com muita dificuldade fui carregado em ovação.

O elevador chegou ao sétimo andar. Maria Luísa parecia esperar alguém na porta da DIORG. Entrei. Nem Estela nem Jacks Trouth estavam na divisão. Percorri então o grande corredor que levava à seção de Organização e Métodos. Maria Luísa entrou na Divisão e me acompanhou.

– Todos foram almoçar.

Sentei na minha mesa e permaneci silencioso durante a hora que passou. Maria Luísa só saiu de perto de mim quando o trio – Marlucy, Matossas e Xarluz – chegou, depois dos respectivos almoços. Maria Luísa parecia condenada por algo. Ela trouxe sua marmita: repolho e rabada.

Meia hora depois de sorvida a refeição, os gases expelidos por Maria Luísa davam um colorido podre ao ambiente. Xarluz agiu com rispidez:

– Marua Luizá, já para o banherit. Trate de fazer sua educaçionit intestinal e não me coma mais rabada com repolho.

Pela primeira vez tinha de concordar com Xarluz. Maria Luísa passou correndo para o banheiro. Só então Xarluz me cumprimentou e logo depois todos os seus aduladores. A pobre mulher que fedia foi fedendo menos e menos enquanto o dia transcorria.

Já entediado, quando ia começar a ler *Humano demasiado humano*, entrou no aquário (sala ao lado) um cidadão de metro e oitenta, narigudo, caminhando para obesidade e com a cara cheia de espinhas:

– Aquele é Tucano. -, falou Matossas.

Recebi a notícia e suspirei aliviado. Fui me encorajando para ir me apresentar a Tucano. As leis do serviço público eram estranhas, a educação parecia passar à margem. Se íamos trabalhar juntos, por que não irmos nos conhecendo de imediato? Fui em direção ao pilar do Marketing da empresa. Caminhei meio trôpego com a austeridade de seu sorriso imponente. Ele estendeu a mão para mim:

– Pra-prazer, meu no-nome-me é Dulcí-cí-dio Tuca-cano Júnior.

Deus, além de todas as maldades descritas acima, havia encerrado naquele ser, também, a gagueira. Fiquei arrepiado. Findava ali minha procura de erudição na Espace.

Tucano ficava na sala das desenhistas. Ele se encaminhou para lá. Sentou e começou a carimbar o não sei o que. Nesse início de vida na Espace, trabalhávamos separados pelo aquário. Mas dava para escutar tudinho que ele dizia.

– Gen-te-te, por que não li-ligaram-ram para a minha ca-casa e me avisaram?

Havia na sala três desenhistas, às quais eu não tinha sido apresentado e nem tivera a coragem de me apresentar. Com sotaque gaúcho, a mais velha respondia:

– Tu quase não vens à empresa e quer aviso. Deves cumprir o seu dever.

– Não tenho essa noção de tra-trabalho-lho. Não meço em horas o que eu fa-faço-ço.

Na seção de Marketing, Xarluz, vendo e ouvindo a discussão se encorpar, fazia gestos para que os nervos do outro lado, no aquário, se acalmassem e pelo menos acabassem com a conversa. Xarluz tanto fez que Tucano se levantou e saiu, antes deixou um bilhete em cima de minha mesa: “Precisamos conversar amanhã no almoço”. Não havia motivo para sigilo. Mandar cartinha... mas cada qual com suas manias... Xarluz, que não podia se deparar com um mistério, amante da fofoca e meios mais vulgares de obtenção do que se quer, não conseguiu se conter e caiu de joelhos em frente à minha mesa:

– Contua parra mim o conteudô da cartit, meu varonzinhit.

Não via empecilhos e nem segredos, muito menos nada na carta que pudesse comprometer ou a mim ou a Tucano lá neste pequeno espaço de convívio.Quanto a “meu varozinhit” era de se estranhar tamanho grau de intimidade e desrespeito. Xarluz partiu enfurecido para minha direção. Não podia bater no assessor-chefe. Havia uma hierarquia a respeitar. Fui me afastando com o bilhete na mão. Maria Luiza foi rápida. Pegou-o e engoliu-o. Salvo pelo congo. Lembrei logo de uma destas leis espíritas de correspondência. Me lembro que ajeitei o fichário para ela e uma mão lava a outra. Abençoada seja esta mulher. Xarluz, agora, que, como fui aprender, era inimigo da individualidade alheia, agora chorava num dos cantos da sala.

Uma hora além, e todos os idiotas não mais ouviam o barulho dos digitadores ao computador, o que comprovou minha total certeza de que o relógio estava parado. Já havia notado,

mesmo neste período inicial de emprego, uma reunião religiosa pontificada por Xarluz e seguida por Matossas e Marlucy. Todos os três repetiam preces puxadas pelo assessor-chefe.

Que dia de aniversário sem-vergonha este meu!

Já no ônibus de volta a casa, suspirava aliviado e engolia o vento que destrinchava o caracol dos meus cabelos, na interpretação, aos berros, do trocador.

Capítulo 6

Para o almoço com Tucano, sem dandismo, vesti-me com retidão. Terno seria ostentar um poder que só os chefes de divisão possuíam. Coloquei uma boa roupa: calça de linho, camisa polo e sapato de cromo alemão. E, uma vez junto a Tucano, na porta do restaurante Quebec, pude perceber como estava bem vestido. Ainda em pé soube do assunto da conversa: passado político.

– Sem mais de-lon-lon-lon-lon-lon-longas. Quem te colocou na empre-presa-sa?

Não tinha pra que mentir e nem fazer cena com Tucano.

– Meu primo Mauro.

Ele continuava a sabatina.

– Quem é ele?

– O melhor amigo do presidente do BMB.

Os olhos de Tucano faiscaram. Seu corpo todo fremiu em glacial gozo de inveja.

Depois, sentado, diante do alimento, o hálito fétido de Tucano parecia devastador e fez do meu filé à parmeggiana, ainda intocável, um prato de difícil degustação. Enquanto isso, dotado de uma fome cavalar, Júnior chegava ao cúmulo: pedia para comer minha porção de fritas e o restinho do prato de arroz. Conversamos sobre a vida em Brasília. Comentei que nunca tinha vivido lá. Tucano me falou da yoga e eu disse não acreditar em acupuntura. Íamos nos entendendo. Quem sabe um dia nos tornaríamos bons amigos? Infelizmente, Júnior não havia freqüentado nenhuma escola de boas maneiras. Falava de boca cheia e me empesteava com perdigotos. Os temas foram variando. Tucano disse gostar de New Age, em especial um holandês que tocava harpa. Contei-lhe que levava algo no violão e menti; falei que tocava Starway to Haven. A comida foi acabando .Os assuntos também. Havia um expediente a cumprir. Por sinal nem havia dado as caras na Espace.

Após o almoço, já na DIORG, nos encaminhamos cada um para a sua seção respectiva. O espesso vidro não conseguia abafar o som, sendo assim pude ouvir Tucano:

– Ele-le é primo do melhor ami-migo do Presi-presidente-te do BMB.

E com a ponta de um iceberg invejoso:

– Tra-trabalho-lho aqui há tanto tempo-po e não tenho uma me-mesa-sa como a dele.

A tarde foi se diluindo nas crises de tempos em tempos do invejoso, que ao fim do expediente pediu-me para substitui-lo numa reunião com a agência de publicidade e a Dispe. Disse

que sim sem medo. Ele empalideceu e suas espinhas quase que expeliram o pus. Tucano não esperava aquela resposta. Ele se despediu e desejou do fundo de sua alma cínica:

– Fa-faça um bom tra-trabalho-lho.

O narigudo foi embora correndo. Não deu sequer uma dica sobre o assunto da reunião. Eu ia lá de peito aberto para ver e vencer. Mas a confiança em mim diminuía à medida que o horário da reunião chegava. Faltando quinze minutos, resolvi ir para sala contígua, a de Fichem. Qual não foi a minha surpresa em encontrá-lo deitado numa rede nordestina. Ele ficou meio embaraçado:

– Aca estou brigado com a minha mulher. Tou dormindo aqui por alguns dias. Fique à vontade, garotão.

Acampamento armado; aquela cena grotesca serviu para me descontrair enquanto chegavam um a um dos participantes da reunião.

Chegaram juntos o atendimento da agência de publicidade Einstein e Dick, o chefe da Dispe, todo de amarelo. O chefe da Divisão de Seguros Pessoais foi o primeiro a se apresentar. Estendeu a mão e me apertou num abraço hercúleo: “Sou Virgulino Pena, mais conhecido como Dick. Deve ter arreparado os motivos. Tem pinta de ser um garoto esperto”. Pensando estar diante de uma figura de poder dentro da empresa, o chefe de atendimento da Einstein usou da adulação escrotal para fazer o seu discurso de primeiros conhecimentos:

– Quão nobre e preclara figura. Faltava uma pessoa jovem para aprumar nossa campanha de publicidade. Seja bem-vindo.

Mal sabia ele estar diante de um quase ignorante em Marketing. Na verdade, vinha concentrando meus estudos no jornalismo, mas ia tentar fazer o melhor possível.

Depois dos cumprimentos, sentamos e me fiz de mediador da conversa. Sabia que não podia tomar decisão nenhuma. Aos poucos fui ficando com ódio do Tucano. Ele me colocara naquela fria:

– A tabela tem de ser corrigida. Os valores em espécie já são outros. A capitalização redobrada dos fundos fazem a apólice material volátil no mercado –, declarou Dick.

Para mim ele falava chinês. Resolvi anotar as dúvidas e passá-las depois para Tucano. Afinal, eu não era nenhum Washignton Oliveto, mas tinha de quebrar um galho. Mas não parecia ser eu o único a não entender o segurês do Homem de Amarelo:

– Virgulino, troque em miúdos, meu nobre. Quando duas cabeças não se entendem ninguém entende.

– O que eu tentei dizer é que as apólices estão caras. Lascada.

Fiquei em silêncio o restante da reunião. Não queria errar, limitava-me a copiar o que cada um dizia. Fazia uma espécie de ata para Tucano. Afinal o responsável tinha nariz grande. Escrevera mais de dez páginas e o papel se acumulara na mesa. Ouvi a censura do atendimento da Einstein:

– Você não falou nada. Passou o tempo todo escrevendo garranchos neste papel. Não tem nada a dizer?

– Nada além do que o meu relatório dirá.

E o Homem de Amarelo querendo ver sangue:

– O que dirá o seu relatório?

Falei sem entender cem por cento do que dizia:

– A principal conclusão a que pude chegar, na figura de leigo em relação aos assuntos discutidos aqui, se resume ao fato de o preço de confecção das apólices estarem demasiadamente altos em relação ao valor do prêmio do seguro. Conclusão: ou barateia-se o custo do papel da apólice ou estamos perdidos.

Falei e ouvi com ironia.

– Gênio – disse o Atendimento.

Não gostei do deboche. Dei minha função por encerrada e retirei-me para a seção de Organização e Métodos. Uma vez lá, datilografei o relatório e deixei-o em cima da prancheta de Tucano. Quando saia da divisão, ainda permaneciam na sala de reunião o Homem de Amarelo e o Atendimento. Já passavam das nove horas e Fichelm roncava o seu segundo sono – é o que dava para ouvir.

Apesar de não ter conhecimentos sedimentados em matéria de seguros, conhecia os termos simplificados como outra pessoa qualquer. Não tinha a competência dos que conviviam com o assunto há décadas. Uma vez no elevador, descendo, as luzes faziam um espetáculo inaudito. Olvidei e uma vez fora da empresa, na rua, sentia algo diferente: assomos de profissionalismo, de dever cumprido. Uma escoteira atravessava uma velhinha fora do semáforo. O mendigo reclamava da esmola pouca. O porteiro usava o esguicho para tirar uma ponta de cigarro da rua. Postulantes ao Céu urravam palavras de ordem evangélica.

Fui para casa. De ônibus, argh!

Capítulo 7

– Virgu-guli-lino me disse que ele não falou nada na reunião inte-teira e ainda foi em-embo-bora muito cedo. Como po-pode um sujeito deste trabalhar co-comigo-go?

– Ele não deve conhecer seguro a fundo.

– Ele vai se afoga-gar no ra-raso.

– Ele é auxiliar de escritório.

– Não preciso de auxiliar de escritório. Quero pro-pro-fi-fissiona-nais. Esses empistola-dos são de-desaver-vergonhado-dos. .

– Deixa de hipocrisia. Você só trabalha na Espace porque seu pai é Gerente Geral do BMB daqui do Rio. Você tá com raiva porque ele não é burro. Muito pelo contrário.

– Aqui não é jor-jornal.

– Ele vai se formar em comunicação. Você é quem tá ocupando o lugar dele.

Tucano gaguejou como nunca.

– Te-te-te-tenho pan-pan-pan-pan-pândega de risos. Ele é um fraldinha. Fral-fraldinha.

Fingia não escutar a conversa, para tanto, mantinha-me estático na minha cadeira e mesa como se não ouvisse nada vindo do aquário. Lá conversavam a desenhista pequena e Tucano. Aquele diálogo fora bastante elucidativo. Tucano não havia simpatizado comigo, o que já não aconteceu com a desenhista pequena ou talvez não fosse o caso de simpatia. Tucano estava se sentindo ameaçado por mim. Eu, bom moço, tinha que transmitir segurança àquele ser. Como? Não tinha a humildade como dogma. Assim fui, meditando aqui e ali, vendo o que deveria fazer para tornar Tucano um amigo. E a sexta-feira, excluindo aquela conversa repugnante, não teve mais nada de interesse que eu pudesse colocar nas páginas desta brochura.

Com a minha chegada, após o fim de uma semana de trabalho, foi feita uma festinha surpresa e familiar para mim. Comi para valer. Cheguei até tomar da champanhe do vovô. Em casa nunca se economizou em comida. Os jantares sempre foram fartos e assim também os lanches, os almoços, os cafés da manhã. A alimentação nunca foi o problema – o que me levava a ter quase dez quilos acima do peso.

Sentei-me na cadeira que dava pouca vista para a Lagoa. Na casa de meus pais, no sexto andar, a vista era ainda melhor. Dei uma dormidela e quando acordei lembrei-me que tinha combinado com Joshua, meu melhor amigo, de irmos dar umas paqueradas na mulherada da

danceteria D. Tomei um banho e fui todo perfumadinho, num ônibus fétido, para casa de Joshua, a coisa de um quilômetro da minha. Ele não estudava comigo. Conheci-o no Flamengo, onde eu jogava polo aquático e ele nadava. Paramos de jogar e nadar, mas a amizade ficou.

Fomos à D. Só havia um problema. Tínhamos que voltar antes das duas horas, horário da ultima passagem da condução de volta. Ou seja: nos divertiríamos pela metade.

Naquela noite foi até providencial nossa saída mais cedo. Eu estava bebendo além da conta e Joshua não perdia a pose me acompanhando. Duas horas, voltamos.

Cheguei em casa e meu primeiro sono foi de roupa e acessórios. Minhas veias obscurecidas como as de Rimbaud na Canção da Torre mais Alta. O meu Tempo enamorava-se do sono. Dormi para acordar após um pesadelo. O efeito do álcool estava mais reduzido. Me levantei e fiz uma macarronada. Coisa de gordo: comer de madrugada. Comi vorazmente e regalei os beiços. Os objetos voltavam a ter a luminosidade normal. Dormi pensando no estrogonofe de todo o sábado.

Toda a família à mesa. O estrogonofe bem melhor que o dos sábados anteriores. Meu pai e minha mãe se coadunando num brinde, enquanto o cd pulava e repetia ad aeternum a parte mais chata da *Heróica*. A felicidade parecia iluminar aquela mesa e eu, sinceramente, não entendia por quê. Só podiam dizer: “meu filho trabalha numa estatal”. Quanto a mim, não dava nenhuma importância ao fato. Recebi um relógio novo de presente do papai. Mais um que eu não iria usar. Nunca gostei de relógios. Controlam o nosso tempo e tornam-nos escravos do horário. Buscava liberdade. Fumando Lucar com filtro, agradeci ao meu pai o presente.

– Este quero ver você usar, garoto.

O sábado foi tranqüilo. A noite prolongou suas grandes garras negras mas não me levou ao sono. Fui sozinho ao Clube. Havia uma discoteca noturna bem animada. Achava aquele lugar um mimo de beleza. Sempre limpo. Pena que não conseguia garotas lá. Havia caras mais velhos e mais rápidos. Eles não titubeavam. E eu ficava a ver navios ou melhor: pedalinhos.

Capítulo 8

Apenas Maria Luísa estava presente, e já conversávamos há um bom tempo, quando o trio entrou no recinto. Xarluz ia na frente, pisando no tapete ralo e verde com tamanha delicadeza que lembrava uma bailarina cingida de daminhas de casamento: Matossas e Marlucy. Os

passos meticulosos e cronometrados correspondiam cada qual a dez segundos do grande relógio em cima da porta. Depois de dois minutos, cada um tocou sua respectiva mesa às catorze horas. Pontualmente em ponto, com perdão da redundância. Maria Luísa se levantou e partiu para o seu almoço. Ficamos por um quarto de hora sem assunto. Mas o silêncio esmagava o interior de Xarluz, era como se suas paredes internas fossem achatando seu ego:

– Está na horra de conhecerit as nossas amiguas desenhistits.

Fiquei em silêncio. Sexualmente, que era a força impulsionadora para conhecer mulheres por aquela época, não havia na minha libido o mínimo desejo de me relacionar com qualquer delas. Porém Pequena havia me defendido contra Tucano. Ganhou muitos pontos comigo. Eu pensava, mas ainda torturava Xarluz com o silêncio. Sabia que não seria naquele momento a apresentação. Faltavam duas desenhistas. Mas Xarluz não conseguia se manter calado. Tinha que falar, mesmo que fosse a coisa mais desconexa do mundo.

– Nós funcionarrios publicuos somua o escol de uma nova civilização.

Abri o *Humano demasiado Humano* e passei uma vista pelas primeiras páginas. Logo me encantei com a temática do livro. Não havia nenhuma proibição contra a leitura no local de trabalho ou havia? A carranca tomou conta das feições do assessor-chefe. Xarluz não se dignava a falar nada. Eu comigo, nas minhas caraminholas, não achava aquela atitude totalmente correta, mas a ficar fofocando, gazeteando pelos corredores, minha postura até que tinha dignidade. Aos poucos todos se assentaram, prós e contra, a leitura já havia me absorvido como se estivesse na biblioteca, de pirraça pediam até silêncio. Interrompido quando:

– Venha conheçua nossa desenhistit chefona. Ela acaba de chegar.

Levantei minha cabeça tirando os olhos do livro e vi entrando na sala contígua a desenhista pequena. Fui pego com certa força por Xarluz. Ele me conduzia pelo braço até a presença das três mulheres baixas. A mais alta tinha metro e cinqüenta e cinco.

– Esta é Rosa.

E Xarluz me apresentou uma mulata até bem apessoada mas que não fazia o meu tipo.

– Louríssima: a nossa Penélope.

Cabelos oxigenados. Gostava de tudo muito natural. Nota 6.

– E a baixotinha lindua dema: a chefe do desenho, Ragi.

Fiquei em silêncio. Na minha cabeça bolava um discurso de saudação à mulherada. Saiu assim:

– Senhoras, é um orgulho inaudito conhecê-las. Espero que a nossa convivência seja a melhor possível. A termo mostrarei melhor o meu caráter, minha responsabilidade e a minha razão. Tenho certeza que nossa convivência será frutífera em todos os sentidos.

E dei um beijo no rosto de cada uma das mulheres e voltava à minha mesa, quando Tucano entrou no recinto anunciando:

– Tra-trago-go queijo de minas para to-todos-dos!

Não podia acreditar na bondade franciscana de Tucano. Mesmo conhecendo-o pouco, achei algo de estranho naquela distribuição. Logo formou-se uma fila na porta da seção de desenho. Eu saí de fininho e passei a acompanhar tudo da sala de O&M, confortável em minha cadeira. Aos poucos a quantidade de pessoas foi aumentando. Gritavam: “queijo” e Tucano apenas noticiava, mas nada de mostrar o tal do laticínio.

Meia hora se passou e nada. Tucano havia chegado com diversas malas. Não sabia em qual estaria o queijo. Mas o povo não tinha pena e muito menos respeito. Começavam as musiquinhas indecorosas. De súbito, silêncio. Tucano encontrou o queijo e ergueu-o ao teto. Parecia uma cena épica. O povo em profusão começou a aplaudir. Eu perscrutei com bastante argúcia o laticínio que Tucano elevara à condição de queijo. A começar pelo soro, aquilo não tinha as características adequadas. Parecia água de latrina, tamanha a fetidão. Mas aquele pessoal não queria saber se o cremoso era suíço ou mestiço. Eles devoravam. Pareciam animais.

Tive ânsia de vômitos. Corri e fiquei bem meia hora no banheiro me refazendo daquele espetáculo bárbaro.

Voltei à minha mesa. A comilança havia cessado. Tucano ao telefone conversava com o atendimento da Einstein. Tucano gritava nervoso: “po-popo-rra”. Ele saiu com seus queijos e sua mala. Acompanhei-o da janela. Subornava um taxista para furar a fila e sumia na multidão de carros particulares. Ia me acostumando com o jeitão daquela turma. Não pareciam pessoas normais apesar de ditas como tais. Talvez fossem apenas pessoas de outro padrão social. Tinha de viver no Brasil. Aqui não é Índia onde as castas não se misturam. E o jeitinho brasileiro? Tucano pertencia à classe média. Estava contaminado com aquele povo. Tudo isso me lembrava um filme com Donald Sutherland em que os marcianos iam tomando conta de toda a cidade. Corpo por corpo. Um a um. Portanto, meu medo, seria o de me tornar um deles – como acontece com Sutherland, no final do filme; ninguém se salva. Triste.

Às seis horas, as orações do trio começaram. Xarluz falava manso como um pastor. Parecia uma raposa velha de palco. Falava a Matossas e Marlucy que o olhavam hipnotizado. Ele dizia:

– Pecadits são pecadits nada mais que pecadits. Se você acredita em Deus podua pecar a vontad...Ele comprua sua brriga. ..Deus é pai não é padastrit.

Eu ouvia aquelas palavras ocas e ia saindo para descer no elevador das seis e quinze. Espacianos não se respeitavam como seres humanos. Não faziam fila para o elevador. Mulheres

pisoteadas e cotoveladas resultavam de saldo. Estava tudo errado naquela empresa mas não seria eu o salvador da pátria. Nem podia.

Desci no elevador. Fui de ônibus. No caminho resolvi que quando chegasse em casa iria dar uma corrida na Lagoa.

****

Comecei sem forçar o ritmo. Paraíbas jogavam futebol nas quadras polivalentes. Alarguei as minhas passadas e subi a ladeira da curva do Calombo. Duzentos metros à frente, passei pelo Clube Botafogo de Remo, e pude então contemplar o Corcovado e as nuvens que escondiam o sopé da estátua. Acelerei e, passando pelo viaduto, já completara um quarto do percurso. O urso já estava montado em meus ombros e, ao passar pelo Vasco, dei alguns passos do vira ao escutar a happy hour portuguesa. Corri forte e, devido ao solo irregular, saltava tanto quanto os cavalos da hípica. Perto de completar metade do percurso, já no estacionamento do Clube Naval, quase um carro me atropela. Não me assustei e prossegui rumo ao parque de diversões. Aumentei a passada e cheguei ao velho Drive-in. Avistei o meu clube campeão. (Flamengo, Flamengo sua glória é lutar). Restava pouco mais que quilômetro e meio para completar a volta. No Jardim de Alah, as luzes iluminavam o eterno canteiro de obras do metrô. No quilômetro final forcei o ritmo e completei a volta em vinte e sete minutos. Não batera o recorde mundial, mas, gordinho como eu estava, ora, fora um bom tempo.

De volta a minha casa, tomado de sede inconteste, bebi mais de cinco copos d'água: se aquela corrida não emagrecesse, devido a minha reidratação excessiva, ao menos manteria minha forma aeróbica. Fui para o meu quarto e num cúmulo de cansaço e nojeira adormeci na minha cama limpinha.

Capítulo 9

Fui interrompido em plena aula de Português 2. O diretor da faculdade mandava-me comparecer à sua presença. Um mundo de coisas passou pela minha cabeça menos:

– Você será agraciado com a medalha Augusto Leigo. – falou com austeridade o diretor da faculdade.

– Eu não mereço a Augusto Leigo.

– Merece .

– Não.

– Você entrará para a galeria dos ilustres nomes que passaram por esta faculdade. Será um Jondenir Ribeiro ou Egriberto Eulúcio ou Vanderlan Pinochio.

– Nem conheço qualquer desses nomes, pelo menos na nossa imprensa.

– São da velha guarda como eu.

– Insisto. Eu não mereço

– Pelo amor de Deus, aceite a medalha de bom grado.

Nada contra receber um prêmio, mas o Augusto Leigo representava tudo o que eu era e não queria ser: um jovem bem ajustado, um estudante padrão. Havia também outro fato em que implicava a premiação: na forma de medalha, na frente de todos. Fora isso, ganho nenhum.

– Não aceito.

Eu estava irredutível. Sentia-me o próprio Krishnamurti ao desistir de ser o Deus em vida. Também, pensava em Woody Allen, que não costumava receber os seus oscares. Tinha toda uma gama de referências politicamente corretas e emblemáticas. Contudo a realidade foi muito mais dura na voz do diretor:

–Se você não aceitar a Augusto Leigo terá de sair da faculdade.

Tremi. Não era Woody e nem Krishnamurti. Recusar ser um avatar na faculdade me causaria uma série de problemas. O primeiro deles seria o curricular: uma transferência para outra faculdade, com a diferença de currículos, causaria o atraso de meio ano em minha formatura. Fora que, outra faculdade de comunicação, só no subúrbio. Pensei bem. Só havia uma coisa a fazer:

– Para não ferir suscetibilidades e nem macular relacionamentos, eu aceito o prêmio Augusto Leigo.

O reitor deu pulinhos e tremeliques de alegria. Mais parecia uma criança. Havia vencido uma batalha e a guerra também.

Capítulo 10

Meu nome foi chamado pelo serviço de alto-falantes da sala de convenções da faculdade. Recebi as vaias e os aplausos dos quase quinhentos presentes. A festa restrita a alunos, familiares e professores foi realizada em horário de aula – o que explicava o comparecimento maciço. O mestre de cerimônias, um professor espiritualizado, fez um discurso introdutório e disse:

– And the winner is. ..

Traduziu para o português:

– Os vencedores são. ..

Além de mim, foram agraciados com o prêmio a Professora 5 e a servente. Fomos chamados um a um. A mais emocionada, a servente, no discurso de agradecimento, errou concordância nominal e verbal que foi um horror. A professora 5 quase teve um ataque ao meu lado. Na minha vez, optei pelo minimalismo, apenas agradeci e saí de fino. Ia embora quando um segurança foi a minha cata para o Hino Nacional. Ouvimos aquela poesia leve da obra que representa o País em todo o lugar do mundo.

– Está encerrada a entrega do prêmio Augusto Leigo. Agora só no ano que vem.

Puderam-se ouvir os calorosos aplausos e barulho das bolas de encher sendo estouradas. O vandalismo adolescente passou a imperar. Tamanha quantidade de palmas remeteu-me à minha infância. Proporcionalmente, no passado, tinha muito mais corpo. Numa festa de final de ano escolhi ser o trapezista. O trapézio, uma tábua de madeira que daria para passar confortavelmente duas pessoas, não foi suficiente para mim. Eu me estabaquei. Tive de ouvir toda qualidade de brincadeiras e risinhos mas voltei e conclui o percurso. Aqueles aplausos pareciam mais tortura. Faziam me lembrar daquele momento tão triste do passado.

Enfim, não fora pior do que imaginara e nem o que havia pensado. Foi diferente e ainda bem que já tinha acabado aquele dia.

Começava a tarde na DIORG. Entrei na seção de Organização e Métodos, estava cansado. Sentei e reclinei-me sobre a mesa. Esquecera-me de cumprimentar Maria Luísa, voltei meu corpo para trás, fazendo uma meia circunferência com a cadeira de rodinhas:

– Desculpe-me – disse eu.

– De quê?

– Não cumprimentei a senhora.

– Que é isso garoto? Vivemos em outros tempos. As mulheres mudaram. Somos totalmente emancipadas.

– Mas...

– Não necessitamos das gentilezas masculinas. ..

Não querendo me deter em assunto tão chato quanto o feminismo, permaneci calado. Pude então, perceber movimento no aquário. Tucano cantava: ”Co-como-o pode um pei-peixe vi-vi-vo viver fo-fora-ra de água fri-fria-a”. Fingi não vê-lo.

O telefone da seção de desenho soou forte e Tucano mergulhou no chão para atendê-lo. Ele falava muito baixo, gaguejava. Ao desligar era todo sorriso. A ligação dera ao cantarolante um certo vibrato na voz. Imaginei Tucano de cabelo oxigenado e lente de contato azul cantando My Way. Teria de fazê-lo agachado ou de joelhos para se aproximar ao metro e setenta de Frank. Mas para que procurar voz similar fora? No nosso cancioneiro, Nélson Gonçalves gaguejava, mas na hora de cantar, cantava e bem. Quem sabe com umas aulas particulares, o de nariz atucanado teria algum futuro na canção popular?

O the voice nacional passou por mim e fingiu não me ver. Prosseguiu rumo ao corredor cantando. Aos poucos sua voz foi rarefeitando-se e o peixe vivo deixou as instalações da DIORG. Voltou cantando, minutos depois, “Nada Além”. Sentou-se e desligou a matraca. Parecia afônico. Cantar sem técnica é isso que dá.

Com a chegada de Xarluz e seu séquito, Tucano se aquietou ainda mais e iniciou uma vigília de silêncio. Maria Luísa impaciente e com alguma fome, perguntou ao Assessor-chefe:

– Posso ir almoçar?

– Que horra suão?

– Cinco minutos para as duas horas.

– Aguarde até as duas horras e non se esqueçua de voltar até três horras da tardê.

A rigidez no horário parecia inquebrantável até que Marlucy, recém-chegada pediu:

– Será que posso dar uma saidinha?

– Acabua de chegua queridit.

– Preciso sair.

– Dou-lhe cincô minutits.

–Cinco minutos não dão para nada

– Você tem de datilografar vintua página ainda hoje.

– A empresa não precisa me pagar. Eu faço hora extra.

– Tem seus cinqua minutits de fama e nadit mais.

Marlucy despencou seu corpo sobre a mesa de mognos e tomada de forte emoção chorou, chorou e chorou:

– Diguit o que faráit na rua.

– Tudo bem, eu conto. Vou à manicure, pedicure e cabeleireiro.

– Por qua não mua disse antua. Dê um abararço no Vargas.

Marlucy levou as mãos aos olhos e, com as unhas descascadas, vermelho bombeiro, reteve uma lágrima de brotar do canto do seu rosto. Depois saiu espevitada, mas Maria Luísa, não; tinha de esperar mais dois minutos.

Todas as mulheres da empresa se vestiam da mesma maneira. O uniforme padrão igualava serventes, auxiliares, assistentes, assessores. Saia cinza, camisa azul clara, lenço vermelho com pequenas logomarcas da empresa bordada e um sapato branco com saltinho: assim era a vestimenta à espaciana. Raras as senhoras e moças que não usavam as unhas coloridas. As cores mais comuns, o abóbora fusquinha e o azul piscina, faziam parte de um esquema clandestino de tráfego de cosmético dentro da Espace. A fidelidade às traficantes era tamanha e o vício tão arraigado que, mesmo proibida, a venda de cosmético na empresa transcorria de forma tranqüila. A Diretoria dizia que fazia um combate ostensivo, revistando bolsas e pochetes, quando o mais fácil seria cortar o ponto de quem viesse de unha pintada. Mas o diretor queria manter a forma politicamente correta de administrar.

Maria Luísa ainda chegou antes de Marlucy. Esta última vinha com a sua piaçava cortada estilo Tina Turner. Ela foi aplaudida quando entrou.

Xarluz não conseguia suportar sequer uma pausa de silêncio. Sente a dor e a angústia de não estar dizendo nada. Ele caminhou para o meu lado. Assobiava “Babaloo”, fazia uns trejeitos com as mãos. Eu bem que já desconfiava. Pegou um enorme livro e colocou em cima da minha mesa:

– Aqua estua tudit que devit sabua sobre a empresa. Estua tomos são todit do meu trabalhua. Para eles funcionei todits estists anos. São para serem lidos com calmit.

Mais de mil páginas, com calma. Estava em minha mesa o tomo número 1, havia ainda uma enciclopédia. Abri numa página qualquer. Nela ensinava-se como fazer o memorando e a carta aos moldes da companhia. Nas páginas que seguiam estava o “Sistema de Pontuação para Falta Cometidas por Funcionários”. Comparecer ao trabalho sem meia acarretava a perda de cinco pontos. Mulheres de micro-minissaias: dez pontos. Crachá no cinto e não no peito, cinco pontos. Ausência de identificação, dez pontos. Chapéu ou boné: dois pontos. E assim estavam expostas todas as faltas: as coisas mais inimagináveis do mundo. Quando a perda de pontos

alcançava cinqüenta, o infrator cumpria um dia de suspensão. Depois a multa passava a ser pecuniária, na reincidência. Finalmente, em último caso, a suspensão mais longa.

Contaram-me, depois do expediente, o caso do Magadura Cabral, um auxiliar que, de estresse, endoidou de vez. Nestes casos, a empresa arca com todo o tratamento e trata de trazer de volta o empregado recuperado às suas atividades normais.

No caso do Magadura ele já estava trabalhando de novo na Divisão de Terras. Havia se recuperado e posava de exemplo para todos de como a Espace prezava o seu funcionário.

Não havia a proibição de culto. Xarluz aumentava sua voz fina para que Marlucy e Matossas ouvissem sua prédica e, por que não dizer, ele queria mais é que toda a divisão ouvisse o que tinha a dizer a Deus. Desci acompanhado da massa de funcionários. O frege parecia contaminar os corpos e as bocas. Fiquei em silêncio.

Este foi o final do meu primeiro mês de trabalho.

Capítulo 11

Minha mãe deixou-me na praça Chatô. Não havia alegria em minha alma, mesmo com o bolso recheado de dinheiro.

Entrei na sala da DIORG e o auxiliar Jacks Trouth me obstruiu com os ombros:

– Vossa nobreza, chegou sua folha de ponto.

– Já estava na hora, brinquei.

Mal dei alguns passos, após ter assinado o meu nome e fui de novo interceptado:

– Vossa nobreza colocou no horário de entrada meio dia.

– É o horário que eu entro.

– Mas deve colocar nove horas, que é o horário da chegada de todos.

Bateu uma dor na consciência. Estava ludibriando o povo. Mexendo com o dinheiro público. Em breve, em que falcatrua estaria envolvido? Não queria serviço público para mim e nem para ninguém, contudo assinalei nove horas – seria um caos lá em casa se não o tivesse feito

****

Tucano me esperava, queria conversar comigo. Prontifiquei-me a ir almoçar com ele, avisando: “farei uma refeição leve”. Tudo pelo meu objetivo: comprar um carro. Não conseguiria adquirir um automóvel novo mas, um com uns dez anos, dava para comprar, juntando uns

sete meses de grana. Infelizmente, meu salário só me deixava sonhar com aquela miudeza: um *Fiat 147*.

No restaurante Ypsilons tomei o gostoso refrigerante Soma. Até Huxley, apropriado pela cultura de massa. Tucano por sua vez comia uma das especialidades da casa: buchada de bode. Ele raspou o prato com miolo de pão dormido.

– An-ante-te-te-te-tes da sobreme-mesa vamos ao trabalho.

– Como não.

– Precisamos trabalhar em conjunto. Temos de ser – ficou nervoso e danou-se a gaguejar – u-u-u-u-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma equipe-pe.

O pior na convivência com um gago foi revelado pela minha pergunta posterior.

– Como ficou gago?

– Eu não sou ga-gago-go.

– Não?

– Sou balbuciante ner-nervoso-so.

– Fica nervoso o tempo todo.

– Responderei a sua primeira pergunta, como balbuciante. Con-contraí esta enfermidade de um a-a-a-a-a-a-a-a-amigo, na convivência diária.

Gelei. No que dependesse de mim jamais me tornaria amigo de Tucano e brinquei com o balbuciante:

– Só ataca aos amigos, não?

– Seja sério ra-ra-ra-ra-ra-rapaz. Eu não sou mais criança. Vamos ao que interessa. Tenho um pro-projeto pa-pa-pa-pa-pa-pa-pa-para você.

Na época não sabia que Tucano gaguejava toda a vez que mentia. As palavras do balbuciante me animaram. Começaria a fazer trabalhos do meu nível intelectual.

– Pa-pap-pa-pa-pa-pa-pa-pa-ssará a guardar, naquela mesa linda e sem utilidade, toda a papelada que recebo.

Acatei o pedido de Tucano como se fosse uma ordem superior. Assim procurei fazer de minha mesa um cofre inviolável. Mas qual não foi a minha surpresa, no dia seguinte, ao chegar à DIORG...Dois empregados tentavam arrombar a minha linda mesa. Tucano estava ao lado deles:

– Ainda be-be-be-be-be-em que chegou.

– Que invasão de privacidade é essa?

– Precisava de uma fa- fa- fa- fa- fatura. Consegui encontrá-la-la, agora só falta a ordem de pa-pa-pa-pa-pa-pa-pagamento.

– Isso é um absurdo.

– Está no re-re-re-re-regulamento da empresa.

Irei-me. Aquilo não tinha qualificativos. Não tinha nada que me comprometesse, na mesa, nada valioso, ou realmente importante. Mas considerei as operações-padrão da empresa um aviltamento à liberdade individual.

Acalmei-me vendo a fatura e a OP nas mãos de Tucano. Não sabia o que eram, nem a quantidade de papéis guardados por mim no dia anterior. Concluí: deveria criar um formulário de controle de entrada e saída de papéis, evitando assim, por parte de Tucano, qualquer acusação de um possível extravio. Deus, é assim que nasce a burocracia. Mas nada disso foi necessário. Em menos de uma semana, adquiria a agilidade mental que precisava para lidar com aquele tipo de documentos. O ideal, ainda inatingível, seria um arquivo. Contudo, tive que me adequar à realidade; a função do Marketing era insípida. Tanto que numa das ausências de Jacks Trouth, tive de realizar por mim e por Tucano, o trabalho feito pelo auxiliar para seção de O&M e Desenho. Fui a Divad mais de cinqüenta vezes. Carreguei mais de trinta litros de água. Trabalhei como nunca poderia esperar.

Nessas andanças executando a função alheia, tive contato com novas regiões dentro da empresa e seus aspectos bizarros. Percebi uma grande quantidade de funcionários que andavam de crachá invertido (virados ao avesso) no peito ou no cinto da calça. Tinham vergonha da posição inicial em que trabalhavam: auxiliar de escritório. Pertenciam à grande maioria de funcionários da Espace. Eu por minha vez não tinha aquela veleidade. Já Tucano, de crachá invertido, pedia para que eu datilografasse uma carta para ele. Datilografei. Levantando-me, notei que não havia mais ninguém nas duas salas contíguas. Tinha ficado absorto no serviço. Fui até a prancheta de Tucano. Um pedaço grande de papel dizia: ”Continue assim e até amanhã, otário”. Ele não gaguejava escrevendo. Fiquei revoltado. Piquei em centenas de pedaço o memorando. E deixei-os em cima da luminária – bem à vista. Guardei uma cópia ilesa, ou iria ter que bater tudo de novo.

Voltei para casa num ônibus lotado.

Em casa, já em meu quarto, me preparava para o sono. Programei o timer do CD para desligar em vinte minutos. Pus-me a escutar Vivaldi. Em dez minutos estava dormindo.

Acordei. Não fiz desjejum. Li o caderno Artes do Jornal Conservador. Havia em especial um colunista de que gostava, principalmente por botar nos eixos a escumilha pós-moderna.

Terminei de ler o Artes já no emprego, quando Xarluz e seu séquito chegava à seção de O&M. A prisioneira, escrava e pobre Maria Luísa foi comedida na pergunta:

– Posso ir almoçar, Xarlinho?

– Faltam cinqüenta e oito segundos.

Tucano passou diante de minhas vistas e entrou na sala de desenho. Fui até lá. Não deu tempo de comentar o ocorrido no dia anterior. Não guardo mágoa.

–Le-le-le-le-le-leve-ve-ve-ve-ve-ve este fotolito à agência Einstein.

Ao sair do elevador, quase sofri um choque térmico tamanha a diferença de temperatura dentro e fora da torre Basel. A Einstein ficava em Santa Teresa. O grande termômetro/relógio da praça Chatô assinalava quarenta e dois graus à sombra. Entrei na condução. O trocador falava a gastar:

– Aproveite que é ouro.

Apontava para uma menina sentada bem à sua frente que trajava um shortinho indecente.

Sentei ao lado da moça. Infelizmente, logo ela se levantou: passou esfregando suas coxas no meu joelho. Ela soltou do veículo, pasmem, na praia de Botafogo e, pasmem, foi em direção às areias. O transporte seguiu seu itinerário, enquanto, do contorno, pude ver a mulher sem o seu shortinho, num ínfimo biquininho, mergulhando numa enorme gota de poluição. Bem depois:

– Cinelândia. - anunciou o motorista.

Caminhei até a estação do bondinho. Carregava uma pasta enorme com alguns fotolitos.

O bonde já estava repleto de gente. Tive de ir dependurado. Para tanto, coloquei o pastão embaixo do banco de uma senhora. Pensava cá comigo: “Se estes magricelas vão dependurados, eu posso ir também”. Olhava abismado para cada indigente que subia, segurando-se naquelas hastes carcomidas. O primeiro solavanco arrepiou os meus cabelos, e logo estávamos passando em cima do Circo Voador. Não conseguia olhar para baixo. Abismo. Passado aquele momento de angústia, o resto foi subida rente ao chão, num ritmo leve que se aproximava ao de uma corrida rústica de dez quilômetros. Subia, olhava as casinhas de Santa Teresa, a vista ficava cada vez mais bonita. De cima tudo é tão diferente. De longe a cidade parecia ter ordem.

– Bar do Zorro, falou o condutor. Era a minha parada.

A fachada do botequim tinha uma grande máscara preta de adorno e os funcionários – se é que poderíamos chamá-los assim -, vestiam negro, capa, espada e toda a vestimenta do herói.

A agência situava-se sobre o boteco. O português, dono do bar, deixou-me usar o banheiro. Entrei no mictório; com a exceção de alguns seres humanos que viria a conhecer, era a coisa mais nojenta do mundo. Não agüentei o cheiro. Atravessei a rua e me aliviei atrás de uma frondosa árvore. Voltei ao bar - o português puto por eu não ter usado o seu banheiro. Todos vestidos de Zorro:

– Por gentileza gostaria de subir até a Einstein. Onde fica a escadaria?

– Tá em conserto. Tem de subir de corda.

Aquilo foi fácil. Quando menor fazia algo parecido nas aulas de defesa pessoal.

As paredes descascadas. Funcionários trabalhando e, no final de um grande corredor, o setor de atendimento. Entreguei os fotolitos. O empregado tomava um cafezinho que mais parecia óleo diesel. Torci para ele não me oferecer.

Fui embora dali.

Nenhum acontecimento mereceu registro, na volta.

Na seção de Desenho, logo ao entrar, percebi a presença de uma grande tela de pintura atrás da prancheta de Tucano. A obra de arte, indefinível pela ausência de referências básicas e puerilidade, consistia numa sessão de quadrados, recortados de papel celofane, grudados por cola de maisena. O resultado, semelhante às minhas bricolagens de garoto, nem originalidade tinha. Mas Tucano parecia feliz e seus olhos negros brilharam ogros. Foi comunicando:

– O Doutor Holianda com-com-comcom-com-com-prou um dos meus quadros para o acervo artístico da Espace. Minha pintura ficará na sala da presidência.

Eu não sabia o preço da bricolagem, mas desde já percebia a esperteza do marchand de Tucano. Ele conseguira por preço em algo que não tinha valor algum. Na verdade, a aquisição da obra deveu-se ao fato de o pai de Tucano ser o Gerente Geral Rio.

– Vamos co-co-co-co-co-co-memorar.

Tucano solitário:

– Não te-te-te-te-te-tetenho amigo-go-go-go-gos. Só tem tu, vai tu mesmo.

O final foi dito em tom de brincadeira e escondia toda a realidade.

Já no Ypsilons, tomando o meu Soma, previa um porre para Tucano, que pegava pesado na vodca.

– Eu sou pi-pi-pi-pipintor.

Continuava porco. Ele levava a mão ao nariz e fazia bolinhas com as melecas que amalgamava no orifício destinado a respiração. Botava na boca e, sem que ninguém percebesse, cuspia no cabelo das pessoas. Extrapolava.

– Eu sou pi-pi-pi-pi-pi-pi-pintor.

Finalmente, na sexta dose de vodca, Tucano viu o mundo desabar. Ele caiu, quando propunha um brinde. Do chão não passou. De imediato um dos seguranças da Ypsilons nos pôs para fora do recinto. Passei meu braço sobre os ombros de Tucano e, unidos como irmãos siameses, fomos até o ponto de ônibus. O grande relógio da praça Chatô assinalava nove e quinze. O pintor morava na Barra. A condução de seu condomínio parou e o motorista assentou-o num dos bancos traseiros do transporte. Fiquei sozinho no ponto. Sobre mim, uma bela mangueira, frondosa, cintilava galhos na noite, vez por outra tornando mais próxima a lua onde meus dedos

podiam encostar. A brisa movimentava meus cabelos. As folhagens faziam um barulho danado. Caiu um pé d'água daqueles. Fiquei ali feito um pinto. O poético e o grotesco se encontravam.

Capítulo 12

Nunca imaginei que trabalhar fosse conviver com figuras tão insólitas.

– Que noitada! Nunca-ca-ca-ca-ca-ca me diverti tanto.-, disse-me Tucano com as nádegas se ancorando na minha mesa.

Não dei corda à locução tucanesca e mantive-me calado. Esperei e o pássaro bateu asas, foi para o almoço. Fiquei a conversar com a pobre Maria Luísa. A prisioneira contou-me todo o sofrimento de sua vida. Ela começou de baixo, como empregada doméstica. Trabalhou durante vinte anos na casa do ex-presidente do BMB. Seu patrão morreu. Ela, que tinha uma vida dura mas regada a tudo de bom e melhor, teve de sair do emprego. O novo presidente tinha outros empregados para a mansão da Jararapauta em Brasília. A pobre Maria Luísa, que começou do nada, nele se afundou ainda mais. Graças a um político, Jupiaco Ladronel, conseguiu um emprego de auxiliar de escritório na Espace. Depois de um ano foi promovida a assistente. Pobre Maria Luísa, há menos de um ano viera trabalhar na DIORG: “O lugar mais chato do mundo. ”.

– O que mais queria na vida era ter roupa para lavar, camisa para secar, chão para varrer. Nasci para ser dona de casa e querem me fazer algo que não sou. Minha vocação é a vida familiar. Queria poder fazer os banquetes que o patrão fazia. Não nasci pra escritório. Não sei se todos são que nem neste inferno, com esta gentalha, mas, francamente, visto um, todos mostrados. Minha profissão é tomar conta de uma sala na hora do almoço. Sou muito prendada pra me contentar apenas com isso. Só estou trabalhando por causa de meu filho pequeno. Sinto falta da movimentação de uma cozinha.

Maria Luísa contou mais alguns detalhes da sua vida e se calou quando aproximava-se o momento da chegada do trio. Todo o dia a mesma cantilena. Xarluz a frente, seguido por Matosas e Marlucy. O trio vinha andando lentamente. Faziam a pobre Maria Luísa ter calafrios, sofrer enfim. Afinal a hora do almoço era parte de um ritual de purificação. Era quando Maria Luísa se abstraia. Bebia sua dose de Logan e seu filé de linguado. Ela sabia comer.

Restando um quarto de hora para voltar da refeição, sempre ia à capela, perto da Torre Basel. Rezava por seu patrão morto e pedia à Divina Providência uma volta aos tempos antigos. A pobre mulher, porém, começava a se cansar de Deus, a ponto de não mais fazer sua oração, antes de sair para o almoço:

– Non rezua muais minha queridua?

– Estou com fome.

– Mentirit.

– Se você ordenar eu rezo.

Xarluz imperiosamente assumia o papel de Deus. Ele rezou em alto e bom som. Coitada de Maria Luísa. A partir daquele dia passou a ser o quarto membro da congregação xarluziana. Antes de sair para o almoço, suplicou de joelhos:

– Me deixa fazer um empréstimo no Grêmio.

– Vai almoçuar mulherit.

– Você é o presidente do Grêmio. Só você pode fazer isso.

– Vai almoçar mulherit.

Tal qual o Hulk que ficava verde, Xarluz irritado se avermelhava todo. A ira ia subindo-lhe a cabeça.

– Por favor, Xarlinho.

Xarluz levantou-se e pegou a mulher pelos cabelos, quase implumeceu a vasta cabeleira de Maria Luísa. Quando ia esbofetea-la parei sua mão no ato. Eu estava agindo por impulso. Não queria ser o protetor dos fracos e dos oprimidos. Mas a situação requeria alguma atitude. Ficamos na queda de braço por trinta segundos. Xarluz sucumbiu. A pobre Maria Luísa abriu um sorriso de boca a orelha e depois chorou. Não fiquei comovido ou emocionado ou sensibilizado. Tive vontade de rir daquela panacéia toda.

– Você é fortit.

– Nem tanto. - Não quis dizer que ele era fraco.

– Adoro fazer forcit.

Iiiiiiiiiiiiii. Fiquei até gago. Percebi que a conversa poderia descambar para terrenos menos férteis e fui acudir Maria Luísa que não parava de chorar.

– Ele arrancou meu cabelo.

– Existe implante para que? -, perguntou Matosas.

– Vocês são umas víboras. -, desabafou Maria Luísa.

– Ninguém tem culpa de cê ter cabelo de boneca santinha. -, alfinetou Marlucy.

Em meio à confusão, Tucano entrou na seção de O&M. Voltava do almoço. Bateu os olhos em Maria Luísa e começou a rir. Puxei a mulher para o canto e aconselhei-a:

– Toma, eu pago o corte. Vá e passe máquina um, o mais curto possível.

Aquele pessoal não prestava mesmo. Apesar de não querer atritos por lá, me preocupava poder vir a ser como eles - o já aqui denominado Complexo Sutherland.

Tucano me puxou pelas mãos e me levou até a sala de Desenho.

– Po-pop-po-po-po-pode pa-pa-pa-pa-pa-pa-pa-pagar esta conta pra mim? É aqui em baixo, no BMB da torre.

Não fazia aquilo pro meu pai nem para a minha mãe, portanto estava diante de um pequeno dilema. Ou fazia e ia conquistando a confiança de Tucano aos poucos, ou me tornaria talvez mais antipático. Desnecessário dizer qual das opções segui; tinha esperanças. Eu, um idiota. Desci de escadas e logo cheguei ao grande átrio. Na agência, todos os guichês estavam lotados. Escolhi o mais vazio. Fiquei na fila por meia hora. Ao sair, a grande massa de ar quente vinha de encontro à de frio glacial da agência. Cheguei no elevador com meu corpo acostumado à temperatura ambiente. Subi. Entrei na DIORG. Passei pela mesa de Jacks Trouth e ele não dava o plantão. Cheguei à sala de desenho e Tucano:

– Que de-de-de-demora!

No meu semblante havia guerra, mas me contive e voltei a sala de O&M. Quando ia sentando ouvi a voz estridente de Xarluz:

– Vosssua simpatia, poderua tirar a xérox desta folha pra muá.

Pelos mesmos motivos que fui para Tucano, tive de ir para Xarluz.

Entrei na Divad: Divisão de apoio administrativo; todos fingiam trabalho. Os dois de crachá invertido que cuidavam da xerox indagaram em uníssono:

– Cadê a requisição de cópias?

Xarluz pediu mil perdonits por ter esquecido de preencher um formulário de requisição de cópias. Não fora um esquecimento proposital. Entregou-me o papel pequeno com o nome da divisão e o número de cópias. Assinou. Apenas assistentes e assessores podiam autografar algum papel da Espace. Auxiliares de escritório não tinham autonomia nenhuma, quanto mais um contratado pela FUSTEL.

Chegando de volta à Divad. O funcionário número 1, responsável pela máquina, olhou para o número 2, se perguntaram e depois transferiram a questão para mim:

– De quem é este garrancho?

- Credo e cruz. -, respondi, escondendo a irritação.

– Somos novos na empresa, terá de compreender.

– Veja aí no formulário.

– Eu não sei ler.

Não acreditei. Falei em tom de deboche.

– E o seu amigo?

O funcionário numero 2 tomou a requisição de seu companheiro. Olhou bem fundo nos meus olhos e disse:

– É muito feio humilhar os menos favorecidos.

Depois de uma pausa voltou a falar.

– Frente e verso ou como quer?

Ele estava enrolando. Só havia frente, para que tirar fotocópias do nada?

– Frente.

– Mas o verso é mais bonito.

Eles queriam me irritar, mas não conseguiriam. Após meia hora, voltei à seção de O&M. Havia uma novidade. Atrás de Xarluz, na parede, fora dependurado um grande pôster do presidente da Espace. Na foto, os dentes do doutor Holianda pareciam reais e quase comiam a cabeça de Xarluz. Olhei para o aquário e havia outro grande pôster atrás da prancheta de Tucano. Nada mais justo, se o presidente tinha em seu gabinete um quadro de Tucano. Ele poderia prestar homenagem ao mandatário máximo da Espace. Entreguei as xerox para Xarluz. Ele me agradeceu efusivamente. Maria Luísa estava de volta e chorava sem motivos, havia ficado mais bonita de cabelos curtos. Ela se dizia parecida com um homem.

– Tantuas mulherit queremua ser homua. Aproveite le visual que Deus te deu e assume seu pavonierre masculino. -, debochou Xarluz.

– Não sou dessas mulheres. Existe muito mais homem querendo ser mulher do que o contrário.

Xarluz se sentiu ofendido.

– A homossexualidadit masculina é bem diferentit. Gostuar de outrro homem é algo de singularit. As pessouas não entendem esta formua de amor tão profundit.

– Entender o vício até que entendem – riu ao falar Maria Luísa – apenas não compreendem os que não se assumem.

– Voçua já fez sexo bissexualit.

– Não sei. Espero que não.

– Voçua é preconceituit. Sua Zinha.

– Zinha não, higiênica.

Talvez Maria Luísa, boa mulher, não fosse tão preconceituosa contra os homossexuais, mas naquele momento tornava-se necessário agredir um pouco. Muitas vezes o ataque é a única forma de se defender.

A discussão se arrefeceu. Aos poucos todos voltaram cada um para o seu ofício. Marlucy começou a datilografar. Ela vivia datilografando. Matossas rabiscava o papel no risque e rabisque. Maria Luísa mexia no fichário. Xarluz, me vendo à toa, pediu para que eu fosse a Dispe: Divisão de Seguro de Pessoas, levar um ofício. Fazia o trabalho não por dever. Achava que enturmado tinha mais condições de subir dentro da empresa. Também era o único da DIORG a trabalhar em meio expediente. Aquilo me corroía por dentro. Tinha de fazer as coisas melhor do que qualquer um.

Mesmo com a volta de Jacks Trouth, nos dias que se seguiram fui usado como força de trabalho nesta função. As ordens vinham de todos. "Pegua um verset de água no refeitorit para mim". Tucano não ficava atrás: "Pague esta con-co-conta". Fiquei assoberbado de tantas tarefas estéreis. Teria de dar um basta naquela situação. A melhor forma seria diminuir a carga de trabalho - ou trabalhar para Tucano ou Xarluz. Escolhi Tucano, por enxergar possibilidade de futuro na minha própria área de atuação. Conversei com Tucano e acertamos tudo. Só havia um problema - para trabalhar mais próximo a Tucano tinha que ir para o aquário e largar a mesa. Foi uma decisão difícil:

– E-e-e-e-essa sua me-me-me-me-mesa me incomoda.

****

Tucano apresentava-se como quase sendo um professor de Marketing. Ele recebia um grande número de revistas especializadas no assunto. Não as lia. Eu via grande oportunidade de informação nas matérias. Passei a devorar todas as publicações que chegavam. Li também muitos dos livros pertencentes a Tucano. Logo atingi uma erudição "marketeira". Pensava e me iludia: "Com a minha cultura e a prática de Tucano estamos feitos". Mas qual a prática de Tucano? Nenhuma, neste início de trabalho com ele, o narigudo vinha se mostrando um embuste. Havia uma incomunicação dele para comigo e vice-versa. Além do mais, ele centralizava todas as funções e serviços.

O chalrador entendia mesmo era de diagramação. Ele mostrou-me um jornal do Grêmio de funcionários. Ao saber da existência de um periódico, fiquei animado, mas logo me entristeci. Vendo o número em circulação, caí na real. Havia receita de bolo, palavras cruzadas, jogo dos sete erros e o pior, matérias escritas sem a noção do bê-a-bá do português. Mas tinha uma solução para melhorar a qualidade do jornal. Aí eu entrava. Unia-se a fome com a vontade de

comer. O jornal do Grêmio poderia ser transformado. Sendo mensal, não me tomaria tanto tempo. Me enchi de coragem e credenciais e resolvi levar a cabo minha proposta.

– Eu fico encarregado das matérias e você faz a diagramação. - Contei a Tucano todo o meu projeto para o jornal.

Minha resposta veio logo.

– É ex-ex-ex-ex-ex-ex-expressamente proibido para um empregado não espaciano participar da execução e confecção do jornal. O esta-ta-ta-ta-ta-tatuto do Grêmio prevê que só funcionários da Espace podem pertencer à nossa magna instituição. Como fusteliano não é possível exercer qualquer cargo a não ser o motivado pela sua contratação.

Fixei meus olhos nos de Tucano. Ele parecia dizer a verdade e logo me deu uma esperança ínfima:

– Xa-xa-xa-xarluz pode tentar alguma negociação.

Passei a mão sobre os meus cabelos e ultrapassei as pranchetas. Pisava forte. Dobrei a esquerda, entrei na seção de O&M e sentei na minha cadeira. Fui na direção de Xarluz. Ele deu uma sorridela para mim. Eu falei:

– Quero lhe falar.

– Desembuchit aqua mesmua.

– O Jornal do Grêmio tem qualidade jornalística comprometedora. Posso melhorar o jornal. Basta fazer-me seu editor.

– Quem perguntua sua opinião sobrit o jornalit?

Xarluz coçou a testa e vendo incompleta sua pergunta desmoralizadora, enunciou outra indagação:

– O qua quer fazerit com o jornalit afinal?

Resolvi dar a ele alguns subsídios que pudessem levar-me ao sucesso:

– Um jornal tem de ser forte.

E falei, falei ad infinitum. Gastei minha saliva. Disse da importância do veículo para empresa e para funcionários. Fiz uma dissertação de primeira linha e abordei todos os quatro cantos da questão.

– Nom interesit.

– Não vai custar mais caro.

Xarluz então me falou das normas do Grêmio Espace, que impediam-me de trabalhar no jornal, a mesma conversa de Tucano. Acrescentou que funcionário da DIORG é muito ocupado e não pode trabalhar em outra função.

Eu falava pão e ele água. Eu caviar, ele polenta. Xarluz toureava-me. Tinha respostas e perguntas para tudo. Colocava sempre empecilhos nas minhas idéias. Mesmo ainda com um mês e pouco na companhia, eu queria encontrar uma posição um pouco mais nobre, onde minha inteligência pudesse servir para os meus objetivos e os da empresa. Porém, diante dos fatos, havia de declinar de meu objetivo. Voltei para minha mesa, Xarluz ainda falava. Desisti, era perda de tempo.

- O povit espacianit querua receita de franguit com farofua.

E depois foi bastante grosso:

– Se queres jornalua, façit um projetit e mande ou para o Doutor Holianda ou ao Diretor Administrativo, Doutor Estales.

Estales, era a primeira vez que ouvia aquele nome.

Revoltado falei como um estudante:

– Estes jornais com receita de bolo só fazem perpetuar a imagem repressiva das instituições. Foi assim na época do AI-5 – nesta altura misturava as causas e as estações e dei um berro de liberdade – Imprensa livre!

– Que petulancit.

Matossas, Marlucy e Maria Luísa ficaram quietos no decorrer de toda a conversa. Coagido pela minha posição hierarquicamente inferior, resolvi bater em retirada, para não brigar mais. Xarluz foi atrás e me disse que o expediente não tinha terminado. Fui mais forte e saí. Dei uma andada no shopping. Refresquei a cabeça com o muito de mulher bonita que via. Um colírio!Quando voltei, Xarluz veio com o cachimbo da paz. Tentou.

– Voçua podit escrevua no jornalit com o nome do Tucano.

Aquele pequenina imprensa marrom e seus canalhas. Entretanto, imaginei um ardil. Vi naquele tipo de trabalho a possibilidade de Tucano tornar-me dependente do meu ofício. Fui à minha mesa e escrevi uma matéria intitulada: “Profissão: trabalho”. A crônica foi muito apreciada e Tucano recebeu todos os elogios do mundo. Ninguém sabia que ele escrevia bem. Mas não houve continuidade. O Grêmio, por contenção de despesas, fechou o periódico. Caía por terra o sonho de exercer minha profissão na empresa.

Capítulo l3

Todos já estavam na festa de fim de ano da Espace, menos Tucano e eu.

– Estamos a-atrasado-dos.

Tucano havia esperado. Queria falar-me. Quando já a caminho do local do evento, atravessando a praça Chatô, foi me dizendo:

– Você é um nova-novato-toto. Ainda vai co-comer na minha mão.

– É ano novo.

– Não vai cocon se-se-se-seguir mudar o mundo.

– Sou um conservador anarquista.

– O que quer e-e-e-e-então?

Olhei pro crachá de Tucano. Ele o havia mantido. Respondi:

– Quero nunca andar de crachá invertido.

Ele levou suas garras ao peito, fitou o crachá e engoliu a seco. Calou-se e deixou o silêncio das ruas falar em sussurros.

Entramos no túnel que nos separava do clube Batuke, onde ficava a churrascaria. Quando deixava a escuridão fui abalroado pelo som do sambão. Eu bem que gostava dos sambas da antiga, de Noel Rosa, Nélson Cavaquinho, Cartola. Pisar em folhas secas caídas de uma mangueira era algo de espetacular. Porém ter de aturar uma turma de sambeiros tocando que nem paulista, venhamos e convenhamos, tornava-se demais para os meus tímpanos. O que afetava uns nem preocupava outros. Tucano tomado de um espírito mestre-salesco assassinava o samba dançado bem ali na porta da churrascaria. Fazia evoluções. Caía até o chão. Não agüentei. Deixei Tucano ao grotesco e entrei na churrascaria.

Lá dentro, o batuque mais cadenciado agredia menos, apesar do repertório ser o mesmo. Havia uma grande imagem de Santa Joaquina ao fundo. Sentei-me junto à Santa, no lugar destinado aos funcionários da DIORG. Tucano veio logo atrás. Ficou ao meu lado. Antes de sentar, fez o sinal da cruz e orou por segundos.

– Você é católico? -, perguntei.

– Não, sou-e-e-e-e-e-eespirituslista.

Além da falta de cultura, Tucano se vinculara ao misticismo mais árido. Acreditava na força de deuses difusos que figuram em multiplicidade nas religiões. Mas, eu via com bons olhos a abnegação com que cultuava a religião. 99% da população precisa de Deus. Ele tem sua utilidade. A religião pode ajudar a frear um ímpeto irrascível do ser humano. Aquelas bestas, que só em Deus veriam luz. Aos navegantes: o próprio Balzac defendia a minha tese, sendo ele um católico praticante.

Sentados. Só então percebi que a visão seria privilegiada. Bastava começar o grande desfile dos bofes.

Capítulo 14

Teve início um desfile ainda mais grotesco do que o comandado por Fellini e sua moda eclesiástica em “Roma”. Mulheres vestidas com decotes que feriam a estética. Chapéus de pena de papagaio. Tailleur abóbora. Homens com o terno roxo. Tudo muito colorido e contribuindo para a excentricidade. As moças mais jovens vinham apertadas no jeans tradicional. Pena que não havia um corpo bonito para aquele tipo de roupa. Ou tinham bundas disformes ou culote ou outra deformidade qualquer que as mulheres tanto odeiam. Algumas desfilavam sobre plataformas de salto vinte e cinco. Dentre elas, Puralinda, que nem chegava a metro e meio, e com o salto ficava quase da minha altura. Os espacianos entravam em profusão. Um leve comichão assanhou Tucano. Chegara ao restaurante o presidente, Doutor Holianda. A sala em peso aplaudiu. Ninguém me enganava: um aplauso forçado. Alguns, numa manifestação típica de adulação escrotal, iam cumprimentar o presidente. Dentre os aduladores, Tucano demorava-se em mesuras para com o mandatário máximo. Ainda agradecia a compra, pela Espace, de seu quadro de mais valor. Homem grato é assim.

Tucano trajava uma vestimenta estranha, pouco ortodoxa. Calçava uma chinela de dedo, vestia bombachas e, cobrindo o avolumado corpo banhoso, uma camisa do Íbis Futebol Clube.

Subitamente a massa começou a gritar em coro: “Anda, anda, anda. O futuro é Holianda”. O presidente subiu em cima da grande mesa e, em ritmo de samba mesmo, começou a sapatear. A galera ia ao delírio - e não é que o chefe supremo sabia sapatear bem? Havia muita vitalidade ainda naquele septuagenário.

Estales chegou logo em seguida. Ele parecia trajar um uniforme do exército sem coturno. Foi mais aplaudido do que o presidente.

Antes de sentar, Tucano deu início a uma cerimônia rápida. Pude ouvir pela primeira vez o hino à Espace. Os funcionários sabiam de cor a canção e para Tucano, com a mão no peito, aquele seria um dia inesquecível. Lágrimas caiam sobre o guardanapo de papel.

Dentre aquela multidão de seres, apenas um tentava aparecer mais do que os chefes. Xarluz tirou o malabaris de uma grande sacola que trouxe e começou o seu número. Recebeu uma grande vaia. A turma queria: "E - S - T - A - L - E - S". Xarluz se soltava e berrava junto. Estales beijou uma secretária oitocentona. Foi simbolismo puro para a massa, que gritava: "Não há males com Estales". Eu me sentia deslocado. Na verdade, o nome de batismo de Estales era Wladmir Stalin Ramos da Cunha. Mas a repressão no governo militar - por sinal, tempos nos quais teve convívio farto com o poder - o fizeram mudar de nome em cartório. Deu no que deu.

A ovação dos mandatários máximos da empresa continuava. A massa berrava animada, alguns comovidos choravam de ver seus amigos. Tudo, enfim, vibrando. Mas aos poucos o funcionariado foi se aquietando. Na mesa da DIORG teve início o embate de caricaturistas. A luta entre Helius e Tucano já começava desigual. Helius destilava veneno e técnica da sua bic, enquanto Tucano desenhava o trivial. No que Tucano fazia uma charge, Helius executava cinco e cada uma melhor do que a outra. Ao fim de uma hora, toda a DIORG estava desenhada em cima da mesa. Helius vencera o desafio. Sua caricatura de Tucano elevava o nariz dele à categoria de tromba. Genial.

Ambos desenharam-me. Tucano fez-me de língua de fora e o vencedor me desenhou com uma grande testa e coberto de sardas. Não preciso dizer que a minha real caricatura foi a última. A de Tucano não chegava a me descrever.

Garçons com a cútis negra iam servindo chope aos espacianos. Eu não bebia muito, pelo contrário, me controlava excessivamente para não ficar de porre como a maioria parecia já estar.

No meu prato, uma fatia de picanha. No entanto, à minha volta, cada funcionário se entupia, comendo com a mão a tal de asa de galinha. Não havia nada mais nojento do que ver alguém comendo asa de galinha. Além da mão lambuzada, não usavam guardanapo - com isso nem limpavam a boca nem outras partes sujas. Faziam também um barulhaço enquanto mastigavam. Pareciam bárbaros, vikings ou qualquer coisa que lembre a brutalidade com um talher. A barbárie estava instalada.

Não conseguia compartilhar daquela comilança. Sequer toquei no refrigerante que o garçom trouxe para mim.

Resolvi ir embora. Enquanto saía, percebi Tucano tonto, regurgitando um pedaço de galinha. Fui para a rua. O batuque, ainda ensurdecedor, infringia o regulamento da cidade. Subi no primeiro ônibus que passou. Já sentado, com meus botões, considerei: “Não fui bom repórter. Quanta coisa acontecerá até o fim da festa?”. Soube depois que a barbárie prosseguiu até as onze horas da noite.

Às dez horas começou o réveillon lá em casa. Eu vestia branco como os indianos: de luto. Tio João foi o primeiro a chegar e como sempre colocava um acento nordestino no meu nome:

– Como vai, garoto irlandês – dirigia-se a mim dessa forma, devido ao meu tom de pele e à cor do meu cabelo.

O jantar foi servido ao som das Valquírias. Dramático. Sentia-me bem melhor ao lado de comestíveis soberbos. Tomei um copo de Bordeaux. Não me lembro a marca. E me dediquei aos canapés de caviar. Observava toda a delicadeza de minha avó materna, manuseando o talher com rara elegância. Minha tia então deslizava sobre o salmão aquele garfo da Volf. Ela trajava Valentino.

Fiquei momentaneamente atônito. Um amigo de meu pai, magérrimo,o médico Tonius, lambeu levemente o cimo de seus dedos. Fiquei aturdido. Mas a festa não perdeu o charme que possuía. Com uma simples espiada para os lados, Tonius percebeu que todos os olhares convergiam reprovando seu gesto. Ele ficou sem graça e foi ao banheiro lavar as mãos.

A conversa versava sobre diversos temas.

– O ministro das relações exteriores tem primo Delgado à frente da negociação da dívida -, informou tio João.

Meu pai ficou sobressaltado.

– Não sabia. Prezo muito Delgado, mas acho que essa atribuição não é sua.

– Claro, o Rocha é o ministro da economia –, disse eu.

– Mas as coisas não são como vocês mais jovens pensam, muito menos com os que cheiram a leite. Meus nobres, Delgado é um homem de estirpe e o melhor. Não tem passado político e trabalhou sempre assessorando ou dirigindo embaixadas.

– Em Moçambique, Guiné.

– Vocês não devem gostar do Delgado. Ele é meu afilhado e o brilhantismo lhe sobra. Representou o país na Comunidade Africana, através do tratado com Moçambique. Fez ainda uma estátua para o meu pai – apontou para papai –, seu tio-avô. A nossa família é estátua em Moçambique.

– Grandes coisas. Por uma estátua em Moçambique, um tratadozinho e o grau de parentesco, não posso reconhecer nele qualidades que não possui. – , disparou meu pai.

– Você nem parece o garoto de dezoito anos que começou a trabalhar comigo. –, magoou-se tio João.

– E não sou mais.

– Deveria dar um exemplo para o seu filho. Graças a Mauro, tem emprego para ele. A época é árdua para a família.

Me meti na conversa.

– Quero um emprego na minha área. Não é como auxiliar de escritório que quero entrar para a História.

– Não me venha com esta conversa agora, meu filho.

– Foi tio João quem começou com a comparação.

– Vocês não entendem. A nossa família sempre ocupou posição de respeito na República. Temos de manter o nosso nome no poder.

– Que conversa antiga.

– Queria por fina e total força que os tempos fossem outros. Nossos antepassados que são hoje estátua, praça e nome de rua faziam parte da elite brasileira. E agora?

– Sou auxiliar de escritório – falei.

Meu pai atacou verbalmente tio João.

– Você só pensa em você. É um individualista. O país precisa de reformas sérias e Delgado não tem cacife.

– Você está muito velho para ser idealista. Aceitar seu filho de dezoito anos me dizendo isso ainda vai, mas tu já és quase um cinqüentão. Deveria ser mais maduro.

– Não tenho ideologia salvadora, nem sei se isso existe. Além de saber que nada sei tenho certeza que Delgado não é a pessoa correta para o cargo.

Gostei das palavras de meu pai e parecia importante externar meus pontos de vista. Sendo assim:

– Uma monarquia meritória não seria má idéia.

Tio João olhou para mesa ainda farta e sentenciou:

– Vocês são jovens, e um ainda mais que outro. Estão confundindo alhos com bugalhos e misturam as estações. Temos de ser no mínimo conservadores. Principalmente se a cada mudança piora a vida para a família. No mais, por decreto – rindo – voltem à mesa!

Foi o que fizemos.

À meia noite, pudemos ouvir o barulho dos fogos e seu colorido no céu da Lagoa. Todos os convivas se cumprimentaram e desejaram mutuamente um ano novo melhor. A bebida, degustada com delicadeza por todos, foi alegrando as almas e animando os corpos. A música do homem de grande crostas de sujeira nas unhas penetrava acariciando os tímpanos. Jet Baker era genial. Fizemos um brinde. Eu cumprimentei minha mãe:

– Feliz Ano Novo!

Agradeci a gentileza de todos para comigo. Desejei o que uma pessoa educada e ainda mais entre os seus deseja nestas horas e, cansado, retirei-me ao quarto andar com meus avós. Pedi ao garçom uma garrafa de champanhe, que saí levando.

Fui dormir pouco depois da uma da manhã. Botei Robert Cray e sintonizei para desligar em trinta minutos. Adormeci ouvindo blues.

****

O primeiro dia do ano

Acordei e de imediato me preparei para o primeiro ato do ano: queimar calorias. Fui até a Lagoa, mas vendo a orla cingida de cacos e a sujeira, me abstive de uma corrida de sete quilômetros. O cooper ficaria para outro dia. Sentei-me num dos bancos da pracinha. Alguns brinquedos alagados. Mas o céu azul. Havia flamingos que voavam de lá pra cá e de cá para lá. Estava em paz com a natureza até que foi interrompida:

– Quer dar uma volta de pedalinho-, disse um menor carente que encheu-me de piedade cristã.

Eu achava pedalinho programa de suburbano. Contudo meu lado humano foi humano, demasiado humano.

– Quanto custa meia hora? -, perguntei.

– No pedal custa dez cruzeiros.

Estava dentro do orçamento. Sempre carregava no bolso interno do calção, para qualquer eventualidade, duas notas de dez cruzeiros. Passei uma das cédulas para a mão do garoto. Pensa-

va em contribuir do meu jeito. E , querendo elevar seu ofício, não dei o dinheiro de esmola; resolvi andar de pedalinho também.

Dentro do veículo aquático dei minhas primeiras pedaladas em direção à estrela amarela, que mais parecia um sol se afogando. Não tive coragem suficiente para passar da curva do Calombo. A água dentro do veículo aumentava e meus pés escorregavam nos pedais. Resolvi voltar antes de ir a pique.

Cheguei de volta ao pier. Um guarda da PM me esperava. O menino fez manobras para um atracadouro seguro. Pés em terra firme e o homem da lei foi todo cuidado:

– Tudo bem com o senhor.?

Quando, hoje em dia, se chama um jovem de dezoito anos de senhor ou se está gozando de sua cara ou gozando com a sua cara.

– Grande chefia, é proibido por lei andar de pedalinho no dia primeiro de janeiro .

– Quanto é a multa?

– Não é nada. Pague uma cervejinha pra mim e uma mariola pro moleque e ficamos mais amigos do que nunca.

Olhei para o moleque e ele sorria dizendo: OTÁRIO. Fiquei irritado.

– Faço questão de pagar a multa.

– Quer assim, rapaz, mostre-me seus documentos.

Mostrei. Ele iniciou um ritual de apalpação. Deu um puxão no meu saco. Senti dor, mas mantive-me macho. O guarda anotou o número da identidade e passou à minha mão uma multa de dez cruzeiros a ser paga no banco. Guardei e fui-me do local. Antes, o guarda ainda me deu uma cacetada na perna.

Quando cheguei em casa e contei tudo ao meu avô ele só queria uma coisa:

– Vou falar com o coronel. Isto não fica assim.

Dissuadi o ancião de gastar um cartucho à toa. O velho concordou comigo.

Fui ao banheiro tomar uma ducha. Afinal estava sujo da água da Lagoa. Cantarolei "Night and Day". Fiz a barba. Era Ano Novo e nada de novo.

Capítulo 15

Estava de férias da faculdade mas conforme o combinado entre primo Mauro e eu, neste período, trabalharia em regime integral na Espace. Acordei às oito e trinta e não pude ir de carona com o meu pai, que já havia partido para a cidade.

– Eu já avisei, quando papai ligar e eu ainda não tiver acordado, me acorde.

–Não sabia. -, falou minha avó.

Olhei para minha avó e ela estava chorando. Perguntei por quê?

– Ele me deu uma surra de plumas turcas. Fico cada vez mais apaixonada por este velho. Eu estou amando.

Somados os dois tinham mais de cento e quarenta anos. Que amor estranho !

Desci de escada. Já na rua esperei o "frescão". O preço do ônibus com ar condicionado valia a pena. Ia recostado em poltronas suaves, ouvindo uma boa música, água, cafezinho. A condução parava onde a pessoa desejava. Desci em frente à Torre Basel, mas tinha de dar a volta para a entrada de serviço, já que a principal só abria às dez horas.

O termômetro da praça Chatô assinalava quarenta graus, tamanho o calor provocado pelos raios que incidiam sobre o relógio da praça naquele momento. Do outro lado, a massa humana e uniforme como uma escola de samba se movimentava rapidamente. Entre a multidão um nariz sobressaltava-se. Andei e permaneci fitando-o. Os indícios iniciais foram comprovados. O dono de tão volumoso conduto olfativo era Tucano. Ele atravessou a rua e passou por mim a passos largos. Eu tinha muito preparo físico. Resolvi acompanhá-lo e ultrapassei-o. Quase que correndo, Tucano balançava suas nádegas disformes, rebolando como uma mulher num sapato alto. Não entendia o por quê daquela competição mas participava. Já correndo, cheguei às escadarias. Tucano bufava no meu cangote. Entramos no elevador. Ele se ajoelhou de cansaço. Um palmo de língua de fora fazia surgir uma gravata roxa na sua camisa branca. Respirei fundo quase que sugando todo o ar do elevador. A gaiolinha subiu repleta de funcionários de crachá invertido. O silêncio sepulcral só foi quebrado com o início da programação de rádio da Torre Basel. Tucano estalava os dedos ao som de Ray Coniff. O ascensorista anunciou a chegada no sétimo andar. As luzes frias comprimiam minhas pupilas e alquebravam minhas pálpebras. Mesmo assim, pude enxergar o caminho feito de granito que conduzia a um tapete tão fino quan-

to papel celofane. O narigudo entrou primeiro, fui logo atrás. Fichelm cumprimentou aos dois que chegavam. Parecia um robô programado para dizer aquilo:

– Desejo aca a vocês um ano novo coberto de prosperidade. Tudo de muitíssimo de bom a todos os seus.

Olhei Fichelm nos olhos. Quase congelei. Ele falava sem emoção nenhuma:

– Tucano, aca assinale o horário que chegou. São nove e um. Depois abono tudo no final do mês.

Depois que Fichelm saiu, Tucano comentou que todo o ano novo acontecia aquela síndrome de correção no serviço público.

– Depois vira um escu-cu-cu-cu-culhambação.

Quanto ao meu caso, não precisaria de oráculo de Delfos para desvendar que horário assinar. Não hesitei, mesmo sendo nove e cinco, fiz minha assinatura na folha de ponto da FUSTEL às nove horas. Tucano observando-me, confessou:

– Queria ser você.

Fiquei aturdido. Nunca quis ser ninguém além de mim mesmo. Aproveitei e fiz uma pergunta simples e direta.

– Por quê?

– Para des-des-des-des-descumprir o horário.

Comecei a rir e cada vez mais. Não escondi o asco em minha gargalhada tenebrosa. Vincent Price sentiria inveja. Caminhei ao largo da grande ilha de computadores. Digitadores faziam dois movimentos com as mãos. Entrei na seção de O&M e, ao me ver de sorriso colgate, Xarluz, o que brigava com a paz e o silêncio, atacou:

– Que belle denticionit. Nuncua lhe vi sorrindit.

– Tucano me contou uma piada engraçada.

Eu começava a ter agilidade mental e tom irônico nas respostas. Xarluz se esparramou para o meu lado:

– Le bom varonit se vua olhandô les dentit. Sua denticionit é linda.

Cruz-credo. Será que Xarluz se apaixonara por mim? Nem sabia se elogiava por amizade ou não. Ainda era cedo para uma conclusão dessas.

Olhei ao meu redor e estavam todos ali. O ano novo não é novo. Teria de agüentar a turminha, agora, em expediente integral. E o meu complexo de Sutherland.

Tucano, com seu gaguejar notório, me chamava até ele. Antigüidade é posto no serviço público. Atravessei toda a sala de desenho, me sentei numa cadeira, dessas desconfortáveis. Uma vez sentado não se podia fazer um movimento sequer, de tão apertada para a minha altura. Olha

que não sou alto. O mestre das artes disse estar terminando um desenho e me pediu para que aguardasse alguns segundos. Havia uma mosca chateando o ambiente silencioso. Tucano usou o pincel para matá-la. A desenhista pequenina foi em cima de Tucano:

– Onde já se viu matar mosca?

– Des-desculpe.

– As nossas moscas são as mais limpas do condado.

Xarluz veio contra Tucano.

– Mosquit são gente.

– Não fui eu, foi ele quem matou, e Tucano apontou para mim, onde todos os olhares convergiram como se fosse um assassino. Além disso o narigudo tirou do bolso uma carteira da Sociedade Protetora de Animais Voadores. Eu me defendia:

– Mosca não é animal.

– Tem asa e voa. Re-re-re-re-receberá uma multa

Tucano veio na minha direção e decalcou um adesivo da Sociedade em mim. Nele, estava escrito: INFRATOR.

– Não ten-ten-ten-ten-tentente tirar.

Todos pareciam repetir internamente: “crápula, assassino”.

O crepúsculo se iniciara. A testa do sol submergia no mar de edifícios. A ira foi se arrefecendo à medida que a hora de ir embora aproximava-se. O episódio mostrava que não podia-se brincar com aquelas pessoas. Seriam elas capazes de tudo?

Neste mesmo dia ainda fiz um cooper na praia e tomei um banho de mar noturno.

– Rapaz cuidado com as enguias.

Eu não tinha certeza se em plena praia de Copacabana havia enguias. Sei que de dia não tinha, porém, à noite, ficava tudo por conta da crendice popular. Mergulhei. Voltei à tona. Não havia ondas e o mar calmo convidava a nadar. Dei algumas braçadas e parei. Olhei o céu. Muitas daquelas estrelas já haviam morrido; eu só via o resto de luz delas no céu. Muito poético terminar assim um dia em que fui quase espancado por ter morto uma mosca, crime aliás que não cometi. Bolas. Voltei para casa dominado pelo cansaço.

– Já é tarde meu neto. -, disse meu avô.

Tinha responsabilidade para certas coisas e para outras não. Adulto em certas situações e criança noutras. Bem certo é que a porção infantil ia sendo cada vez mais relegada a um plano de cobrança menor. Afinal, já tinha meus dezoito anos. Sono me chamou para uma conversa a dois.

****

Coloquei os sapatos e desci. O garagista fazia manobras de fórmula 1 em carros de passeio. Meu pai chegou. Seu carro já estava colocado a postos, foi só entrar e partir para o abandono de algumas ruas ainda vazias, àquela hora da manhã. Entramos à direita na Nabuco Pinto e pegamos a rua da praia onde carros brotavam como água. Esperamos o sinal que foi mudando radicalmente de cor indo do vermelho passando pelo amarelo e chegando ao verde. O semáforo da outra esquina nos fez parar novamente. Alguns segundos nos brecaram, mas depois pegamos o retão da praia de Copacabana e fomos tranqüilos. Meu pai, prudente, não ziguezagueava entre outros carros, porém havia os que à sua frente e ao seu lado lutavam por um espaço, quando o mais fácil seria manter a posição e dirigir mais devagar. Dobramos, como quase todos, no Méridien e prosseguimos. Ao passar o túnel, meu pai parou o veículo, me disse vai e eu fui.

Peguei carona com a multidão que passava. Gado.

Passei a manhã sem fazer nada. Às onze horas, Tucano veio à seção de O&M só para me falar:

– Hoje va-va-va-vba-va-vamos almoçar na cidade, tá? -, e deu uma escarrada no chão

O restaurante da rua dos Afazeres, apinhado de gente, fazia convite a outros lugares ir. O Lucrecius era especializado em comida mineira, mas tinha outros pratos no seu cardápio. Tucano comia o seu tutu. Ele me impressionava ao usar o talher com maestria, bem diferente dos almoços anteriores. Algum vento da boa educação soprou pelos lados da rua Afazeres naquele dia. Eu, por meu lado, comi um frango grelhado com purê de batatas. Minha opção foi por comida com baixo índice de calorias. Terminada a refeição, num acesso de boa educação, Tucano queria pagar a conta. Fui firme:

– Pra não brigarmos, cada um paga a sua.

E não brigamos. Aos poucos nossas passadas foram se distanciando do Lucrecius e nós, quase perdidos, seguimos o rastro dos epítetos. Conversamos como se fossemos amigos. Neste dia convergíamos em idéias e interesses. Tucano me falava de seu projeto de pintura da fachada do edifício Tosquerguid. Contei-lhe meus projetos mais prementes. Falei de uma vontade sincera, a de depois de formado sair da Espace. Ele mostrou-me esta mesma vontade. Queria se dedicar a outra profissão, em outro lugar.

Paramos em frente ao monumento Castro Lisboa. As pilastras, tão belas e alcandoradas, pareciam conter o céu.

– Você tátáttatá per-per-perperdendo muito tempo.

– Com o quê Tucano?

– Ora você tem de pe-pepe-pepe-pedir pro-propro-promoção. A lei que impedia a contratação de espacianos não vigora mais. É ano novo.

– Sou muito novo na empresa.

– Eu já encomendei meu crachá de assistente.

Milagre. Ele falou sem gaguejar. Eu dei prosseguimento a conversa.

– Não vai mais pertencer a classe dos de crachá invertido.

– Agora que-que-quequero mais é me mostrar.

– Teve algum mérito?

– Sou fi-fi-fi-fi-fi-lho do Gerente Geral do BMB, sucursal Rio. Não há mérito maior que este para a Espace.

– Você tem orgulho de si?

–Por que esta pergunta? Os mandatos dos parentes são cu-cu-cu-cucurtos. Ninguém fica no poder eternamente-te. Não se po-po-pop-pop-po-po-po-de esperar. Ah! Não me diga que não quer um empurrãozinho?

– Não. Vou subir com a minha capacidade.

Tucano riu prolongadamente e os pombos da praça deram um passeio bonito no céu. Hoje, quando escrevo minhas memórias e me lembro daquele dia, ele entra meio difícil, diferente: o dia em que Tucano mostrou-se humano. Perdão pela rima.

Capítulo 16

Este capítulo é muito curto. Nasceu exclusivamente para dizer que a recaída de bom mocismo de Tucano foi só mesmo uma recaída. Nos dias que se seguiram, ele voltou a ser grosseiro, falastrão e mal-educado. Quase que um apêndice ao texto, esta nota capítulo vem marcar um divisório das águas da vida de Tucano. A partir deste momento, ele passa a comer insetos vivos, na melhor tradição dos Bolibungua, uma tribo antiga e africana.

Capítulo 17

Ao entrar na grande sala da DIORG havia um enorme ajuntamento de pessoas e uma discussão daquelas. Tudo gigante. Tal qual um bombeiro que se lança a chamas eu pedia:

– Com licença, eu trabalho no local.

Consegui romper a barreira. Tucano e Xarluz desciam a discussão a um nível tão baixo quanto o ostentavam no cotidiano. Xarluz estava inflamado. Falava com a fúria dos sete ventos tenebrosos:

– Voçuas entrou na Companhia outro dua e já querer fazua regrit. Não se façit de exceção. Voçua arranjou esse empreguei comua todos: ou por amizade ou aparentadit. Todits aqui ou são cabo eleitorais ou tem grau de parentesquit com alguém do BMB

– É claro seu fi-fi-fi-fichinha. Sei do seu passado. Você é filho do ca-ca-ca-cabineiro da sucursal.

– Meu pai trabalhosit pro embaixador farancit a vida toda. Voçua é igual ao seu pai narigudo e oligofrênico.

– Oli-li-li-li-li-ligo-go-go-go-gofreni-nico-co?

– Isso mesmit, atua no xingar temos educacionit aqua.

– Mas pe-pe-pe-pe-pe-pe-pelo menos não sou bi-bi-bi-bi-bi-bicha.

Aquilo feriu como um punhal cravado no peito de Xarluz. Ninguém tinha provas. Ele se enfureceu e partiu para cima do Tucano.

– Chamastit todos aqua de bichit.

– Não. Só vo-vo-cê é bibi-bicha

– Issit é umua heresia. Terá de serit exorcizado.

Passei a mão nos cabelos e ri. Não imaginava o que estava por vir.

O meu apreço por aqueles espacianos, se é que existia algum, diminuía a cada segundo. A confusão prosseguia. A sala começava a ficar pequena para a quantidade de interessados na discussão.

– Só peço a lei da em-em-emememempresa.

– A lei da empresit não é a lei do Grêmio.

–Vamos parar com esta discussão boba. Vocês são dois adultos-, arriscou a pobre Maria Luísa.

Xarluz foi ríspido.

– Cala sua boquiuse empregada domestic.

– Que-que-que-que-quero empréstimo do grêmio. Te-tenho di-direito à quantia de duzentos cruzeiros.

– O ultimit empréstimo pois fim ao caixit do Grêmio.

– Vo-você só faz empréstimo para homens.

Xarluz não perdeu a oportunidade.

– Porua issit que nom faço pra você.

– Eu te esporro na parede.

– Que baixit calão. Credo e cruzit. Que macho!

A discussão começava a ficar aquém do subsolo. Mas, antes de prospectar as excrescências terrenas daquela seção, Fichelm entrou na O&M. Marlucy foi a primeira a ver o chefe; prontamente se empertigou toda e puxou para perto a máquina na mesa de rodinhas. Datilografou algo. Matossas se assanhou pelas beiras das contas e passou a usar a calculadora fingindo trabalho. Como não tinha nada para fazer, Maria Luísa, limitou-se a sorrir. Xarluz e Tucano se acovardaram em um dos cantos ainda vazios da sala. Fichelm caminhou na direção dos dois. Tucano ficou de pé saindo da frente da mesa, palco da conversação. Xarluz se escudou em sua cadeira. Havia um copo de água cheio em cima da mesa que o papo-cabeça não conseguiu derrubar. Fichelm vinha com tanta fúria que tropeçou em Tucano. A enxurrada caiu sobre Xarluz que gritou histericamente. Berrava. Gritava. Esperneava. Pulava.

– Foi elit – apontava para Tucano –, seus olhos te derrubaram, mestrit.

– Aca, o que está havendo por aqui?

– Fichelm, ele está possuído. Demônios o tomaram de repleto. Temos de chamar o cônego.

– Isso é ri-rir-rir-ridículo.

– Aca Xarluz. Não me engane. O que há?

– Nadit.

– Não me obrigue, aca, à palavra da qual tanto e todos têm temor do espaciano.

– Não falit.

– Direi, se não me disserem o que houve aca.

– Nunquit.

– Instaurarei então um inqué...

– Não sit...

– Inquérito administrativo.

Um silêncio sepulcral tomou conta da seção. Todos os empregados bisbilhoteiros saíram de mansinho. A situação começava a ficar perigosa para quem andasse pela Diorg naquele momento específico. Xarluz tentou uma salvação:

– Eu contua tudid qua acontecua. Tudua menos iqueritô administativ.

– Aca, só vejo uma solucionática. Xarluz e Tucano, queiram levar suas pessoas ao meu gabinete imediatamente.

Os três se retiraram da seção de O&M e se perderam no grande corredor. Ninguém se habilitou a olhar no horizonte da ilha de computação. A grande massa evaporou-se com um grito ficheliano.

As portas da sala de Fichelm se fecharam com força. O barulho ecoou por toda a divisão. Depois não se ouviu o pio nem de um Tucano. Só se escutava o suspiro de Maria Luísa. A pobre mulher sentia pena dos dois. Depois de quase uma hora de vigília, Marlucy se levantou e fez uma oração de fé. Ela pedia para que Deus aplacasse a fúria de Fichelm. Maria Luísa se perguntava:

– O que vai acontecer com eles?

Marlucy levantou-se, caminhou até a estante e tirou um dos tomos da prateleira. Leu por quase quinze minutos e chegou a uma conclusão:

– Segundo o tomo trinta e dois, versículo oito, página seiscentos e cinqüenta e quatro; abre aspas: A discussão acalorada deve ser punida com um dia de afastamento do trabalho; na reincidência os implicados devem doar ao Grêmio um terço do salário e em continuando as admoestações verbais, a cada discussão acalorada, cada qual será multado em um terço do salário até completar mais três vezes. Completada a terceira vez: DEMISSÃO, fecha aspas.

– Que dó, que pena! -, exclamou Maria Luísa.

– É a magna carta. -, sentenciou Marlucy.

A quietude voltou à sala e só findou quando os três homens voltaram. Vinham com a cara amarrada como se o veredicto do chefe fosse o pior possível, mas qual não foi a surpresa dos que ficaram na sala de O&M.

– Aca, conversei com os dois envolvidos. Junto comigo chegaram a uma revisão positiva de suas atitudes. Fiz o melhor para todos. Digam ao que vieram rapazes e o façam a voz plena. Desculpem-se mutuamente.

Tucano deu a mão a Xarluz e falou:

– Eu, Du-du-Dulcídio Tucano Júnior, peço pe-pe-perdão ao meu camarada Xarluz pelas ofensas a ele dirigidas. Em nome de Deus, saúdo-o com todo o bom gra-gra-gra-gra-grado. Faço assim paz sagrada dessa guerra infame e inútil.

Dessa vez foi Xarluz quem levantou ao quase píncaro do teto a sua mão e a de Tucano, para dizer:

– Saudit, datavenea, meu nobrit camaradua. Recebo seu perdonit com outrua pedit de perdão, o meu. As intempéries passaram agora todos somos vencedores.

Matossas cantou uma velha canção do Queen:

We are the champions

Fichelm complementou.

– Aca foram testemunhas da mais inaudita cerimônia de desculpas já vista nos quatro cantos da DIORG. Quero com isso fazer lapidar a frase de nosso ilustre Diretor Administrativo. Repito textualmente: "A DIORG é a divisão mais nobre da Espace".

Matossas, num acesso de cantor, puxou o coro. Agora cantavam uma de Dom e Ravel:

Cantemos juntos

Marlucy, encucada, foi até Fichelm pedir satisfações.

– Eles incorreram na infração de discussão acalorada e não foram punidos. Como fica o exemplo para o resto da tropa?

Fichelm sorriu para Marlucy.

– Eles foram enquadrados em colóquio fortuito. Aca, privo-lhe de maiores interpretações jurídicas de nossa lei.

Marlucy teve de se contentar com as explicações de Fichelm. Suspirou. Ela tinha uma leve paixão pelo chefe casado, apesar de igualmente casada.

Antes de sair, Fichelm puxou no canto Xarluz e Tucano. Pude ouvir o que dizia.

– Não representem obstáculos um ao outro. Guardem toda força para combater o inimigo. – e Fichelm olhava para mim como que apontando.

A seguir, o chefe foi saindo de mansinho e a calma voltou para a prece final daquele dia. Tucano participou do ritual das seis horas. Eu fui embora. Até quando teria este direito?

Na rua, sobre o negro asfalto, o crepúsculo refletia o tímido sol, que tardava em sair das grandes poças d'água.

A pista da direita, a de quem vai para o subúrbio, como sempre engarrafada, era palco de uma correria para pegar a condução que já vinha lotada de outras áreas da cidade. Os atrasados ou apressados iam de pingente, dependurados.

Já na via da direita, onde eu estava, havia muita tranqüilidade e a possibilidade de se escolher qual ônibus mais vazio para se voltar ao lar doce lar.

Um cidadão com um livro de história, sem mais nem menos, chegou perto de mim e proferiu sua sentença:

– O país se auto nutre do caos que gera. – Apontou para a movimentação do outro lado da rua. – Veja o cidadão, vai ser linchado.

Dito e feito. Um ladrão de casaca apanhava desbragadamente. Recebia socos e pontapés. Ao meu lado o professor de história não agüentou a cena e chorou. Recebi a brisa com mais macheza. Não havia muito motivo para chorar. A polícia chegara e o marginal perdera dois dentes. A catarse coletiva fora feita.

Capítulo 17

Marlucy dava o seu show particular. Pedia um martelo e cantava Rita Pavone. Matossas, garanhão velho de guerra, não podia ver moça nem idosa e tampouco remediada dançando, que o bicho se alvoroçava todo e caía na dança. Ambos se encontraram num enlace quase beijo. Ele fazia jogo duro:

– Marlucy, sou um homem casado, jamais sentiria atração por outra mulher que não fosse a minha.

– E outro homem?

Matossas ficou acabrunhado. Xarluz chegou se desculpando.

– O ônibua foua só atrasit.

Tucano, ao ver Xarluz de volta, chamou-me ao seu lado do aquário e me pediu para datilografar um memorando. Corrigi os erros de português e dei forma à redação. Tucano não gostou; disse que eu havia mudado o seu texto. Voltei e fiz tudo errado. Ele se satisfez. Todos felizes. Bola para frente.

Saindo da sala de desenho, Xarluz me chama a atenção:

– Gastua mais de duas folhuas para um memoranduo. Profissionalismo.

Aproveitei o embalo, estava no corredor, e fui ao banheiro. Escutava:

– Será ele? É tão jovensit

– É ele.

Maria Luísa por fim:

– Vocês estão malucos?

Num dos tempos livres, quando o trio se ausentara, Maria Luísa me confidenciou:

– Eles acham que você é um espião do BMB

Não entendi e pedi maiores explicações.

– Pensam que você é membro do Comitê de Extensão das Contas Improdutivas, o CECI. Há muito tentam controlar as contas da Espace com empregados infiltrados em nossas fileiras.

– Isso é um absurdo.

– Eu sabia que você não era espião.

– Esta história de CECI é fantasiosa.

– Mas existe outro órgão procurando atingir a nossa Diretoria. É a Procuradoria Especial de Revisão e Inquérito, a PERI.

– É um caso de amor -, concluí.

– Como assim?

– Ceci ama Peri. Peri ama Ceci

– Não entendo!

Santa falta de cultura.

Se pensavam que eu era um espião, que continuassem pensando. Se com esse status não conseguia um tratamento Vip, sem a sombra dessa função seria tratado com ainda maior indelicadeza.

A pobre Maria Luísa, que tinha pena de todos e inclusive de mim, se encarregou de contar a todos que não seria eu o espião dos CECIS E PERIS da vida. Passei então a ser usado, cada vez mais, como força de trabalho comum num regime de quase escravidão mental. O tratamento, já assinalado, que não se afigurava cinco estrelas, passou a ser aviltante.

Certa vez encontrei Xarluz e Matosas divergindo. Sabia que falavam de mim pois ouvira bem o meu nome. Me pediram para apanhar uma folha de carbono pautado na Divad. Recebi a missão na maior ingenuidade, sem saber que carbono com pautas não existia. Ora, deveria ter raciocinado. Quando cheguei na Divad pedindo o tal papel, foi uma chacota só. Gente ria. Gente chorava. Gente troçava e em coro eu ouvia: “Otário!”. Tive vontade de chorar mas não ia fazer isso no meio daquela gentalha. Houve mais gozação ainda, quando voltei para DIORG. Bem lá no fundo, gozavam de si mesmos. Pois, quem tem obrigação de saber o que significa isto ou aquilo? Toda pessoa nova num serviço precisa aprender o básico. Todos têm que passar por isso.

Então, por que fazem este tipo de piada? Quando se é velho, a idade não ajuda. Os dois lados da ponta são sufocados pelos já estabelecidos. Dos jovens, têm medo de ocuparem todo o espaço existente e, contra os velhos, há a torcida para que se aposentem, abrindo novas frentes de trabalho de maior status para os estabelecidos. Fim de parágrafo, que não sou sociólogo.

****

Marlucy foi a primeira do trio a chegar. Ela entrou na seção munida de uma sacola de supermercado. Atrás dela, um menino com um carrinho trazia o resto de suas compras. O moleque, negrinho, fazia o que sinhazinha lhe pedia. Acondicionou as compras na parede da mesa, de forma a não tirar o conforto de Marlucy.

– Vê se olha garoto! Cuidado com os meus ovos!

O negrinho bem que queria tirar um sarro da cara da mulher. Sua posição não deixava e também seria mexer com um barril de pólvora. Ela tinha uma tinhosidade, uma força de agressão própria.

Trabalho feito, hora da gorjeta. Marlucy tirou da bolsa cinqüenta centavos e deu ao garoto:

– Isso não pode me dar nem cárie. Não dá nem pra comprar uma bala.

Pobre Maria Luísa, vendo o drama, deu um cruzeiro para o menor carente. Marlucy ficou revoltada. Tirou o dinheiro do garoto:

– Compro muita paçoca pro meu filho com este dinheiro.

– A escravidão já acabou. -, protestou o moleque. – A senhora é ruim que nem espinho de mato. Sangra, fere, traz dor.

– Não venha com poesia, seu negrinho pentelho! Rua!

Marlucy tirou um biscoito de polvilho de uma das sacolas de suas compras e, vendo o moleque negrinho que saía, comentou quase em sussurro com Maria Luísa:

– Detesto preto. Meu pai era de cor. Ele me estuprou com quinze anos, e eu gozei. Pedaço de loucura.

Capítulo 18

Naquele dia, o Congresso votaria a convocação ou não do plebiscito que apontaria futuramente para a estatização ou privatização do país. Logo à entrada da Torre Basel, militantes do PC do BN, Partido Comunista do Brasil Nascente, entregavam folhetos conscientizadores. Um rapaz saudável, de seus vinte e tantos anos, munido de um megafone, emitia versos metrificados sobre a importância da votação. Mas a multidão não parava. O rapaz fazia de tudo, ia da tessitura de tenor até soprano para chamar a atenção. Olhei um dos folhetos que me foi passado a mão. O *slogan*, "DIGA NÃO AOS PRIVATISTAS, QUEREM TIRAR O QUE É NOSSO", parecia bem vago. Mas no fundo todo mundo sabia que havia ali uma luta de poder pura e simples.

Em plena manhã, a DIORG estava decorada com bexigas e dizeres a favor da estatização e contra os privatistas. O deputado Caluxi Alcibíades, um homem probo, tinha a sua foto cingida de palavrões e exposta em pôster gigante na entrada do corredor. Os microcomputadores serviam como televisores. Muitos funcionários vieram participar do *show*. Todos juntos numa corrente para frente.

Desde já, eu sabia ser muito difícil uma vitória dos privatistas. Não achava que conseguiriam a convocação do plebiscito. O *lobby* das estatais tinha poder, força, e não pensava em arriscar-se de fato, democraticamente, a uma derrota. Tinham receio do povo, como todos os errados.

Havia um grande espelho e uma faixa em cima com a seguinte frase: "UM PRIVATISTA NÀO CONSEGUE SE OLHAR NO ESPELHO". Eu conseguia e via um pouco da minha ginecomastia, devido à camisa apertada. Tentei esticar a camisa com puxões e esticões de tecido. Solução para o caso: mudar de camisa ou fazer uma plástica. Desci até o quarto piso e comprei um *blazer*. Bem trajado, voltei à DIORG incólume: sem ninguém ter apertado o meu peito varonil.

Os estatistas venceram. Com o voto de Aguiar de Freitas, deputado fanho, envolvido em alguns escândalos sem comprovação. Os locutores da TV estatal faziam o V da vitória e diziam da felicidade de ser estatista. Na Espace, logo começou uma festa. A champanhe servida, a Cal-

cária, não tinha gosto de nada. As mulheres dançavam entre si ritmos populares e rebolavam ao som da lambada. O DJ Ratinho já colocava na sua programação os diversos pedidos para o cantor brega Gavildo Fonseca, o roqueiro Tibúlcio Travel's e a banda de axé BOLOBUMBÁ – grande sensação do verão anterior. Tucano passou por mim portando um sorriso largo. Me apresentou uma garota tão feia quanto a Medusa, se é que alguém, na mitologia, voltou para contar da experiência de vê-la. A mãe de Pégaso petrificava o meu instinto sexual. Tucano queria por fina força que eu dançasse com a moça:

– Eu te ga-garanto, ela é ma-material de primeira.

Tomei a mão da Medusa, sem mirar seu rosto, quase sendo devorado, na imaginação, pelas pontas de suas madeixas. Bastava um olhar para observar que, na mulher, ainda, beleza é tudo. Chamei Tucano e promovi uma dança entre os dois. Com isso, Tucano poderia fixar sua imagem de garanhão italiano, contrapondo-se à idéia que tinham ao seu respeito: "Um pangaré mineiro". Medusa, abraçada, parecia gozar. Ela babava pelo canto da boca. A baba escorria pela camisa de Tucano. Recebiam carradas e carradas de aplausos. Bailavam. Tucano sorria. Medusa mordia o pescoço do narigudo feito vampira.

Todos pararam e começaram a aplaudir. Tucano e Medusa foram eclipsados. Entrou no recinto o mandatário máximo da Espace, o Doutor Holianda. Vinha com seu secretário de gabinete, Hidrogênio Salgado, que foi recebido com recorde de euforia. Os empregados beiravam o êxtase sexual. O Doutor Holianda fazia o V da vitória. O presidente ia rompendo a multidão. Havia um programador caído ao chão e a confusão se deu:

– Levanta-te, anda, pelos poderes miraculosos, caminha sobre o tapete. -, disse o Doutor Holianda.

– Não sou paralítico senhor. -, esclareceu o programador.

– O que faz rente ao solo?

– Uma homenagem ao senhor.

O septuagenário Holianda ergueu com um só braço o programador. Deu-lhe um beijo no rosto. O que com outros era motivo de achincalhe e vaias, com o presidente se transformava numa ação de grande mérito. O mandatário máximo começou a sapatear. A multidão se aglomerava para ver o espetáculo. Ao meu lado um digitador tentava atochar a mão nas nádegas da faxineira bonitinha. Não havia muito o que escolher e, assim, o digitador foi parar nos fundilhos de Marlucy. Ela rebolava nas coxas do homem, para não dizer palavra mais chula e inapropriada. Marlucy tinha marido e, apesar de bem casada, não resistia a certos encantos masculinos. Ambos iam se excitando. O rosto de Marlucy faria a mais apiranhada das mulheres sentir-se santa, tamanha sensação de orgasmo. Hidrogênio Salgado, observando a cena, fez enorme censura ao

rapaz que apalpava, beliscava e bolinava a mulher. Depois ele, que era o homem mais bonito da Espace, deu um beijo de carinho em Marlucy. Quando Hidrogênio beijava uma, tinha de distribuir ósculos a todas. Homem bom.

Após a exibição de sapateado sambado do Presidente, um analista de sistemas subiu em uma mesa e foi só discurso:

– Todos os aqui presentes querem o bem do país. O bem do país é o nosso próprio bem. A população, quase toda estatista, nos apóia. Nossos empregos estão salvos. Temos de nos manter unidos. Deus salve o estatismo. Deus salve a Espace.

Um digitador, muito bem trajado, um gentleman, fez um adendo:

– Eu sou privatista. O melhor para o país é a privatização das estatais.

Mal começou a falar, o rapaz foi puxado pelo cangote. Hidrogênio Salgado movia-o a pontapés. Fiquei quieto. Não queria apanhar daquela multidão. O presidente não apartou a briga – se é que aquilo não devia chamar-se massacre –, usou um microfone e com suas palavras tentou acalmar os ânimos:

– Se for necessário temos de usar a força. Mas por enquanto ainda é pertinente agirmos com esperteza. A vida ensina que só em momentos extremados se faz necessário o uso de instrumentos de guerra. Somos vencedores. Temos de comemorar. Nada contra surrar um privatista, mas não é politicamente correto.

Hidrogênio Salgado deu o último chute no digitador. O privatista foi levado em coma para o hospital.

Com a saída do digitador, pode-se ouvir nos alto-falantes internos o hino de louvor à Espace:

A Espace é nossa

O hino, em *play-back*, cessou. Os espacianos continuaram cantando a pleno pulmão. As luzes se apagaram e pude ver muito ao longe Xarluz beijando um homem na boca. Matossas segurava um círio que iluminava a entrada de Estales, o grande Diretor. Todos aguardavam aquele novo momento que seria de maior evocação dos valores nacionalistas. Para muitos seria o ponto mais alto de uma existência: o ápice. Estales vestia uma bata indiana de cor alaranjada. O vestuário bufante fazia do Diretor um ser mais obeso do que se afigurava quando em vestimentas normais. Cercado por quatro seguranças, que literalmente seguravam-no para evitar uma queda etílica. O povão gritava em coro Estales, Estales. Duas meninas, em trajes mínimos, foram abraçar o bêbado. Logo o ajudavam a andar. Estales passou a mão nos seios de uma delas que lhe

deu um beijo no rosto. Espremeu o mamilo da outra. Depois cambaleante, foi ao microfone e disse:

– Vocês são o meu Brasil – *arrotou* –, esta terra que a gente guarda e quer bem – arrotou – e onde vivemos como cidadão. Filhos e filhas – arrotou –, este país é nosso. Vocês me dão a maior lição de patriotismo. Temos de ter o estado reservado – arrotou – e as instituições fortes. Não sou só Diretor – arrotou –, sou brasileiro.

Os aplausos vieram em profusão. Pululavam berros, urros, gritos: beirando a histeria coletiva.

Aos poucos a multidão deixou a DIORG. A festa tinha de galgar outros espaços. Os corredores logo ficaram repletos de funcionários. Uma música carnavalesca tomou de assalto o Ray Coniff que poluía o ambiente. O lixo sonoro aumentou. Confetes e serpentinas travestiam a grande massa de um gigante de papel. Funcionários dançavam a dar com pé. Alguns pareciam até profissionais do samba.

Lá vem a Espace
Capital do luxo e fé

Um *black-out* fez a festa ficar mais animada. Acabado o confete e serpentina, foi usado o papel higiênico como elemento carnavalesco. Os gravadores a pilha postos em volume altíssimo repetiam o refrão da música: “Eu quero mais bandalha”. Cantavam. Refletiam sua própria alma coletiva.

Matossas se engraçava em beijos com a servente merendeira. Xarluz, ao lado, fazia e-norme censura com meneios de cabeça. A lágrima que brotou da face do assessor molhou seu lencinho vermelho. Eu era a pessoa conhecida mais próxima dele. Parou perto de mim e afetadíssimo:

– A gentua tem un amore quando não devua amar ninguém.

E saiu cantarolando “La vie en rose”. Eu quase chorei, depois de sua saída, de tanto rir. Não foi nenhuma gargalhada tipo a do Curinga, nem a do Vincent Price e muito menos a do Orson Welles.

Matossas vendo Xarluz condoído, largou a pequena mulher e foi à caça de seu amigo. Se encontraram atrás de uma das grandes pilastras:

– Você tá chorando!

– Homem nom chorit.

– Tá com ciúmes.

– Tenho penit de sua mulherit.

– Você é minha mulher.

Xarluz pegou um copo da Calcária, servida em copo de plástico, e jogou na cara de Matossas.

– Isso não é justo.

– Voçua não me amit.Tudit que eu fizit por voçua. Sua posição. Seu carro. Seus filhos.

– Tu nunca pecaste.

– Voçua traia a mim e a sua mulherit.

– Desculpe. Isto nunca mais se repetirá.

Eles se abraçaram. Não se beijaram. Faziam do arrocho uma fricção sodomizante.

O fotógrafo da empresa comboiado por Hidrogênio Salgado tirou uma foto dos dois enlaçados. Xarluz partiu com a fúria para cima do fotógrafo. Hidrogênio interveio:

– Não se meta comigo. Deixa ele fazer seu trabalho. Ele é fotógrafo, porra.

Xarluz sem graça:

– Somuas apenas amiguits.

– Amigos não podem ser fotografados?

– Não! -, respondeu Matossas usando de toda a sua macheza.

– Principalmente quando são bichonas.

– Sou casado.

– E que tamanha vergonha para a sua mulher.

– Te esfolit. -, gritou Xarluz.

– Vá te catar, frutinha! Vá te foder.

Xarluz cerrou os punhos e antes de socar o rosto de Hidrogênio replicou a ofensa:

– Se conseguisse me foder, nom procurrarria homuas comua voçua.

Socou Hidrogênio uma vez:

– Seu pênis deve ser mínimo. -, acusou Hidrogênio.

Xarluz socou o vento.

– Voçua já chupou ele umua vezit.

Hidrogênio Salgado reagiu e desferiu um um/dois em Xarluz. A luta ficava acirrada mas a massa dançante não se apercebia da confusão.

Foi uma luta limpa e sem pontapés. Ao final dos quase quatro minutos da peleja, o fotógrafo e Matossas apartaram. Ambos já não agüentavam mais.

O rolo de filme foi entregue a Xarluz. Prova de bravura. Eu parecia ser a única pessoa que presenciou aquilo tudo. Ninguém parou um instante de dançar. Esbarrei num cidadão pouco mais velho do que eu. Ele foi se apresentando:

– Prazer, Honório Fedelta. Ou melhor, Fedelta.

– Com licença!

Ele estendeu a mão.

– Trabalha há muito tempo aqui?

– Quatro meses.

– É um novato ainda. Reconheço um nobre.

Comecei a achar que aquele cidadão tinha um parafuso a menos. Mas, com o aprofundar da conversa, fui até gostando dos modos de Fedelta. Ele me contou de sua religiosidade, disse ser privatista e complementou:

– Esta festa me é um martírio.

Finalmente eu encontrava alguém com quem poderia ter amizade na Espace. Apesar do catolicismo exacerbado, Fedelta tinha nível intelectual. Citou Montesquieu, Balzac, Sartre e Michel Foucault em menos de dez minutos de conversa. Sem dúvida falávamos a mesma língua. Além disso, trabalhava no telex, mas tinha graduação em jornalismo. Até então Fedelta fora a única figura humana a não me causar nenhuma repulsa.

De súbito, o clarão iluminou a noite. Findara o blecaute. Com a volta da luz os amassos ficaram restritos aos corajosos que se revelavam aos demais.

Um gordo padre de botas foi o primeiro a sair do elevador. O sacristão Polako trafegou pelo mar de espacianos, que olhavam estáticos, sem fazer movimento algum na direção da santidade. Ele perguntou a Estales:

– Onde posso lavar as mãos?

Estales conduziu-o à sala da Dispe. O padre só saiu meia hora depois. Os gravadores foram desligados. Polako se preparava para realizar alguma espécie de cerimonial. Os mais etilizados batiam palmas:

– Irmãos e irmãs, estamos aqui para pagar uma dívida com o senhor. Em nome do Doutor Estales venho para sanar qualquer promessa com o divino. Aos que pediram a manutenção do estatismo, Deus já fez sua parte. Agora, conforme o prometido, Deus vem pedir o seu quinhão.

Tucano, vestido de coroinha, carregando uma sacola vermelha, se embrenhou na multidão buscando donativos. Não foram dados. Então Estales tirou seu Rolex falsificado, ergueu quase ao teto e disse:

– Contribuam. Escrevam seus nomes nas notas e eu sortearei meu relógio no final da cerimônia. Só vale dinheiro brasileiro e notas acima de vinte cruzeiros. É ouro puro!

Quem, naquela multidão, não queria ter um suvenir do idolatrado diretor da empresa? O saco que Tucano carregava se inflou rapidinho. Não cabia mais nada e a turma, mesmo assim, queria participar.

O padre falou mais um pouco. Depois chamou Estales para o sorteio do relógio.

Tucano misturou toda a dinheirama e o padre tirou, do fundo do saco, uma nota de vinte cruzeiros. Anunciou o vencedor:

– Xarluz.

O assessor-chefe da seção DIORG subiu ao pequeno palanque e pegou o Rolex.

Uns vaiavam e outros aplaudiam.

O padre conclamou o funcionariado:

– Todos os cristãos, livres de pecado, formem uma fila para comungar.

Nenhum dos duzentos funcionários se considerava pecador. Começaram uma luta corporal na busca de um lugar na fila. Valia tudo. Cusparada, puxão de cabelo, cotovelada, chute no baixo ventre, chave de pé, golpes de lutas marciais.

A hóstia consagrada acabou quando a qüinquagésima pessoa fazia menção de receber o corpo de Cristo. Os espacianos se enfureceram. Queriam usufruir dos frutos de sua abnegação para com Deus. Revoltados, começaram a surrar Polako. Os seguranças intervieram para manter a ordem. Controlada, a multidão pedia o dinheiro de volta. Estales num canto conversava com Polako:

– É dedutível no I. R. ?

– Cadê minha ordem de pagamento? -, desconversava Polako. - Não faço questão das migalhas – apontou para o saco vermelho –, quero a gordura.

– Terás, passe amanhã no meu gabinete.

Após essas palavras, Estales pegou o grande saco vermelho e sacudiu-o ao povo espaciano. O dinheiro passava pouco tempo no ar, devido à voracidade dos empregados em recuperar o seu e ainda garantir mais.

– Tudo certo, meu padre.

– Claro, Deus é contra a sonegação.

O representante de Deus se foi. Desceu na gaiolinha em meio à festa que recomeçava.

Garçons vindos de locais escusos serviam na bandeja alguma espécie de entorpecente. Segundo Fedelta, não era droga e chamava-se talquinho. Fedelta cheirou a fila de granulados brancos em cima da bandeja. Parecia cocaína. Todos, à exceção de mim, fizeram uso daquela espécie de euforizante.

Acabava de chegar uma ala inteira da Escola de Samba Vizinhos do Subúrbio. Espacianos começaram a ser comprimidos entre as paredes. Pessoas invadiam as salas das divisões. A festa espalhava-se pelos quatro cantos da Espace. Xarluz entrou na Divisão de Secretaria com Matosas. Hidrogênio Salgado levava uma mulher elefante para urinar.

O som da cuíca rasgava tímpanos. A bateria, na cadência dos bumbos, fazia tremer um andar inteiro da Torre Basel. A animação e o talquinho contagiaram todos os cidadãos. Espacianos brincavam, pulavam e aproveitavam a ocasião para brincadeiras libidinosas. Alguns usavam da mão para sarrar, outros o faziam com o próprio membro rijo. Esfregavam-se com um rebolejo de espáduas. Bom ressaltar que os homens não nos brindavam com os membros à mostra em pelo, mas podia-se perceber no aumento do volume na região do baixo ventre uma ereção ali presente. Fedelta objetava em seu moralismo. Fazia meneios com a cabeça em represália. Eu concordava com ele. Fui ao banheiro.

Não havia papel higiênico para se limpar e por impulso eu havia feito as minhas fisiológicas necessidades. Com a calça abaixada até a metade da perna tive de ir andando até o banheiro das mulheres. Me limpei com uma mangueira esguicho. O *water closet* das damas parecia tão fétido quanto o dos homens.

Percebi, de volta ao meu lugar, à porta da DIORG, que aquela escola de samba tinha algo de gospel. Em letras garrafais, no peito, os sambistas que faziam passos desequilibrados, ostentavam em sua camiseta de malha os seguintes dizeres: “Escola de Samba Vizinhos do Subúrbio – Ministério do Pastor Calígula”. Eu contando, todo mundo acredita. Por instante pensei serem, aquelas palavras unidas, alguma espécie de enredo. Havia lógica entre Calígula e carnaval. Porém o maior devasso da história, talvez até mais do que o Diretor Estales, não tinha associação direta com qualquer religião, excluindo a pagã. Tentava e fazia força, a de pensamento, a quase feder, mas não conseguia alcançar uma resposta satisfatória para o meu enigma. Ó oráculo de Delfos. Perguntei a Fedelta. Ele me deu as explicações:

– Quem é Calígula?

– Trabalha na Dispe e faz parte da assessoria da empresa.

– É importante, não?

– Sim, tem o cargo de Diretor dessa escola de samba que vemos.

– Conte-me tudo.

– Corre a boca chiusa que Calígula faz parte do comitê de campanha de Estales. O Diretor pretende se candidatar ao senado nas próximas eleições.

– Nosso Diretor é político?

– Em início de carreira.

Quando me dizia aquelas palavras, Fedelta, atabalhoado, derrubou um pouco do talquinho que o garçom servia. Boa parte foi ao chão. O restante foi o suficiente para embranquecer a lapela do meu terno novo. Como um gato, passei minha língua na região, próxima a ela, que tinha o elixir da nova vida. O talquinho anestesiou minha língua.

– Tem certeza que isso não é cocaína? -, perguntei a Fedelta.

– Freud usou cocaína.

– Não brinque.

– O Doutor Estales sempre diz que o talquinho não é droga e eu acredito nisso. Quer prescrição médica?

Fedelta sorriu mostrando os dentes cravejados pela platina do aparelho de correção. A luz fazia um reflexo na dentição que quase iluminava os meus olhos.

De súbito, apareceu diante de mim, um casal de mestre-sala e porta-bandeiras. O homem com o leque na mão conduzia a mulher. Ambos faziam passos, gestos: os mesmos de um desfile. O enredo da escola para este carnaval seria o livro de Cabestro Antolhos: “O memorial de Luiz Ednalvo Conceição”. O calhamaço, de mais de mil páginas, era um relato da vida de Maria Ifigênia Rosa e Passos, rainha negra de Agredéu, que fora trazida junto com Ednalvo para o Brasil, rei de Triburuem. Trabalharam (força de expressão) como escravos em lavouras dos Campos de Goitacases. Fugiram do engenho e formaram o único quilombo com algum registro historiográfico do Rio de Janeiro.

O samba, no linguajar dos sambeiros, comia solto. O enredo não exaltava os feitos nem de Maria Eugênia e nem Luiz Ednalvo. O refrão dizia: “E se Ednalvo não branco, não parecia/E Ifigênia nem tão rosa era/São reis e rainhas do carnaval”. Os estacianos aproveitavam e colocavam um caco na música. Ficava assim: “São reis e rainhas da ESTATAL”.O puxador de samba aproveitava e cantava conforme o povo queria. Agradava. O estatismo marcava mais um ponto na tradição popular.

Estales apareceu, como que do nada, e anunciou o próximo número. Falou sem arrotar. Parecia menos embriagado.

– Respeitável público, com vocês: o Circo Escola Fundação Estales.

Entraram os palhaços. Faziam molecagens como bobos de uma corte sem rei e nem nobreza. Os palhaços se misturavam com o funcionariado e dançavam ao som de atirei o pau no gato. A fita cassete, na qual se encontrava a canção, prendia no cabeçote do gravador. Tentou-se sete vezes para na oitava o número se completar. Os fazedores de graça iam sendo muito aplau-

didos. Santo Q.I. setenta e cinco! Espacianos, com muito talco na corrente sangüínea, babavam e tremiam.

A escola de Samba saiu pelo elevador dos fundos. Mesmo lúcido, me beliscava a todo o instante. Aquilo não era um pesadelo. Complexo Suterland!

Estales voltou a cena. Saíram os palhaços.

– Agora, Ligtoner, o gorila da Groenlândia.

Entrou uma senhora balofa toda coberta de pelos. Ninguém ria. Já eu, precisei me conter para não cair na gargalhada. Grotesco. Ela começou a fazer piruetas. As banhas à mostra quase saltavam do biquinininho fio dental. Muito aos poucos ia ficando sem os pelos. Seu verdadeiro tom de pele ia se mostrando. Perguntei a Fedelta:

– É sempre assim?

– Ora caro, há de convir. É um dia de vitória para eles. Os estatistas venceram. Os congressistas disseram não ao plebiscito. A forma de comemoração pode ser estranha, mas é assim que eles estão acostumados. O que se pode esperar do povo? Queria a filarmônica de Moscou?

A mulher gorila saiu de cena. Estales voltou:

– Direto de Madri, o melhor mágico polonês do mundo. Palmas para Yovsertum Hadsinski.

E um garoto, com as feições físicas que misturava o mouro e o indígena, começou a fazer seus números. Pediu dinheiro aos empregados. Fez as notas sumirem. Quase ia sendo linchado quando avisou que as notas estavam no bolso de Doutor Estales. O publico ria, eu achava aquilo o mais enfadonho dos programas. Queria ir embora. Despedi-me de Fedelta, atravessei toda a multidão, e já diante do elevador fui devidamente impedido de me retirar. Um dos seguranças foi categórico:

– Só pode sair quando o show terminar.

Levei a mão a cabeça.

– Quando será isso. Que horas?

O mais fraco falou:

– Volte ao seu lugar. Não há hora prevista para o encerramento.

Voltei. O mágico pedia a ajuda de uma partner. Marlucy se ofereceu para um número que, segundo o polonês, tinha alto grau de periculosidade.

– Deite-se. -, ordenou Hadzinsqui à mulher.

Marlucy atendeu-o e se acomodou numa espécie de maca. Ela foi cingida de portinhas que, fechadas, só deixaram de fora seus pés e sua caneca. O mágico pegou um serrote. Ergueu-o. Ia serrá-la. Estales, encenando uma pantomima, implorou:

– Não faça isso!

Não sei como o polonês entendia tão bem o português. Fingiam um impasse. O povão começou a perder a paciência. De súbito, o mágico jogou o serrote no chão e, pegando um punhal, esfaqueou a caixa na altura da perna de Marlucy. Ela gritava. Não fingia. Alguma coisa havia dado errado na mágica. Espacianos começavam a gargalhar até o sangue começar a jorrar como um poço de petróleo recém-descoberto. A platéia substituiu o riso pelo horror. O mágico pedia, a quem fosse habilitado, os primeiros socorros. Um funcionário se apresentou para a função e fez um torniquete bem feito. Hadzinsqui passou a ser acuado pelos empregados da Espace. Estales e seus seguranças tentavam evitar maiores transtornos. Hidrogênio Salgado furou o cerco e deu uns bons sopapos no mágico. Seguranças ainda apartaram a tempo de Hardzinsqui fugir pela escadaria de incêndio.

Estales avisou:

– Ela tá bem.

O enfermeiro e Marlucy foram ovacionados e voltaram para o seus lugares. Estales ainda faria um discurso.

– Hoje é um dia especial. Vencemos a primeira batalha contra os privatistas. Mas a guerra não tá vencida. Nessa minha discursiva, tentarei fazer brotar em cada um a semente de um mundo melhor.

Estales deu dois passos para trás e foi envolto em uma fumaça de gelo seco. O auxiliar-boy, de sessenta anos, colocou ao fundo a música *Perdão, Emília*. Estacianos quase choraram, tamanha a boniteza daquele momento. O Diretor abanava a bruma com um grande leque. Ele tremia de frio. Conseguiu voltar a cena:

– Vocês sabem o que é trabalho? – tomou um gole de conhaque de limão e continuou – Vocês sabem o que é trabalho? – tomou outro gole de conhaque de limão.

Na segunda vez. A resposta foi: "ESPACE".

O DJ boy soltou no ar *Perdão, Emília*.

Logo foi colocado atrás de Estales um grande quadro branco. Com a caneta pilot em punho, ele escrevia a palavra amor, falando-a ao mesmo tempo.

– A-M-O-R.

Espacianos em coro repetiam.

– São só quatro letras. Elas têm todo o poder de transformação do mundo. Através do amor podemos perceber a grande revolução da humanidade. Para tanto, temos que começar a amar alguma coisa. Proponho a vocês o amor ao trabalho, à Espace. Esse é o nosso amor primário, que deve ter a primazia de nosso gostar. Depois vem o secundário, amor dos funcionários

para com a Diretoria. E por último, o terciário, amor de funcionário para com outro funcionário. Assim esta trindade de afeto amoroso se faz completa.

O diretor foi interrompido por aplausos. Estales escrevia outra palavra no quadro branco. Haveria lógica naquilo?

– G-U-E-R-R-A.

Ele tomou um gole de conhaque de limão.

– Vocês devem evitar – tomou outro gole de conhaque de limão – a todo custo guerra entre espacianos. Guerra só contra o privatismo, se preciso armada.

Me surpreendia a capacidade do Diretor em assimilar o álcool. Havia chegado trôpego e, já recuperado, golejava o fétido conhaque de limão. Bom para garganta. Escreveu no quadro branco, DEUS, soletrou como numa aula de pré-alfabetização.

– D-E-U-S. Ele lhes dá a vida, a Espace e dinheiro. Não adianta ter vida sem dinheiro e muito menos dinheiro sem vida. Concluo, então, essas notas – tirou do bolso papel moeda –, valem tanto quanto respirar ar puro. A Espace lhes proporciona padrão de vida. Trabalho digno. A empresa importa mais que tudo.

O DJ boy de sessenta anos aumentou a música que estava em BG. Tratava-se do hino do Partido Social Socializante. Legenda pela qual Estales sairia candidato.

Estales soletrou VERDADE.

– V-E-R-D-A-D-E. Dinheiro precisam pro físico. Verdade é pra alma.

Estales foi longamente aplaudido. O entusiasmo tomou conta do ambiente. Os espacianos repetiam em coro:

– Estales, Estales, a cura para os males.

O Diretor, de alma lavada, pontificou candidamente:

– Verdade é saber que o nosso melhor amigo, sendo privatista, precisa de um empréstimo no banco estatal. Ele nos pede um conhecimento. Nós enchemos o pé e damos um pontapé nas nádegas dele. Estatista só pode ter como melhor amigo estatista. Ao fogo com o privatismo. Pro inferno com eles.

As colunas do prédio tremiam. A multidão em catarse gritava e grunhia. Estales mostrava os dentes brancos num sorriso largo.

Perdão, Emília acalmou o ânimo dos que quase despencavam da realidade e se assenhoravam do descontrole. A festa ficava perigosa. Espacianos se transmutavam em animais ferozes. O Diretor levantou um boneco de pano e algodão ao quase teto do corredor. Havia um colar no pescoço com os seguinte dizeres: “Privatista”.Deu-se, então, o início de algo semelhante à malhação do Judas. Acabaram em segundos com o boneco privatista. Queriam um de carne e osso.

Eu quase que rezava na porta da DIORG. Tomados de ódio, espacianos passavam a se agredir mutuamente. Estales ordenou que parassem. Os espacianos fizeram o que o semideus pediu.

– Dentre nós deve haver paz. Destinem todo o fel aos privatistas.

O hino a Espace soou alto e forte. Os espacianos, com a mão em cunho, ao coração, mantinham postura militar.

– Posso continuar.

E o meneio sincronizado do público fazia do orador um ser mais pervicaz. Ele controlava a massa.

– Cá estou para falar da cousas de minha vida. Valores que se perpetuam ao longo da minha existência de luta. Começo hoje minha corrida para o senado. Sou vanguarda histórica.

Estales parou. Olhou o relógio.

– Minha vida sempre foi pautada na igualdade, liberdade e fraternidade. Desde pequeno, quando pela primeira vez, no ginásio de Patotinhas, ouvi este trinômio, extasiei-me com a verdade etérea que contém. Quando compreendi, pouco depois, em totalidade, o significado dessas palavras, foi um marco em minha existência. Eu tinha quinze anos, estudava a Revolução Francesa. Então percebi minha vocação para a política e a caridade pública. Queria justiça, dignidade para o povo. Vocês merecem todas as palavras bonitas que eu possa dizer.

Aplausos em profusão para Estales. Ele olhou para o relógio. Já passava da meia noite. O espaciano médio já debruçava-se ao seu quase sono. O Diretor prosseguiu e desenhou um triângulo. Na base esquerda escreveu Liberdade e se pronunciou:

– Liberdade é ser funcionário da Espace – a massa acordou em aplausos –,e ter tíquete-refeição, ônibus, auxílio aluguel, dezessete salários, creche, auxílio-estudo, horário especial, cumprir o horário, descumpri-lo – aplausos – e ainda ser auxiliar de escritório, assistente, assessor, chefe de divisão, Diretor, Presidente. Quem não pode fazer este caminho está preso. Não é livre. E sei que todos aqui prezam e têm liberdade no mais alto grau de potência.

Mais palmas.

– Tenho de trazer, agora, à tona, algo que martela a mim e a Cascalho Nunes, médico renomado da comunidade de Itaguaí, o inventor do talquinho.

E, envolto numa nuvem de gelo seco, como quase vindo do céu, Cascalho Nunes apareceu. Estales falou:

– É meu convidado especial da noite de hoje.

Cascalho se aprumou todo preparando-se para fazer um discurso. Encheu tanto o peito de ar que quase chupou todo o oxigênio contido no corredor.

– Venho a todos e falo-vos de minha criação, o talquinho. Antes de inseri-lo no discurso de meu justo Estales, amigo de guerra e paz, tirarei algumas dúvidas. O talquinho não causa dependência química, mental, cerebral, física, orgânica e sexual. Ele é anti-alérgico, estimulante, evita algumas doenças. São elas: a bexigueira do pé, mocréia enrustida, tristeza, jaburu de orelha, perna gorda, pé-de-galinha, bico de papagaio, aracu cambuçá, pertigueira de cândida, o amor de folha, testículo rubro e o peido lancinante, entre outras já catalogadas, que fazem parte de uma lista de mais de cem mil doenças. Portanto, na seriedade dos termos, só tenho a dizer que minha invenção é benigna e em breve terá a homologação do Ministério da Farmácia, enquanto isso consumam com vivacidade.

Cascalho ergueu ao teto alguns saquinhos de talquinho e entregou aos histéricos da frente. Um espaciano comum, da primeira fila, fez uma pergunta.

– Por que chamam essa maravilha de talquinho?

O médico sorriu e respondeu.

– Faz bem pra neném

E puxou em coro:

Mamãe eu quero, mamãe eu quero
Mamãe eu quero talquinho

A platéia, percebendo o bom humor de Cascalho, usou de palmas para afagar seu ego. Ele prosseguia:

– O nome científico do talquinho é proptaptoriolodemarita-5. Hão de convir, talquinho é uma boa simplificação.

O espaciano comum, que havia feito a pergunta, ficou contente com a resposta. Cascalho continuava:

– Quero inserir o talquinho no tema exposto por Estales. O talquinho pode dar a cada um de vocês mais liberdade. Na ingestão de cinco gramas podem conversar com Deus. Com sete gramas, além de conversar, poderão vê-lo. Dez gramas é o suficiente para dar um passeio pelo paraíso. Além disso, com uma magra grama, você pode visitar o seu passado. Duas gramas, e conhecerá o passado da humanidade.

– E com cem gramas? -, perguntou um espaciano da primeira fila.

–Não há perigo. A partir de quinze gramas até duzentos e cinqüenta, a droga só dará sono a quem lhe fez uso.

Estales, ao perceber o prorrogar discursivo de Cascalho em questões que se distanciavam de sua pauta, retornou ao primeiro plano. O Diretor pediu à massa:

– Digam sim e não.

Encheu os pulmões.

– Empresa privada.

Responderam em coro:

– Não.

Privatismo.

– Não.

– EU.

– SIM. Estales, Estales é o fim de todos os males.

O clima entrava em ebulição novamente. Estales escreveu na outra base do triângulo, à direita: IGUALDADE. Cascalho saiu aplaudido.

– Todos nós usamos crachá e respeitamos as leis da empresa. Somos iguais em direitos e deveres. Aqui existe igualdade. Perante a lei da empresa, respondemos sobre os nossos atos. Não adianta ser Diretor. No erro somos todos idênticos. As punições do tomo não diferem um auxiliar do nosso grande Holianda. Posso dizer – bateu quatro vezes no peito –, a Espace é livre porque somos o sinônimo da palavra igualdade. Ou seja, quando iguais somos livres e o vice se faz o versa.

Perdão, Emília pôde-se ouvir mais uma vez. Tentei sair, mas fui brecado pela coluna de tanques blindados,

– Povo meu, falarei um pouco do estatismo.

Aplausos em profusão até atingir a totalidade menos eu.

– Vivemos num país diferente. O branco convive com o índio. O negro beija o mameluco. Cafusos amam nordestinos. Amarelos saúdam celtas. Armênios sambam com arianos. O Brasil é uma democracia cultural. Mas ainda não existe nesta terra fraternidade. Por quê?

E a massa, tal qual num templo messiânico, reproduzia oracularmente.

– Por quê?

– Respondo. A fraternidade só aparece quando a liberdade e a igualdade maquinam uma revolução histórica. Ainda não tivemos um estado total capaz de prover todas as necessidades do cidadão. Nenhum regime conseguiu levar a liberdade, a igualdade e a fraternidade às massas. Teremos de começar pela Espace. É uma grande obra fazer do trabalho um local de integração. Deus irá nos ajudar. Sim. Quero um mundo centrado na existência minha e do criador. Nossa e do criador. Religião, valores e talquinho fazem parte de um novo termo que pode circular entre

vocês. É ele o ESTALES WAY OFF LIFE. Obrigado. A força de Deus fará com que sejamos a maior potência do planeta.

Tive vontade de rir daquela aula esdrúxula de valores. Pieguice. Tudo em mim queria fazer daquela discursiva tema para um livro de comédia espaguete. Qual não foi minha surpresa. quando, antes de terminar:

– A música tema de hoje foi *Perdão, Emília*. Uma homenagem a minha mulher e a Monteiro Lobato. Obrigado a todos.

Eu jamais vira algo assim. Os espacianos aplaudiam com toda a força e vontade. Estales mostrava o poder que tinha sobre aquelas pessoas. Ele fez passar uma cartilha com o título Estales Way Off life. Folheei uma. A cartilha dizia o que se podia ou não fazer. Coisas básicas. Joguei fora. Um paquiderme, brucutu, segurança me parou:

– Que isso rapaz? É pra levar para casa. Ler com calma. Absorver. Pegue do chão.

Não ia discutir com um monstro de músculos. Peguei o primeiro elevador disponível. Não estava cheio; afinal Estales ainda berrava:

– Tem música e talquinho. A festa vai até o sol fazer raio no céu azul.

O ar da rua, menos sufocante e pouco impregnado de gás carbônico, fez um contraste singular de pureza. A ventilação na grande avenida purificava os meus pulmões. Do contra, me sentindo muito leve, ascendi um cigarro.

Capítulo 19

O transito engarrafado, com solavancos fortes, fazia da conversa algo fragmentado como a respiração.

– Cedo, nem se faz nove horas, a praia tá cheia.

– Nem é feriado.

– Falta de emprego.

Meu pai ficou indignado, quase engoliu a bala que chupava.

– Não falta trabalho pra quem quer ganhar o normal. Estes aí só pensam em ganhar fortunas. São vagabundos mesmo.

Olhei para a mulherada de biquinininho. Corpos perfeitos. Lindas vagabundas.

– Farsantes -, protestava meu pai, referindo–se aos praianos e praianas.

Meu pai me deixou no mesmo lugar de sempre. Antes de adentrar a floresta verde, entrei foi na padaria. Era raro ter fome de manhã, mas foi o que aconteceu naquele dia. Tomei um suco de mamão e comi um sanduíche de mussarela. Eca! Comida de padaria. Mas deu para o gasto. O que não faz a fome? Caminhões e caminhões saiam da garagem da torre Basel, bem em frente de onde estava. Deixavam no chão uma trilha de talquinho. Atravessei a rua e fui só pergunta:

– De onde chega o carregamento?

Um ser rústico e truculento, que fazia pilhas de talquinho, num dos cantos da garagem disse:

– A entrada aqui tem proibitiva.

Tirei o crachá e mostrei ser funcionário da Espace.

– Você tem identificação laranja. Não é espaciano. Mas lhe direi. Eu também sou curioso. Esse tal de talco branco vem de Itaguaí. Sou funcionário da Fundação Estales.

Um outro bronco se aproximou.

– Olha a obstrução dos trabalhos, rapaz.

E fui posto para fora da garagem. Menos mal.

Caminhei e logo cheguei à porta da Torre. As águas do chafariz chafurdavam um espaciano. O homem, um legítimo auxiliar, o que pôde ser constatado devido à roupa azul, repetia:

– Lúcido, ele é um lúcido.

Um dos motoristas de taxi disse a mim:

– Esse sujeito de vez sempre é assolado por visões. Já viu toda a gama de santos da folhinha. Conversou com Deus. Doido é a palavra que define melhor este cidadão.

Fiz uma pergunta.

– Quem vem tirá-lo dessa situação?

– Quando tá assim. ..Só camburão. ..E porrada para lá e pra cá.

– Precisa de tratamento.

– Vou te mostrar tratamento.

Tirou um trinta e oito de uma valise e com um porrete na outra mão, mandou o louco pular.

– Vê como pula, contra bala não existe loucura alguma.

O taxista sorria de boca a orelha. Suas gargalhadas não contrastavam com o estado patológico do auxiliar.

– Deixa sofrer. Ele escolheu a loucura.

O presidente da Espace, que passava por ali naquele momento, falou ao auxiliar:

– Vamos subir. Você não é Netuno.

– Sou sim.

– Este talquinho não faz tanto bem quanto apregoam. Protêncio Alieri é meu boy há vinte anos. Depois que tornei-me presidente, ele, envolto no vício, pensa que é Netuno toda vez que cheira e vê este chafariz.

O taxista sorridente:

– Vou mostrar quem é Netuno.

Tirou do boldrié uma mini metralhadora. Disparou na água. Formaram-se vagas na placidez do chafariz.

– Peixinhos! -, gritava o louco.

– Eu sou a cura. - , o taxista plagiava o cinema.

Holianda, de coração apertado, não via alteração no quadro patológico de Protêncio Alieri:

– Tenho de chamar a clínica.

O presidente chorava. O boy sexagenário tinha idade para ser seu filho. Protêncio era mais que um auxiliar, porém, estava tomado de talquinho, tornava-se inconveniente. Apontava para Holianda. A multidão que se formou, assistindo à cena:

– Meu pai, Zeus.

– Zeus não é pai de Netuno. - corrigiu o taxista.

– É o Deus dos deuses. Protêncio gostava de mitologia.

Holianda, aos prantos, subiu as escadarias da Torre Basel. Prometeu chamar a clínica. Pediu para que eu aguardasse lá embaixo até a chegada dos médicos.

Durou quarto de hora e nada mais. Os enfermeiros, munidos de camisa de força, agiram rápido. Logo a multidão se dispersou. Quando eu saía, o taxista me enfureceu:

–Você é tão bom ou tá fazendo isso para ir pro céu? Deus conhece até nossos pensamentos. Não adianta fingir bondade.

Desconversei.

Revoltado, ele fez uso de uma escopeta. Atirou na minha direção. Errou todos os tiros. Fiquei alojado entre os carros estacionados, que me serviam de murada. Um polícia montada ouviu a confusão de tiros e levou preso o taxista. Sai de entre os carros. Uma mulher se pôs na minha frente e deu-me um tapa no rosto.

– Violência só gera violência.

– É , minha senhora.

Peguei-lhe um vento de chute e dei-lhe um bico na canela. Chutei de leve. Fora só um aviso. Mas um marombeiro viu a cena. Se aproximou:

– Batendo em mulher. Aposto que trabalha em estatal. Detesto estatistas. Deixe eu ver o seu crachá.

Puxou da lapela.

– Ah! Pule de dez, trabalha na Espace.

O orangotango começou a me cobrir de socos. Eu me esquivava e conseguia me livrar de alguns golpes. Passei a atacar. Ele livrava alguma vantagem. A luta terminou com o meu nocaute. Quando acordei, na sala do refeitório, fui longamente aplaudido pelos parcos funcionários que trabalhavam no recinto. O médico da empresa chegou perto de mim e levantou o meu braço:

– Ele é um herói. Defendeu o estatismo.

Saí do refeitório. Havia um mar de corpos dormindo. Uma empilhadeira carregava os espacianos que suspiravam como no segundo sono. Para não acordar a massa adormecida, passei com delicadeza, como um bailarino. Meio gordo: bailava. Os elevadores dos fundos desciam com pilhas de funcionários (dopados) de patente mais baixa. Antes do funcionariado desacordado descer de elevador, o pessoal da segurança tentava o "acordamento" com água gelada. Funcionava em parte. Acordavam, mas as pálpebras não conseguiam ser desgrudadas. Um efeito colateral do talquinho fazia com que a remela endurecesse como cola. Não havia nada, fora o tempo, para desatar a celha.

Usando as escadas cheguei ao sétimo andar. Tudo limpo. Entrei na sala da DIORG. Não havia uma alma viva. Entrei na seção de O&M. Sentei na minha cadeira. Olhei o relógio: dez e quarenta. O tempo passava devagar.

Buraco negro.

Meio-dia, Xarluz chegou:

– Já estua aqua há muitit non?

Ele riu pateticamente, troçando mesmo.

– Nom sabia que dias depuas de festits, o expediente começua mais tarde?

– Como sim, como não.

– Espertonit, ainda cortua suas asinhas.

Depois de Xarluz foi a vez da chegada de seu séquito. Em seguida, as desenhistas deram o ar de sua graça. Restavam Maria Luísa e Tucano. A primeira chegou após o meio-dia. Dois minutos atrasada. O assessor-chefe perguntou:

– Voçua assinou que horras na folhit de ponto? Esperit não tenha posto doze horas. Chegou dois minutits atrasadits. De gron em gron le galinhá enche le papit.

– Mas. ..

– Tenha vergonhit.

– Só espero. .. Por favor, não corte o meu ponto.

A pobre Maria Luísa ajoelhou e beijou os sapatos de Xarluz. Ele sorriu.

– Engraxit. Já.

– Agora?

–Como não? Fazia isso com seu antigo patronit.

Ela deu uma escarrada, meio verde, no sapato de Xarluz. O homem quase teve um ataque histérico.

– Escarras. Sua viborit.

– Era assim que fazia.

Xarluz resolveu dar outra chance a Maria Luísa. Dessa vez não houve nenhum transtorno. Ela lustrou com delicadeza o calçado de seu amo. Tratava-se de um vulcabrás quatro cinco dois. Ficou como novo.

– Apesar dissit – Maria Luísa, prevendo, começou a chorar –, não poderei deicharua de puni-la. Terra o pontit de hoje cortado.

– Nãaaaaaaao.

Matossas chegou em Xarluz e despejou veneno na conversa. Falou no ouvido:

– Você vai fazer o que cê disse ao diretor ontem?

– Quietit, só façua cumprir as leis da boa conduta. Abre aspas: a rasura é punida com corte de ponto e perda, assim, de um dia de salário. Fecha aspas. Assua estua escrit no tomo vinte e dois, página duzentos e onze, versículo quatro.

– Puxa, tem tudo neste tomo! -, queixou-se Maria Luísa em pranto.

– Minha belit, assim a lei nos benze com tudoa que fazemos de erradit.

– E de certo? -, perguntou Matossas.

– É nossa obrigacionit.

Marlucy levantou-se. Num ato de adulação escrotal iniciou uma salva de palmas e ficou aprumada, em pé, envergada como uma viga de ferro. Até a pobre Maria Luísa aplaudia. As desenhistas, do outro lado, sem saber o porque, faziam o mesmo. Tive de ser mais um. Me sentia um hipócrita. Xarluz desfilou por toda a sala sob forte comoção. Maria Luísa arrumou seus pertences. Fechava a gaveta recém-aberta. O dia de trabalho terminava para ela. Glória de Xarluz. Ele dizia em tom pastoral, voz grave e empostada:

– Só cumpro leisit.

Maria Luísa saiu. Xarluz vitorioso insuflou a massa. Eu não sabia se ria ou chorava. O grotesco é grotesco mesmo.

O Tempo, segundo o filósofo, senhor da razão foi encobrindo o sol na parede. A tarde caía. Veio uma forte chuva. Já não esperava mais a chegada de Tucano. De súbito, parecendo recém-saído de um naufrágio, ei-lo que surge na porta da seção de O&M.

– Isso é horit de chegoar?

– Que horas são no seu re-rerererelógio?

– Quatrit e quinzua.

Tucano e Xarluz riram. Depois se abraçaram como bons e velhos amigos.

– Por qua não aproveitit e emendou quinta e sexta. Voçua trabalhit muitit. Tem de tirar umas férias. Isso aqui é ou não um serviço público?

Tucano gaguejou:

– É, nãaaaao sei bem

Esperei Xarluz se retirar, o que não foi muito tempo. No aquário vazio apenas Tucano borbulhava, ao lado de um quadro de Dragon Fonpetiene.

– Go-gogostou? -, perguntou Tucano.

Não sabia em exato o que dizer. Fui sincero.

– Não.

– Impo-popopopopossível. Hoje em dia, quem não gosta de Dragon, é cego.

– Não gosto de neo-surrealismo.

– É neo-cubismo. Neo-cucucucubismo.

– Nenhum neo me agrada.

– Não go-gosta de arte pós-moderna?

– Não. Muito chata.

– Fico tão surpreso que nem gaguejo. Você me parecia um cara pra fre-frente.

– Você me chamou aqui só para discutirmos estética? Não combinamos muito nisso. Vamos direto ao assunto.

– Claro. Tenho algo de tra-trabalho pra lhe participar. Hoje é o dia D para a aprovação da campanha Seguro Casa Segura. Tou ner-nervoso. Cê nem veio de terno?

Hipócrita. Gago safado. Nem havia me dito que o ataque a Normandia seria hoje.

– Ve-veja, apesar de ainda molhado, tou na última moda. Este terno é da Casa Dona Mercedes.

O traje era laranja.

Tucano se encheu de orgulho. Falou mais de sua roupa.

– Há uma semana, Xarluz me fez a com-compra deste presente. Ele é um homem de gosto infinito.

Poderia ser sincero e dizer: “Tucano, você tá muito escroto”. Mas ganharia o que com aquilo? Eu deixava ele viver seu sonho. Mal, só aos meus olhos fazia.

Xarluz, de volta, percebendo que a conversa o agradava, saiu de sua mesa e chegou ao aquário. Foi logo elogio para com Tucano.

– Estua roupit cheguei te deu bastantua integridade.

Contive o quase frouxo de risos. Xarluz prosseguiu:

– Estua camisit bordadua com um T grandão é linda.

Tucano ficou encabulado. Seus pômulos coraram. Mas sua narina, sempre ofeganhosa, expeliu uma meleca na camisa javanesa abacate de Xarluz. Ninguém percebeu. Com perdão do eco, só eu.

Xarluz virou-se para mim apontando.

– Esse varonit não vai?

– Ele não tro-trouxe terno.

– Issua non ser probremua. Tenho um terno no meu armário. Deve caber certinho nesse corpanzil.

Havia um grande armário na seção de O&M. Xarluz cavucou e tirou do guarda-roupa um traje rosa shoking. Ele não se continha em alegria. Eu, decepcionado, não vestiria aquilo nunca. Ele tentava ser amigo.

– Voua te emprestarit a minha preciosidade: a meia tirolesa. Só emprestit pra você.

Fiquei a olhar junto com Tucano, a movimentação que Xarluz fazia no outro lado do aquário. Marlucy passava. Usava um ferro eletrônico, à bateria. Matossas dobrava a quase perfeição. A coisa toda se afigurava como sendo de um profissionalismo atroz. Haviam eles trabalhado em alguma lavanderia?

Xarluz passou-me a roupa.

– Varonit, abafe.

Tucano se enrijeceu. Uma leva de inveja trucidava-o e revolvia-o. Ele começou a se remoer de ciúmes. Pensava que eu, com aquela peça de vestir, ficaria mais belo do que qualquer outro, incluindo ele. Comecei a me encher de coragem para experimentar o terno. Usei o banheiro para a transformação. Fiquei absolutamente estranho, sendo condescendente. Não me sentia à vontade. Nada contra a cor, mas sim contra a sua representação no universo sexual. Não tinha nenhuma dúvida quanto a minha sexualidade, mas a idéia que poderiam fazer dela me preocupava e poderia não ser adequada.

– A bainha tá baixit.

Manuseando os alfinetes, Xarluz veio lambendo o chão e se prostrando rente ao solo. Ele quase me picou na primeira espetada. A roupa, muito grande, me fazia parecer um Papai Noel gay.

– Lindo, bambinit de ourit.

Não fosse minha estatura mediana, e o gosto duvidoso daqueles espacianos, eu teria a certeza necessária para largar o emprego e me dedicar à carreira de modelo.

Seis horas. Fim do expediente. Xarluz ainda dava os últimos retoques.

– Prontua, acabei com meu trabalhit. Sou um belo modista e que nunca me falte essa tal de modéstia.

Sabia que seria de praxe um agradecimento, mas não me senti a vontade. Limitei-me então a cumprimentar o Xarluz, sem lhe dizer qualquer palavra de afago. As duas salas ficaram vazias de todo. Apenas Tucano, andando de um lado pro outro, e eu, como que triste, fazíamos da espera pelos demais funcionários, um momento aflitivo. Tucano, nervoso, faria pela primeira vez um discurso de abertura. Meu ser não se continha em si. Enquanto não fizesse vistas a um outro participante do sarau, não me sentiria acomodado aquele terno rosa shoking.

Quase sete horas. Nos encaminhamos até a sala de reunião. Fichelm parecia ainda em briga com a sua mulher. Ele cumprimentou Tucano.

– Aca, darei uma saída para que fiquem totalmente confortáveis.

Ele retirou a grande rede que cruzava seu gabinete e saiu. Tucano tremia. Colocou os slides no projetor. Meu trabalho principal seria o de manejar aquela máquina. Hão de convir, nada tão evoluído para passar tamanho ridículo.

Tudo pronto. Faltavam apenas os convidados, os que dariam a homologação à campanha. Sete e quinze. Entra no recinto o primeiro conviva. Virgulino Pena, chefe da Dispe, sempre de amarelo ouro, diminuiu meu sentimento de inferioridade. Fez reverência debochada a Tucano e comigo foi seco. Melhor assim: sem maiores intimidades. Não conhecia o chefe da Dispe, e, por certo, meu interesse em fazê-lo amigo seria diminuto.

Aos poucos foram entrando todos os que deviam a presença. Fiquei tranqüilo. Cada um que chegava vestia um traje tão grotesco ou mais do que o meu. Tucano sentou-se em uma das cabeceiras. Ao seu lado esquerdo, vinham em ordem: o homem de amarelo e eu. À direita de Tucano, trajando uma roupa quadriculada, o atendimento da Einstein rabiscava o papel e, ao seu lado, o chefe da Diesc fazia conta na calculadora, vestindo um belo terno estampado. Restava um lugar de honra vago na mesa para seis pessoas. O diretor de operacionalização ocuparia aquela cadeira. Havia mandado confeccionar em Portugal o smoking com flores da Amazônia que vestia. Tinha uma vitória régia na lapela. Sentou-se na sua cabeceira. Tucano se levantou:

– Hoje, como sabem, é o dia mundial do ecu-cumenismo. Acenderei este incenso em homenagem à co-cordialidade e ao respeito mutuo que precisamos ter para com as diferenças. Esta fumaça é um mo-momomonumento a paz.

Todos se levantaram.

– Sen-sentem-se. Obri-brigado.

Tucano me pediu para que desligasse a luz e projetasse a primeira foto. A parede foi brindada com uma estampa invertida. Tucano havia colocado os slides de cabeça para baixo. Ele tirou de esquiva o seu pomposo da reta:

– Vocês me de-desculpem. Esse auxiliar é no-nononononovo. Trabalha há pouco comigo, mas aos poucos se acostuma.

Fiquei quieto. Deixei à irrelevância aquela ofensa. Se mais nervoso, Tucano teria um colapso. Não queria matar ninguém. Retirei os slides e coloquei-os de forma correta. Tinha muita experiência no manuseio de projetores. Durante quase minha infância inteira assisti a projeções na parede de casa. Agora, porém, tinha de trabalhar fazendo aquilo para os marmanjões da Espace. (Vingança do meu pai).Bem que me dizia: “Um dia, tudo isso que você não faz para mim, terá que fazer para gente bem pior”. Não que meu pai fosse um augure, tinha mesmo é uma língua ferina.

Projetei com exatidão o primeiro slide.

– Esse é o fo-fofolheto ca-Casa Segura.

Tchan.Tchan.Tchan.Tchan.

Ficamos a olhá-lo por longo minuto. Depois, Tucano pediu para ascender a luz. Assim o fiz. Ele falou com rispidez, mesmo gaguejando.

– O se-seguro mora nessa casa – e apontou para a dobradura de papel sobre sua parte da mesa.

Procurei a maquete. Havia brincado muito, quando criança, com aquele tipo de material. Para cada andar do prédio havia uma ocorrência prevista no seguro. Gostei do trabalho da Einstein.

– A partir dessa mo-modalidade de se-seguro, estaremos implantando uma nova rede de comercialização na empresa. É um pro-projeto grande para gente-te gigante. A ajuda do BMB se faz necessária. Pretendemos vender o produto em suas agências

O Homem de Amarelo, querendo mostrar erudição no segurês, quis corrigir o roto. Esfarrapado falou:

– Onde disses vender queres falar angariação.

Tucano ficou aturdido:

– Si-sim, na-nananão.

O Diretor de Operacionalização foi acudir Tucano.

– Virgulino, não convém atrapalhar a bela exposição do rapaz com termos e nomenclaturas técnicas. Ele é um artista.

Falando a Tucano:

– Continue filho.

– Já aca-ca-cabei.

Tucano parou, desistiu por ali.

O diretor de Operacionalização não gostou. Iniciou um discurso cifrado.

– A apólice é um compreensivo excludente de terceira geração. O capital máximo de seguração é atado à compreensão aritmética do logaritmo de quatro. Sendo importante para os cálculos subjacentes uma planilha de custos em dízima periódica.

Tucano interrompeu:

– Descu-culpe, não tou entendendo. O senhor poderia ser mais um pouco bem espe-pepepecífico.

– É só deixar-me a conclusão. A soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa.

Tucano arregalou os olhos.

– Isso é ma-matemática.

– O quê? -, perguntou o rústico Homem de Amarelo.

– A ao quadrado é igual a B ao quadrado mais C ao quadrado.

Ninguém se entendia, ao ponto do atendimento da Einstein pedir nova interferência do Diretor de Operacionalização. Florido ajeitou a vitória-régia na lapela e começou a discursiva:

– Provei por simples dialética. Vocês não entendem nada de seguro. Não exigia muita cousa até a alocução de Virgulino interromper a explanação de Tucano.

Tucano se levantou, depois todos o aplaudiram. Fiquei quieto no meu canto. Olhei para a cara de Florido. Quanta admiração, quanto tempo perdido.

Depois projetei todos os tipos de slides. Nessa altura da reunião, só se podia ouvir Florido. Ora contestava, ora gostava do material publicitário. Havia defeitos, mas em grande parte iam sendo aprovados.

Ao fim da projeção, as perguntas dirigidas a Tucano foram respondidas pelo diretor Florido:

– Não vai haver menas gente do BMB fazendo seguro cativo?

Florido respondia.

– Menos, não menas. Existe ínfima lógica em sua colocação. Deixamos de ser uma empresa só do BMB. A perda que tanto lhe preocupa só ocorreria se fossemos privatizados. Com o desconto e todo o sistema de cativos, que permanecerão intactos, o risco que nós corremos é inexpressivo, nenhum.

– O senhor é pri-privatista.

– Credo e cruz. Esta palavra me causa ojeriza. Teu pai me conhece bem. Dei aulas de xadrez para ele. Foi meu gafanhoto, tempo bom aquele. Ele ia desafiar o Mequinho quando quebrou o pulso. Triste.

A conversa passava do formalismo para questões de irrelevância.

– A sua roupa é bela. -, dizia Florido.

– Comprei na "De Cabo a Rabo". -, respondia o Estampado.

Em silêncio apenas eu e o quadriculado da agência Einstein. Ele, como Ofélia, não abria boca para não dizer besteira.

A reunião foi interrompida. Florido necessitava ir ao mictório. O homem saiu. Todos suspiraram de alívio. Fiquei sentado. O Homem de Amarelo veio em minha direção. Ele disse lancinantemente em tom libidinoso em meus ouvidos, que quase criaram presas de ataque:

– Eu te pego, gatinho.

Ouvi. Me posicionei profissionalmente. Queria desferir-lhe um cruzado. Resolvi olvidar o flerte e me relevar a um plano superior. Não queria entreveros com o chefe de divisão. Tudo dentro do terreno das palavras, não iria importunar-me.

Florido, de tanque vazio, sentou na cabeceira dos fundos. Alisou a ponta do resto de cabelo que ainda havia na careca:

– E o fluxograma primal?

– Pensei que o senhor se esquecera.

Florido fez um meneio com a cabeça.

– Não esqueço nada. Nada.

O problema ali desenhado era que ninguém parecia saber o que poderia ser um fluxograma primal. Florido percebendo sua falta de comunicação, se fez um pouquinho mais inteligível. Tentou ao menos.

– O cronograma inicial, aonde caminha este opúsculo?

– Opu-pupupu'pusculo.

– Esqueça. Quero as datas de implantação do sistema de comunicação do Seguro Casa Segura.

– Pri-primeiro de março.

– Ah, é o dia do meu aniversário. É uma data enorme. És um legítimo Tucano. Parabéns por ser assim.

Tucano enrubesceu.

– Agra-gradecido.

Com o agradecimento, o colóquio entre os dois amigos terminou com a reunião. Tucano tranqüilizou-se. Tremia no apertar das mãos. O Homem de Amarelo, ao meu cumprimento, piscou os olhos. Havia posto cílios postiços. Friccionou sua palma à minha. Objetei.

Um garçom surgiu trazendo na bandeja seis caminhos de talquinho e uma champanhe Calcária. O abandejado arrancou a dedadas a rolha frouxa. A garrafa expeliu borbulhas do âmago. A turma foi só sorridência. Regozijaram-se. A bebida fez inflarem alguns egos.

Não bebi aquela champanhe de quinta.

Acabada a bebida, o talquinho teve sua vez entre o funcionariado. Todos, munidos de canudos, espalharam os mesmos nos caminhos de talco. A minha dose ficou intocada. Segundo o ritual deles, uma ração de talco inamovível significa, ao abstinente, estar oferecendo sua monta aos deuses. Não queria tornar as divindades viciadas, mas, muito menor era o meu desejo de experimentar aquela bodega.

Reunidos num círculo, cada um contava a outro sua experiência com talquinho nas veias. Só que não se escutavam. Diziam ao léu. Falavam ao mesmo tempo. Florido passeava sobre uma hipótese improvável:

– O Namor, com suas braçadas fortes e seus pés de barbatana, é uma velocidade embaixo d'água. Vejam amigos! Que homem de vulto! Posso nadar ao seu lado, Netuno. Quero dar um passeio na sua carruagem de golfinhos.

Tucano parecia mais pé no chão.

– Sou o primeiro a pisar no reino de Cágado. Re-rei sere-rerei.

O Homem de Amarelo se afetava

– Não ponha a mão aí. Senhor Comendador, minha mãe proíbe-me de flertar contigo. Sou ainda neném.

Dando uma seqüência de rodopios, o atendimento da Einstein fazia gestos de plena luta. Perigoso e desarmado:

– Fora, índios, saiam.

Único ligado numa ficção científica, o estampado controlava, com ajuda eminente, uma nave estelar:

– O espaço é a fronteira final. Temos de cruzar a barreira quântica. A constelação Sigma se aproxima. Spock Filho, assuma o controle da nave.

Eu e o garçom ficamos a ouvir os relatos ímpios, de façanhas e coragens, de cada um dos heróis da sala, que por falta total de conhecimento histórico, achavam ter feito uma viagem no tempo.

Aos poucos, voltaram a si. O devaneio fora rápido. Florido com sede, ávido, pediu um copo d'água ao garçom.

– Senhor, não tenho água. De líquido, só champanhe,

– Pois bem, não se faça usura do Diretor Estales. Traga-nos a melhor Calcária.

Em menos de um minuto, já estavam todos com suas taças em punho e se coadunavam em brinde. Peguei uma Calcária e fiz observância de sua procedência. Perscrutei e atentei para o fabricante: Vinícola Estales. Aquele polvo tinha mais de mil tentáculos. Parecia maior que a realidade.

Florido, erudito, pedia:

– Quero Chopin.

Só que nosso erudito aportuguesava a fala. Falava como se lia, o que provocou uma confusão. O garçom, sem saber o que fazer, tendo de cumprir ordens e determinações superiores, ficou aturdido:

– A esta hora só tem chopinho no Ypsilons.

– Não é bebida. Quero música clássica.

– O gravador está ao seu lado, Senhor.

Florido começou a chorar.

– Então, Bach.

– O senhor deve estar afetado. Primeiro me pede um chopinho e agora quer o bar inteiro. Então senhor?

– Gente burra. O que mais me incomoda no mundo é a profusão com que pululam. O mundo já não agüenta mais. A ignorância me ofende.

O garçom caiu em prantos. Virou poeta.

– Só tento fazer afagos. Não tenho culpa se não tenho dados .Este é meu ganha pão. Sou como a luz que atravessa o vão. Faço verso fiado.

Florido, leitor assíduo da coluna de Wilsom Coutinho, no caderno literário, não conseguiu ficar sem emitir sua opinião:

– Você é um poetastro.

– Obrigado, sou poeta e astro.

Subitamente, perto do colóquio, Tucano teve um desmaio. Ninguém sabia, mas o garçom fora enfermeiro. Ele providenciou glicose na veia de Tucano. O narigudo acordou:

– Quem és tu Bu-brutus?

Brutus se encheu de orgulho. Havia salvo uma vida, mas seu trabalho estava apenas no início.

Florido foi outro a cair. Despencou da cadeira .Foi ao solo. Assim tiveram o mesmo destino Quadriculado, Estampado, Amarelo. Todos fizeram do chão uma aconchegante cama. Estavam sob o efeito de sedação do talquinho. Brutus, mais calejado, viu uma solução para o problema. Teríamos de levá-lo para a sala de musculação da empresa. O trabalho seria carregá-los até o sétimo andar – onde era a sala da Dimus, Divisão de Musculação.

O peso dos corpos, sob o efeito do talquinho, quase dobrou. Assim Florido, que deveria ter seus setenta quilos, ostentava cento e quarenta.

Brutus desceu até a sala do médico para buscar uma ajuda. O máximo que conseguiu foi uma maca. O doutor já tinha saído há muito. Tucano, recuperando-se, não ajudava em nada. Foram feitos quatro carretos. O Homem de Amarelo foi acondicionado no supino. Florido deslizou no leg press. Quadriculado deitou na máquina de bunda dura. Estampado roncava na prancha abdominal.

Na DIORG, Tucano mostrava-se mais esperto e com uma impregnação diminuta. Ele precisava de ajuda para andar. Tinha seus cento e dez quilos. Tive de fazer força para ajudar a ave que mais se assemelhava a um paquiderme.

Descemos de escada. Amigos leitores, que sufoco! Ao sairmos e já no saguão demos de cara com um vernissage. Eu, de rosa, abraçado no paquiderme de laranja. Quis passar rápido por entre os convidados da festa. Todos vestiam roupa de gala. As mulheres com longos e cabelos bolo de noiva eram bastante sorrisos. Tucano entrou em crise de identidade:

– Eu sou pintor porra. Eu me-merecia estar nesta exposição.

Alguns dos repórteres, foquinhando ainda, vinham em nossa direção. Vários flashes fotográficos foram disparados. Tucano sentia-se um astro. Logo uma emissora de televisão passou a transmitir direto do evento. Tucano cavava a todo custo uma entrevista. Nesta altura, o talco não incomodava. Ele queria aparecer. Enquanto o repórter do canal vinte fazia a abertura, Tucano tentava, a todo o custo, através de pulos, que às vezes tiravam seu corpo um metro do solo, um lugar entre as constelações da noite. Resolvi bater em retirada. Aquilo não tem cura. Logo fui cercado por responsáveis da organização do evento. Me pediam com elegância e gentileza rara:

– Por favor meu jovem – diziam dois em coro – retire, sem muito espalhafato, aquele louco – apontaram para Tucano.

Ele já dava uma entrevista para Revista D’Artes de Lisboa. Traçava um paralelo entre o dadaísmo e a sua forma de pintura. Se dizia conhecido como gênio e repudiado pela crítica. Credo cruz, quanta mentira! Puxei-o pelos braços com a maior delicadeza possível.(Por que fazia aquilo? Não gostava daquele cidadão, mas parecia ser o meu dever. Tornava-se mais e mais inconveniente).

– Eu so-sou pi-pintor.

Tanto fez que chegou ao curador da mostra. Cântaro Bondoso não gostou muito da retórica tucaneana. Chamou o segurança mesmo.

– Faça uma renovação do ar.

E assim, da forma mais aviltante, a pontapés, fomos enxotados do vernissage. Tucano queria, a todo custo, voltar à exposição. Para ele aquela seria uma oportunidade de ouro, onde novos contatos poderiam fazer decolar a sua arte. Deixei-o gesticulando com o mundo de seguranças. A única coisa que vi em vôo foi seu corpo. Um da turma dos fortes não gostou do seu gestual, levantou, fez dois giros no ar e, como numa competição de arremesso de disco, jogou a dez metros aquela massa nariguda de mais cem quilos. Que força! Tucano caiu como saco de batata. A primeira de suas partes a acariciar o solo foi a região glútea – o que amorteceu a queda. A partir daquela data, uma nova modalidade esportiva foi criada: arremesso de Tucano. Mas nosso herói, doido em inteiro, se levantou e tentou voltar ao vernissage. Aquilo já parecia algum problema patológico. Fui-me do lugar.

As ruas negras não faziam companhia a ninguém. Nenhum vivente caminhava àquela hora da madrugada. Eu, ainda sem dinheiro suficiente para comprar um carro, tinha de usar a condução de todos. Aquilo feria minha identidade burguesa. Será que um carro velho valia tanto sofrimento e chateação? A verdade é que detestava aquele lugar, as pessoas, tudo parecia peça de um livro de humor. Mas a realidade, aquela, não era risonha e poderia tornar-se pior.

Capítulo 20

Tomava cafezinho e tragava um cigarro. Uma montanha de gente se deslocava dos pontos de condução até a Torre Basel. Os mais bem de vida passavam de carro. Dentre eles, Tucano tentava subir com um fusca cor de abóbora a ladeira do estacionamento. Parecia um elefante numa caixa de fósforo. No transito engarrafado, ele bramia, gritava,. Dois carros à frente, o causador de todo o transtorno sorria enviesado na mão contrária. Tratava-se do Homem de Amarelo. Sem saber de quem se tratava, Tucano saiu do carro com um bastão de beisebol nas mãos. Tomado por um espírito macho pra burro, caminhou até o transporte do Homem de Amarelo. Ao ver o amigo, foi só felicidade:

– Só po-podia ser vo-você, Virgulino.

– Foi a fome.

– Manobre o ca-carro e vamos tomar um ba-baita de um café da manhã.

– Como não, preclaro.

O Homem de Amarelo deu uma ré, quase tirou tinta do automóvel em sua traseira e estacionou o Brasília. Esperou Tucano que, ao entrar no automóvel do Homem de Amarelo, ficou impressionado.

– Que ca-carrão.

– Aonde vamos?

– A melhor mé-média que comi foi no pé-de-chi-chinelo. Tem um café ne-negreiro e um pão amanteigado que são duca.

– Se é duca é bom!

Não duvidaria se Tucano fosse estuprado naquele dia. Era muito mau gosto, mas o Homem de Amarelo parecia feroz. Antes de entrar no Brasília, Tucano viu um mimo no carro de Virgulino Pena.

– Que que i-i-i-issso? Falou carinhoso.

– Meu Garfield, mimoso.

– Su-sublime!

Assomos de viadagem faziam-me perguntar se seria eu o único heterossexual desta história.

Saí da padaria. Atravessei a rua. As escadarias me cansaram. Minha ofegância criou mais ar à minha volta. Respirava o calor dos corpos que se afunilavam na fila para o elevador.

Na seção de O&M, Xarluz, Matossas e Marlucy aguardavam o nada. Pobre Maria Luísa chegou depois. Xarluz aproximou-se de mim com uma grande quantidade de papel. Derramou centenas de clipes sobre a minha mesa. Observei aquilo sem fazer perguntas.

– Façua a clipagem da papelatit para mim. Sou seu chefit até quandit Tucano chegar. Rápido.

Não negava trabalho e logo me prontifiquei a cumprir a tarefa ordenada pelo assessor-chefe. Quando a sala começava a aquietar-se, Xarluz, que se incomodava com o silêncio, sabatinava-me de perguntas. Eu respondia na medida do possível e de acordo com uma lógica específica.

– Gostua desti empresa?

Fui breve.

– Horas sim.

A grande maioria do tempo não.

– E nas horit que nom?

– Elevo o meu pensamento.

– É catolicua?

– Não. Sou pagão.

– Istua é Deusit de pontua a cabeçua.

Olhou para o crucifixo depilado no peito de Matossas. Ajeitou o colar.

– Issua não poder ser umua espada. A cruz é redencionit.

Não entendia bem aquele papo. Parecia que Xarluz tentava me catequisar. Antes que fizesse outra pergunta, falei eu, mudando a conversa de rumos:

– Para quem eu trabalho?

– Qua perguntis é essua. Trabalhit para a Espace.

– Mas este papel timbrado não é da empresa.

Mostrei a logomarca no papel: “INFOBRAS”.

– Não se façit de tontua. – Xarluz sequer se afetou – Você recebe ordens de Fichelm. Ele ministrará um curso de Informática de Guerra. O nosso chefe é o grande tutor do mega projeto de informatização das estatais.

Fazendo-me de interessado, em puro ato de hipocrisia:

– Ah! O evento deve ainda ser maior do que você descreve.

– Não é sagradit. Além da Espace, outruas doze estatais e dez filhoas, tem lugarit cativua na mesua de negociação.

Engraçado, quase nunca havia serviço. Quando aparecia um, além do cociente intelectual para a execução do mesmo ser zero, não se destinava à empresa que me pagava o salário. Trabalho havia, em reunião além do horário. Mas eram coisas pequenininhas, miudinhas como espacianinhos, mas que, assim como as grandes, quando à mostra, tinha o futum da fedentina moral.

O horário de almoço se aproximava e nada de Tucano. Quis fazer uma pausa para a refeição, mas, antecipando-se, Xarluz me ordenou para ficar na sala. Todos iriam sair para o almoço. Pobre Maria Luísa não exalava tanta pena. O seu perfume, Pardon, se misturava aos corpos rústicos e odorizava os desodorizados do trio. Faria a principal função, ulterior de Maria Luísa. Tomar conta da sala e atender o telefone foram minhas incumbências. Seria um cão de guarda e um telefonista de primeira. Mas, cá entre nós, quanto talento em mim desperdiçado em função insipiente. Que ultraje à minha inteligência e capacidade.

Todos fora, continuei a clipar a papelada. Minha região escrotal já fazia inflagem. Havia ao meu lado uma pilha de trabalho já executado e, no chão, uma outra, do ainda a ser feito. O telefone emitiu um som. Parecia engasgado. Depois soou forte e fui atender:

– DIORG.

– Poderia me chamar Dulcídio?

– Ele não está. Quer deixar algum recado?

– Não, é só com o próprio.

E bateu o telefone na minha cara sem sequer fazer um agradecimento. Santa falta de educação.

A montanha de pastas parecia o Everest. Não terminava nunca. Fome. Comecei a dar por falta de comida. O telefone tocou:

– Alô, DIORG.

– O Xarluz está?

– Não. Gostaria de deixar um recado?

– Nunca.

E fiquei a ouvir o sinal caído se repetir infinitamente. Atendi mais quatro telefonemas. Ao perguntar se gostariam de fazer uso do recado, ninguém se habilitou. Todos bateram o telefone na minha boa vontade. Resolvi então, no próximo, não fazer nenhuma pergunta. Limitar-me-ia a responder. Pela sexta fez o telefone fez um barulhaço:

– DIORG.

– Chama-me Xarluz.

– Ele não está.

Silêncio.

– Porra, os funcionários dessa empresa não perguntam se a gente quer deixar algum recado? Quanta falta de educação. Porra. Vou falar com Fichelm. Porra. Assim não dá. Porra. Ninguém é mais educado hoje em dia?

Quando ia esboçar alguma reação à insultiva, o homem do outro lado da linha esbofeteou a sua educação na minha cara. Deixou-me a ouvir aquele sol em repetição minimalista. Meus ouvidos já estavam por demais agredidos. Xarluz chegou junto com outro telefonema. Deixei que ele fosse atender. O assessor-chefe falou por quinze minutos. Eu ia saindo de fininho. A fome aumentava, dobrava o meu estômago. Era o fim das minhas reservas alimentícias. Tinha de ingerir alguma caloria. Xarluz me impediu:

– Espertit, nom voa. Tens de apredouar a atenduar le telefonê. Falei a poquit com um de nossua fornecedorit e ele me disse que voçua sequer perguntou se ele queria deixar o recado. Ora, meu bom menino, voçua é estudantit de comunicação. Deveria sabuar da importancit do meio e da mensagem.

Xarluz respirou fundo. Queria entrar em crise de asma.

– Façit le leiture do tomo de numerit dez, página oitocentos e trinta e oito, versiculit vinte. Leiua e só depua amaine sua fomit.

O desejo do assessor-chefe tinha de ser satisfeito. Procurei o tal do tomo. Tinha certa curiosidade sobre o que diria a bíblia da Espace a respeito daquele caso.

– Um varonit bonito que nem voçua deve se adequar com velocidae ao que a empresua esperit de seus funcionariôs.

No fundo, Xarluz queria que eu fosse como os outros; coisa que, tão lá no fundo quanto, já tinha notado que seria muito difícil conseguir. O complexo de Sutherland rondava-me.

Dei início a leitura do tomo. O Versículo em questão dizia textualmente: “Ao atender o telefone, primeiro diga alô. Depois pronuncie o nome da divisão que acusa o recebimento: DIORG. Após a identificação fale: por gentileza deseja falar com quem? Vinda a resposta, caso a pessoa requisitada esteja na divisão, passe o telefone para ela. Em não estando a pessoa procurada, o funcionário participante da ligação deve dizer: ela não está, quer deixar o recado? Em caso positivo, anote o recado no formulário quatro mil e um barra dois dois e o escreva com clareza, faça-o chegar ao funcionário destinatário com maior presteza. ”

Depois de ler aquilo, precisava falar alguma coisa:

– Muito elucidador, mas não encontrei nenhum formulário de comunicação. Fiz uma procura ostensiva.

– Serviriit qualquar papelit.

– Não. Quero caminhar na lei.

– Chatit! Quem manda aqui sou eu. Vá para o almoçua. Já se atrasua. É horit de degustarit sua quentinha.

Comida de marmita. Não queria engordar mais nem pagar caro em restaurantes da Torre. Sentei-me numa das mesas do refeitório. Os auxiliares cabulavam o traballho assistindo à resenha esportiva. Ao meu lado uma senhora fazia o sinal do padre e levava uma farta quantidade de arroz à boca. Ao me ver, ofereceu-me. Não aceitei. Sentia nojo. Detive-me então no grão de bico e no peito de galinha. Foram sorvidos com vagar pela mulher. Ela tinha uma certa delicadeza no trato com o garfo. Deixei-a de lado. Minha comida, recém-requentada, esfriava. Não fiz reverência a Deus algum e com maestria deslizei o meu talher sobre o brócolis. Cortei-os ao longo e levei a porção de legume cinco vezes à boca. Minha dieta seguia com alguma rigidez. Decupei o filé mignon. Terminada a refeição, fiz uso de uma das coisas mais nojentas inventadas pelo homem: o bebedouro. Havia uma grande fila e alguns quase encostavam a língua no orifício destinado a expelir água. Um homem repelente escarrou no chão. Por pouco não sujou meu sapato. Desisti de tomar água.

Antes de sair do refeitório me deparei com a magnífica visão do Pão de Açúcar. Céu claro, dois bondes se encontravam naquele instante. Não sei por que motivo fiquei parado ali. Já havia feito aquele passeio algumas vezes antes. Peguei um guardanapo. Escrevi sobre o que vi e sentia:

O céu nada azul
de um cinza pertinente
inunda os versos
chovem
Não são lágrimas
Os meus deuses nunca choram
apenas eu, no canto piegas do meu rosto
eu choro
rumino a dor de não ter dor
apenas preso
entre paredes livres
Passeio dália sobre os livros da biblioteca

E um idiota me pergunta:

– O Senhor é poeta?

Quando chamam alguém de pouco mais de dezoito anos de idade de SENHOR, ou é deboche ou alguma censura se fará presente:

– É proibido escrever no refeitório. O tomo é claro.

– Como assim?

– Terá de mostrar sua poesia a mim ou lê-la em voz alta.

– Quero ouvir. –, disse um que passava e parou.

– Pois bem.

Aquilo ia contra os direitos humanos. Embrulhei o meu versinho e enguli-o. Mastiguei com calma. Os funcionários à minha volta faziam meneios em negativa com a cabeça. Nunca havia comido papel. Tinha gosto de nada, se é que o nada tem gosto. Sorri para todos.

– Pronto e acabado.

Peguei a minha quentinha e um servente veio com proibição. Tudo tornava-se mais complicado.

– É proibido voltar de quentinha suja para sala de trabalho. Pode dar barata.

Mania de limpeza com aquela gente porca ao redor me parecia demais. Ora, mundo! Tinha de dar alguma espécie de ouvidos para aquele servente baixo, gordo, feio e irrequieto.

– Terá de ser lavada. –, apontou para a minha marmita.

– Pois bem, eu lavo.

Transpus a portinhola e me acomodei bem, diante da pia. O servente, mexendo nos cabelos do nariz, disse:

– Tem um problema. Você não tem permissão para lavagem. Um de nós – apontou para as mulheres que trabalhavam – terá de fazer isso para o jovem.

E pegando a quentinha da minha mão, ofereceu-se:

– Posso?

– Não.

Que situação! Eu queria lavar e ele, ser útil.

– Tem que sair daqui lavada!

– Então, faça.

O servente amalgamou com suas mãos enormes aquela marmita humilde. Ele tinha a cútis negra. Tive nojo. Ensaboou com rudeza a metaleira, secou-a com um pano de chão. Fiquei escandalizado.

– Limpinha!

Olhei no rosto do servente. Ele jogou um vento de bafo e perdigotos pros meus lados. Estendeu uma das mãos:

– Não vai dar a gorjeta obrigatória?

Passei um lenço no meu rosto.

– Quanto sai esta brincadeirinha?

– Nós temos um teto mínimo para o valor da lavagem. Custa duas passagens de oitocentos e quinze.

Tirei alguns trocados do bolso e passei às mãos do servente.

– Se quiser, dá mais. Serei seu servo.

Declinei daquela oferta. Peguei minha marmita e numa finta de corpo fiz um arremesso preciso para dentro da lata do lixo. Fiz algum estrago com a sexta de três pontos:

– Você me sujou – falou uma mulher sentada perto do vasilhame.

– A senhora me desculpe. Sou só perdão.

Olhou para a minha lapela.

– É da FUSTEL.

– Sim. Sou um Fusteliano.

– Está gostando da Espace?

Tive de ser hipócrita.

– Sim.

– O que faz?

– Sou auxiliar de escritório. E a senhora?

– Meu cargo aqui é assistente social.

– Deve ter muitos problemas a resolver?

– Pelo contrário. Esta é uma empresa exemplar. Os funcionários andam corretamente na lei. Vai tudo muito bem.

O tempo mudou. O sol se viu cingido de nuvens. A chuva não demorou e ainda bem, o papo estava muito chato.

– Desculpe, jovenzinho. Deixei minha janela aberta.

Ela corria mais que o vento invadindo a sala refeitório. Ainda restavam cinco minutos para o fim do horário de meu almoço. Fiquei extasiado.

Voltei à sala da DIORG. Não havia alma viva na divisão. Os telefones da Divisão de Organização e Métodos davam o sinal de ocupado. A luminária de Tucano acesa indicava sua presença. Sentei-me e, caxias, prossegui no ofício de colocar clipes nas páginas.

Meia hora adiante, voltavam em conta-gotas, um a um, os funcionários. Pingou primeiro Matossas, depois Marlucy e Xarluz. A pobre Maria Luísa foi a última a fazer a reentrada na atmosfera daquele planetinha. No aquário, todas as desenhistas chegaram. Faltava Tucano.

Subitamente ouve-se um estrondo na mesa de Tucano. Xarluz viu tudo. Ele gritou, berrou, esperneou. Tudo por um foguinho de nada.

– Acode bombeiro, polícia, saúde pública, força de estribeira, e, enfim: SOCORRO!!!!!!

Matossas correu e acionou o dispositivo anti-incêndio. Logo fomos brindados com um banho:

– Qua periguit! O dispositivo automático não funcionou, falou Xarluz depois de ver o foguinho debelado.

Fiquei molhado até a alma. A água não parava de descer. Mesmo sendo aquela chuva artificial, quase cantei Singing in the Rain. Começei a rir, a gargalhar e a me divertir com a situação.

– Quem fua quua deixua a luz da iluminaria de Tucano acessa?

– Deve ter sido o próprio. -, falei.

– Não, ele nem chegou. -, replicou Matossas.

As coisas não ficavam propriamente boas para o meu lado.

– Seu bruxento, foste tu. – falou Marlucy.

Confusão armada. Não havia sequer posto a mão na luminária. Xarluz apontava para mim. Sentenciava-me.

– Não fiz nada.

– Foi o responsável pelo incêndio. Será punidit.

– Esse foguinho que até cuspe apagaria. Vocês são exagerados. Fizeram tempestade em copo d’água.

– Terua punicionit.

– Com que provas?

Apontou para cada qual dos empregados da divisão. Fez um cafuné na cabeça de Marlucy. Afagou os ombros de Maria Luísa. Apertou os braços de Matossas.

– Estamos todos contrua voçua. Seu meliantit.

Não podia fazer maiores ameaças. Aquelas pessoas poderiam praticar justiça com as próprias mãos. Como livrar-me então da acusação de incendiário?

Xarluz não me poupava.

– Maria Luísa, peguit o tomit oitenta e quatrua

A mulher pegou o livro. Xarluz abriu na página cento e trinta e dois, versículo vinte e cinco. Falou em dó natural:

– A punição para incediô criminoso é a demissão sumaria, sem diretua a fundô de garrantia, segundo reza a lei. Tá perdido, a não ser. ..

– Prossiga. ..

– Que provua sua inocência.

– Não acredita na minha palavra?

– Não.

– Pois bem, tou pronto pra ser demitido.

– Ah! Não vai lutar pelo suas direitis?

– Quais?

– Terá de conversar com o chefe. Ele é a encarnacionit de Deus. Tem a lei no âmago e a justiçua no ventrit. Ele é um iluminadit.

Ora bolas (escrotais), depois daquela frase, o silêncio tomou posse dos quatro cantos da seção. Xarluz, que não gostava de silêncio, fazia um esforço hercúleo para manter o clima de suspense. Aguardei com ansiedade o final de expediente. Minha sorte seria decidida por Fichelm. Poderia ser condenado por um crime que não cometi? E o pior, meu nome sairia no diário oficial. Tinha de defender a minha honra e probidade mas não conseguia articular uma defesa – tamanho o descalabro das acusações infundadas.

Seis horas. Xarluz me conduziu até a sala de Fichelm. Entrou e conversou por quase dois minutos. Pelo que, em espaciano, me dava a entender, Xarluz pedia meu remanejamento para a Dispe.

Xarluz saiu primeiro e Fichelm em seguida; o segundo disse que ia ao banheiro. Fiquei só, por segundos. Logo as faxineiras entraram para fazer seu trabalho. Uma das mulheres se achegou a mim com uma ratoeira nas mãos, havia um rato forte e branco – um hamster – preso pelo rabo, esperneando. Ela me perguntou de quem seria. Eu pedi para que aguardasse a chegada do chefe da Divisão.

– De onde venho se come rato até no almoço.

Não me surpreendi, aliás, nada mais me causava estupefação. A mulher prosseguiu e contou que ia comer aquele rato ensopado. Fiz pulso forte e ordenei que esperasse a chegada do Chefe. Discutíamos fora do gabinete de Fichelm, quando o próprio passou absorto, sem olhar detalhes, me chamando para entrar em sua sala. Na porta, o desespero transfigurou sua face.

– Cadê Totô?

Olhou fixo em meus olhos.

– O que fez a ele?

De repente, tinha a culpa do mundo sobre os ombros. Engatei uma discursiva

– Foi a faxineira quem prendeu Totô.

– Eu ia quase comendo o bicho. -, disse ela.

– Santa Virgem Santa de Guadalupe. São bárbaros. Aca com quem convivo?

– Solte o animal. -, ordenei à faxineira.

Fichelm abraçou seu ratinho amalgamando-o em um enlace sexual. Depois, falou em prantos:

– Aca, só tenho Totô, minha mulher quer se separar de mim.

A faxineira fez uma observação tipicamente espaciana:

– É proibida a entrada de animais no prédio da Torre.

– Ele não é um animal. Totô tem coração e alma.

Fichelm tremia nervosamente.

– Aca não me atropelo. Totô é um mamífero, roedor, da família dos Murídeos.

– Tem sangue azul e tudo. Bichano de rico parece inté lorde.

– Com licença, entre aca no meu gabinete.

Ele retirou a rede, na qual dormia nesses tempos de briga com a mulher. Fichelm tinha as pupilas dilatadas. Os pômulos lívidos. Sentou-se atrás de uma grande mesa. Tirou do bolso pequenos pedaços de queijo camembert. O ratos fez a festa. Fichelm, quase chorando, pediu a mim:

– Pelo amor do supremo criador das estruturas molecularmente vivas, não conte a ninguém sobre o meu Totô. Aca, posso ser demitido. A lei da empresa é clara. Reza o Tomo quatro, versículo dois e página quarenta. Abre aspas: é proibida a entrada de animais nas dependências da Espace Seguros. A punição, caríssimo, vai da perda da função até a demissão sumária, sem direito a férias proporcionais e décimo terceiro.

Sorri dentro e fingi fora.

– Nem vi, ouvi ou escutei nada.

Segundos de meditação e volta ao normal para perguntar.

– O que trazes aca mesmo. Essas cousas de monta se avolumaram em mim que perdi o fio da meada.

– Estou sendo acusado de incendiário.

– Pode deixar que eu resolvo com Xarluz. Aca, você é amigo.

Fui incisivo:

– Quero uma satisfação.

– Por favor, sem complicação! Esta aca tudo bem resolvidinho. Vá para casa e durma com os anjinhos.

Fichelm serviu mais uma porção de camembert ao rato. Ofereceu a mim. Saí da sala. Minha moral ilibada parecia sofrer de uma grande mácula. Em troca do meu silêncio, havia

conseguido o arrefecer da lei. Talvez, fora salvo pelo gongo. Mas não me sentia são. Sai da Torre. Aturdido, andava pelas ruas. Havia alguma lógica em minha loucura? Minha integridade havia sido posta em xeque. Tinha de entrar naquele mundo espaciano ou sair de vez. Fiz vista grossa e resolvi deixar que as corredeiras levassem água a todos os cantos. Sabia do quanto os seres que me cercavam eram vis e abjetos. Questão de costume e tempo. Será que me transformaria um deles? COMPLEXO SHUTERLAND.

****

O telefone tocou. Passava das nove da noite. Minha avó atendeu e botucou duas vezes a porta do meu quarto. Eu revia "Cidadão Kane", de Orson Wells. Fui interrompido. A ligação era para mim. Levei a minha mão ao telefone sem fio. Dedilhei o teclado e ouvi uma voz em falsete.

– Amigua, adivinhit qua estua falandit?

Xarluz ligando para a minha casa.

– Como é que conseguiu meu telefone?

– O departamentot pessoal tem tudit.

Fui abrupto.

– Diga o que quer. Seja breve, não estou em hora de trabalho e tenho muito o que fazer.

– Mentirit

– O que quer?

– Quero falarit com tu. Venha ao Arsenal.

Pensei bem e. ..

– Eu vou.

– Dez horit.

Não conhecia o Arsenal em sua intimidade. Ele ficava na Rua Antunes Broeiro, a dez minutos de casa.

****

Um cidadão de voz afetada, uma espécie de maître, fazia alguma via de seleção (triagem), na entrada. Quase foi me barrando. Falei de Xarluz. O velho homem se ajoelhou em desculpas. Me colocou numa mesa à boca de cena. O palco ficava a quase um pulo. Ele me disse que dentro de cinco minutos se iniciaria um show maravilhoso. Fiz espera. Xarluz não chegava. Passava das dez e meia, quando sobe ao palco um negão de dois metros. O negão começa a tirar a roupa. Fica de fio dental. Quase comecei a rir. Para ver a nudez do negão, de súbito o Arsenal se entupiu de gente. Achei estranho. Só havia homens no local. Todos aplaudiam. O garçom,

trajando uma roupa de motoqueiro, com um boné característico, trouxe uma garrafa com o gargalo no formato de um pênis. Disse pra mim “É pra bater no gargalho”. Fiquei horrorizado. Me levantei para sair, Xarluz chegou e me impediu.

Sentei-me. Xarluz levou a garrafa à boca. Fez regalo com os olhos. Pudico e heterossexual convicto, eu me sentia deslocado. O garçom chegou próximo a mesa e trouxe uma outra garrafa-pênis.

– O que é esse líquido branco dentro da garrafa?

– Esperimentit. Dentrua do vidrô há um mundit.

– Não, obrigado.

– Por nossua amizadid que se inicia.

E Xarluz levou minha relutância à extremos.

– Se não beberit pode ir emborua.

Levantei-me. Quis me retirar. Um segurança de baby-doll rosa impediu minha saída:

– Ninguém trata Xarluz assim.

Aquela bicha era muito macho. Xarluz interrompeu a discussão e fez um pedido ao segurança.

– Sansão, parece que foi ontenit mas voçua ainda é muitit homem

Desmunhecando o mundo, Sansão:

– É mesmo colega, não queria ofender. Ele – apontou para mim – não é um dos nossos. Está escrito em sua testa.

– Ele só varit tomarit um drikua.

Tive de beber no gargalo a bebida.

– Tudo bem, já tomei. O que vem a ser isto?

O segurança me respondeu secamente.

– É uma das bebidas mais gostosas da casa. Trata-se do SUCO DE SÊMEN DE BOI.

Fui tomado por uma força inconteste. Corri até o banheiro e dediriquei minha goela. O vomito projetou-se. Desceu boca abaixo o tudo que havia comido até aquela hora. Mas o maldito suco de sêmen de boi parecia ter sido facilmente absorvido pelo meu organismo. Perdido, sai do banheiro e tentei debandar pela porta dos fundos. Pena, havia um enorme doberman impedindo a saída. Voltei à mesa como se nada houvesse acontecido. O pessoal meio de porre começou a assediar-me sexualmente. Mandavam-me torpedos indecorosos, que um garoto de família, hetero como eu, jamais havia pensado que existissem. Pedia a Xarluz para me deixar sair:

– Troxit voçua aqua para conversamorit.

– É mesmo? –, falei com mais receio que ironia.

– Fiqua tranquilua. Eles não vão avançarit o sinal.

Súbito, recebi de um freqüentador um beijo no rosto. Aquilo passava dos meus limites. Xarluz foi enfático:

– Eles não arrancam pedacits.

Em um movimento brusco, fui puxado por um canto. Pedi ajuda a Xarluz. Fui salvo.

– O que que eles queriam?

– Só Deus sabe. Tá comigo, tá bem. Acalma-se.

Voltei à mesa. Recebi um novo beijo de passagem. Quem diria eu, que até então só havia recebido beijos de meu pai e do meu avô? Havia multiplicado por dois o número de beijantes das minhas bochechas. Eu estava à beira de pedir pinico a Xarluz.

O segundo show da noite começou. Um moreno musculoso, dos seus dois metros de altura, começou a fazer contorcionismo no palco. Acabou vestido de índio e seminu. Foi aplaudido em excesso.

No intervalo se abancaram da nossa mesa dois marinheiros gregos. Eu não entendia bem o que falavam mas Xarluz conseguia comunicação com os estrangeiros. Um de nome Andropopolos tentou alguma saliência comigo. Mantive-me probo em meu padrão de conduta hetero. O outro grego, Zolopopolos, acariciou a fronte de Xarluz e sapecou-lhe um beijo no rosto. O assessor-chefe não gostou. Seu interesse se chamava Antropopolos, o meu. Cruzes, que meu que nada!!!!!!!!

A pista repleta com homens dançando agarradinhos. Uma música lenta tocou. Xarluz chamou Antropopolos para dançar. Zolopopolos sorriu para mim. Não tinha dois dentes. O garçom trouxe mais uma garrafa-pênis. O grego bebeu em velocidade sideral. Adorava aquilo. Pediu outra dose. Veio e ele tomou velozmente. A libido de Zolopopolos parecia inchada. Seus olhos clamavam SEXO. Passou por perto do grego um lourinho com a calça jeans apertada ao extremo na região glútea. Z tascou suas digitais na bunda do lourinho. O homem havia perdido a cabeça. Mas o tal lourinho gostou da tascada de mão. Ambos saíram abraçados. Graças a todos os santos: só. Nunca fiquei tão feliz comigo mesmo. Por pouco tempo. Entrou no recinto um indivíduo barbado, forte e cheio de tatuagens – parecia um lutador de luta livre. Ele olhou fixamente para mim. Li seu pensamento: CARNE NOVA NO PEDAÇO. Uma canção francesa ecoava o refrão para os sete cantos do recinto.

je t'aime, mon homme

O êxtase coletivo não teve fim com o estertor da música, que foi repetida sete vezes. O lutador sentou-se diante de mim. Piscou o olho. Ajeitou a barba. Me levantei para partir. O segurança de baby-doll cercou-me com mais quatro sujeitos. Voltei para a mesa. O assédio do

barbudo começou a alcançar os píncaros. Ele, por de baixo da mesa, tirou o sapato e com o pé partiu para a apalpação da minha região pubiana. Dei um pulo para trás. (Se não me tornasse homossexual naquele dia, não seria nunca mais).O lutador, com força inconteste, puxou-me para um dos cantos. Com um canivete na mão foi dizendo:

– Ou dá ou desce

– Desço.

– Você é piadista.

Dei um chute no saco do afetado e parti em correria para a porta do Arsenal. O segurança, junto com outros, impediu minha passagem. Eles tiraram a minha roupa, formaram um círculo: eu prestes a ser estuprado!!!!!!! Xarluz interrompeu a cerimônia.

– Ele não querit.

– Então por que veio aqui? – perguntou o da luta livre.

– Eu convidua. Pensua que eleua iria gostar.

– Ele vai gostar e voltar -, sentenciou o afetado de baby doll.

Pôde-se ouvir, de súbito, sirenes da polícia. A correria foi tremenda. Salvo pelo gongo. Me vesti rapidamente e bati em retirada. Corri quatro quarteirões após o Arsenal. Cansado, me sentei na sarjeta. Perguntei-me :"Foi um pesadelo? ".O pior é que não tinha respostas. No outro lado da rua, Xarluz arrancava em seu TL, junto com mais um comparsa e dois marinheiros gregos. Peguei uma pedra. Corri em sua direção e espatifei o vidro traseiro do carro. Ninguém me viu. Com certeza o assessor-chefe deve ter pensado que a pedra veio de alguns prédios da adjacência – muito importunados pelo movimento. Ele saiu do carro e berrou:

– Por quir do ódio.

Abertas paulatinamente as janelas. Sai pela direita. Pude ouvir o barulho dos ovos atingindo o TL e seus ocupantes. Quanto ovo em vão.

Capítulo 21

Não tinha ninguém na DIORG. Eu havia chegado muito cedo, mas, logo depois de mim, Xarluz entrou no recinto. Ele usava óculos escuros. Parecia estar de ressaca. Cheirava a ovo podre. Afora isso, não lembrou, ou melhor, sequer tocou nos acontecimentos desagradáveis da noite anterior. Marlucy e Matossas chegaram de mãos dadas. Foram logo contando as novas. Falavam ao mesmo tempo:

– O presidente está com uma gripe do tamanho do mundo!

Continuaram dizendo que a secretária de Holianda afirmava que o velho homem necessitava de muita reza. Xarluz puxou um genuflexório, que ficava escondido, e ficou ajoelhado até o sangrar dos joelhos, dizia.

– A fé removit montanhuas.

Maria Luísa chegou e, ao ver os três rezando, se apiedou. A mulher tinha bom coração. Xarluz conduziu seus discípulos até uma foto do presidente, atrás de sua mesa. Fez com que cada um levantasse a mão direita.

–Vamos passuar fluidous.

Começaram a gritar.

– Sai demônio da doença.

Ora, um simples vírus promovido a demônio. Quanto escarcéu à toa. Aquela gentalha unida parecia muito pior do que a encomenda. Enquanto rezavam, o Dr. Holianda, procurando por seu cunhado, Fichelm, surgiu como que do além. Ao ver a figura do presidente, Xarluz caiu de boca e beijou o chão.

– Milagrit.

Holianda não entendia o que se passava. Perguntou o que faziam eles em reza no horário de trabalho.

– Reazarimua para titit.

– Eu não estou doente.

– Gripua russa.

– Ora, incompetente, há mais mistérios entre o quinto e o sétimo andar do que supõe a minha secretária. Ela deve ter dado este alarme falso a vocês.

Todos riram. Eu não soube do que. O presidente contou que a empresa ia de vento em popa: nono lugar no ranking das seguradoras. Xarluz movido por uma vontade inconteste de falar, engatou a primeira:

– Que ventos o trazem para estas bandas meu carit presidentua?

– Os ventos da procura. Quero falar com Fichelm.

– Elua adorit la media do Sujinho. Devua ter ido tomuar café. O doutorir querua deixar algum recadit?

Eu não acreditei no que o presidente da empresa iria dizer a seguir, mas foi assim sua discursiva:

– Diga a ele que minha filha quer propor-lhe reconciliação. Nada mais de dormir em rede. Por mais moderno que aquela nórdica figura seja, não posso mais admitir que durma nessa coisa de balançar.

Xarluz chamou Holianda para um canto da Divisão. Queria falar alguma coisa importante, a sós.

– O senhor não achavua melhorit ter faladit em reservadua comigo.

– Como ousas seu fedelho? – berrou Holianda .

– Desculpit. – implorou Xarluz chorando.

– Quer me fazer de bobo? Faça quinze flexões.

Xarluz iniciou os exercícios. O assessor-chefe agüentou até a décima quarta execução. Cruelmente, Holianda parou a contagem e esperou Xarluz dar a última.

– Pois bem, paga cinqüenta polichinelos.

– Generalit, eu não sou daua a este tipit de esforçua.

Impiedoso, Holianda fez Xarluz ficar extenuado. Se minha contagem não me engana, foram sessenta flexões e duzentos polichinelos, portanto, um circuito intervalado de apenas dois exercícios.

Holianda tirou uma pequena vara de um compartimento da polaina esquerda. Começou a aplicar uma surra no lombo de Xarluz. Fez sangue. O assessor chorava, gritava e implorava um: “não”. A mais horrorizada – Maria Luísa –, ajoelhando-se no tapete verde musgo, ralo, pedia piedade.

Xarluz foi ao solo. Sua voz em falsete tinha a dor envolta. Que surra bem dada! Ele sangrava. As nádegas fartas de vermelhidão tinham sulcos – ravinas por onde o sangue transbordava. Por aquele instante, acreditei em uma força superior, mas a minha recaída pros lados divinos teve duração curta. Matossas e Marlucy se faziam de “eu imploro”, enquanto Holianda permanecia surrando. Não sabia que aquele homem podia ser tão bom.

O presidente parou. Um suspiro de alívio pôde ser ouvido da boca de Xarluz. Ele sorria. Seus dentes separados haviam mordido a língua. Ele jorrava sangue até da alma. Eu não tive piedade. Holianda ficou a olhar o corpo no solo. Marlucy caminhou para diante do presidente gritando “monstro”. Holianda deu umas porradas na mulher e saiu altivo.

Matossas desmaiou. Xarluz urrava de dor. Marlucy enervou-se. Gritava:

– Liguem pro doutor.

A pobre Maria Luísa chamou o médico da empresa. Ele subiu como um foguete, do quinto para o sétimo andar. As desenhistas ficaram responsáveis pelas compressas de papel higiênico. Marlucy teve uma queda de pressão e foi ao solo como um saco de batatas. Ela foi levada para o lado mais vazio da sala onde uma desenhista abanava Matossas. O doutor fazia um trabalho delicado. De posse de um cachimbo, o médico rezava em tupi. Ele enchia a boca de fumaça e depois banhava o rosto do acometido com querosene. Xarluz, por sua vez, só fazia tossir e gemer. A pobre Maria Luísa perguntou ao catedrático de medicina.

– Dr. Esculápio Du Pon, ele vai sobreviver?

Xarluz deu um grito. Perguntou ao Esculápio:

– Doutorit, ficarit com muitist marcuas.

– Cicatrizes. Nem plásticas lhe devolverão o antigo Xarluz.

Esculápio olhou com mais detalhe para a região glútea do assessor-chefe e foi só lamúria:

– É uma pena.

Xarluz chorava como criança. Não havia mais dor física. Mas a sua alma afetada sentia a perda da beleza de seu maior atributo. Esculápio tentou untar o homem. Xarluz gemeu, gemeu, gemeu e gemeu.

– Vai doer ainda por dois dias.

– E o carnavalit?

– Fica por sua conta. Se você se sentir bem, pule dance e brinque, será até melhor para não criar mágoas.

Esculápio, além de clínico geral, parecia ter conhecimentos sólidos da psique humana. Ouvia cauteloso:

– Doutor, uma lipoescultura não resolveria o problema? - falou Matossas recobrando os sentidos.

– Reze. Rezar só pode fazer bem.

Marlucy acordou e, de mãos dadas com Matossas, foi até a mesa de Xarluz. Ele preferiu falar primeiro a um ser do próprio sexo.

– Já sabit Tosinhas.

– Destino trágico e maldito.

– Quem gosta de mua continurua minhua amigua.

Xarluz teve um leve desmaio e passou a repetir o nome de Antropopolos. Matossas enciumado queria saber quem era o cidadão. Quase que espancava o doente. Esculápio foi obrigado a intervir, falando o português que aquela gente entende:

– Não tá vendo que ele tá com enormes feridas na bunda? Deixe de ser pentelho.

Matossas enfureceu-se e partiu para cima de Esculápio. O médico, com um chute faca do pé, acertou as têmporas de Tosinhas. Ele bateu o solo.

Dançando capoeira, gingando como ninguém, mestre Tucano se aproximou da confusão. Projetou seu corpo gordo em uma das mãos e desenhou uma pirueta no ar. Parou em frente a Esculápio.

– O que houve do-doutotor?

Esculápio respondeu com rispidez:

– Não fui eu, sou apenas médico.

Xarluz voltou a si.

– Tosinhas. Cadit voçua?

Esculápio passou a mão na testa. Limpou os gomos de suor avolumado. Secou a mão na camisa hippie de Tucano. O narigudo não gostou, prenunciando uma briga. O curandeiro falou com a voz grossa:

– Tá com fome, embaralhado! Cara feia é fome, bonitão!

O certo é que o médico botou moral no recinto. Tucano gingou à sua frente. Até que ele levava jeito. Esculápio foi mais rápido, usando a técnica do porco espinho, enviou duas agulhas de acupuntura em terminações nervosas do chalrado. O grande homem, só em estatura, foi a nocaute. O médico voltou ao seu trabalho mais urgente. Com a minha ajuda, removeu Xarluz para a enfermaria. Ao sair do aposento médico, pude ver o pajé/curandeiro/cirurgião usando folhas de tropinamburicu nas nádegas do assessor-chefe. Voltei à seção de O&M.

Marlucy usava plumas de avestruz de sua fantasia para trazer ar para Matossas e Tucano. Ela olhava fixamente para o seu Deus crucificado e rezava a São Longuinho. Pedia reabilitação

Tucano foi o primeiro a voltar a si. Grudou uma meleca, disfarçadamente, na cadeira da Marlucy. Ela não viu a porcaria e saudou a São Longuinho.

O narigudo só tinha uma preocupação:

– O que se-seserá do car-carnaval.Sem Xa-xaxaxaxaxarluz, eu não saio de Pa-pa-pavão Siberiano.

Marlucy foi rápida e disse que Xarluz se recuperaria em dois dias e logo estaria pronto para o carnaval na Sapucaí. Ela falava convicta de que o assessor-chefe tinha poderes superiores, desígnios maiores, forças de reestruturação plena ou coisa que o valha: para dar a volta por cima.

Olhando para o alto, falando em voz alta, Matossas:

– Xarluz ficou tão belo na fantasia de Libélula Translúcida.

– Pena que a roupa tenha o seu forte na região afetada pelas chibatadas de Holianda – lamentou Marlucy.

Os três fizeram um círculo e puseram-se a rezar. A primeira oração foi em esperanto. A segunda em latim. A terceira e última em lusitano do Porto. Que assomo de cultura! De onde havia nascido aquela erudição toda? Nunca fui bom em esperanto, nem em latim e o português luso era algo de incompreensível – ainda mais o falado por eles. Fiquei em estado de confusão mental. Me abstraí. Olhei para a foto de Holianda. Ele sorria como sempre. Por dentro, eu me sentia feliz. Vingado. O grupo acabou a reza. Todos fizeram o sinal da cruz. Cada qual caminhou para a sua mesa e começou a fingir trabalho.

Tucano me chamou para um serviço. Pediu para que eu levasse um papel para Virgulino Pena. Um papel nu. Sem nada. Mas desejos se configuravam em ordens. Me aprumei pros caminhos da Dispe. Bastava seguir a linha reta. Depois, passado pelo corredor, ficava a Divisão do Homem de Amarelo. Hidrogênio Salgado parecia fazer uma visita a Virgulino. Uma das secretárias me indicou uma confortável poltrona. Sentei-me.

– O que queres? -, perguntou Virgulino.

– Entregar essa folha que Tucano mandou.

Hidrogênio Salgado surgiu da penumbra.

– Deixe-me ver isso.

Ele olhou todos os cantos da folha e com sua sapiência concluiu:

– Não há nada escrito aqui.

Com um isqueiro, Hidrogênio ergueu uma labareda de potência e deu cabo final à folha. O Homem de Amarelo tentava a todo custo impedir Hidrogênio.

– Meu caro, essa folha tinha os segredos maculados da Cruz de Venta Torrão de Sete Dias.

Hidrogênio mostrou-se interessado:

– O que vem a ser tal coisa?

– É uma seita de magos.

– Claro, entendi: não temos nada a esconder e nem nada a dizer.

– E ainda está na moda.

Homem de Amarelo ajoelhou-se ao chão. Pegou um badulaque mágico e passou a ungir o papel de cinzas.

Hidrogênio chamava carinhosamente Virgulino para entrar em seu próprio gabinete.

– Fizeste um mal irreparável à confraria dos magos

– Tracy, não fica bonito você chorando diante do funcionariado.

Tracy era mais um dos apelidos do Homem de Amarelo, Dick, vulgo Virgulino Pena. Ele decupou as cinzas. Chorava. Colocou os restos carbonizados da folha numa caixa de fósforo vazia e pediu a mim que não contasse o ocorrido a ninguém, que levasse as cinzas a Tucano, que saberia como lidar com a situação.

Diante de Tucano, pude ver a estupefação.

– E a fo-folha???

Entreguei a folha e Tucano tocou os restos com cautela. Ele deu um uivo mascando uma asa de borboleta:

– Quem fe-fez isso?

– Hidrogênio Salgado.

– Virgulino será deserdado-do da espa-pada sagragrada-da de PROTENCIOLATUS.

Caminhou até a mapoteca. Tirou um grande livro mais atijolado do que a lista telefônica. Colocou por sobre a sua prancheta. Havia muita poeira e teia de aranha entre as páginas. Tucano folheava, procurando que fim dar ao imbróglio.

Depois de uma procura de mais de dois quartos de hora, conseguiu uma solução. Me fez de garoto de recados para chamar a sua presença o Homem de Amarelo. Indaguei se ele poderia usar o telefone para se comunicar com o seu seguidor, mas, aquele pessoal era rude:

– Ga-gagaroto, os desígnios da magia são claros. Não pode haver nenhum intermediário, que não o ser humano, no envio e no recebimento de dados. Escolhi você, pois será ainda um seguidor.

Naquela Companhia, como na vida, a arte da hipocrisia alcançava os píncaros, de vez em quando. E o pior - tudo que Tucano falava soava absurdo. Ou seja, o pior hipócrita é aquele que não nos engana, não convence e ainda nos deixa putos da vida por ter de fazer algo por ele.

Trouxe o Homem de Amarelo à presença de Tucano:

– O que fazer, a folha sagrada foi destruída!!!!

– Que as ma-amam-ama-maldições não recaiam sobre nós.

Virgulino fez o sinal da cruz sete vezes.

– Procuraste nas escrituras de Tromontery?

– Teremos de fazer algumas orações de trans-transcendên-dência.

– Usando o caldeirão?

– Só pa-palavras.

– Ranbrush, meu guru de luz!

– Ra-rambrush!

O Homem de Amarelo mergulhou no solo e quase lambeu o vulcabrás sete quatro dois do seu guru.

Todos os olhares convergiram para Virgulino, beijando o chão.

Tucano tirou do bolso outro artefato, munido de uma vara de condão dobrável e tosca, fez uso de sua magia. Perdeu a paciência e quebrou o encanto beijador na cabeça de Dick. Voou uma senhora varetada. Desacordou seu assecla. Era a paz que Dulcídio precisava para encontrar uma solução dos seus problemas envolvendo a folha sagrada.

Procurou. Procurou. ..até que. ..

– Eureka-ka!!!!!!

Jogou um copo d'água na fronte de Dick, que acordou com um sorriso e atento ao que Tucano lhe dizia.

– Le-leve sua mão direita ao seu pé esquerdo-do.

Ao ver o mago, seu seguidor pediu que lhe revelasse em seu interior a grande força germinal de Tromontery. Tucano falou, com a voz engrossada:

– Vocês destruíram um instrumento milenar de culto. A folha sagrada vinha passando de pai para a filho, desde os primórdios. Terão de beatificar outro instrumento mágico.

Virgulino quase não acreditava: Trotmontery falava através do corpo de Tucano. Virgulino perguntou como poderiam restaurar o dano cometido:

Trotmontery pensou, coçou o queixo de Tucano. Espalmou uma mão, gritou:

– Rambrush!!!!!!!!

– Rambrush!!!!!!!!

Achei estranho, Tucano não gaguejava.

– Dai-me sua cueca. -, ordenou a Virgulino.

Trotmontery explicou que iriam fazer o feitiço do saco marcado e tratava-se do único jeito de restituir a ordem universal no plano superior.

Virgulino foi ao banheiro e voltou com a cueca envolta em papel higiênico. As desenhistas trabalhavam com um ouvido aqui e os olhos lá. Achavam, como eu, aquilo tudo muito estranho. Trotmontery vendo o objeto sujo na região anal, disse:

– Meu seguidor não costuma limpar o rabo.

E continuou, depois de corar os pômulos de Virgulino. Falou da importância da higiene. O Homem de Amarelo fez uma ressalva:

– Logo você Trotmontery, um mestre de luz. Por que me fazes uma admoestação desta?

– Todos os assuntos são meus. Posso falar de tudo e, inclusive, o que não me agrada. O fedor é algo insuportável.

– Se o senhor é espírito, como sente cheiro?

Virgulino parecia querer briga com um espírito mais evoluído do que o dele. Trotmontery partiu para cima de Dick. Ele possuóa a força universal. Tracy caiu em si, viu a besteira e pediu perdão de joelhos. Trotmontery perdoou o ocorrido e disse precisar de um fio de cabelo louro. Virgulino perguntou se poderia ser oxigenado. A resposta foi um sim – o que importava era a intenção em ser. Ele levantou o braço e mostrou a vasta cabeleira loura e oxigenada. Tirou um fio de cabelo e passou às mãos de Trotmontery:

– Tudo pronto mestre?

– Falta um caldeirão.

Fomos até a DISPE. O Homem de Amarelo comboiava-nos. Entramos no gabinete e Trtotmontery começou a busca pelo caldeirão. Encontrou uma panela de feijoada num dos cantos da sala.

– Serve. Faz um feijão gostoso!

– Meu seguidor, a esta altura do campeonato, se encontrarmos uma espada de São Jorge ficaremos no lucro.

– Falando gíria, meu superlativo!

– Os espíritos acompanham as linguagens dos dias.

Havia um arranjo de plantas, bem no corredor, que tinha a tal espada de São Jorge. Fui incumbido de cortar um espécime e trazê-lo para a confraria. Assim o fiz.

Trotmontery levantou a tal espada, dizendo:

– Além disso faço chover, nevar, brisar, ventar vendaval, furacão, tornado, tempestade, granizo.

– Você é um perigo para área de seguros, mestre.

Havia um outro problema: como fazer uma fogueira para ferver a poção mágica? Tudo foi contornado com um forno de microondas, que os funcionários da seção usavam para aquecer as marmitas.

Trotmontery em Tucano fez a mistura de cueca e do cabelo. Colocou mais dois copos de água e a espada de São Jorge. Aguardamos os quinze minutos de cozimento. O mestre se impressionou com a tecnologia moderna:

– No meu tempo, na Idade Média, eu levava dez horas para cozinhar pano e cabelo. Hoje, século vinte, em quinze minutos o feitiço se forma.

O bip do microondas comunicava a todos que a mandinga tinha ficado pronta. Trotmontery foi supervisionar:

– Magnífico, como nos bons e áureos tempos. O odor não é muito convidativo, mas nós temos que beber.

Graças aos deuses, aquele rito só era permitido para os iniciados. Tucano Trotmontery e Virgulino degustaram a solução. Virgulino parecia gostar, mas seu superlativo não levava o copo à boca com muito gosto.

– O senhor não tá gostando?

– Claro que sim

Completou dizendo ser tão boa quanto a feita em caldeirão, mas explicou também que o feitiço cozido rusticamente teria mais força.

– Então Mestre, isso não vale de nada?

– Continue assim e vou transformá-lo em uma barata.

Gregor Sampsa teve o mesmo fim. Virgulino olhou além da janela para a fileira de carros que se formava em torno da Torre Basel. O vidro tremia e o vento soprava como que imbuído de uma força superior! Enquanto seu seguidor debruçava-se na pia, Trotmontery correu ao ralo mais próximo e despejou a magia encanamento abaixo.

O mago ancestral deu um suspiro de alívio. Eu fingi que não tinha visto. Ele gritou bem alto. Virgulino virou-se. Olhou para o copo. Trotmontery disse:

– O final foi delicioso.

` O Homem de Amarelo parecia não concordar muito

– Tava meio enjoativo.

Mas tomou tudinho. O papo passou a ser filosófico.

– Por que existem estrelas no céu?

– Para nos guiar

Uma lágrima descolou da face de Tucano/ Trotmontery. Ele falou ao vento que espalhava as folhas pela sala de Dick:

– Tão finito é o homem! Quão infinita é sua sede de sabedoria, dinheiro, sexo, drogas, rock’n roll e tudo o mais que o querer necessita.

Os dois se abraçaram. Dick olhou o relógio:

– O senhor já acabou o seu serviço?

– Sim, dar-te-ei uma nova folha.

Trotmontery pegou uma folha dentre as muitas nuas que alçavam vôo e disse a Dick que a folha branca representa tudo o que levamos da vida , as nossas realizações e o nosso legado.

Dados alguns minutos, Trotmontery saiu do corpo de Tucano que, suado, apesar do ar condicionado, ia sendo esbofeteado por Dick. Ele queria a volta de Trotmontery. Tucano percebeu que levava uma saraivada de golpes na linha da cintura. Iria a nocaute a qualquer momento. Pediu arrego.

– So-sou e-eu. Trotmontery partiu!

Os dois amigos choraram juntos por alguns segundos. Depois sorriram. Tudo como dantes no quartel de Abrantes.

Capítulo 22

Carnaval. No sábado, fui ao recital de Cândido Curtido, um tenor que comovia com sua dramaticidade.

Domingo, dia do desfile da Vizinhos do Subúrbio. Aguardava com ansiedade. O grotesco me fascinava. O locutor, na televisão, anunciava a ordem das escolas que iriam desfilar naquela noite. A Vizinhos seria a segunda.

A primeira escola do desfile recebeu vaias do público presente ao Sambódromo. Não me lembrava, em dezoito anos de vida, de uma escola ter sofrido tão inflamada manifestação de desapreço. A Vizinhos do Subúrbio seria a próxima. Trabalho difícil. Se apresentar, sambar, depois de uma escola ter sido vaiada. A analista da TV dizia que o inflamado repúdio era devido ao enredo: As Sete Vidas de Obelisco Frita, que fora *impitchado*, nos anos setenta, pela junta generalesca de Calvário Frorrota. Os ares democráticos refletiam-se no povo. A maioria da população ainda se mantinha contra Obelisco. Frito queria a divisão do país em várias facções e nações. As vaias inundavam os alto-falantes da minha televisão - conseqüentemente, a Sapucaí gritava.

A Vizinhos adentrou o palco da festa. O Locutor deu um berro e chamou o repórter:

– Aqui ao meu lado está o diretor da escola de samba Vizinhos do Subúrbio. Seu nome, Estales. Cumpade, como vai ser o carnaval da escola?

Incrível. Pela primeira vez na vida, doutor Estales sendo chamado de outra coisa que não fosse doutor, e logo de que. No Brasil é assim, não é necessário ser médico. É só ter um cargo

público e você é promovido a uma categoria especial: a dos doutores, mesmo sem curso superior algum.

Estales com o jogo de cintura minado por um copo de chope foi bastante breve, sucinto mesmo:

– O carnaval será lindo.

A fantasia de Estales tinha como ponto de referência os imperadores romanos. O repórter fez nova questão:

– Doutor, o enredo trata dos quilombistas de Goitagazes, Maria Ifigênia e Luiz Ednalvo, qual a ligação entre a civilização romana e a temática da Vizinhos?

– Bom, bom.

Muito louco, alucinadão, Estales tomou o microfone da mão do repórter e fez voz:

– Nós vamos mostrar.

A técnica da emissora cortou a pitoresca cena. O locutor iniciou a transmissão:

– Vem aí a Escola do Coração de Ício Pigmeu, do mestre Mascate, de Dona Iludida e da figura de vulto e proeminência, Buxado Lautos, criador do samba repente.

A câmera começava a passear pelas primeiras fantasias. A comissão de frente fazia alusão à festa junina. Mulheres magras, algumas bonitas, vinham vestidas de balão losangular. A buxa ocupava a região do baixo ventre e o foguinho de isopor petrificado, lembrava um pênis. À medida que as mulheres sambavam, o foguinho roçava a região erógena. A TV mostrou o público. Havia alguns tarados que pularam o alambrado e queriam fazer uma esfregação ostensiva nas mulheres – isso nos EUA daria samba. A polícia entrou em cena e expulsou os excitados. O desfile prosseguia:

O carro abre-alas dava seguimento ao desfile. Um enorme jacaré abria e fechava a bocarra. As cores pululavam em profusão e desarmonia. A escola parecia trajar um roupa estampada para turista.

A primeira ala, a dos palhaços, usava de acrobacias e cambalhotas para entreter o público. Conseguiam. Um zoom na multidão mostrava o povo bem alegre, se divertindo com a Vizinhos do Subúrbio.

De súbito, a câmera fixou a imagem num gordo tirolês. Tratava-se de Fedelta. Ele não tinha lá muita intimidade com o samba. Dava passos atrás e à frente. Estava atrapalhando a passagem. Um outro tirolês, dando-lhe um encontrão, colocou-o no prumo. O locutor dava urros de alegria e empolgação:

– Que carnaval lindo!!!!!! É a Vizinhos do Subúrbio de Itaguaí!!!!!!!!!!!! Terra de gente grande.

Outra figura conhecida teve seus quinze segundos de glória. Hidrogênio Salgado, cingido de mulheres, vinha como sua fama de homem mais bonito da Espace, a caráter. Trajava então, uma roupa de califa. As sambistas do carro mal sambavam, extasiadas com tamanha beleza masculina. Blasé, o tal do Salgado não dava muita bola, ele já tinha muita mulher na sua vida. Nesses dias, o homem até chegava a duvidar de seus dotes físicos. Para ele, o carnaval tinha a mundanidade como ponto de fé. Só saia na avenida porque o doutor Holianda fazia daquilo uma obrigação. Ficava horrorizado com o que via: um branco beijando um negro ou vice e versa fazia-o sentir-se mal – tamanho o racismo que guardava dentro do peito. Pensava: “Mulheres ficam com qualquer um, basta ter pênis”.

Os gladiadores vieram na seqüência. Magros e gordos, tinham sua silhueta demarcada por apolíneas armaduras. Bem como nos filmes, todos tinham corpo um igual ao do outro. Com uma daquelas carapaças, até o rei momo virava modelo de beleza.

A analista que parecia saber tudo sobre tudo foi categórica:

– Esses homens são o povo da região. Por um dia são romanos. Como são bonitos. Estou excitada.

Um zoom em um dos gladiadores e a analista quase ofegante.

– Esse é lindo.

Tratava-se de Kid Malaquias, um senhor que sai todos os anos na Vizinhos. Ele faz o percurso da Sapucaí de joelhos.

– Aí em casa, palmas para esse homem. É um herói. Exemplo do que é o carnaval. Nós negros sofremos uma repressão forte e temos que nos soltar. ..

A analista parecia ter sido amordaçada ou melhor impedida de falar ou, ainda, talvez tivessem cortado seu microfone. O locutor tomou as rédeas discursivas.

– Continuamos. ..

A empregada doméstica que passava à minha frente comentou:

– Ô, Nhozinho. Ainda estamos na época da escravidão. Eu trabalho até no domingo de carnaval.

Minha avó surgiu com uma vareta na mão

– Quem mandou nascer preta? Já entregou-lhes os biscoitos que fiz?

Minha avó tocou a empregada como quem o faz com o gado.

De volta à TV, a analista pedia desculpas.

– Tive uma crise forte de asma.

Minha avó pôs as mãos na cabeça e deitou falação. Disse que nunca tinha visto negro com asma. Não levava muito a sério vovó, ela era muito racista, de um tempo bastante sectário.

Afinal, o Brasil do final do século XX já havia se afirmado como um cadinho de raças. Se não, assim pensava-se naquela ocasião.

A tela da TV foi tomada por homens fantasiados de capitão gancho. O Enredo SALADA TOTAL recebia a explicação da analista. Ela falava que, sociologicamente, existia uma ligação entre a Terra do Nunca e o Brasil. Deitou falação. Disse que no país ninguém queria crescer. Que os ganchos representavam os governantes. Seu microfone foi cortado. O locutor pediu desculpas pela crise de asma da colega. O microfone dela, dados alguns minutos, voltou a funcionar. Foi apresentada então o boneco de Maria Ifigênia Rosa e Passos. Tratava-se de uma peça de quase dez metros, carregada por sete anões.

Após a imagem de Maria Ifigênia, o palco do samba foi envolto numa nuvem de libélulas. Capitaneando a frota ou enxame, já recuperado, vinha Xarluz. Estava numa roupa colante branca, transparente. A região glútea, ou melhor, a bunda, estava devidamente exposta. As costureiras fizeram espécie de rasgos nas nádegas. Num grande zoom, pude ver os glúteos de silicone de Xarluz. Não havia marcas de açoite. O pankaque camuflava as cicatrizes. Xarluz sambou e deu um beijo na câmera. A imagem ficou embaçada. Por alguns segundos fiquei sem ver as cenas do espetáculo mais grandioso da Terra. De volta, o assessor-chefe ainda fazia suas palhaçadas. Havia muitas asas em sua fantasia. Ele tentava voar. Não conseguia. Xarluz persistia em fazer gracejos para a TV. Um negão dois por dois, com uma camisa de diretor de harmonia, se achegou ao esvoaçante. A analista não poupou críticas a Xarluz.

– Essa Libélula Translúcida está atrapalhando o andamento da escola.

Depois dessas palavras, Xarluz deu um tropeção numa das escadas de seu carro alegórico. Suas asas não foram suficiente para retê-lo no ar. Ele caiu e ficou inerte. Pôde-se perceber na sua queda um esforço para que seu corpo se estoporasse de lado no chão e não de bunda. Xarluz conseguiu. Depois do tombo manteve o elan. Levantou-se e reiniciou seu exibicionismo para as câmaras. A analista, repudiada, fez som:

– Isso é um absurdo. Este cidadão com maquiagem no rabo está atravancando toda uma escola.   O quesito de harmonia será muito prejudicado. É inadmissível que gente dessas desfile na Sapucaí. Só podia ser branco. Porra.

O locutor ficou aturdido.

- Calma minha analista perfeita. Não sejamos chulos e nem preconceituosos.

A analista desculpou-se.

– Perdão, é que fico passada com uma sacanagem dessas.

O samba comendo solto.

– Eu, como analista, tenho de dizer: a vida de minoria no Brasil é asquerosa.

O locutor se empombou.

- Não seja tão professora. Hoje é dia de festa.

Na TV, uma sambista chacoalhava mais do que achocolatado e leite no liqüidificador. Minha avó fazia um milk shake na cozinha. Ouvia o barulho. A discussão na televisão alcançava tatus sociológicos. Locutor tinha vez discursiva:

– Minha cara, eu também sou negro.

A analista foi rápida.

–Foi cooptado.

– Quem és tu para me julgares?

– Posso dizer quem eu não sou. Não sou um negro que demorou trinta anos para assumir de público sua condição. Você é preto, mas tem alma branca.

–Não venha com ridículos lugares comuns. Vou dizer quem eu não sou. Eu não sou mulher que ganhou a concorrência de adesivos da SAMBARTE.

– Me acusa de ladroagem?

– Sim, diante de milhões de telespectadores.

O som da transmissão foi cortado. Fiquei apenas com a imagem, sem narração e comentários.

Foram longos dois minutos.

O locutor vibrante falou como de nada houvesse ocorrido.

– Estivemos fora do ar por problemas técnicos.

A analista disse em seguida.

– A Vizinhos do Subúrbio subiu esse ano para o grupo especial. Faz um ótimo papel. Pena que uma só pessoa tenha prejudicado tanto a apresentação da escola. Gostaria de saber o nome da Libélula Translúcida.

– Vamos checar -, prometeu o locutor.

Uma grande bandeira branca tomou a tela por completo.

– Trata-se da homenagem da Vizinhos ao Rio de Janeiro. -, explicou o locutor.

– Essa grande bandeira branca representa a paz entre os seres humanos.

Enquanto a analista falava, a câmera deu um zoom e close num casal de travestis que se beijavam. O locutor falou:

– Que absurdo.

Analista não concordou.

– Eles são a minoria. Minoria pode beijar também. Por que não?

O som novamente foi cortado.

As imagens mostravam que a escola havia gasto muito dinheiro no carnaval. Uma ala suntuosa, vestida de fraque e cartola, fazia alusão ao personagem Mandrake. Matossas vinha de Mandrake. Marlucy de Narda. Jacks Trouth de Lotar. Eram pura alegria:

Analista comentou voltando ao ar:

– Pra viver neste país só com mágica.

E o locutor sem polemizar.

– E é isso que eles fazem minha analista perfeita!

– Não é mágica e sim milagre.

Estales veio a seguir. Vestido de imperador romano, tinha ao seu lado bela peitudinhas. Elas coifavam os cabelos do diretor. Ele alisava os mamiláceos em pruridos.

Fichelm, logo depois, com o corpo coberto de maquiagem, sambava com um grande cocar. O nórdico português tentava alguns passos de dança indígena – conseguia apenas tornar mais canhestro aquele espetáculo de combinação de pernas.

O locutor abriu alas:

– Tem branco no samba!!!!!!!!!!!!!!

Fichelm em close total. Rebolava, dançava, gemia. O carnaval, seu vírus, parecia tê-lo contagiado. Parecia um outro homem. Ninguém diria que ele tinha família a zelar e divisão a chefiar. A analista fez uso do microfone. Falou que aquilo era uma loucura e um gringo na avenida sempre faz confusão. Comentou ainda que tia Noquinha não tinha dinheiro para sair na escola. Culpou os neófitos. O locutor interrompeu com muito jeito:

– O carnaval sempre será a festa do povo!

Ainda alvo predileto dos câmeras, Fichelm usava o conhecimento de dança russa. Mesclava com o que havia aprendido de samba. Tinha a leveza de um elefante e a velocidade de uma tartaruga. Atravancava uma ala quase inteira, mas dessa vez mais contida, a analista não aprofundou suas críticas:

– É mais um destaque que atrapalha.

Locutor atentou para a entrada da ala das baianas. As senhoras vinham em rodopios. Sambavam em círculos, elipses. Havia uma muito fogosa. Ela bailava com precisão divina. Tinha uma feminilidade sutil. A câmara buscou-a na multidão. Tratava-se do Homem de amarelo – uma baiana barbada. Dick representava o papel com perfeição. Tinha muito vigor nas passadas. Virgulino, tal ave a alçar vôo, fazia evolução junto com as demais. O locutor, sempre querendo agradar, inclusive a analista, falou:

– Não é bonito o ecumenismo cultural e a ausência de preconceito? A Vizinhos tá de parabéns por desfilar com uma baiana barbada.

A analista não concordou.

– Não, não e não. Uma baiana barbada é um achincalhe à tradição no carnaval. A ala das baianas é o baluarte de cada escola. Já acho estranho homens desfilarem. Barbados então, a coisa piora. Fica expresso aqui meu repúdio. Esse cidadão só podia ser mais um branco no samba. Ele pensa que a Sapucaí é o orifício da mãe Joana.

– Não baixe tanto o nível, minha analista perfeita!

– Este ano, ando vendo coisas que estão além da nossa imaginação. Ou esta escola tá fazendo uma revolução ou tá esculhambando com o samba.

Um ser gigantesco, dos seus dois metros, todo pintado de preto, sambava. As câmeras perseguiam-no. Ele tinha na região glútea um chumaço de penas que vinham até a cabeça. O cidadão na fantasia vinha rodeado por anões Lumpa Lumpa. Os pequenos colocavam lenha num forno de mentira. O gelo seco fazia o papel de fumaça. A analista apresentou o destaque e falou sem emoção:

– O nome desse homem é Dulcídio Tucano Júnior. Veste a fantasia de Pavão Siberiano. Atrás dele vem o Ganguru de Bauru.

Pulando como um marsupial, o diretor Holianda alegrava a todos com aquela fantasia. Um sucesso!

Tucano rebolava despudoradamente. Fazia gestos libidinosos. Soltou a franga. Na medida que sambava ficava mais animado. Mostrava-se ainda com apetite para dançar pelo resto da noite.

Tomado por uma inspiração súbita, fui a escrivaninha e rabisquei um poema.

Depois de escrito, percebi a poesia daqueles versos. Dei fim a eles com fogo.

Minha mãe, que quando eu era menor agia com exatidão, sequer lia meus poemas. Jogava diretamente no lixo. Eu, na época, não ficava agradecido. Meu amor próprio tinha certa grandeza. Achava que seria alguém diferente. Mas, o futuro me acercava. Sempre seria muito parecido com os outros.

O trabalho, dentro da Espace, estava me tornando um indivíduo como eu jamais pensara ser. Não que chegasse ao cúmulo de agir como eles ou pensar doentiamente, mas tinha de me manter aquelas pessoas o mais distante possível da minha individualidade. Complexo Sutheland. Fui à varanda. Olhava o céu de estrelas. Quase podia encostar com a mão. Tive uma visão. Quem sabe não estaria me vindo à mente os versos da minha vida? A escrivaninha estava escancarada. Peguei a Remington de meu avó. Escrevi.

Mas, alguém da platéia lançou um algodão embebido em álcool no carro alegórico de Tucano. A analista viu o fogo passando.

– Isso é um crime. Previsto pela lei de desfile.

Por sorte da escola, o incêndio não se alastrou. Ficou restrito aos penachos das nádegas de Tucano. O fogo ardia. Tucano rolava pelo chão. A corporação destacada para o combate a incêndio demorava a chegar.

– Vejam. O fecha-escola. Uma ala de papai Noel. -, exultou o locutor.

Tratava-se do corpo de bombeiros. Deram um banho em Tucano. Ele se levantou. Encharcado, fez o V da vitória.

A analista ficou injuriada.

– Este cidadão me faz essa lambança imensa e ainda me sai com uma dessas. Palhaço.

O locutor aguardou mais algumas imagens. A última foi a do doutor Holianda. Pulava em seu canguru da Malásia. A analista apareceu em viva cor na tela. Ela unia todas as cores.

– O desfile da Vizinhos não foi dos piores. A escola esteve animada. Mas foi prejudicada e em muito pela Libélula Translúcida. O carnaval ainda não acabou. Temos muitas escolas ainda para assistir. Juntos, eu e você, no canal oito.

Uma vinheta fez a passagem para o comercial. Desliguei a TV. Fui à minha escrivaninha e escrevi um outro poema.

Com meu isqueiro, acendi o cigarro. Libei um copo de vinho aos deuses e fiz uma bola do poema. Tasquei-lhe fagulhas. O papel se abriu. Não era ainda aquilo o que queria de minha poesia.

Capítulo 23

O carnaval apenas começava. Em plena quinta feira, ao entrar na DIORG, atrasado por uma hora, fui surpreendido por um enorme contigente de funcionários agrupados junto às telas dos micros. Pouco viajado em sambanidade, perguntei a Jacks Trouth, o único que guardava posição em sua mesa, o que estava ocorrendo.

– Hoje é o dia da apuração do carnaval.

– Sim, claro. É dia de trabalho em qualquer outro lugar. Apenas, fiquei surpreso.

Jacks usou um português apropriado:

– Ora, nada aqui surpreende mais ninguém Você parece um sacristão em meio a putas. Fica impressionado com tudo. Relaxe, goze e aproveite.

Jacks Trouth deu um sorrisinho. Mostrou a falta de alguns dentes. Ficou ainda mais feio que de hábito.

– Todos se dirijam aos micros mais próximos. Terá início dentro em poucos segundos a apuração das Escolas de Samba de grupo um.

Parecia o estouro da boiada. A porta da DIORG não parava fechada. Cada vez mais e mais, os funcionários iam se avolumando junto às tvs. Pude ver Xarluz, o único fantasiado. Dessa vez não havia passado pankaque nas nádegas. Cada banda glutívara ostentava a cicatriz de quatro açoitadas. Considerando o quanto havia apanhado, até que as marcas mostravam pouco.

De súbito, algumas mulheres caíram fulminadas em desmaio. O mais belo da Espace entrava na DIORG. Hidrogênio Salgado chegou saudando a mulherada. Marlucy, ao meu lado, teve uma taquicardia. Caiu no chão. Esculápio, o curandeiro, removeu a mulher para a enfermaria. Minutos depois voltaram juntos e de mãos dadas. Marlucy amava Hidrogênio que amava Esculápio. Hidrogênio ao ver seu amor com outra, partiu em debandada. Um feixe de mulheres saiu em sua caça. Esculápio não sabia da paixão de Hidrogênio e eu só pude notá-la na presente data.

Com uma vara em punho e de bombachas apolainadas, o presidente Holianda, passava em revista sua tropa de seguranças. Líder e com apoio popular, ele recebeu a ovação da massa. O presidente usava pouco a fala, agia mais. Fez uma graçolagem. Tirou uma arma do boldrié e lançou um tiro de festim no relógio. O tempo parou às duas da tarde. Os aplausos foram efusivos.

Estales entrou em seguida. Olhou a cena. Cuspiu no chão e gritou:

– Vamos à vitória!!!!!!

Estales se acomodou numa das cadeiras dos digitadores. Holianda continuava brincando de quartel com os seguranças. Cuidava para a manutenção de uma ordem contra a qual ninguém parecia atentar. Militar, general de quatro estrelas, Holianda, já meio acaducado, coroava uma carreira de sucesso nas fileiras espacianas.

O diretor Estales pediu ao funcionariado:

– Silêncio.

Todos se voltaram para as TVs. O locutor fez a saudação e anunciou a presença da analista. Ela deitou falação. Antropologizou o carnaval. Fez daquela manifestação cultural algo mais sublime do que “O Anel de Nibelungo”, de Wagner. Espacianos começavam a aplaudir.

A câmera mostrou a apoteose: templo do samba e também o local da apuração. Salviano Nadegudo foi encarregado, pela SAMBARTE, da apresentação da apuração. Ele leria em voz

alta os resultados do julgamento. Cumprido algum dever, a TV mostrou os patronos das escolas. O único que não estava presente chamava-se Estales. Mesmo assim, ostentava a marca indelével de homem de samba. Na mão esquerda, um relógio de ouro, e na mão direita uma pulseira com o nome da filha mais moça. Sem falar nas unhas esmaltadas que faziam brilhar com intensidade as lâmpadas fluorescentes que iluminavam a DIORG.

O locutor atentou para um detalhe:

– Vai começar a leitura das notas.

Nadegudo leu um dez para todas as escolas.

A analista falou sem empolgação:

– Já era esperado. Nenhuma escola desfilou além do tempo. Desde já, dou meus parabéns a todos os negros do país.

O locutor falou baixo. Deu pra ouvir.

– Deixa de criolagem!!!!!!

Ele, mais austero e seguro, parecia disposto a lutar para que a analista não dominasse a cena.

Passaram mais dois quesitos nos quais todas as escolas receberam nota dez.

Os espacianos iam comemorando as conquistas. a escola ia muito bem até o quesito evolução. A vizinhos disputava o título com a Cajados. Ambas receberam dez em tudo. Nadegudo tinha em mãos as notas de evolução. Um calafrio correu pelo corpo de Xarluz. Estales foi positivo:

– Tá no papo.

E ancorou seu aguardente com limão no chão. Com a boca cheia de torresminho a pururuca, ele fazia um barulho desprezível. Não via a hora de me retirar do recinto.

Nadegudo iniciou a leitura das notas. Distribuiu dez, noves, oitos e a Cajados recebeu nove. Era a chance da Vizinhos passar à frente. Nadegudo olhou com calma. Parecia não acreditar no que via.

Ele usou sua estentorosa voz:

– Vizinhos do Subúrbio, nota cinco.

Choveram palavrões para Salviano. O pobre homem não tinha culpa. As notas foram dadas pela comissão julgadora. Ele apenas as lia. A Espace fez um coro de vaia. Estales coifou seu cabelo mofino. Fez um meneio com a cabeça. Sacudiu a pulseira com o nome de sua filha caçula, falou:

– Vamos fazer um aguardo. A apuração ainda não terminou.

A analista, na TV, dizia o porquê daquela nota tão baixa.

- Eu disse no dia da transmissão. O culpado por essa nota é a Libélula Translúcida. Ele sozinho foi capaz de obstruir o fluxo de toda uma escola. A fluidez ficou prejudicada. Pessoas que fazem isso deveriam ser proibidas de desfilar na Sapucaí. Concorda, eu sei, o povo comigo.

A massa espaciana parecia concordar. Xarluz aos poucos ia sendo cercado por uma infinidade de seguranças. Estales já havia previsto alguma manifestação de repúdio ao assessor-chefe. Tentava protegê-lo. Alguns estacianos tinham pedaços de pau em punho, prontos para o massacre.

O clima da apuração foi ficando cada vez mais tenso. Xarluz, num canto espremido, e os estacianos ao seu encalço. A Vizinhos não tinha mais chance de conseguir o primeiro lugar. A luta agora parecia ser se manter no grupo especial. Foram abertas as papeletas de conjunto. Salviano leu a nota e repetiu:

–Vizinhos do Subúrbio. Nota sete. Nota sete.

A analista pegou o microfone. Falou friamente:

–Essa nota baixa de Vizinhos se deve ainda à manifestação da Libélula Translúcida. Ele conseguiu levar a escola para o buraco. Cabe agora à Diretoria e ao patrono que conheço bem aplicar uma punição.

Quando Xarluz começou a ser agredido, a segurança agiu com rispidez. Foram bravos como dobermans. Mas os espacianos pareciam enfurecidos. Tinham mais força. Eram em maior número. A segurança não conseguiu conter a massa. Xarluz não merecia o linchamento. Começou na empresa como auxiliar. Galgou todos os degraus. Chegou a assessor. Havia errado, mas. ..

– Errar é humano. Viver é um perigo. Hoje os que atiram pedras. .. poderão ser os futuros apedrejados. -, pontificou em tom messiânico o Diretor.

Mas a massa inflamada cuspia labaredas. Estales ia tentando frear os ímpetos:

– Calma. Povo de Deus. Quem acode a um irmão com dor ajuda ao supremo amor.

Xarluz levou um chute nos colhões. Ele chorava e apanhava. Não podia se defender.

– Não sejam covardes. Ele é um. Vocês são cem. -, tentava Estales.

A violência ora aumentava, ora diminuía. Xarluz começou a sangrar pelas narinas. Ele estava no chão. Uniu as mãos e pôs-se a rezar. Estales percebeu um momento de beleza. Tinha de apelar para a humanidade dos seres espacianos. Falou pausadamente no circuito interno de alto-falantes:

– Vejam, ele é um homem resignado. Xarluz roga a Deus por misericórdia. Quem jamais pecou que lhe atire a primeira pedra.

Pra que? Foi o diretor falar aquilo que uma chuva de pedras atiradas pelo funcionariado começou a atingir Xarluz e os seguranças que o cingiam. Não se sabia de onde vinha tanto pedregulho. Olhei em volta. Com uma picareta, um empregado perfurava o carpete verde ralo da DIORG. Xarluz caiu desmaiado.

Começou o quebra-quebra. Matossas e Marlucy tentavam se aproximar de seu amigo. Enfrentavam as pedras. Iam levando um papel em punho. Tratava-se do testamento de Xarluz, no qual todos os bens deveriam ser repartidos entre Matossas e Marlucy. Xarluz tinha uma TV, um carro e algumas ações do BMB. Nunca pensara na morte, por isso havia deixado o testamento por assinar. Matossas e Marlucy, amizade à parte, não queriam perder algo pequeno que fosse. Não tinham esperanças de seu assessor-chefe sair vivo daquela situação. Esforçavam-se por chegar perto de seu amo. Se aproximaram. Xarluz olhou para eles. Estendeu as mãos dramaticamente. Matossas passou-lhe o papel. Xarluz leu com a atenção que podia ter. Marlucy entregou-lhe a caneta. Pedras voaram. Um coro de vozes gritava: " traidor!". Xarluz vivia seu purgatório. Os seguranças continham no que podiam a manifestação de revolta contra o assessor-chefe. Estales ordenou aos seguranças que agissem com violência. Tinham de manter a integridade física de Xarluz. Estales gritou em alto e bom som. Todos ouviram:

– Vou chamar a polícia!

Ai que piorou o negócio. A multidão começou a destruir o patrimônio da empresa. Foram arrancados micros de suas mesas e jogados no chão. Os armários derrubados no solo. As máquinas de escrever destruídas. Pelos cantos, papéis em chamas detonavam os equipamentos automáticos anti-incêndio. A água inundou o recinto. O caos estava implantado. Estales berrava nos alto-falantes:

– Vou chamar a polícia!

De tanto falar, lá estavam eles: dois cabos da polícia militar. Coitados. Quase foram currados pelo povo. A massa despiu-os. Queimou suas fardas, tomou e fez uso dos revólveres com balas de borracha. Miravam nos seguranças. Xarluz conseguiu se levantar. Os projéteis procuravam causar dor. Um segurança caiu atingido. Alguns bandalheiros penetraram no círculo que protegia Xarluz. Surraram o pobre homem. O mundo de Xarluz havia despencado. Ele cantava uma música da Maísa.

Estales não sabia o que fazer. Andava de um lado para o outro.

Mais dois cabos da polícia militar chegaram para conter a fúria. Foram postos para correr.

Esculápio foi chamado à presença de Estales. O curandeiro veio como conselheiro.

– O que podemos fazer ?

– Nem rezar. O funcionariado está revoltado. Antes que a ira se volte contra você, saia desta Divisão.

– Nunca. O capitão é o último a deixar o barco.

– Você nunca chegou a ser capitão.

Estales atentou para o detalhe. Em sua carreira na Marinha, chegara apenas a sargento. Mas, se afigurava aquele um momento para brincadeiras. Foi ríspido com Esculápio.

– Quero solução e não mais problemas.

Esculápio pensou, pensou. Falou:

– Chama o exército.

Holianda compareceu à presença de Estales. O pau comendo soltinho. O velho homem, munido de uma vara, a mesma que fez uso para espancar Xarluz, teceu comentário breve:

– Fico responsável pela logística da coisa.

Estales olhou para a carnificina. Os seguranças estavam quase deixando Xarluz ao bel prazer da sorte.

– Haja rápido, meu presidente.

– Chamarei a AMA.

– Quem ama, meu nobre? Estão matando um homem. Urge uma urgência urgentíssima.

Holianda explicou:

– AMA é a Associação dos Militares Aposentados. Eu sou o vice-líder da congregação. Chamarei o general Murdock.

– Boa. -, disse Esculápio.

Estales passou a mão sobre os cabelos. Pareciam palhas e brilhavam um negro de tintura.

– Meu nobre homem, haja rápido, a polícia não deu cabo. Salve a vida de Xarluz.

Holianda envergou a vareta. Deu algumas espanadas no ar. Fez um vento no cangote de Esculápio. Holianda foi sincero.

– Não tenho muito apreço por Xarluz. Eu mesmo já lhe arranquei o coro das nádegas. Mas não desejo tanto mal para vê-lo assim exterminado. Merece uma morte mais digna.

– Vamos Holianda. Os seguranças já não sustem mais a multidão.

O presidente foi ao banheiro. Ligou de um telefone celular. Em menos de dois minutos, um regimento inteiro de generais senis formaram uma tropa de choque. Holianda comandava com um megafone:

– Formação de T. -, gritava.

O povo passou a digladiar com a tropa. A luta acirrada ia alcançando grandes proporções. Holianda já armava o canhão de gás lacrimogêneo para qualquer eventualidade.

General Murdock se achegou próximo a Holianda.

– Meu nobre amigo, teremos de usar o canhão.

– Quanto tempo mais nossos homens agüentam?

– De certo, não tenho certeza.

Os generais tinham idade. Espacianos possuíam juventude. Mesmo assim os apolainados conseguiram fazer um cordão de isolamento. Junto com os seguranças, protegiam Xarluz.

O uso de armas de fogo ainda não havia sido cogitado.

Surgiu, como de um milagre, uma mulher vestida de madre. Estranho. Ela conversou com o Estales.

– Faço parte do Sagrado Ganha Pão de Deus. Somos uma entidade filantrópica de ajuda aos direitos humanos. Podemos dar resolução ao seu problema.

Estales ficou aturdido.

– Minha madre superiora. Me digas como.

A madre olhou com languidez. Deu um beijo na face direita de Estales. Ela falou:

– Basta uma contribuição.

Murdock ouviu a conversa.

– Não negocie tão rápido com Deus, meu nobre. Estamos quase controlando a situação.

O diretor fez uma oração com a madre. Comentou.

– Não precisa de donativos para uma reza.

– Depende. Nesse caso, sim.

–Então reze sozinha..

A madre foi saindo. Murdock impediu sua retirada.

– Não vá irmã. Deus pode ser nossa última esperança.

A mulher sentenciou.

– Deveria ser a única. Mas, aguardarei.

Murdock montava um plano de escapada. Com a ajuda de Holianda, tentava remover Xarluz da zona de conflito. Um helicóptero pousou no estacionamento de automóveis. A multidão que fazia compras, corria. O vento artificial estrepitou as janelas da DIORG. A operação de salvamento de Xarluz estava em andamento. Murdock se orgulhava de sua corporação:

– Veja como eles batem com as varetas.

Holianda fez um meneio. Concordava com a cabeça.

Mas não se podia elogiar muito. Os vândalos espacianos tinham mais força. Eram em quase o quíntuplo de número. E tinham a fúria, o ódio engendrado em âmagos. Lutavam com ferocidade. A madre fez uma tentativa de paz. Carregando uma rosa branca, partiu para a zona

do conflito. A freira foi ignorada. Voltou. A situação piorava. O AMA perdia terreno. A madre recorreu a Estales. Queria chamar o exército da salvação. Estales aguardava. Murdock tinha ainda esperanças de vencer a guerra. Holianda apareceu com um saiote e uma gaita de fole. Fazia evoluções pertinentes ao ritmo.

Murdock deu-lhe um esporro. Pegou força na voz. Falou.

– Estás senil, velho.

Holianda não gostou.

– Queres guerra, amigo.

E saíram no tapa. Rolaram no chão. Se engalfinhavam. Estales botou as mãos na cabeça. Chorou:

– Deus, onde estais que não te encontro?

A madre lhe deu a rosa branca e disse:

– Eu posso resolver todo este problema.

– O que queres em troca?

– O perdão de Deus depois.

– E primeiro?

– Cem mil dólares.

Estales converteu o dólar a cotação do dia. Fez um cheque em nome do Sagrado Ganha Pão de Deus. Perguntou:

– Os donativos vão para os pobres?

A madre ficou sem graça.

– Não.

Estales fez uma negativa com a cabeça.

– Só dou aos pobres.

A madre dedilhou o hábito. A mulher fez um sorriso.

– Quem dá aos pobres empresta a Deus, mas não tem a quantia debitada no Imposto de Renda.

– Ah! Entendi, minha santa figura.

Estales ia passando o cheque para as mãos da madre. Ela interrompeu o percurso óbvio.

– Meu bom filho. Só recebo depois do trabalho realizado.

– Não preciso ver. Eu creio na sua palavra. Tome.

A madre saiu. Levou o dinheiro. Disse ao diretor que voltaria com o exército de Deus.

Xarluz continuava cercado. Caíam um a um os velhos generais. Esculápio tinha muito trabalho.

– Tudo isso por um homem. Deixe ele ao relento. Que Deus o ajude.

A quantidade de pessoas atendidas aumentava a cada instante.

O diretor se preocupava. A madre não chegava. Parecia um calote.

Holianda mostrava as pernas cheias de varizes. O saiote ficava indecente, no rolar ao solo com Murdock. A tropa estava sem comando. A briga dos dois anciões prejudicava o desempenho da corporação. Estales não sabia mais o que fazer. Preparava-se para entrar no conflito. Esculápio o censurou:

– Vai jogar o seu futuro no lixo. Xarluz não merece.

– Mas eu o amo.

– O senhor também é ...?

– Sou um ser humano. Amo o próximo.

Ele vestiu sua couraça-fantasia de imperador romano. Armou-se de uma espada de madeira recoberta com papel laminado. Colocou sobre a cabeça um elmo de cartolina brilhante. Usando uma toalha, trocou a calça comprida pela minissaia. Pude perceber. Estales estava com a perna toda cortada, devido à depilação.

Tal qual Aquiles, o grego, Estales entrou em combate. Ele tinha a força de mil homens. Aos poucos, os desordeiros tombavam um a um ante a espada do diretor. Ele tinha o poder e a força. Os generais senis e seguranças partiram para o ataque. A batalha estava praticamente ganha. Não havia mortos. Porém, Esculápio teria muito trabalho entre os feridos. Os seguranças não acreditavam no que viam. A vitória parecia próxima. Tudo graças a Estales. Um homem de força. Invencível. Xarluz foi carregado por Esculápio, que lhe prestou os primeiros socorros. O homem só tinha alguns ferimentos leves. Xarluz tirou suas unhas postiças e partiu para a zona de ataque. Era mais um com força, fé e vontade. Ele gritava:

– Fora canalhas.

Os espacianos revoltosos já iam quase que em peso sendo expelidos da sala da DIORG. Haviam muitos feridos no chão. Estales chamou a minha ajuda. Participei na restauração da ordem na empresa.

Quando a situação ficou sobre total controle, a academia militar de Santos, vinda de São Paulo, invadiu as salas de DIORG. O major responsável quis prender sem exceção a todos. Estales fez interferência.

– Calma meu major. Desculpe-me. Qual a sua graça?

– Nome de guerra Dutra.

– Já está tudo sobre controle. Os insubordinados já voltaram a si. Foi apenas uma pequena crise do inconsciente coletivo.

Dutra olhou para o quebra-quebra. A DIORG fora desfigurada. O homem fez um meneio com a cabeça:

– Vamos torturar, prender, bater. Eles têm de confessar por que fizeram isso.

– Eu sei.

– Sabe nada. Eu vou fazer eles falarem.

Dutra, convencido de que havia alguma coisa sendo escondida, olhou bem para Estales.

– Por que está vestido assim? O carnaval já acabou.

– Ainda bem.

Dutra perscrutou as mãos de Estales. Pegou-as.

– São mãos de maconheiro.

O diretor tinha uma grande marca bege no dedo indicador direito. Dutra revistou-o. Apalpou-lhe as partes íntimas. Estales guardava uma butuca de maconha na região. Foi um escândalo. Dutra não perdeu tempo. Passou algema no homem. Estales tentou uma negociação política. Dutra irredutível:

– Vamos papear na delegacia.

Estales quase de joelhos.

– O senhor vai fazer lavrar o flagrante?

– Como não? A lei é para todos.

– Minha carreira.

– O máximo que pode pegar é uns quinze dias.

– Mas, a minha moral.

Dutra parou.

– Nem vai pensar nisso. Vai virar mocinha na cadeia.

O diretor apelou.

– Não sou traficante.

– É bicheiro.

– Tenho minha casa em Itaguaí.

– Contravenção.

Dutra levou Estales para um cantinho escuro da Divisão. O diretor falou claramente.

– Quanto quer para me soltar?

– Corrupção.

– Não entenda assim.

– Dou-lhe mil dólares.

– Eu que quero te corromper.

– Te solto e dou mais mil dólares.

– Não entendo.

– É só a Espace segurar minha casa, minha vida, meu carro, minha mulher e meus dois sítios em Botucatu.

– Ora, como não? Será um prazer.

Estales pediu para que Dutra retirasse as algemas. Havia um clima de muita cordialidade entre os dois. Pareciam saber bem sobre o que falavam. Aquela deveria ser uma prática comum de Dutra. O corruptor também tinha curso de Lanfronhagem.

Solto, Estales chamou Esculápio e providenciou a Apólice de Compreensivo Total.

Esculápio voltou. Trouxe uma garrafa de caninha São João da Barra. Dutra assinou a papelada.

O diretor abraçou o major. Tirou algumas intimidades com o homem. Ambos levemente embriagados, contaram casos de mulheres na vida de cada um. Mulher é pau pra toda obra. Se fala delas. Se come. Transforma-se, quando cultuador das fêmeas, num ponto de coesão das idéias. Logo íntimos, Estales convidou Dutra a participar das orgias nas Termas de Itaguaí. Ele era o proprietário. Dutra brincou:

– O alvará está ok? Só ando dentro da lei.

Estales concordou.

– Você é a lei.

Dessa vez foi Dutra quem abraçou o diretor. O major perguntou a Esculápio:

– Tem um limãozinho?

Esculápio providenciou. O canto onde estavam começou a ficar claro. A nuvem que eclipsava o sol dissipou-se. Alguns raios solares iluminavam o gabinete de Fichelm. Dutra olhou bem a destruição. Ficou impressionado.

– Quem paga os estragos?

– Uma outra seguradora que criamos para fazer os nossos seguros.

– As coisas são simples. Os homens tendem a complicar.

De volta com o limão, o curandeiro voltou na companhia de Hidrogênio Salgado. O homem mais belo da Espace, que amava Esculápio, foi doce para com Dutra.

– Trouxemo-lhes os limõezinhos!

Hidrogênio Salgado tinha pudor. Não agia de forma ostensiva. Talvez, por isso, Esculápio, homem casado, trabalhador e cumpridor de todos os seus deveres, não tinha atentado ainda para a paixão que Hidrogênio Salgado detinha em seu âmago. Tratava-se de um amor com as proibições de ambas as partes. Fadado ao platonismo. Mas Hidrogênio, quando perto de Escu-

lápio, agia com delicadeza, mesmo solteiro e considerando garanhão. Hidrogênio desde pequeno guardava instintos de mulher. Não que brincasse de mulher ou vestisse saiote. Não se afigurava ser tipo de necessitar de vestimenta apropriada para deixar desabrochar seu fetiche feminino. Ele guardava sua ela na cabeça. A primeira vez com que transou com um homem foi aos dezoito anos. Já crescera o suficiente para entender as coisas da vida. Seu primeiro objeto de desejo foi o pastor evangélico de nome Matias. Eles fizeram amor atrás do púlpito, numa das horas vagas entre culto e outro. Hidrogênio nunca esqueceu Matias. Mas, também nunca esqueceu a professorinha do ginásio. Ela violou-o com uma varetinha de bambu. Ele lembra da professorinha com dor. Mas, não o suficiente para detestar as mulheres. Mui contrariando os psiquiatras, Esculápio não guardou mágoas dentro de si. Ao contrário, quando mais crescido, trepou com a professora que lhe mostrou o outro lado da vida. A mulher ficou apaixonada. Até hoje, a professorinha, sexagenária deixa recados, como muitas outras mulheres, na sua secretária eletrônica. Hidrogênio ganhou fama e renome. As mulheres o amam. Ele gosta também. Mas, vez em quando sai com um garoto de programa para variar. Hidrogênio é letrado. Tem curso de Literatura pela Universidade Ruralista de Mar del Plata. Fala cinco idiomas. Possui um livro de contos eróticos. Nele, Hidrogênio não usa de suas memórias. A obra, puramente ficcional, conta da vida de esbórnia, da malandragem, de mulheres. Este último tema fez com que, no ano da mulher, Hidrogênio recebesse pela PCF, o Partido Cientificista Feminista, a comenda de homem da década.

Como diz a música: “As aparências enganam”. Todos têm Hidrogênio, como uma figura de masculinidade total. Poucos sabem do pontilhado bordado de plumas e paetês e estrasses que é a vida do Assessor da Presidência.

Esculápio desceu à enfermaria. Tinha muito a fazer. Hidrogênio acompanhou seu amor. Foram carregando um espaciano com luxações no corpo.

Estales e Dutra ergueram uma rede. Estales deitou. Jacks Trouth apareceu. Os homens fizeram uma fogueirinha de papel. Observavam estrelas na parede. Ouviam a música de Gil. Jacks Trouth utilizou seu português britânico.

– Doutores. Desejam chá, patê e Logan?

Jacks Trouth tinha todo aquele material estocado no seu armário. Ele fazia tráfico de produtos do Paraguai para o Brasil. Não é necessário dizer que tudo à venda por sua pessoa tinha uma procedência duvidosa. Vezes várias ficou preso na fronteira. Fichelm tinha um irmão na polícia federal. Em troca de algumas garrafas de uísque falsificado, quebrava o galho de Jacks Trouth. Seu irmão liberava o material apreendido.

Ainda estava com chá, patê e Logan na cabeça, Estales:

– Que diabos é esse tal de Logan?

Jacks Trouth tal como um mordomo, fez um beiço com a boca. Regalou os olhos. Tirou de seu armário a garrafa e serviu a Dutra e a Estales.

O diretor parecia gostar. Queria mais. Jacks Trouth serviu-o. Dutra, com bastante delicadeza, levou pela primeira vez o tal do Logan à boca. Tinha o curso de degustação do Wiskie Club, de Glasgow. Deu um gole suave. Cheirou a bebida e foi categórico em sua análise:

– Isso é querosene.

O diretor não concordou:

– É caninha da boa.

Jacks Trouth fez uma interferência em defesa de seu material de contrabando.

– Doutores, trouxe até vocês um legítimo. Não trabalho com falsificações ou produto adulterado.

Dutra advertiu.

– Saia, garoto. Será preso por venda de produto ilícito conforme o artigo do código de defesa do consumidor.

Jacks Thouth, jovem, inexperiente e um pouco burro, resolveu abrir uma discussão com o major.

– Meu doutor major. Tenho fontes ilibadas. Vendo para meio mundo. A Espace em peso compra os meus produtos. Senhor, não menospreze artigos de primeira.

– Saia, garoto.

Jacks Thouth continuava.

– Vendo bem. As especiarias modernas têm todas certificado de comercialização e códigos de barras.

– Saia, garoto.

Jacks Thouth, irredutível.

– Esse Logan que o senhor tomou é a bebida mais cara e sofisticada que tenho à venda.

Dutra se enervou. Tirou um apito de seu bolso. Fez um barulhaço. Gritou histericamente:

– Isso não é Logan.

Um sargento se aproximou. Dutra interrompeu Jacks Thouth que respirava fundo para falar. Dutra agiu com rispidez.

– Chega.

Jacks Thouth ficou sem graça. Humilhado, recebeu submisso as algemas no pulso. Saiu ladeado por dois cabos. Estales comentou sobre a prisão de seu funcionário:

– A lei tem formas inexoráveis. Tarda e não falha.

Dutra fez observância.

– Sua lucidez me anima.

Estales pegou o Logan. Colocou duas doses em cada copo. Eles beberam a se fartar.

Capítulo 24

Em dois dias, a DIORG estava reconstruída. Tudo como antes no quartel de Abrantes. Entrei e como sempre fui o primeiro a assinar o ponto da Fustel.

Dei uma boa olhada na sala da Seção da Organização e Métodos. A Divisão de Reconstrução de Patrimônio fizera um bom trabalho. A Dirpa teve sua primeira missão em doze anos. Segundo o diretor, justificou sua existência. Nas fileiras da Divisão, havia cento e dez empregados. Destes, apenas doze vinham trabalhar todos os dias. O Chefe da Divisão, Jordado, o empreendedor, possuía fama de grande empreiteiro. Ele tinha muitas responsabilidades, dentre as quais a empreiteira Estales, onde ocupava o cargo de vice-presidente.

Havia na mesa de Xarluz uma série de papéis e memorandos. Vasculhei-os por mera curiosidade. A maioria advinha da Diretoria e da Dirpa. Pediam a alteração dos tomos e faziam emendas a lei magna da empresa. Havia alguns absurdos. Estales, através da carta número cinqüenta e cinco, pedia a Xarluz a alteração da contratação de novos funcionários. O diretor queria a contratação através da Fustel de quatro engenheiros para trabalhar nas obras de restauração da empresa. Que eu saiba, já acabadas.

Xarluz entrou na seção. Me viu olhando um memorando. Deu um chilique. Gritava:

– O que mexua na minha mesit.

Fiquei acabrunhado. Xarluz abriu a gaveta. Havia um vibrador anal na embalagem. Ele teve dúvidas se eu havia visto.

– Saia. Será punidit.

Quis ver se Xarluz detinha algum poder ou era apenas um títere.

Falei de forma ofensiva. Parecia até que tinha algum vínculo com o comunismo.

– Alcagüete. Me denuncie por bisbilhotagem.

– Gordo, gordit. Não sabia com quem faz badulaque.

– Você é mero pom pom.

Não entendeu meu comentário. Xarluz tirou conclusão errada. Pensou que havia lhe chamado de homossexual.

– Será punidit.

Naquela altura queria mais desafiar.

– Duvido. Você não tem poder nem de remover a merda que lhe entulha o ânus.

Xarluz levou a mão a boca. Fez um meneio com a cabeça. Atingi meu objetivo. Ofendi-o profundamente. Ele disse:

–Não é porque fui apedrejada, humilhada e ultrajada, que um mero auxiliar de escritório da Fustelit vai me distratar.

Ele partiu pra cima de mim, puxando meus cabelos. Puxava a quase fazer clareira.

– Você não é tão valentit quanto Papa.

– Papa.

– Papit, Hemingway.

Xarluz me arrancou um sorriso. Tirei suas mãos fragilizadas e coloquei-as longe dos meus cabelos. O homem fazia força. Resolvi carregar nas cores. Ajoelhei-me a ele. Debochei de sua figura.

– Meu deus Xarluz. Meu deuzinho. O caminho que me guia faz sê-lo o seu. Peço-vos perdão.

Por sorte só havia eu e ele. Xarluz não entendeu. Tomou a coisa como uma manifestação de apreço a sua pessoa. Ser ou não ser. Ele pegou o vibrador. Colocou em funcionamento. Disse:

– Serás batizado pelo futurit, passadit e presentit.

Quando se preparava para a execução do serviço, fui mais rápido:

– Alto lá. Devagar com o andor.

– O santit é de barro.

Xarluz aumentava o movimento ondulatório do vibrador. Dizia para virar-me. Não receava uma punição. Xarluz não tinha aquele poder sobre minha pessoa.

– Não sou o que pensit.

Fiz-me atoleimado.

– Penso muito pouco. Sou quase oco na região cerebral.

Xarluz levantou o vibrador que quase pulava da sua mão. Veio em minha direção. Dei um pontapé na mão do assessor-chefe. O artefato sexual caiu ao solo. Cessou de funcionar. Xarluz debruçou-se sobre o utensílio. Tentou trazê-lo de volta à atividade. Não conseguiu. Abriu um berreiro.

– Você quebrou a macaca. Tem o que atrás desse coracionit duro como pedra?

- Quem sabe o que existe atrás dos corações humanos?

Não caí na teia de sentimentalismo barato armada pelo assessor-chefe. Fiz uma careta. Ele sobressaltou-se:

– Quão rude pode ser. E grotesquiit são tuas atitudes.

– Que inversão total de valores!

Desenvolvi pouco a minha afirmação. Fazer alguma observância para seres desprovidos de autocrítica requer uma habilidade quase patológica. Xarluz era muito orgulhoso. Por minha vez, vestia-me sempre com sobriedade. Falava pouco. E mantinha uma distância austera em relação a qualquer outro funcionário da empresa. Talvez fosse a minha postura e etiqueta o alvo da conflituada relação de Xarluz para comigo. Aquele homem não possuía delicadeza, apesar de ser quase uma mulher:

– Vamos acabit logo com essa panacéia. Você na tua. Eu na minha.

– Sempre foi assim.

– E enquanto queira será. Não convém perder meu tempit com alguém que nunca me dará prazer algum.

– Concordo em gênero, número e grau.

Fiz um meneio de afirmação enquanto ele falava. Minha cabeça ia para cima e para baixo.

Sentei na mesa. Xarluz falava. Abri minha agenda. Nunca havia utilizado uma até então. Resolvi dar uma utilidade prática à mesma. Tive a infeliz idéia de, nos momentos de pentelhação, em que os meus superiores hierárquicos fossem desrespeitosos, desenhar no horário constante e data da agenda, uma suástica. Não era anti-semita, pelo contrário. Às vezes parecia ganhar traços fisionômicos judaicos mais fortes do que as do povo escolhido. O símbolo do nazismo fazia parte de uma codificação. Cifrava, de maneira com que não percebessem sobre a suástica algo existente entre a minha relação e a dos demais funcionários. Logo, em menos de quinze dias a minha agenda estava recheada de cruzes gamadas.

Os símbolos floresciam nos dias que se seguiram. A perturbação para com minha pessoa aumentava. Xarluz disparava ordens imperiosas. Tucano não ficava atrás. Servia de pau para qualquer obra. Fazia de tudo, menos algo que edificasse um futuro. Estava em profundo descontentamento. Minha força de trabalho ia sendo utilizada como boy. Ora, minha capacidade em muito suplantava os defectos Xarluz e Tucano. Como furar o bloqueio? Havia uma brecha de sol entre as nuvens? Não havia.

Arrumava o meu material de trabalho. Fim de expediente. Nesse dia todos os funcionários vieram cumprimentar Xarluz. Sua tia Telêmaca fazia aniversário. A velha senhora faria cento e quatro anos. Não houve ninguém que fizesse esquecência da data. Eu não podia adivinhar. Dei apenas os cumprimentos formais. Todos ali reunidos, fui saindo de mansinho. Porém, minha agenda caiu aberta no chão e numa página repleta de cruzes maltada. Corri para pegar. Mas, todos os olhares convergiam para um só lugar. Fiquei sem saber o que fazer. Xarluz e Tucano cerraram os dentes. Caminharam até a minha direção. Marlucy chegou primeiro. Deu um tapa na minha cara.

– Aviltante.

Tucano fez o sinal da cruz.

– Vo-você-cê. Um neonazista.

Xarluz começou a gritar.

– Chamem a segurança. Socorrit.

Matossass enlouqueceu.

– Todos os homens são bons. Fazem o mal para o próprio bem.

Estava em apuros. Fichelm, chamado às pressas, tomou de minha mão a agenda. Disse:

– Gajo, estais em apuros científicos.

Não estava entendendo lhufas do que diziam. Todos pareciam ter enlouquecido. Ou fora eu o afeccionado. Não. Não. Ainda tinha minha lucidez.

A pobre Maria Luísa tentou amenizar meu ato.

– São apenas desenhos.

Fichelm foi mais ríspido.

– É um atentado contra a humanidade.

Revoltei-me. Passei a mão por sobre a cabeleira rebelde. Por alguns segundos fui eu mesmo.

– Ora, estou de saco inflado. Vocês são todos uns energúmenos. Criaturas abomináveis como vocês deveriam se sindicalizar. Fazer parte de um partido. Se unirem. Tem tudo do mais asqueroso que um ser humano possui. Escárnio da terra. Vis víboras. Defeco em sua cabeça já fedentilhonas.

Peguei a agenda. Abri numa das páginas.

– Esse símbolo abominável, cada vez que aparece, representa uma humilhação que sofro. É só isso. Não sou neonazista.

Sai da sala. Xarluz comentou rindo com Tucano.

– Ele rodou a bainit.

Pobre Maria Luísa saiu em minha perseguição. Me parou no cotovelo. Me deu um abraço.

– Obrigado.

Havia feito um bem para ela. Maria Luísa queria dizer o que eu disse. Talvez com outras palavras. O elevador estava entulhado de espacianos. Eu, cingido por indivíduos de crachá invertido, que só se enganavam entre si, e talvez nem esse prazer tivessem; abri um leve sorriso. Olhares me perscrutaram, dei uma sonora gargalhada. Uma mulher comentou não tão baixo que a minha capacidade auditiva não pudesse captar:

– Ele deve ser louco.

Fiz um movimento circular com a cabeça. Estalei os dedos. Saí. Livre por algumas horas. As pessoas, já na rua, pareciam tomar parte de uma corrida. Só que, contidas, não corriam, limitavam-se à marcha atlética. Lutavam por melhores lugares na fila de espera para a condução. Ah! Esses suburbanos são todos iguais. Dói viver entre eles. Eu ia revoltado. Atravessei toda a floresta verde. A iluminação natural do dia ainda se fazia presente. O horário de verão, mesmo já extinto, havia acostumado o sol a amanhecer um pouco mais tarde.

Meu ônibus veio vazio. Não tinha de enfrentar a fila. Ia para a Zona Sul. Espacianos, quase que em sua generalidade, eram suburbanos; quando não, se assuburbavam pela própria convivência com a maioria. Os ônibus deles tinham gente pendurada até nas portas. Na minha condução, só faltava ar condicionado.

As aulas começariam logo, e eu deixaria de trabalhar em horário integral. Ainda bem, passaria a conviver menos tempo com espacianos.

Capítulo 25

Havia um bilhete sobre a minha mesa. Há pouco chegara da Faculdade. Maria Luísa saía para seu almoço. A mulher trajava um vestidinho todo colorido, mas interessante. Ela me deu um beijo na mão e colocou um copinhete de licor na minha frente. Ofereceu-me. Não bebi. Poderia estar envenenado. Tinha cuidados neuróticos e patológicos. Peguei o tal do bilhete. Fiz leitura. Tucano me pedia para encontrar com ele.

Cheguei ao Ypisilons às duas e meia. Pouco depois da volta de Maria Luísa. Tive de preencher a requisição de saída. Xarluz me fez uma sabatina. Tudo para encontrar-me com Tucano num restaurante da Torre Basel. Nem sair do prédio sairia.

Tucano tomava uma golada do seu copo de Soma. Ele sorriu. Sentei-me na cadeira. Pedi uma dose on the rocks para mim. O garçom trouxe velozmente a bebida.

A música mecânica repetia sempre os mesmos acordes minimais. Uma chatice. A única coisa boa do lugar se chamava Soma. A bebida tinha seu charme:

– Como se sente bebendo Huxley? -, perguntei a Tucano.

– Isso é pa-palavrão, sô.

Desisti do Admirável Muito Novo. Caí na realidade. Não adiantava tecer meu comentário sociologizante ou filosófico sobre aquele recinto. Diriam alguns, Huxley foi cooptado. Se sim ou se não, com Tucano seria difícil tirar uma prosa a esse respeito.

– Pra que me chamou?

– Para falar de Hu-huxley-ey.

Ele sorriu. Uma meleca despencou dos pelos de sua narina. Caiu no soma. Ele bebia de regalar os olhos.

– Vamos ao assunto. Tenho um tra-trabalho-lho para você.

Passou-me um Manual de Seguros da Notável – uma concorrente.

– Preciso que fa-faça-ça um igual diferente.

– Quer que eu recrie?

– Se po-possível-vel.

– Quer um plágio?

Tucano tremeu ao ouvir aquela palavra. Levou a mão aos cabelos com brilhantina. Mexeu nos suspensórios. Ficou irrequieto. Sua voz mansa tentou me condoer.

– Não, amigo. Que-queremos-mos modificações.

– De que tipo?

– Escrever as mesmas coisas com outras pa-palavras-as.

– Não faço isso. Posso criar um novo. Nem quero ver esse.

– In-fantilidade-de. Todo mundo faz isso.

– Eu não.

– Pu-ritano-no.

Ele ventou um palavrão. Fiquei aturdido. Tucano prosseguiu. Tentava a qualquer custo me convencer.

– Essa é sua grande opor-oportunidade-de. O que você escrever será lido por todos os gerentes do BMB. Estará participando do primeiro agenciamento de seguro nas agências de nosso principal ba-banco-co estatal.

– Cocô à parte, por que a agência de propaganda não faz esse serviço?

– Fazem. Só que co-cobram-am caro.

Um realejo se aproximou da nossa mesa. O papagaio pulava como se tivesse ingerido duzentos gramas de cocaína. Tucano recebeu um papelote do animal. Passou a mim. Disse:

– Tome a decisão a partir do que o a-acaso-so lhe disser. Seja pro-providencial-ial com as sagradas escrituras que estão em sua mão.

Quis dar um ponto final na história. Não acreditava em realejo, duende, bruxa.

– Eu faço.

– Assim, não que-quero-ro – falou Tucano com voz afetada. - Tem de ler as sagradas escrituras do realejo.

Peguei o papel. Abri-o. Não havia nada escrito dentro. Mostrei a Tucano. Ele olhou aquilo. Fez um meneio com a cabeça.

– Isso si-significa-ca que você tem um mundo a fazer. A folha em bra-branco-co tem todo um simbolismo metafísico. De lá, onde nascem as coisas, deve construir um mun-mundo-do.

Tucano interrompeu sua alocução. O homem do realejo quis fazer uma pequena ressalva:

– Suas palavras foram belas. Mas, meu nobre rapaz, o fato do papel estar em branco significa apenas que o idiota do meu ajudante não escreveu as mensagens em todos papelotes. Ele falhou. Desculpem-me.

– Que ab-absurdo-do.

Tucano pegou o homem do realejo pela gola da gravata. Esbofeteou-o duas vezes na cara. O papagaio foi ao socorro de seu dono. O animal gritava:

– Polícia.

Uma bandeirante e um escoteiro, que faziam boas ações bem perto do Ypisilons, resolveram interferir na confusão. A bandeirante falou primeiro.

– Senhores, Deus não gosta de briga.

O escoteiro veio em sua acolhida.

– Senhores, Deus não gosta de briga.

O homem do realejo, além de idoso, tinha quase menos cinqüenta quilos do que Tucano.

Escoteiro resolveu entrar no pugilato. O garoto tinha seus doze anos. Pra lá de metro e oitenta. Pulou no cangote de Tucano. Deu-lhe uma chave de braço. A bandeirante, munida de uma corda, atou com um nó górdio os pés e as mãos de Tucano. Sentaram-no numa cadeira. Ouvi um apito sonoro. Eles chamavam a segurança da Torre. Dois negões levaram Tucano. Um deles me perguntou:

– Conhece esse cidadão?

– Trabalha comigo.

Fui levado como testemunha.

Os dois negões conduziam Tucano. Colocaram-no numa sala fechada. Fiquei de lado de fora. Podíamos vê-lo, mas ele não sabia sequer quem estava falando com ele. Havia um destorcedor de voz. Tucano ouviu as primeiras ordens do Chefe de Administração da Torre Basel. Ele pediu:

– Senhor, coloque as mãos sobre a caixeta de metal a sua frente. Faça apenas o que eu disser, ok?

Tucano queria falar a todo o custo. A voz impediu-o de tecer qualquer comentário.

– Silêncio. Espere a pergunta.

Entraram no recinto onde estava e Tucano não via os dois frangotes. Bandeirante e escoteiro fizeram acusações a Tucano. Ele tentava se defender mas, quando falava uma palavra, o detector de mentiras assinalava uma mudança em sua biologia, aferindo ao que havia dito a condição de mentira. O chefe da administração fez uma pergunta ao chalreador:

– Você bateu no velho realejo?

Tucano respondeu:

– Não foi bem as-assim-im.

Na cabine onde estava. O detector de mentiras fazia mostra da hipocrisia tucaniana. O chefe da administração tentou novamente:

– Você não está colaborando. Não fique nervoso.

– Sim, si-im-im.

– Bateste no velho?

Antes de falar, o detector já mostrava alteração. Ou Tucano era um mentiroso patológico, ou um desequilibrado. Sinceramente não sabia qual o pior. Tucano disse:

– Bati no ve-velho-lho.

Eu só não entendia uma coisa, e não podia me furtar de um comentário; se eu havia visto, o bandeirante e o escoteiro idem, qual a razão daquelas perguntas?

Minha resposta chegou fulminantemente. O chefe da administração pediu desculpas a Tucano. Explicou que tudo não passara de uma ação rotineira de manutenção do equipamento repressor da Torre. Tucano ficou fulo de raiva. Saiu da sala onde estava.

– Então, sou uma co-cobaia-ia?

O chefe da administração, um sujeito um tanto grosso, cantou um berro.

– Porra.

Tucano acovardou-se e deu dois passos atrás. A parede quase engoliu-o.

– Não sou co-cobaia-ia.

– É aqui o que eu quiser que seja. –, sentenciou o chefe da administração.

– Engano seu. En-engano-no.

Tucano tirou a carteira de sócio fundador da DHC – Direitos Humanos Club. Esfregou na focinheira do chefe da administração.

– Você agiu contra os direitos humanos. Está pre-preso-so.

– Bateste num velho cidadão.

– Ele me en-enganou-ou.

O homem do realejo entrou na sala.

– Mentira. Apenas expliquei o porque do papel em branco. -, explicou o ancião.

Tucano corou. Correu para a porta. Tentou fugir.

– Espere, – disse o chefe da administração – vou fazer um comunicado a DHC.

– Co-como-mo?

– Também sou membro.

– Tor-torturador-dor.

– Conhece bem o meu ofício. Com a democracia, meu trabalho ganhou ainda mais importância.

– Então concorda-da que a democracia é o pior dos regimes excetuando todos os outros já inventados.

– Claro que sim. Estamos em época de mudança. Temos de matar de forma mais ardilosa. A tortura tem de ser psicológica, meu bom democrata.

– Credo. Cre-credíssimo-mo!

Tucano fez cinco vezes o sinal da cruz e urinou nas calças. O mijo fedia. Os dois negões soergueram-no, quando caiu ajoelhado no chão. Ele chorava. O homem do realejo passou por ele. Cuspiu na sua face. Bandeirante e escoteiro fizeram o mesmo.

Depois de dez minutos ouvindo palavrões e xingamentos, Tucano foi posto para fora. A calça mijada já estava quase enxuta. Fora posta para secar no calor da estufa onde o lixo se acumulava incinerado.

Depois, Tucano me confidenciou:

– O cara é bem durão. Antes de subir vou fazer uma re-za-za. Graças a Deus não viu a butuca de maconha na minha cu-cueca-ca.

Dei uma risada. Ele debruçou o corpo sobre os joelhos e ficou dois minutos rezando o padre nosso. Tucano tinha muita fé. Subimos dois lances de escada rolante. Voltamos ao terreno. Perscrutei a multidão que se avolumava na frente do elevador. Encostado no portal da entrada, um grande palanque alojava membros do partido Azul Verdejante. Tucano ficou hipnoti-

zado pela figura esqueleticamente magra que falava. O homem dizia do maléficio dos agrotóxicos, da maldade que é matar um animal, que em suma deveríamos todos comer frutas. Pedia também, a quem tivesse plantas, que conversasse com as danadinhas. Tucano recém plantara uma samambaia à mineira em sua casa. Ele me confidenciou que a polipodiácea ficava mais bonita a cada momento. O esquelético discursava. Por causa do pulmão fraco, a voz apresentava nuanças estertorosas. Tucano vidrou no magrinho. Quis passar para mais perto. Fomos. Esquelético abriu a discussão para o povo. Todos podiam fazer perguntas. Pediu para quem tivesse com a mão erguida para formarem fila. Tucano correu. Um a um faziam perguntas. Alguns do tipo ortodoxos indagavam sobre a procedência ideológica do discursador. Outros pediam receitas de saladas de frutas. Esquelético respondia a todas quase da mesma maneira. Parecia mais um oráculo. Fazia algumas indagações a quem perguntava. Esquelético dizia não ser um líder convencional, devido ao seu passado nas fileiras dos movimentos populares. Tucano chegou em vez de destilar seu mel. Usou o microfone.

– Como o senhor faz para a manutenção de um corpo tão del-delgado-do? Eu não consigo.

O tal do magro ficou meio encabulado. Mas teve de dar alguma satisfação a quem falava a ele.

– Ora, só como frutas.

– Eu tam-também-bém. Como vinte mangas e não emagreço.

O público riu. Tucano falava em tom de chacota. Esquelético percebeu.

– Quem não está aqui para perguntas inteligentes saia agora e se cale para sempre.

Tucano levou a mão ao cabelo abrilhantinado. Sua mão ficou melecuda de tanta oleosidade. Falou de novo.

– O senhor é fa-faquir-quir?

Esquelético não conseguia se ver livre do chato. O líder político e comunitário não podia alardear sua vontade de reprimir a participação de Tucano.

– Fiz um curso de faquimetria na Índia.

Tucano se interessou.

– É uma técnica que inventei. -, completou Esquelético.

– O senhor fez o cur-curso-so numa técnica de sua própria invenção. Que ló-lógico.

O microfone de Tucano foi desligado. Esquelético tirou a camisa. Só havia osso.

Uma mulher balofona, com a vestimenta de uma enfermeira aproximou-se do microfone. Muito corada, tinha camadas adiposas em sua laringe. Falou com dificuldade.

– Sou doutora do Instituto de Gordologia do Rio de Janeiro. Há muito acompanho o que o senhor fala das frutas. São muito boas mas não emagrecem nada. Muito desiludida, realizei estudos de metabolismo e desenvolvi uma técnica de transfusão de gordura. Necessito apenas para a comprovação da minha tese de alguém que se ache magro e corajoso o suficiente para arcar com uma nova vida. O senhor dentre as pessoas que pesquisei é a ideal para a experiência.

Esquelético não sabia o que fazer. Ao mesmo tempo que queria dizer não, necessitava de ser político para com a assistência. Tentou usar a técnica da simplicidade.

– Logo eu? Sou um indivíduo simples. Deve ter escolha bem melhor pelo mundão de meus Deus.

A corpulenta não embarcou nas palavras do esquelético.

– Quantos quilos o senhor tem?

Esquelético fez um sinal para que o microfone da mulher fosse cortado. Não adiantou. Corpulenta se aproximou mais. Subiu no palanque. Foi até o microfone central. Esquelético teve de responder à inquisitiva da mulher.

– Tenho quarenta e cinco quilos e um metro e sessenta.

Corpulenta fez os cálculos e disse:

– Posso passar para você quarenta quilos. Ficarei com cem.

Tudo estava sendo captado pelo microfone central. O povo acompanhava. Esquelético percebeu:

– Estou feliz com meu corpo. Ademais ficarei obeso, com oitenta e cinco quilos. Criarei um problema para mim.

A multidão se aproximou gritando em coro: “Faça pelo outro” – o lema da campanha de Esquelético.

Esquelético ficou instantes sem ação. Foram longos dois minutos. A corpulenta ao seu lado esperava alguma palavra de Esquelético. Ele falou:

– Tudo bem, se é pelo bem estar de todos e felicidade geral da nação, eu faço.

E recebeu uma ovação da platéia. Corpulenta se achegou ao microfone.

– Agradeço em nome do Instituto de Gordologia. A experiência jamais foi realizada entre seres humanos. Como receptor universal, o senhor agiu com firmeza de propósito. Ficará mais bonito. Isso garanto. Por outro lado, como doadora universal, eu ainda terei de procurar outro receptor par chegar ao meu peso ideal: sessenta quilos. Há alguém disponível na multidão? Algum magro congênito?

Corpulenta deixou o palanque. Voltou à sua posição na fileira de assistência.

– Vamos dar continuidade às perguntas. –, disse Esquelético.

Um anão se aproximou do microfone. Fez um pedido de ajuda ao faquimetrólogo. Esquelético ouviu com atenção.

– Senhor, sou muito baixinho. Tenho um metro e dois centímetros de altura. Sou pequeno. Pequenino mesmo. Há muito estou desenvolvendo um método de compensação de altura. Venho pedir-lhe ajuda.

– Não me diga que queres vinte centímetros meus?

– Acertou na mosca.

A multidão gritou:

– Faça pelo outro.

Porém, Esquelético recebeu inspiração divina. Brilhante idéia reluziu da sua mente.

– Bom, convivas, hão de convir que com a transfusão de gordura ficarei com oitenta e cinco quilos. Caso perca vinte centímetros serei uma aberração da natureza.

Ouviu-se um coro interjeitando. “Oh!”, exclamou a massa.

Esquelético se aproveitou do momento. Coçou levemente a vasta cabeleira.

– Vejo na multidão alguns seres que poderiam contribuir com o partido e esse cidadão tão aflito.

Tucano, com seu quase dois metros, se abaixou. Mesmo assim continuou alto. Esquelético apontou-o.

– Você aí! Que se esguelha. Tens boa altura. Pode perder vinte centímetros. Já és gordinho e horrendo mas, meu caro, onde a feiúra reina, mais escrotidão não afeta em nada a linda paisagem.

Tucano não se manifestava. Não sabia que Esquelético falava da sua pessoa.

A multidão havia entendido. A multidão levou Tucano ao palanque pelo braço. Pode-se dizer que o seu caminho fora feito nos braços do povo, literalmente. Tucano, o dobro do anão. Não concordava em nada com aqueles que o empurraram para aquela situação. Buscava dentro de si alguma desculpa que fosse suficientemente sólida e o livrasse de perder vinte de seus centímetros. Antes, logo quando lhe iniciara o alocucionamento, Esquelético percebeu a má- vontade de Tucano.

– Meu João Grandão, não fique em total tristeza, ficará ainda muito alto. O que são vinte centímetros?

– Sou diabético. Di-diabético-co.

O anão se aproximou de Tucano. Fez uma apalpagem em toda a região da coluna cervical. Concluiu:

– É um exemplar perfeito. Um tanto quanto bizarro.

Tucano perdido ou quase, usando o raciocínio a feder pensamentos, tentou a salvação.

– Tenho osteoporose.

O anão ficou inconsolável. Chorou.

– Já não sou nenhum Buchta. Ainda me acontecem essas coisas ruins. Ele tinha a altura ideal. Doença maldita. Com osteoporose não posso fazer uso do método de compensação de altura. Meu Deus!

Tucano havia conseguido o seu intuito. Mas o pobre do anão dera com burros n'água. Utilizou do microfone.

– Com triste tristeza falo a todos. Esse desaventurado que se vai só tinha esse mérito. Continuava sendo alto, porém afecto. Coitado de mim. Mas mui me condóe também as dores desse homem frankensteiniano. Aplausos para ele.

Alguns espacianos se agrupanhavam para subir na próxima leva de gente no elevador. Do bolo destes que se acotovelavam, Turco, inimigo de garras, unhas e maldades; percebeu a ovação que o seu oponente de sempre recebia. Turco tinha mais poder do que Tucano. Era chefe da Divad, Divisão de estreita ligação com o diretor Estales. Alguns até falavam de certo excesso na amizade que ligava Turco e Estales. Outros diziam que havia é ladroagem. Que Estales e Turco armavam muitas e todas para ganhar a dinheirama. Mas inimigo de Tucano quase se podia dizer: amigo meu.

Turco foi ultrapassando o grande bolo que se formava na frente do palanque. Ele subiu. Falou em claro, bom e augusto português:

– Há que necessário meu nobre magro, fazer aqui algum reparo. Não comungo com seres que mentem e tenho até mal querência com estes hipócritas. Esse cidadão que recém foi aplaudido não tem osteoporose nenhuma. Se necessário trago-lhe provas. Trabalho na Espace e nosso médico, curandeiro e pajé fará a comprovação. Tucano não tem nenhuma doença na sua ossatura. Ele não quer ser útil.

Turco desembaçou os óculos. Esculápio passava. Quatro horas. O médico chegava para assinar o ponto. Turco viu o tal curandeiro. Chamou-o pelo microfone.

– Esculápio, venha a mim.

O médico foi só susto. Olhou no horizonte de cabeças. Viu seu grande amigo. Atravessou a massa. Já no palanque, Turco colocou Esculápio a par dos acontecimentos.

Esculápio gostava de exibição de erudição médica, principalmente quando diante de uma grande quantidade de pessoas. Explicou e ninguém entendeu o que dizia. Não por eu possuir um QI avantajado, mas por ter um pai médico, compreendi alguma coisa do que fora dito.

Turco interrompeu a alocução esculapiana. Pediu ao curandeiro um pouco mais de clareza.

– Pois bem, meu nobre amigo Turco. Tucano não tem osteoporose. Não sofre de nenhuma doença congênita.

A multidão enfureceu-se contra Tucano. O médico pediu precauções.

– Ele sofre apenas de bexigão roxo.

Uma clareira se armou em volta de Tucano. As pessoas fugiam de seu lado. Por mais hipócrita que eu fosse, não poderia guardar posição diante de um ser tão repudiado pela maioria. Verdade que ninguém sabia em exato as configurações daquela anomalia. Mas quando se tem doença ninguém quer estar perto e todo mundo receia um contágio.

Perigando acabar ali a manifestação do partido Azul Verdejante. O esquelético pediu a Esculápio uma explicação sobre o bexigão roxo. Ele novamente falou inglês para a maioria. A profusão de termos técnicos e jargões médicos aumentou a histeria coletiva. Muita gente fugia até da linha de visão do Tucano. Ninguém sentia pena. Nem o próprio Esquelético conseguia construir alguma piedade dentro de si. Porém, tornava-se necessário diminuir o clima de tensão. Tucano, coitado, murchou até sentar no solo. Salvou-se pelo menos de um linchamento. Esquelético pedia maior clareza a Esculápio. O médico amplificava a voz:

– Ele tem chato no escroto. O saco dele é uma comicheira de doença. Precisa de tratamento na genitália. Corre alguns riscos. Deve ter uma vida muito da promiscua. Por essas e outras temos de ajudar esse ser humano que sofre. Quão digno de pena ele o é. Contudo, não é significativa a afecção para que seja impedido de doar vinte centímetros.

Esculápio havia falado de forma clara sobre a doença de Tucano. O povo ficou calmo. A afecção não representava risco de contágio em alto grau.

Novamente formou-se uma aglomeração próxima ao palanque. Tucano teve de assinar um termo de responsabilidade. Através deste, ficava expressa sua vontade de doar vinte centímetros para o anão. Conforme o papel, isso deveria ser feito em prazo de dois anos.

A manifestação política continuava. A vontade de perguntar e de ter o seu problema resolvido fazia aumentar cada vez mais o número de pessoas diante de Esquelético. Alguns pediam donativos. Outros apenas queriam oração. Esquelético congregava grande número de adeptos e partidários. O tal do Turco passou por Tucano. Pisou de propósito no pé do pássaro. Pôde-se ouvir um urro quase que uterino. Turco tinha trabalho. Não podia ficar parado ali vendo espetáculo.

Um senhor evangélico com uma bíblia na mão ocupou o microfone. Tinha um pedido a fazer.

– Não sou um pedinte qualquer. Tenho um problema sério desde minha adolescência.

Perscrutei o homem. Ele me parecia normal em tudo. Magro, metro e setenta e cinco, rosto bem apessoado. Um indivíduo que não deveria estar a se queixar de nada, mas:

– Preciso de cinco centímetros.

A multidão recebeu o descalabro e manifestou todo o seu repúdio através de vaias. O evangélico, por sua vez, levava a bíblia ao teto. Gritava.

– Deus é o maior de todos.

Esculápio retirou-se do recinto. O evangélico usou de sua voz catequizante. O público em polvorosa respondia com xingamentos os mais ofensivos possíveis. A mãe do evangélico, se viva, passava por um momento de graça, cingida de epítetos.

Esquelético tentou intervir junto ao público. Ele pediu para que deixassem o evangélico terminar o seu pedido. O povo declinou de vociferar. O evangélico acomodou a bíblia de baixo do seu braço.

– Meu povo de Deus. Quero botar às claras o assunto sobre o qual venho até a presença de todos vocês. Pedi centímetros. Possuo boa estatura, porém, sem floreios tenho de confessar: meu pênis é mínimo. Ele alcança ereto dez centímetros. Se não sabem das agruras de minha vida, irei fazer o relato.

Contou que quando pequeno fora muito ridicularizado. Explicou a todas a importância de conseguir os cinco centímetros. Precisava de um doador com um tipo de sangue específico. Teceu comentários de como se tornou religioso. Encontrou em Deus uma resolução para alguns de seus problemas. Mas para o que mais o afligia, não. Os evangélicos de igrejas sequer tocavam no assunto. Ele viveu esperando um milagre. O médico Alvináceo Peteca, que estava na platéia, desenvolveu uma técnica enxertiva. Segundo evangélico, Peteca conseguiu restituir seu amor próprio. Ele chegou até a arrumar uma parceira para evangélico. Seu pequenino pênis lhe causara uma enormidade de atrofias. Evangélico era virgem. Jamais havia penetrado uma vagina. Ele disse com voz embargada.

– Depois que gozar dentro posso morrer.

E prosseguiu tecendo uma teia dramática de fatos. Evangélico chegou a consultar um analista. O pitoresco quadro que pintou de alguns momentos de sua análise levaram a multidão a uma efusiva manifestação de palmas. Mais sensíveis choravam. Evangélico contou toda uma vida. Disse que sempre fora macho, apesar dos outros sempre colocarem em dúvida.

– Graças a Peteca, posso ser um homem novo. Basta que alguém que tenha um aparato sexual de avantajado tamanho se prontifique a fazer aqui uma doação.

Pirocudo desde tenra idade, alguns consideravam meu alicerce do desejo algo de anormal. Não queria perder o meu bom dotado músculo. Nem que fossem alguns míseros centímetros. Fui saindo de mansinho. O elevador estava perto. Subi. Tucano continuou hipnotizado pelo Esquelético. Não tinha nada a perder.

Sete horas da noite. Todos haviam saído. Eu ainda aguardava Tucano.

Sete e quinze. Ele me entra. Comunica algumas novas enquanto arruma o desarrumado em sua mesa.

– Você irá tra-trabalhar-lhar aqui na sala de desenho. Já tive uma grosseira discussão por causa da sua mesa. Queria-a para mim. Você não sa-sabe-be, mas, quanto maior a mesa, maior o poder.

Olhei para a pequena mesa que passaria a ocupar. Mal cabia um indivíduo normal.

– Mas não entenda isso na ponta da fa-faca-ca.

Levou a mão ao cabelo. A brilhantina ensaboou os dedos graúdos de Tucano. Ele esticou a mão e quis cumprimento. Não podia negar. Tive de secar minhas extremidades num pano depositado na mesa da qual faria uso. Tucano utilizou de sua voz em falsete me dando as boas-vindas pela nova função. Havia algo de positivo naquela troca. Pelo menos não ficaria mais no fogo cruzado e a minha esperança era, ao invés de me tornar asponio de dois, que Tucano fosse o único a me fazer de esparro. Ledo engano, já no primeiro dia de trabalho, Tucano me mostrava valer por dois. Ele entregou o manual da Notável em minha mão e fez um pedido.

– Que-quero-ro um igual diferente amanhã em cima de minha me-mesa-sa.

Sete e meia. Isso significava que deveria adentrar a noite na execução do trabalho, que já não se mostrava muito ético. Afinal, teria de quase copiar um manual com perguntas e respostas, destinado à maior compreensão do Seguro Casa Total, recém-comercializado pela Notável. Havia similaridade, pra não dizer cópia entre o seguro da Notável e o produto da Espace.

– Ou dá, ou desce.

Tucano falou sem gaguejar. Havia um pingo de coragem no que dizia. Resolvi enfrentar.

– O que isto significa?

Tucano tremeu, mas foi seguro.

– Ou vo-você-cê faz, ou faz.

– Se não fizer, vai acontecer o quê?

Tucano tinha um trunfo. Guardava-o.

– Fará pa-para-ra amanhã.

– Posso até fazer. Mas, em horário normal. Não recebo hora extra.

Tucano continuava a insistência.

– Fa-fará-rá para amanhã.

– Não.

Ele me revelou o ardil.

– Se não fizeres cagüetarei você.

– Não devo e nada temo.

– Olha. Há muito arr-arreparo-ro na sustância de suas carnes na região íntima. Não é nada de anômalo mas tem grande comprimento. O Evangélico está na pior. Não encontrou ninguém com o sangue O positivo.

Puxou a carteira do meu bolso. Havia uma de doador de sangue. Constava nela minha identidade sangüínea – compatível com a do evangélico. Tucano disse:

– Já perdi vinte centímetros. Quer perder cin-cinco-co?

Fiquei aturdido. Não sabia o que fazer. Esperei Tucano me ameaçar.

– Caso continue negando tra-trabalho-lho, vou dar seu nome para o Esquelético. Ele a-guarda um doador até as oito horas.

Por conseqüência, tive de ficar prolongando a conversa com Tucano para que o tempo passasse. Continuava a dizer:

– Não faço hoje. Amanhã é um outro dia.

Oito e cinco. Tucano resolveu ligar para o partido Azul Verdejante. Confiando no horá-rio de atendimento estabelecido, fiquei tranqüilo. O telefone estava ocupado. Gelei. Tucano insistia. Dedilhava no celular os mesmos números. Conseguiu falar. Não entendia muito meu receio. Tinha pênis em abundância e não deixaria Tucano chantagear-me. Tirei o telefone de sua mão. Tucano gritou:

– Larga meu ce-celular-ar.

Minha vontade seria escalpelar aquele bucéfalo. Porém algo se fazia mais importante.

– Não aceitarei chantagem em hipótese alguma.

– Quem lhe per-perguntou-tou? Estou fa-fazendo-do um serviço de utilidade pública. E-les procuram um bem-dotado. Eu encontrei um. Unirei o útil ao agra-agradável-vel. A menos que. ..

– Faça o tal do manual. Mas, quem. ..

– Ga-garantira-rá que você não mais será perturbado por essa chantagem? Ora, logo en-encontrarão um pi-pirocudo-do. Ou você acha-se o único do-dotado-do por Deus?

Pensei a quase feder. Resolvi correr o risco. Entreguei o celular a Tucano. Ele ligou pa-ra o partido Azul Verdejante. O telefone tocava e ninguém atendia. Tucano insistia. Numa das tentativas:

– A-alô-lô, daonde fa-fala-la?

– Partido Azul Verdejante.

– Por fa-favor-vor, tenho um amigo que gos-gostaria-ria de doar pênis. Anote o seu nome mi-minha-nha senhorita.

– Ah! Acabamos de fechar um transplante enxertado e temos muitos homens doadores, caso haja mais necessitados.

– Obrigado minha se-senhorita-ta, mas a que se deve essa corrida sem fre-freios-os para a ajuda de um próximo? O ser hu-humano-no não guarda a filantropia co-como-mo uma virtude.

– E nem queremos. Os homens que se candidataram a fazer a doação de pênis ganharam uma operação de fimose gratuita, além de suprimentos de camisinha grátis.

– A-A-A-Ah-Ah! - Tucano ficou aturdido: – Sendo assim, de-desejo-jo entrar nessa fila de doa-doadores-res.

– Pois, bem diga-me o tamanho do pequerrucho.

–Quin-quinze-ze centímetros – falou com um orgulho enorme. Lágrimas marejavam do canto do olho.

A mulher soltou uma risadinha. Se encheu de delicadeza, mas teve de comunicar a Tucano:

– Duro ou murcho?

– Minha se-senhorita-ta! Claro que duro. Quem tem um de quinze centímetros murcho de-deve-ve ser um cavalo.

– Meu namorado tem.

– Co-como-mo você agüenta?

– Não vou lhe falar da minha intimidade. Mas, sou virgem ainda.

– Pois bem, o que tenho de fa-fazer-zer?

– Nada.

– Na-nada-na?

– O seu pênis é de tamanho médio. Caso venhamos a reduzi-lo em cinco centímetros, criaremos um problema para você.

– Isso é dis-discriminação-ção. Posso viver muito bem com um de dez centímetros.

– Não deve usá-lo, então.

– Isso não é da sua co-conta-ta.

A mulher não quis ouvir mais abobrinha. Bateu o telefone na cara de Tucano. Ele fraquejou. Caiu no chão. Chorava. Perguntava a todo instante.

– Onde estão as for-forças-as que dizem que possuo?

Tucano parecia enfurecido, andava de um lado por outro. Em instantes, havia se esquecido do manual. Entrava de cabeça numa crise de identidade.

– Quem so-sou-ou? De onde vim? Pra onde vo-vou-ou? Queres Deus que um servo seu sofra martírios nessa vida?

Pegou a tesoura. Quis golpear-se. Como viu que eu não faria nada para dissuadi-lo da autopunição, largou a arma branca no solo. Uma baba escorreu do canto de sua boca. Parecia um cão raivoso. Rolava no chão.

– Deus, a-acode-de seu filho pri-primal-al. Ajuda a quem só foi amor para contigo. Faz da minha vi-da-da um porvir de gl-ori-ria. Não adianta lados escuros me tentarem. Não serei um Fausto. Seguirei sem-sempre-pre o caminho de meu São Deus da Esperança.

Ele tirou um genuflexório que guardava atrás de sua bancada. No chão de onde a foto em pôster do presidente Holianda abria um largo e generoso sorriso, ele ergueu um dilúvio de lágrimas. Fez um movimento patético de mão. As lágrimas de verdade me fizeram apiedar-me do monstro. Cheguei perto de sua figura. Ele sofria. Resmungou uma palavra.

– Sa-saia-ia!

Piegamente tocado resolvi ajudar o pobre homem. Queria minimizar o seu sofrimento. Peguei o manual da Notável. Passei a trabalhar na execução do mesmo. Substituía epítetos. Invertia a ordem normal das orações. Não havia criatividade alguma naquela tarefa. Tucano ouvia a máquina batendo, ajoelhado no genuflexório. Sabia que estava trabalhando para ele. Levantou-se, veio até a mim e cumprimentou-me. Esticou a mão. Fiz o esperado. Acabei com as palmas sujas de borracha sintética. Material no qual Tucano agastava-se, manuseando.

Meia-noite. Tucano roncava num dos cantos. Eu prosseguia em minha vigília.

Uma hora da manhã. Foi a última lembrança que tive do dia que se iniciava. O Manual da Espace estava pronto. Obra e trabalho meu. Pronto, mas ainda mal datilografado, mesmo assim tive certo orgulho do que havia feito. Dormi até as sete horas. Acordei e Tucano já tinha saído. Fui à faculdade.

No ônibus, um cego, um cão e um menino de dez anos mendigavam. Sempre me apiedava e dava uns trocados para esse mesmo cego, que, pelo visto, acordava cedo para o trabalho. O ônibus estava vazio. O garoto já com um sorriso largo veio em minha direção. Vasculhei os bolsos puídos. Não havia um tostão que fosse. Estava literalmente duro. O garoto estendeu a mão. Disse-lhe que não tinha dinheiro. Ele não acreditou. Fez o cachorro latir. O cego se aproximou. Tirou os óculos. O homem tinha grandes olhos negros.

– Eu conheço você de vista. Sempre costuma fazer bons donativos a minha causa própria. Como que não tem dinheiro para ajudar a este pobrezinho?

Cego que nada. O desgraçado usou o cão para me meter receios. Mas eu não tinha dinheiro, parco que fosse. O cachorro se aproximava e abocanhava o metal de segurança do veículo. Desgrenhou uma almofada. O vira-latas tinha dentes alcantilados. Fui envolto numa nuvem de algodão. O cego usou de seu órgão fonador:

– Seu escroque. Dê me cá seus dez tostões.

Filho de uma puta. Perdoem-me o destempero com que me apropriei da palavra, mas não havia nada mais significante a dizer.

O garoto de dez anos pegou o cajado do cego e tentou futucar-me. Foi em vão. Reagi com indignação. Disse-lhe um palavrão ainda mais cabeludo do que o exposto acima destas minhas memórias. O cego se enfureceu:

– Tire a calça.

Fiquei com receio de estupro. O cego aprumou o cão. Entreguei-lhe a calça da Veron. Meu Deus! Quando poderia comprar outra? Ora, qualquer dia. O cego não deixaria de ser ladrão nunca. Abri um sorriso quando a turma saiu em correria. Ridículo apenas foi o que viria a acontecer. A polícia entrou no lotação. O trocador explicou com propriedade a razão de eu estar apenas de cueca. O policial concluiu:

– Mesmo assim, é um atentado (despudorado) ao pudor.

Quase não sabia o que falar. O trocador já havia intercedido com exatidão sobre o meu caso. O policial foi direto ao assunto. Ele me pediu para tirar a camisa. Não o fiz. Ele me apontou o berro. Quis cuspir-me uma bala. Atirou para o alto. Sorria com toda a falta de dentes. O policial rareava uma palavra a cada apontar de trinta e oito. Nem pisquei, entreguei a camisa. O policial novamente mostrou a ausência de dentição. O homem saudou o motorista e saltou do veículo, ainda em movimento. Pude vê-lo fazendo o sinal-da-cruz e mexendo na medalinha folheada a ouro de São Camilo. Vestiu minha camisa.

Não bastasse aquele assalto religioso, dois pontos adiante, toda uma turma da congregação das Madres do Mirador entrou no ônibus. Senti-me profundamente desconfortável. Trinta freiras e algumas madres passaram a dividir o espaço no lotação. Eu estava apenas de sapato e cueca. As freiras sequer me olhavam. Comecei a desconfiar do meu físico apolíneo. As freiras concentravam-se na paisagem à sua frente e pareciam rezar o tempo todo. Podia ouvir alguns resmungos. Toques de lábios passaram a amplificar o desejo inconsciente de algumas das damas. A madre superiora não olhava para o lado. Já que ninguém me olhava, passei a perscrutar cada uma das santas moçoilas. Algumas, muito bonitas. Sequer me davam uma manifestação ou assomos de que iam presentes no mesmo ônibus. Sentia-me um zero à esquerda. Mas não para todas. Havia uma baixota, gordinha, com uma cara coberta de espinhas. Ela piscava ostensiva-

mente. Seus olhos mais pareciam estroboscópios. Ela se aproximou de mim. O lugar ao meu lado estava vago. Ela sentou-se junto de mim. Fiquei quieto. De perto a freirinha ainda parecia mais estranha do que à longa distância. Ela mascava fumo. Cuspiu no chão. Mantive-me calmo. O ônibus entrou no túnel. Senti uma mão vasculhando minhas partes íntimas. Mantive-me quieto. A freirinha quis bolinar-me. Não por não gostar, porém por precaução, afastei a mão da senhorita das minhas regiões erógenas. Ela quase se sentou no meu colo. Colocava sua coxa atoxada na minha. O túnel não acabava. Senti um barulho de canivete aberto. Ela comprimiu-o sobre a minha região abdominal. Disse ela em voz sussurrada:

– Toque em mim por Deus, senão o canivete vai te fazer sangrar mais do que minha primeira menstruação.

Não tinha outra escolha e não fosse ela abominavelmente feia, talvez fizesse aquilo com algum prazer. Passei a mão por sobre as suas pernas. Ela suspirou. Torcia ferozmente para o final do túnel chegar. Ela sussurrou no meu ouvido:

– Faça mais uma saliência.

O canivete estava quase a cortar-me. Pedi a ela que afrouxasse um pouco. A freira botou o canivete no habito e se prontificou em abocanhar meu órgão sexual.

– Fica feio – falei tão baixo que quase não podia me ouvir –, a senhora merece consideração. É uma representante de Deus nessa terra de homens ferozes.

Ela falou:

– Você é tão jovem quanto eu e guarda cautela. Lhe imploro sentir um homem, um pouco.

O diálogo já ficava longo e alguns sussurros mais altos fizeram com a madre superiora achegasse a frente da freirinha. Superiora foi rude.

– O que conversam tanto?

A freirinha foi rápida e rasteira.

– Tento convertê-lo ao cristianismo. Ele me parece um jovem cheio de pecados.

Quando ia falar, senti uma forte pontada. O canivete quase me furou. Poderia tê-la denunciado, mas não ganharia nada em cagüetar a freirinha tarada. Superiora saiu, ainda não tínhamos nos livrado do túnel. Havia uma lanterna na ponta do canivete. Ela começou por iluminar meu abdome, abaixou-se e deu um beijo no meu umbigo.

– Minha amável freira. A senhorita deve estar carente de Deus.

– Dele também. Mas agora você me sacia qualquer vontade metafísica.

O que fazer, uma freira que, ao invés de ser auxiliadora, se afigurava como sendo assediadora em excesso para meus padrões ilibados de conduta. Não transaria com aquela freira, Não

por temor a Deus, apenas por da minha parte haver uma ausência total de atração. Mas a freirinha já se movimentava de forma camuflada no chão do banco. Ela me disse para descer. Olvidei seu pedido. Ela passou o canivete pela minha coxa. Eu sangrava. Freirinha bebia meu sangue. Sua língua subia. Segurava sua cabeça. Maldito túnel que não terminava. O ônibus enguiçou. Todas as demais freiras saíram. Ela estava disposta a tudo para me ter. A superiora passou por nós. A freirinha foi esperta:

– Ficarei na catequese dessa alma a redimir-se.

Estaria eu perdido? Olhei bem fundo nos olhos da freirinha. Fechei meus olhos. Pensei na Kin Novack, bem moça. Ela como toda a mulher moderna veio por cima, e tinha o total domínio sobre o ato sexual. Pedia para movimentar-me mais rápido. Pedia para parar. Eu fazia tudo religiosamente. A freirinha não sanava sua vontade de forma normal. Necessitava de tempo para atingir sua plenitude. Tentei aquecê-la sexualmente. Dizia palavras quentes. Ela não caía no truque. Pedia insistentemente para movimentar-me com maior ímpeto. Me senti o próprio vibrador humano. A mulher não se saciava nunca. Pelo buço, logo havia percebido que seria uma dessas de gozar milhões de vezes, um turbilhão na cama. Porém, no banco onde fazíamos o ato sexual, eu começava a ficar cansado. Fora dormir tarde. Estava faminto. Precisava de uma gemada para agüentar aquela freirinha. Credo e cruz, aquela criatura havia escolhido uma carreira para a qual não tinha nenhuma vocação. Jamais seria uma freira. De súbito, ela parecia regozijada. Me deixou em paz. Seu corpo obeso sobre o meu impedia-me de sair. Mantive-me estático, mas só não estar mais dentro dela e poder respirar, era um alívio. A mulher ficara por cima e queria que, por baixo, eu fosse um garanhão latino. Tanta exigência me deixou com dores atrozes na coluna cervical.

Ia me levantando. Ela entregou-me a cueca. Deu um beijo na minha mão. Falou:

– Você foi o primeiro.

Levei minha mão direita a cabeça. Fiz um caracol no cabelo. Não acreditava, mas a freira insistia.

– Tu mesmo. Tiraste minha virgindade. Quanta gratidão tenho por sua pessoa.

Percebia hipocrisia. Ela se comportara como se fosse uma mulher calejada em atos sexuais. Veterana, veio por cima. Fez como qualquer mulher que conhecera. Não acreditei naquilo. Mas o pior ainda parecia vir:

– Quero me casar com você.

Nessa altura, não sabia o que dizer. Ela ainda mantinha o canivete em punho. Tinha muita força nas mãos. Mesmo assim, resolvi desarmá-la. Só então percebi que havia transado de sapato.

– Vou furar-te. Saiba, tu és meu homem. Não me faça agir com rispidez.

Nunca pensei em casamento. E jamais me ligaria àquela criatura atormentada. Ambos dispendíamos algum esforço. Ela tentava manter-se no domínio da situação. Por sua vez, segurava sua mão com toda a potência. Tentava dissuadi-la. Tomei-lhe, então, a faca. Ela me arranhou a cara. A freirinha chorava. Tinha todos os sintomas de ser patologicamente afetada por alguma afecção mental. Ela dizia em tom vociferante:

– Não agüento mais o convento.

Ela fez confidência.

– Não sou lésbica. Só vejo mulher. Quero o meu homem.

Perguntei:

– Quem é o seu homem?

– Qualquer um. Serve você, mas se fosse o padre Marinho, seria melhor.

Queria me livrar daquela situação. Não tinha vocação para assistência social.

A condução voltou a se encher de freirinhas. O ônibus parecia consertado. A madre superiora passou pela pecadora. Engoliu um tantão de ar.

– Terá de conversar com padre Marinho.

A freirinha ficou feliz. Toda vez que se encontravam, padre Marinho dava no couro da freirinha. Ela olvidou minha presença. Ficou com seus pensamentos pecaminosos; sozinha com sua mente, ela sonhava com um casamento. Padre Marinho seria o homem ideal. Por sorte minha, quando a mulher notou a realidade e que eu ainda estava ao seu lado, o ônibus havia saído do túnel. Mesmo assim, despudorada, ela atochou sua mão na minha coxa. Foi ancorada em mim até o seu ponto de desembarque. Ela anotou seu nome num papel, colocou o telefone do convento e convidou-me, contente, a visitá-la aos sábados. Se eu fosse mulher daria queixa no DP. Por muito menos alguns homens foram presos, claro que na situação inversa. Li o papel. Não tive dó nem piedade. Olhei minha perna ensangüentada. Rasguei a folha na cara da freirinha. Ela puxou um canivete. Fez alguns malabarismos com a arma. Tentou me esfaquear. Acertou o estofado, já rasgado pelo cachorro do cego. O trocador chamou o motorista. A freirinha saiu delicadamente pela direita. Trocador e motorista se uniram na minha frente. Motorista perguntou:

– Quem vai pagar o estrago no estofado do coletivo?

Não tinha um puto. O da condução fora o último dinheiro. A calça ficou com o cego. A camisa com o guarda policial. Eles olhavam o meu sapato. Não tinha condição para lutar, quanto mais com um motorista taludo e armado com um porrete. Tirei a meia da Caliestre e entreguei-a ao trocador. O sapato, do Lucrecios, ficou com o gordurento do motorista. Em meia hora

perdera toda a minha vestimenta. Restava apenas a cueca, da Linierre. Faltavam mais dois pontos para a minha casa. Me alegrei. Porém, o trocador atendia a um passageiro. Tratava-se de um aposentado do INSS. Enrugado, o ancião com tanto lugar para sentar escolheu o assento livre ao meu lado. Acomodou-se. O sinal estava desregulado, mas o motorista o respeitava com um caxiísmo quase que repudiável. Enquanto isso, o aposentado mostrava o retrato de toda a sua família. Mostrou-me a foto de sua mulher. Disse ter doze filhos. Gostava de morar no Morro do Cantagalo. Tinha uma vida sofrida. Ele queria me convencer a fazer um donativo para melhorar sua condição. Disse estar duro. Completei:

– Levaram-me tudo. O senhor ainda me pede algo. Não vê meu estado?

O motorista parou e caminhou para a minha direção. Ele fazia cara de mau e não estava com fome.

– O que você falou com o senhor Augustinho?

– O óbvio. Não tenho dinheiro.

– O que é isto?

Apontou com o porrete para a minha cueca.

– Não vou ficar nu.

– São sete e quarenta. Tem pouca gente na rua.

Motorista apontou o porrete na minha direção. Minha cabeça ia virar uma bola de golfe. Zunida nos ares. Preferi ficar peladão. Pedi ao ancião que sentasse em outro lugar do coletivo. Assim, ele o fez.

O aposentado ficou contente. Não seria para menos. Aquela cueca da Titesote fora comprada na liquidação. Custou muito, mesmo assim.

O trocador parou no bando de colegiais. Elas entraram no veículo. Minha casa ficava perto, depois de quatrocentos metros estaria livre do ridículo.

Sai desembestado pela porta da frente. Um carro quase me atropelou. Freiou em cima. Corri. Atravessei a rua. Fiz quatrocentos metros em quase cinqüenta segundos. Foram os momentos mais estranhos já vividos por mim.

O porteiro ficou intrigado com a situação. Vigiava da porta, enquanto eu entrava no prédio. Pedi emprestado algum pedaço de pano para cobrir minha genitália desnuda. Ele me passou um pano de chão. (Só tem tu, vai tu mesmo). Enrolei o pano de chão fétido na região do baixo ventre. Fiquei de saiote. Um tanto quanto rústico, mas no melhor estilo escocês. Entrei no elevador. Por sorte ninguém descia. Subi em boa velocidade os quatro andares de garagem e o transporte parou no segundo andar. Rezei. Não adiantou. A porta se abriu. Um ser sorridente do sexo masculino olhou para mim. Tratava-se do síndico.

– Pois bem, meu jovem. Não preciso dizer que traje de banho é no elevador de serviço.

Ele olhou bem para meu saiote. Seu sorriso saiu de cena. Vociferou.

– Estais de saia. Anda se travestindo por ai.

Resolvi correr a meu próprio acudimento.

– Fui assaltado.

– Mas a saia é de crochê. Sempre achei você meio estranho. Hoje, acordo e vejo isso. É a comprovação.

– Não é nada disso.

Pensei bem, meu andar estava próximo. Pra que contrariar o síndico?

– Vou contar a seu pai.

– Conte.

– Saiazinha de crochê.

Vociferei.

– Não vê que é de pano de chão?

– Saiazinha de crochê.

O síndico falou sobre o corte na perna.

– Teu macho te cortou?

Me enchi de precisão. Meus punhos se cerraram. Já não agüentava tanto ultraje. Esmurrei o síndico. Ele caiu desmaiado.

Entrei em casa. Todos estavam dormindo. Fui direto ao meu banheiro. Tomei um banho demorado. Passei um pouco de mercúrio no corte e deitei-me, de pijama, na minha cama. Pensei com os meus borbotões. Não iria à faculdade. Dormi.

A campainha tocou. Meu avô e minha avó já haviam saído para a missa. Estava sozinho em casa. Olhei pelo olho mágico. Havia quatro pessoas armadas de cassetetes e barras de ferro. Tratava-se dos quatro filhos do síndico. Em escada, tinham vinte, dezoito, dez e cinco. Não iria bater na criança de cinco, mas os outros poderiam apanhar. Caso é claro, fosse um personagem valentão, brigalhudo e dotado de uma força absurda.

A freirinha me havia deixado em estado de cansaço patológico. Pensava a quase feder e nada vinha a minha mente. Nenhuma solução. Os jovens começaram a forçar a porta. Infelizmente, estavam em maior número. O último recurso seria a arma de meu avô. Tentavam arrombar o domicílio. Gritei com eles.

– Vou chamar a polícia.

Um deles me foi claro.

Ela já está chegando.

Que merdalhada havia feito. Não havia testemunha alguma para comprovar as admoestações morais sofridas por mim. Porém, com certeza, o síndico já teria ao seu lado todos os empregados do prédio, sem falar no estrago em sua cara, que deveria denunciar uma ação violenta de minha parte para com o pobre coitado. Não abri a porta. Olhava pelo olho mágico. Pessoas chegavam a cada momento. Lembrei-me da cena do Corcunda de Notre Dame, quando todos encurralam o pobre coitado. Acuado, liguei para o sexto andar. Minha mãe falou para me aquietar. Assim o fiz. Meu avô chegou logo em seguida com o coronel. Era incrível a popularidade do militar. A polícia que chegara fez reverência a sua pessoa. O próprio ferido, o síndico, já não via mais ninguém, a não ser o coronel e o meu avô. Abri a porta para os anciões. Meu avô me deu um araço comovido. Tive de lhe dar explicações. O coronel apenas cumprimentou-me.

– Fez um bom trabalho na cara do síndico. Aquele comunista bem que deve ter merecido a porrada que levou.

Ficamos conversando até as onze horas. Coronel me dizia de seu ardor anticomunista. Ele pontilhava toda a sua retórica em locais óbvios de conflitos de interesse. Falava da proliferação dos partidos de esquerda no país. Coronel tinha paranóia. Via perigo na tenra democracia brasileira. Segundo ele, um covil de comunistas se instalara no poder. Suas idéias não tinham muita clareza. A ponto de me perder um pouco, na tentativa de dar uma ordenação a sua discursiva, quando vos escrevo neste dado momento.

Meu avô não quis saber de muita história. Nem me perguntou muita coisa. Passou uma borracha em tudo. Com certeza, já sabia do principal. Devem tê-lo colocado a par. Fiquei a divagar sobre o “saiote de crochê”: que explicação confusa de se dar. Melhor assim – sem perguntas.

Saí, quando o horário já se comprimia quase nas onze horas. Tinha de trabalhar. O imbróglio resolvido, a labuta seria a próxima guerra a enfrentar.

Tucano me esperava com boas notícias. O diretor havia aprovado o Manual do Seguro Casa Segura. Ele pediu-me para fazer uma carta de apresentação do material publicitário, destinada aos gerentes das agências do BMB. Finalmente, poderia demonstrar todo o meu talento na escrita. Acontentei-me. Fui rápido. Em quinze minutos a carta estava pronta. Tucano comemorou às alturas.

– Eis a car-carta-ta!

Ele saiu para o almoço. Fiquei na sala de desenho sozinho. Chegaram, em seguidinha, a desenhista loura e a desenhista morena.

– Estais confortável nesta cadeira? Me parece pequena para você.

– É o que me resta – respondi com ironia.

Xarluz se achegou. Queria saber como estava me adaptando à nova sala. Fui sincero.

– Me faltam uma mesa e uma cadeira mais confortáveis.

O assessor-chefe passou a mão na cabeleira. Parecia futucar um ninho de piolhos. Arrancou uma craca do seu coro cabeludo. Largou no solo e saltou um palavrão.

– Porra! Meu jovenzit não venhua fazer querência daquela sua mesa de antes. Ela não pertensit a você. É da Seção de Organização e Métodos. Muita gentit começou sua derrocada assim. Largaram sua mesa. Passaram para uma menor, até que não tinham mais mesa. Trabalhavam em pé de estivadorit.

A desenhista Ragi comentou:

– Cruzes. É isso mesmo! O Trombeteiro acabou assim.

Desenhista Loura mostrou sua voz delicada e feminina.

– A madame Santistícia também.

Faltava-me apenas o comentário da desenhista morena. A mulher falou com escrúpulos.

– Cada caso é um caso. Mas, existe um certo padrão. As pessoas aqui na empresa têm tanto poder quanto o tamanho de suas mesas.

Xarluz interveio.

– Não é regra. Mando mais que você. Ela tem uma mesit maior que a minha.

Fichelm entrou na sala de desenho. Perguntou a Xarluz.

– Aca. O que fazes nesse recinto? Esse local é onde ficam os artistas da Companhia. Que eu saiba tu não tens sequer um dote de desenho ou escrita.

– Sim, Fichelm. Não precisit humilhar!

– A verdade nunca é humilhante. Gajo, tens poder e queres ser tudo e muito mais. Aca, isso se faz impossível.

Xarluz devidamente espezinhado levou a mão ao rosto. As lágrimas não se faziam de esconderijo. Diziam de todo o sentimento de inferioridade sofrido pelo assessor-chefe. Fichelm percebeu a suscetibilidade de Xarluz. Abraçou seu amigo.

– Não chores por mim. Segundo o tomo, mais de cinco minutos de lágrimas pode levar a uma punição de doze dias. Não me obrigues a ser austero. Aca, acabe logo com isso – abriu um grande sorriso amarelo. Fichelm gargalhou.

Xarluz não gostou da brincadeira.

- Se há aqui alguém que deve ser punidit devua serit voçua.

– Há aca uma diferença banal. Sou eu quem puno. Você só acata. Não me obrigue a ser rude com a sua pessoa.

Fichelm soltou um sonoro peido. Correu com velocidade para o aparelho mictorial. Xarluz lhe foi atrás. Fichelm parecia cambaleante. Vomitou por todo o caminho. Todo o mal- estar parecia sair-lhe pela boca afora. Também deixou em estado de cagalhofa o vaso sanitário. Ele voltou. Xarluz adulava escrotalmente seu superior hierárquico – uma prática muito comum na empresa.

– Não foi nada, nadit, neca.

– Não amole. Aca já passou o mal estar. Vá na minha mesa. Pegue meu remédio anti-tudo e qualquer coisa.

– Formolóide. Issit.

– Isso.

Xarluz saiu em correria. Voltou em coisa de minuto. Trouxe os comprimidos de Formolóides. Fichelm botou dois comprimidos na mão. Ele mastigou. Falava de boca cheia.

– Aca. Não sabem. Mas desde que voltei a meu doce lar, sofro de problemas intestinais.

– Sua mulher deve usar muito tempero na comida – disse desenhista loura.

– Aca. Quanto a ela não posso reclamar. Não sabe fazer nem macarrão. A cozinheira é que é muito condimentada.

Xarluz tinha a solução.

– Dispensait a empregadit.

Fichelm pareceu não gostar da sugestão de Xarluz.

– Aca, ela foi a minha babá. Tenho vínculos afetivos com ela. É uma mulher de total coragem. Mora comigo desde que minha avó morreu. Faz dois dias que minha querida vó se deslocou deste plano para um outro mais evoluído. Sou evangélico, mas acredito nos búzios, tenho Jesus como guru e considero o budismo uma religião bastante evoluída mentalmente. Ora, por que estou falando essas coisas iníquas? Ninguém aqui tem interesse no que sou. As pessoas pensam que não tenho sentimento.

Fichelm andou de um lado para o outro. Tirou aos poucos a roupa. Havia uma grande ferida nas pernas. Xarluz ficou curioso.

– Quem lhe fezit isso?

– Holianda. Aca, ele me bateu com vareta. Me obrigou a voltar para sua filha.

– Mas tu não querias? Vivias pelos cantões da seção chorando – disse a desenhista.

– Queria. Aca, porém, com um mês a mulher começou a botar as manguinhas de fora. Ela me pedia para enforcá-la enquanto fazíamos o tal do sexo. Deixei uma marca no pescoço dela. Holianda pensou que eu havia machucado sua filha.

Xarluz caiu no solo estupefato. Fichelm acudiu o pobre infeliz.

– E não é o pior. Aca, digo que fiquei com a mesma mania da minha mulher. Agora só fazemos sexo nos enforcando.

Fichelm abaixou a gola de sua camisa role. Havia um grande hematoma. A vermelhidão se fazia presente. Havia também rusgos de sinais de cicatrização. Fichelm ajoelhou-se em choro.

– Será que não posso mais fazer amor com minha querida? Aca, estarei condenado a uma vida sem sexo.

Xarluz com um QI que beirava o setenta e cinco teve uma idéia simplória:

– Chefit é simples. Larga essa mulher e arrume outra. Garanto que encontrará sexo sem problemas.

– Holianda pode matar por sua filha. Não tenho solução. O problema é muito grave. Não sei o que fazer.

A desenhista parecia ter alguma solução para o caso. Ela esperou um momento exato e disse de maneira terapêutica.

– Tu deves saber, Fichelm, às vezes precisamos do acompanhamento de profissionais da mente. Por que não procura a assistente social ou a psicóloga?

Fichelm fez o sinal da cruz. Ajoelhou-se diante da baixinha. Ouviu atentamente.

– Tudo menos isso. Não quero meu problema na boca das Matildes. O psiquiatra e a assistente social fazem fofoca. Eles contam tudo que acontece nas seções de terapia para o funcionariado.

– Realmente. Lembro do caso do estuprador da DISPE. As informações que deveriam ser segredos de estado, vazaram. Quase que Dick pagou por um crime que não cometeu.

Quem é o estuprador da DISPE? – perguntou com uma voz adocicada por pastilhas de goiaba, a desenhista loura.

Fichelm não pensou muito para responder.

– Aca, ninguém sabe. Ele só ataca na DISPE. O estuprador usa uma carapuça roxa. Ninguém conhece sua real identidade.

Não conhecia a história do estuprador da DISPE. Fiquei curioso. Quem sabia alguma coisa para dizer? Xarluz tinha algumas certezas.

– Esse estuprador deve gostar muito de mulherit.

Desenhista tinha um posicionamento diferente.

– Tu pensas assim, e não és o único. Mas, cá comigo, tenho minhas dúvidas. Eu penso na possibilidade desse monstro ser um indivíduo que detesta mulher.

– Uma bicha. –, falou Fichelm.

– Isso mesmo. Um afeminado com um édipo mui mal resolvido. –, disse a desenhista.

Tucano chegou do almoço. Trouxe dois menores carentes, mas avantajados, para tomar um suco no refeitório. Fichelm chamou Tucano ao canto extremo norte da sala.

– Aca, meu gago amigo. Que troço é esse? Aqui agora virou sucursal de instituições de caridade?

– Não é bem assim. Temos de aju-ajudar-dar ao próximo. Se ca-cada-da um fizer a sua parte. ..

– O problema, mesmo assim, não estará resolvido. ..

– Claro que si-sim-im.

– Eles são menores?

– Si-sim-im.

– Tão taludos assim. Aca, penso comigo. Não devem saber o que significa a palavra fome.

– De-desumano-no. Trocista.

Tucano puxou pela mão um dos menores graúdos. Ele apontando a mão para o carente.

– Vocês tem a co-coragem-gem de achá-los pe-perigosos-sos para a sociedade?

O chalreador havia trazido a comoção para perto de cada um. As desenhistas lacrimejaram-se. Xarluz perguntou aos menores acarentados:

– O que podemosit fazer por vocês?

O menor mais claro, tirou uma meia calça de mulher. Colocou cuidadosamente sobre a cabeça. Puxou um trinta e oito. O menor mais escuro foi até a sala ao lado e, munido de uma Uzi, trouxe Matossass, Marlucy e Maria Luísa para a sala de desenho.

O menor mais escuro usou de sua voz abaritonada.

– Cês podem afazer muito pelo nosso pessoal. Comecem por passar tudo que valha alguma coisa para meu amigo. Os pobres lhe farão agrado sempre que houver necessidade.

Tucano ficou aturdido. Fez apelo.

– Eu vos trouxe em paz. Peço que ajam com no-nobreza-za de caráter. Abaixem as armas. O diálogo pacífico é a solução para tudo e qualquer assunto.

O carente mais claro riu. Seus dentes de marfim quase que podiam refletir o sol que começou a invadir a sala. Ele tinha opinião formada sobre o que Tucano havia dito.

– De boas intenções o mundo abunda. Estudei nas melhores escolas. Não sou carente porríssima nenhuma. Sinto tesão no assalto.

Pobre Maria Luísa desmaiou. Desenhista fez um meneio com a cabeça.

– Você é um psicopata. -, definiu a desenhista morena.

– Sou o que você quiser, desde que me passe esse seu belo anel bijuterizado.

– Como sabe da procedência de meu anel?

– Lá em Cascudo, todas as meninas usam um desse. Vou dar esse seu para minha namorada.

O carente mais escuro começou a se irritar. Não havia nada de valor e muito pouco dinheiro em espécie amealhado, até então, naquele assalto. O mais escuro puxou Xarluz pelo cangote. Fez o assessor-chefe vomitar palavras.

– Não tenho nada. Não sei de nadit.

Fichelm tentou acalmar o ânimo dos carentes.

– A polícia, aca não entrará no caso. Meus gajos, agiremos conforme os direitos humanos.

O mais claro se empombou. Bateu suas asas para perto de Fichelm. O chefe se acovardou. Ouviu sem emitir nenhuma sonoridade, o discurso do mais claro:

– Não estamos interessados nos direitos humanos. Não somos ladrões sociais. Gostamos dessa emoção. Meu colega já disse isso. Não venha fazer catequese em cima da gente.

Tucano intercedeu.

– Tu-tudo-do bem. Eu dou tudo.

Tucano tirou de seu bolso um pião de madeira, uma palheta de guitarra e Terry – seu jogador de botão predileto. Os carentes caíram na risada. O mais claro perguntou sobre os quadros encapados atrás de sua prancheta. Tucano ficou envaidecido. O chalreador desencapou um dos trabalhos. Os carentes começaram a debochar da arte tucaniana.

– Isso é muito ruim. Meu caro, seu negócio não dever ser a pintura. Vá pra o latrocínio.

– Essas o-obras-as valem muito. Tanto quanto de qualquer novo artista plástico brasileiro.

– Estais a me sacanear.

– Não, le-leve-ve um desses trabalhos. Valem fortuna.

Tucano, além de não conseguir vender seus quadros, também não conseguia engrupir os carentes.

Muito irritado, o carente mais escuro usou sua Uzi. Fez um enorme estrago nas telas de Tucano. Aturdido, o chalreador gritava ferozmente.

– Isso é ar-arte-te!

Os furos das balas davam um caráter todo inovador às telas de Tucano, segundo ele próprio concordou. Ele levantou uma das pinturas e pediu para o carente mais escuro.

– Atire bem no cen-centro-tro. Ficará mais estético.

O carente mais claro não gostou do dispêndio de balas. Munição custa caro. Ele usou de palavras apropriadas.

– Puta, caralho, porra, escroto. Vamos parando com essa panacéia de arte. Não somos artísticos. Gosto em particular dos impressionistas. Mas, vejo a pobreza pós-moderna estampada nessa porcaria que meu colega furou.

Tucano bem que tentou valorizar-se. Mas os carentes não queriam seus quadros.

– Sou o novo e sen-sensacional-nal Manet.

– Maneta? – disse o carente escuro.

– Não meu ca-caro-ro! Manet.

O carente mais claro sabia com exatidão de quem Tucano falara. Afinal, o próprio meliante dissera anteriormente de sua predileção por obras impressionistas. Ninguém melhor do que seu mestre para comover aos ladrões. Carente claro resolveu desmascarar Tucano. O assaltante mostrou alguns conhecimento artísticos. Teceu um comentário sobre a arte pós-moderna. Falou do simultaneismo e do pastiche. Citou Lyotard. Tucano, reduzido a nada, mostrava-se surpreso com a erudição do marginal. Ele continuava. Falava com exatidão dos grandes artistas do impressionismo. Fez uma longa dissertação sobre a vida de Manet. Utilizou uma caneta e desenhou alguns chorões. Estava patente a condição intelectual do carente mais claro. Tucano sequer tinha argumentos para rebater as palavras do ladrão. Carente mais claro ao fim de sua discursiva utilizou de algumas palavras para o desmascarar daquele pintor de meia tigela.

– Não me enganas. Pode engabelar as suas negas. Que você não é um novo Manet, disso tenho certeza.

Carente mais escuro tirou uma peixeira de sua bota. Ameaçou Tucano.

– Mas, vai ficar Maneta.

O mais claro censurou a violência.

– Calma, colega. Ele não merece sujar de sangue sua peixeira.

O escuro recebeu com presteza a mensagem de seu irmão de fé. Falou:

– Não queremos machucar ninguém, mas que vocês são um povinho muito do pobre são. Ora, sequer consegui angariar duzentos dólares. Somam nove pessoas. A média do que usam diariamente não chega a vinte e cinco dólares. Que tristeza!

– Aca, posso lhe dizer, é final do mês e estamos devidamente endividados e duros.

Marlucy, diante de meliantes e indivíduos marginais, sofria da síndrome da assistência social. Ela começou a falar sobre as origens da criminalidade. Traçou paralelos entre os diversos tipos de crime, no decorrer da sociedade humana. Deitou falação. Os carentes até que gostaram

de sua explanação e se viam refletidos nos futuros ladrões. Ela mostrou-lhes as técnicas mais comuns de assalto. Ensinou alguns truques. Mas carregava dentro de si toda a culpa.

– Por que roubam? – perguntou com uma voz carregada de sentimentalismo barato.

Carente mais claro falou.

– Minha senhora. Gostei muito de sua discursiva, mas quanto a essa pergunta idiota, deixo-a sem resposta.

Marlucy quase chorou. Conteve-se. O mais escuro resolveu responder.

– Roubamos por prazer. Somos sádicos. Gostamos de ver os outros sem controle.

– Então, são sociopatas? – , falou Marlucy.

O carente mais claro pensou e refletiu sobre sua condição. Já estava ficando de saco inflado de tanta ladainha.

– Minha senhora, sou psicopata e só. Nada de social me fez entrar nesta vida.

O carente mais escuro já se mostrou com uma posição diferenciada da de seu amigo:

– Quanto a mim, senhora, não gostava de roubar. Fazia por dinheiro. Mas, agora, depois de tantos furtos, quando não roubo ninguém fico nervoso e angustiado. O latrocínio é uma cachaça.

Marlucy pegou duas pequenas bíblias. Fez uma dedicatória e entregou para cada um dos carentes. O carente mais claro usou de sua ironia.

– Que ele nos abençoe em nossos próximos assaltos. Esse aqui só deu muito falatório e pouco dinheiro.

Os carentes saíram calmamente. Quase iam esquecendo a palavra de Deus em cima da mapoteca. Marlucy lembrou-os. Ela se achava gente. Bandeirante, quando pequena, Marlucy ainda guardava as idéias humanitárias em sua pessoa. Queria libertá-los a ajudar ao próximo. Pensava ter conseguido. A mulher se sentia nas nuvens – elevada a potência de Deus. Rapidamente, Marlucy se juntou a Matossas e Xarluz. Fizeram um círculo. Rezaram uma oração inventada por eles, em voz alta.

Tucano parecia abalado nas sua faculdades mentais. Sentou-se numa cadeia. Dava voltas sobre si mesmo. Tirou um pirulito do bolso da camisa. Chupava. Fichelm teve uma reação normal. Ligou para a segurança da Torre e comunicou o assalto. Pobre Maria Luísa, mui nervosa, recebia uma dose de calmante na veia. A desenhista loura fazia a aplicação. Desenhista levava as mãos à boca. Junto com a desenhista morena, eu tentava carregar os restos dos quadros de Tucano para fora da divisão. O entulho acumulado obstruía a passagem.

Surgiu Jacks Trouth. Levou um cascudo de Fichelm. O chefe fez uma saraivada de perguntas ao auxiliar. Ele explicou com exatidão e em alto e bom som, que havia saído para pagar

uma conta de manicure, no salão da Torre. As unhas de Fichelm brilhavam mais que as estrelas. A segurança da Torre chegou logo na seqüência. Um sujeito falante, vestido com uma camisa da seleção brasileira, assumiu a responsabilidade pela fuga. Só faltou beijar os pés de Fichelm. Disse ter dez filhos e precisar daquele emprego. Explicou que deixou a porta de segurança da garagem aberta. Os carente fugiram por ela. Fichelm aceitou o pedido de perdão. O homem com a camisa da seleção brasileira não tinha tanta culpa assim. Ele olhou para Fichelm e fez um questionamento apropriado:

– Chefia, quem botou os meliantes para dentro?

Fichelm apontou para Tucano. O chalrador parecia ter regredido aos cinco anos de idade. Mascava chiclete e pedia doces a Maria Luísa. Tucano não sabia, mas era médium. A confusão fez com que ele incorporasse a beijada. Pobre Maria Luísa não sabia o que fazer.

– Ele vai ficar pra sempre assim?

O de camisa da seleção brasileira parecia entendido em cultos afro. Começou a cantar. Fazia alusão a nomes africanos. Fichelm começou a bater palmas. Foi feito um círculo em volta de Tucano. Todos cantavam para a criança subir. Mas a entidade parecia gostar do corpo de Tucano. Usava e fazia evoluções.

Dado algum tempo, ele voltou a si. O de camisa da seleção brasileira se aprumou para o seu lado. Deu um pescotapa no chalrador. Tucano não gostou. Olhou para o homem franzino. Muito mais baixo e fraco do que ele. Partiu para a briga. Apanhou. O responsável pela segurança era faixa preta de Kickboxe. Participou de uma disputa de título mundial da categoria leve. Foi um massacre. No final, Tucano fez a pergunta redentora:

– O que eu te fi-fiz-fiz?

– Colocou pra dentro dois meliantes.

Tucano recebeu novo pescotapa. Ninguém se atrevia a ir em defesa do chalrador.

– O que-que eu te fi-fiz-fiz?

Mais um pescotapa.

Tucano se ajoelhou. Chorava copiosamente.

– Não me ba-bata-ta.

– Batata! Como sabe meu apelido?

Fichelm intercedeu para evitar sangue derramado em vão.

– Batata, ele é seu admirador. Aca, vimos todas as suas lutas pela televisão.

Mas a mentira tem pernas curtas.

– Nenhuma luta minha foi transmitida pela TV.

Impasse. Lágrimas. Momentos de decisão. Batata executou um chute giratório e atingiu a Tucano. Ele caiu como um saco. Batata fez puching ball da cabeça de Tucano.

Fichelm não tinha noção do perigo. Tentou segurar Batata. Levou alguns socos. Reagiu. Chutou com a faca do pé as têmporas de Batata. O chefe parecia ter alguma noção de arte marcial.

– Aca, fui campeão da Liga Angrense.

Mas o poderoso chefão estava gordo e fora de sua forma. Esgotado, extenuado, lutava. O suor e o cheiro de sovaco invadiam a sala. O ar-condicionado não dava cabo de tamanha fedentina.

O funcionariado torcia para Fichelm. As mulheres se aglomeravam no canto da sala. Gritavam. Xarluz e Matossas queriam entrar no combate. Queriam ajudar o chefe. Só não postulavam o título de covardes. Três contra um é covardia. Mas nem tanto. Batata lutava por cinco. Quase ia dando cabo de Fichelm, quando Matossas e Xarluz fizeram-se presentes. Matossas puxou uma faca. Começou a fazer malabarismo. Levou um soco no olho e caiu desmaiado. A honra da divisão estava nas mãos de Xarluz.

– Batatit quando nasce, se esparrama pelo chão. Guardo mamaesit no bolso e papit no coração.

Xarluz apelou para o lado sentimental. Não adiantou. Batata era uma máquina de bater. Em matéria de luta, fazia e acontecia. Não havia meio e enquanto existisse homem naquela divisão, ele lutaria. Via que a coisa ia sobrando para mim. Tinha de fazer aquilo. Minha honra, meu orgulho. Fiz uma coisa que muito me condoía. Tirei a camisa. Tinha complexo de ginecomastia. Batata deu cabo de Xarluz. Olhou para mim com aquele penetrante par de olhos. Ele parecia cansado. Eu tinha alguma chance. Poucas vezes parti para vias de fato na minha vida. Mas todos foram vitoriosas. Aproveitei a maré de positividade. Batata foi só deboche para com a minha pessoa. Ridicularizou-me.

– Lá vem o almofadinha com seu peitinho de pomba!

De pombo sim. De pomba não! Fiquei emputecido. Parti pra dentro.

A porradaria começou. Usei algumas lições do professor Caliso – meu mestre de quando na infância, de capoeira. Ginguei de um lado e de outro. Batata exaurido, levantou a mão para me dar um soco. Esquivei-me. Ele caiu no chão desmaiado. Venci. Sem dar um soco. Venci. Mas, ora bolas escrotais, qualquer um faria aquilo. Tentei acordar Batata. Eu já estava sem camisa. Queria lutar. Luta de macho. Bater até cair. Sangrar. Mas não, Batata fora um fraco. Bateu em todos e caiu de cansaço sem me encostar as suas mãos. Fichelm cambaleou para o meu lado. Levantou a minha mão.

– Aca, o nosso campeão!

Nunca tive uma vitória como aquela. As coisas muito fáceis não costumam ter um grande valor. E logo aquela luta, que, aparentemente, tinha um grau de dificuldade muito grande. Na prática, não fiz força para vencer. A polêmica se instaurou enquanto eu botava a camisa. Uns queriam uma revanche minha com Batata. Quem seria o melhor? Não tinha dúvida, claro, que Batata em condições normais de temperatura e pressão me aplicaria uma surra vexatória. Mas não haveria outra luta tão cedo. Batata desfaleceu e nessa altura sonhava.

Esculápio chegou com um balão de oxigênio. Acudiu Batata. Ele recobrou seus sentidos aos poucos. Todos ficaram receosos do que poderia acontecer. Ele se levantou. Me ergueu ao teto. Sorriu. Ele não tinha muito dentes, bem verdade, mas os poucos que ainda possuía, mostravam sê-lo um homem de derrotas e vitórias.

– Quero outra chance com o peitudinho.

– Aca, outro dia. –, disse Fichelm em tom vitorioso.

As vestes de Batata estavam sujas de sangue. O homem saiu. Recebi uma salva de palmas, beijos e festividade. Xarluz tomado de ciúme dizia a todos da ausência de méritos da minha vitória. Chegava até a cogitar que havia comprado a briga; posto no literal sentença passada.

– Ele não lutit nadit.

Fichelm fez sua observância. Segundo ele, era de pouca importância e nenhuma relevância o que Xarluz sentenciara. Fichelm não chegou a me elevar à pessoa de Deus, porém, foi de uma cortesia ímpar. Concluiu que se eu havia dado sorte, fora então, o escolhido para vencer Batata. O mulherio da divisão me olhava diferente, e a inveja remoia Tucano, Matossas e Xarluz. Jacks Trouth, que havia sumido quando do embate, deu o ar de sua graçolagem. Levou dois cascudos de Fichelm.

– Aca, aonde esteve? – perguntou o chefe.

– Fui pagar o carnê de vossa pessoa.

– Gajo, que carnê é esse?

– O do BNH.

– Pegou o carnê errado. Minha prestação é feita pelo BMB. Não sei que confusão fizeste. Aca, digo que tu és um idiota.

– E, sempre seu servo, volto à rua. Lá é meu lugar. Meu mundo e nada mais.

Jacks Trouth levou dois novos cascudáceos em sua cabeça. Ele saiu, mas não sem antes me cumprimentar. Chegou bem próximo a mim. Pediu um autógrafo. Ridículo. Ele insistiu. Disse não ser sempre que Batata perdia.

Amante da verdade, expliquei-lhe com requinte de detalhes tudo acontecido. Não bastou. Mesmo assim, ele queria por querer o meu autógrafo. Talvez fossem aqueles os meus vinte minutos de fama. Olhei bem fundo nos olhos de Jacks Trouth, uma lágrima percorria os sulcos de sua face. Mesmo com todo o tom de pieguismo dramático, não fui tocado pela cena:

– Não sou um astro. Se tiver de pedir autógrafo de alguém. peça o do Batata. Ele já lutou por um título mundial.

– Mas, tu fizeste purê do Batata.

Jacks Trouth saiu em debandada de tristeza. Talvez houvesse ganhado um inimigo, mas prefiro a execração do que a mitificação. As mulheres quase me canonizavam ajoelhadas. Tal qual rezadeiras, pediam milagres. Próprio, Tucano veio depois da inveja sanada me cumprimentar.

– Você foi o es-escolhido-do.

Pobre Maria Luísa se levantou em reverência. Sapecou-me um beijo em minha face. Sentia-me a mais grotesca das criatura. Como deve ser ruim ser Deus! Imagine, o velho homem como deve sofrer. Aqueles milhões de pedidos e as orações repetidas ad infinitum. Tinha de dar um basta a situação. Pessoas começavam a chegar em profusão na porta da divisão. Uma simples vitória (contestável), numa lutinha de rua, trouxe à DIORG uma quermesse de pessoas. A notícia se espalhou como ventania. Antes do fim do expediente, havia uma fila de funcionários, uns quarenta queriam uma palavra de minha pessoa para os seus problemas. Mas, aquilo ia contra toda minha ideologia de vida. Vivia feliz, com os meus princípios. Não passaria à condição de ídolo por nada imaterial que o mundo viesse a dar. Não tinha vocação para guru. O alvoroço crescia . A fila aumentava. Pulavam pedidos de cura por imposição de mãos. Não acreditava nesse tipo de coisa, muito menos iria ministrar milagres a todas aquelas pessoas. Procuravam o homem errado. Não tinha poderes extrasensoriais e nem sequer tinha noção do procedimento para alcançar alguma benesse divina. O final do expediente se aproximava. Comecei a ser chamado de Mestre. Era mestre isso, mestre aquilo. Todos faziam uma força enorme para que mostrasse meus poderes. Mas, que poderes? Ainda não havia atendido ninguém. Pessoas na fila já diziam terem sido curadas de dor de cabeça. Algumas, desesperadas, faziam uso da voz. Gritavam. Chegou um pobre menino numa cadeira de rodas. Ele conseguiu andar. Os espacianos queriam me ver. A multidão se avolumava na porta da DIORG. Todos queriam conhecer o milagre.

Tinha de desfazer logo a confusão em que havia me enrascado. A primeira reação do povo é a adoração; porém, logo em seguida, vem a crucificação. Os milagres fora da DIORG iam se multiplicando em número cada vez mais convincente. Comecei a me olhar com outros olhos.

Será? Não, não existe nenhuma possibilidade de um ex-cristão e ateu convicto declinar diante do inexplicável. A razão está em primeiro lugar. Todas estas pessoas devem estar loucas. A histeria coletiva começou. Usavam a boca para repetir o canto e a oração de Papa Pompal num uníssono inquietante. Andava de um lado para o outro. Fichelm se aproximou. Chamou-me de mestre. Como tal dei-lhe um esporro firme. Expulsei todos do templo. A DIORG ficou vazia. Coloquei algumas cadeiras na porta. As pessoas forçavam. Tentei fugir. Não havia como sair da DIORG. Os espacianos gritavam em coro: "Quero ver Deus". Credo e cruz. Se o estupro se mostra inevitável, relaxar e gozar. Abri as comportas da DIORG. O povo foi entrando e me cingindo. Fiz cena. Abri os braços e afaguei a cabeça do funcionariado. Nunca fora tão hipócrita em toda a minha existência. Fazia carinho naquelas pessoas abjetas. A escumalha a rodear-me colocou-me no bojo de sua disforme figura. Levaram-me até o refeitório. Ia acenando. Dúvidas em minha mente faziam-se pertinentes. E quando descobrissem não ter eu nenhuma ligação com o divino? O que aconteceria com minha pessoa? Fichelm usava um megafone. Ele organizava a fila. A cantina repleta tornava-se cada vez menor para tamanha quantidade de espacianos carentes espiritualmente. Fichelm usou o megafone. Pediu a todos que sentassem. Assim o fizeram. O espaciano era um povo cordato com as coisas divinas. Fiz um aceno no ar. Xarluz gritou no fundo do corredor:

– Elit é um impostor!

Aproveitei o ensejo. Fiz uma prédica. Disse não ser quem pensavam que eu fosse. Falei não ter nenhuma relação maior com o Divino. E tentei dar um ponto final àquelas manifestações. Xarluz sorriu animado. Tucano idem.

O povo não acolheu bem minhas palavras. Eles berravam com o pulmão a pleno. Diziam que eu tinha uma ligação estreita com Deus. Pediam curas. E, o incrível acontecia. Pessoas com problemas os mais diversos apareciam curadas dos males afligidores. Começava a acreditar no antes, para mim, inacreditável. Xarluz tinha o ódio dentro dele. Pediu a Fichelm para chamar a Igrejas dos Auxílios Divinos. O cidadão queria fazer uma série de experiências para comprovar que havia farsa naquela história toda. Não precisava disto, eu mesmo já havia dito a todos em alto e bom som. Não tinha nenhum vínculo com o divino. Não acreditava nele. Mesmo assim, usei de minha oratória para alertar novamente a multidão de minha real posição diante daquela ocorrência toda. Não adiantou. Eles acreditavam na milagreira que ocorreu bem diante de seus olhos. Ademais, não satisfeitos com o grau de intervenção de Deus, queriam mais e se revoltavam quando algum caso em particular não alcançava melhora imediata. Levantou-se uma senhora. Ela disse que sua mancha na mão não havia sumido. A anciã setuagenária queria por querer a cura. Fichelm, acostumado com as regras de Deus, objetou observação. Alertou para o

fato de que nem sempre o milagre ocorre imediatamente. Explicou que, muitas vezes, demoraria dias, meses e até anos para a mão de Deus almejar curar alguém. Foi claro também ao usar com propriedade os preceitos bíblicos, na tentativa de conter o rebanho indolente:

– Deus só age quando está implantando no coração de cada alma em amor permanente com a divindade. Aca, só os puros terão os méritos maiores.

Usei de minha voz. Conclamei a todo o funcionariado a rezar uma oração. Citei um texto da bíblia. Eles repetiram. Ao final pedi para que todos saíssem. Ninguém arredava pé do lugar. O ar começava a ficar quente.

Os espacianos berravam em coro a querência de mais milagres. Fiz uma nova oração em voz alta. Todos pareciam quedar-se ouvintes. Pedi novamente a saída de todos. Mas a população da empresa parecia petrificada. Uns diziam que só iriam sair quando um milagre ocorresse de fato em suas vidas. Era muita gente para um milagreiro só. Fichelm através do megafone tentava colocar um pouco de ordem no recinto. Ele perguntava-me quando ia começar a "atender". Não iria compactuar com aquela distorção. Faria como Krishnamurti. Renunciaria a condição de líder religioso. Para tanto, só havia um empecilho, a fúria dos empregados da Espace. Poderia ser linchado ou até mesmo crucificado. O martírio só começou a aumentar com a chegada de fiéis da Igreja Carismática da Renovação Eterna do Pontilhado de Luz. Os membros cingiram meu corpo de santinhos os mais diversos. Lutava internamente contra a adoração que estava provocando. Fichelm a todo instante me chamava de mestre. Meu saco inflava. Xarluz andava de um lado pra o outro. Fitava o relógio. Parecia esperar alguém. Uma setuagenária se ajoelhou junto de mim. Fez um pedido de fé. Ela queira saber se seu cachorrinho Aspônio estava no céu. Tinha de responder algo para a anciã. Fui meio grosso. Falei que cachorros não vão para o céu. Ela chorou. Me apiedei. A senhora recebeu meu afago no rosto. A anciã retirou-se mais calma do que quando chegou. Disse-me que transmitia paz. Adentrou o recinto uma mulher dos seus trinta anos. Todos olharam perplexos. Ela me deu um beijo no rosto. Não entendi a ojeriza provocada pela mulher. Havia algo suspenso no ar. Uma raiva contida. A moça usava um turbante à la Simone de Beauvoir. Perguntei ao Fichelm o por quê do mal-estar:

– Esta mulher é conhecida. Ela passa de mão em mão e quando muda a presidência usa de sua política prostitutária para se manter no poder. Desfrutável convicta. Piranha de carteirinha. Garota de programa. Não sei o que faz aqui. Aca, estamos em um recinto de fé, onde o povo procura a expiação de sua culpa e milagres. –, sussurrou o chefe da DIORG.

Perguntei o nome da piranhaça. Fichelm respondeu com toda a calma do mundo:

– Seu nome é Futrica Maldonado.

Não acreditava como alguém em sanidade de consciência poderia se embrenhar pelas pernas gordas, quase elefantisíacas, de Futrica Maldonado. Apesar da calça apertada, sua gordura na região do baixo ventre daria para quatro lipoaspirações. Triste alguém gostar de uma mulher esteticamente estranha. Claro, porém, que esse meu desenho asqueroso é acrescido da futura pouca e abjeta convivência que tive com Futrica Maldonado. Mulher de poucas palavras e muitas ações do poder, ela fazia tudo que queria. Seu corpo ia em troca da benesses conseguidas. As bocas das matildes diziam em ferocidade sê-la uma moça de poucos recursos intelectuais, mas, de dotes de mulher da vida. Incontestável era a sua proveniência atribuída muitas vezes a uma das casas noturnas da Prado Júnior. Fichelm dizia tê-la conhecido muito antes na zona portuária ali perto das docas. Ele teve um tórrido romance com Futrica Maldonado. Queria casar com ela. Queria tirá-la da vida. Conseguiu um emprego na Espace para a prostituta. Mas, a piranha era bastante ardilosa. Envolveu o presidente da empresa nas suas teias. Oldegário Riquito deu-lhe tudo que podia e acabou quase sem nada. Fichelm guardava distância de Futrica Maldonado. Tinha de manter o emprego. Já não sofria de amor quando conheceu a filha de um político de carreira. Andorra. Holianda, pai de Andorra, assumiu as funções de presidente da Espace. Andorra casou-se com Fichelm. Holianda começou um caso com Futrica Maldonado que já durava muito e que duraria enquanto o poder tivesse. Futrica Maldonado saiu da sala sob olhares. O refeitório respirou alto em alívio. Um homem bem no fundo pediu em vociferante grito:

– Salve aquela ovelha desgarrada. Ela é uma prostituta. Só envergonha nossa condição de funcionário.

Respondi que cada um tem sua escolha. Estava receoso de uma discussão mais inflamada.

Não acreditava muito na liberdade. Na época pensava que fosse apenas uma estátua burguesa e francesa de onde se via a cidade de Nova Iorque. Mas tinha de fazer aquela cena. Teria ainda de pousar como Deus por mais algum tempo. Até que a paciência, a fome, ou qualquer outro componente desagregador do interno coletivo pudesse contribuir para a minha liberação da condição de mestre. Circulando entre a população espaciana, um vendedor de limonada e outro de cachorro quente aumentavam o preço de suas mercadorias. Fichelm quase se humilhava. Ele, de joelhos, pedia um milagre, um milagrezinho que fosse. Surgiu uma sombra na parede em formato de anjo. Todos se levantaram. Uma luz invadiu o recinto. Fichelm gritava:

– Deus és tu?

Uma voz de lado de fora parecia falar.

– Aonde tão os ladrões?

Tratava-se de um helicóptero da polícia que vasculhava cada andar da torre. Uma sirene ecoou. Os dois meliantes entraram na sala de refeitório. Eles olharam para mim. Se ajoelharam. Não entendi. Fichelm caminhou até eles e desarmou-os. Os meliantes me chamaram de mestre. Havia um complô do universo a favor da minha beatificação. Xarluz andava de lado a outro da sala, olhava seu relógio. Todos atônitos, diante da rendição dos larápios, convenciam-se cada vez mais de meus poderes miraculosos. Uma senhorita de seus vinte anos emoldurou minha mão com um beijo de batom. Passou na calada seu número de telefone. Que heresia com um semideus. Começava a gostar da minha condição divina. A polícia levou os ladrudos. Um guarda aveludou minha mão com uma nota de cem dólares. Não aceitei. Ele me disse ser a recompensa para a prisão dos larápios. Fichelm guardou o dinheiro. Disse que iria para igreja.

– Qual igreja?

– Aca, a de santo espaciano.

– Nem sou espaciano ainda. Pertenço a FUSTEL.

– Pertence a Deus.

Xarluz finalmente se aliviou. Chegaram ao refeitório alguns membros da Igreja dos Auxílios Divinos. Um cidadão cumprimentava Xarluz.

– Onde está o candidato a Deus?

O assessor-chefe apontou para mim. Mantive uma cara fechada. Meditando, percebi ser aquela a oportunidade para velatizar a generalizada idolatria para comigo. O membro da Igreja dos Auxílios Divinos se aproximou com mais cinco voluntários. Os espacianos quiseram rechaçar a chegada até mim daqueles estudiosos. Eles carregavam instrumentos que com certeza iriam aferir se aquele povo estava diante de um Deus ou seria apenas um engano. Nessa altura do campeonato, não sabia o que seria pior. Na condição de Deus, precisaria cumprir uma série de protocolos e até sofrer atentados de alguns de meus amigos ateus. E, fora da capa de divindade, os espacianos poderiam ter uma reação um pouco mais furiosa para com minha pessoa. Se correr o bicho pega e se ficar o bicho come. Os membros da Igreja dos Auxílios Divinos chamavam-se entre si de auxiliadores. Eles colocaram alguns instrumentos junto a mim. Fichelm estava revoltado. Ele não achava correto o que faziam comigo. Não por eu ser um reles humano, mas por ser Deus. Colocaram uma pinça sobre os meus dedos. O artefato se abriu. Os auxiliadores foram críticos:

– Se ele não é Deus, está perto disso!

Xarluz caiu de joelhos. Fichelm fez o mesmo. Porém, para precisar com exatidão, os auxiliadores precisariam de outros testes. Só então poderiam me dar o certificado de homologação de divindade.

– Temos de estudar todos os fatos e a arquetipologia dos milagres. Precisamos traçar um perfil psicológico de um novo candidato a Deus.

Enfureci-me.

– Não quero ser Deus. Eu sou um auxiliar de escritório.

Xarluz deu uma piscadela para mim. Depois traçou um raciocínio dentro de uma lógica toda peculiar a sua pessoa.

– Tanta gentit por ai querendo ser Deus. Você renega ser o que é. Se não fossit o supremo divino seria então o demônio. E deveríamos dar cabit de sua pessoa.

– Sendo assim, prefiro ser Deus. Mas, continuo dizendo que apenas sou eu mesmo. Faço jornalismo e trabalho como auxiliar de escritório. Deus viria a terra para ser isso?

– Se ele já foi carpinteiro. Não me surpreenderia se viesse como gari da Conlurbit.

– Está menosprezando os catadores de lixo. Eles ganham mais que um auxiliar de escritório da Fustel.

– Mas não tem o futurit de um funcionário de uma estatal como a Espace.

– Futuro.

– É tudit que a Espace tem. Vejam essas pessoas – apontou para a massa de funcionários – elas todas já foram gente menor e hoje são o escol de uma racit. Queremos um Deus funcionário público. Um Deus estatal. Você é esta pessoa. Tem tudo para ser um grande e iluminado ser.

– Mas não sou Deus.

- É o maior de todosit.

– Sequer me lembro de uma oração que seja.

– Não importa. As pessoas são crédulas. As pinças já comprovaram que sua aurit tem grande magnitude.

– Não acredito nesse tipo de coisa.

– Vai ter de começarit a acreditar. Quem já viu um Deus que não é ecumênico?

– Serei Zaratustra.

– Zara. .. o queit..?

– Nada. Esqueça.

Os auxiliadores colocaram dois fios na minha cabeça. Falaram que iriam fazer um eletrocardiograma. Não entendia como podiam fazer aquilo com a mente de Deus. Tomara que chegassem a uma conclusão diferente daquela em que estavam confiando todos os presentes ao refeitório. Ser Deus não fazia parte dos meus planos. Muito menos tornar-me um grande senhor das estatais. Era o que faltava para a total negação de tudo o que pensei e planejei para a minha

existência. Os auxiliadores apertavam botões e botões. Demoraram dois minutos para chegar a um veredicto.

– Temos de fazer o teste do QI. –, dizia um dos auxiliadores. –, com mais esse elemento poderemos comprovar se ele é Deus ou não.

Xarluz queria saber sobre a técnica empregada.

– Qual a correlaciorit entre o teste do QI e a divindade, meu caríssimo?

– Veja bem a lógica. Um ser humano tem o seu coeficiente de inteligência devidamente e estritamente dentro de certos padrões. O QI de Deus deve fugir a todo e qualquer padrão. Deve ser um QI infinito. Não deixemos que o postulante a Deus saiba do que vamos fazer. Ele me parece relutar em ser Deus. Mas, Xarluz, creio estarmos diante dele.

– Deusit?

– Deus.

Me aplicaram um teste que eu já havia feito em outra ocasião. Passei pelas primeiras baterias com facilidade. O tempo para resolver as questões foi rareando. A dificuldade aumentava. Acabada a bateria de testes, os auxiliadores se recolheram em uma sala. O povo cantava em coro "é impossível eu não crer em ti/é impossível não te encontrar/é impossível não fazer de ti meu ideal". Os auxiliadores demoravam em demasia. Xarluz queria uma definição. Novos milagres foram acontecendo aos borbotões. As feridas do austero senhor de bigode cicatrizaram-se. Ele subiu numa mesa. Me deu um beijo. Limpei a baba escorregadora em minha face. O homem falou:

– Ele pode não ser Deus mas é um milagreiro dos bons!

Os auxiliadores saíram da sala. Chamaram Xarluz num canto do refeitório. Foram categóricos.

– Ele tem o QI muito baixo.

– Quantit?

– Cento e quarenta.

– Baixit. É muito acima da média.

– Mas, em se falando de Deus, o QI do cidadão é muito pequeno.

– Ora. Quantit esperavam que Deus tivesse de QI?

– Meu caro, não tínhamos uma idéia exata, mas para ser Deus seria necessário um QI duas vezes maior que o de Einstein. Ele está muito longe disso.

– Isso é o resultit final?

– Sim. Ele não tem nada de divino. Perdão, quero dizer que esse cidadão – apontou para mim – tem tanto do divino quanto eu ou você, meu nobre Xarluz.

– Farsante, farsantit.

Xarluz passou pela multidão. Ele não iria me desmascarar. Não poderia ser tão burro. Eu jamais dissera ao povo que tinha sequer algum vínculo maior com a divindade. Mas o QI de Xarluz beirava o subnível.

– Impostorit!

– Pouco sagaz. Jamais disse ser Deus. Vocês que encasquetaram as caraminholas na cabeça.

Gostaria de poder dizer da minha postura agnóstica. Porém, aquilo seria abrir mais um degrau de discussão na escadaria que tentava descer. O povo começava a ficar mais arredio. Primeiramente foi contra Xarluz. Depois de uma explicação detalhada, a massa espaciana passou a afiar suas garras contra minha pessoa. Tinha de falar a todos. Em assim usando da dialética, poderia dar um nó naquelas cabeças e conseguir minha redenção/salvação. Me aprumei em cima de uma cadeira e falei para todos em alto e bom som:

– Jamais proferi o santo nome em vão. Em todos os momentos fui categórico e taxativo. Disse sempre a todos que não era Deus. Fui mais além e expliquei não ter nenhuma ligação com o ser de luz. Apenas posso esperar, uma reação loquaz. Procurei agir com retidão de caráter. Alertei a todo instante do erro que cometiam ao me considerar um novo Deus. Não sou e nem nunca fui. Pelo contrário, sou auxiliar de escritório e nem pertenço a fileira da Espace. Trabalho para a FUSTEL. Se vocês procuram um ser perfeito e acabado, não encontrarão em mim e nem em ninguém dentro desse planeta Terra. Por fim, só desejo que vocês encontrem Deus. Me chamem quando conseguirem. Quero fazer algumas perguntas a ele.

Quando terminei de falar, entrou no recinto Fedelta e o diretor Estales. Fedelta seria a salvação da lavoura. Era um cara experiente, safo, poderia me tirar daquela situação. Saudei-o e qual não foi minha surpresa.

– Você não passa de um agitador. Tem mais é que comer o pão que o diabo amassou. Tu nunca será Deus.

Tirou uma carteira do comando de caça aos privatistas – o CCP. Aos poucos fui cercado. Estales foi o primeiro a me socar. Eu ia reagir. Fedelta socou. O mundo socou-me. Desmaiei.

Epílogo

Acordei, muito tempo depois, em local incerto, sobre grades, e tinha uma mordaça na boca. Algo como no filme “O silêncio dos inocentes”. Aproximou-se de mim um homem todo de branco. Pude ler em seu crachá: Dr. Simão de Bacamarte Neto. Ele me olhou por completo e ao seu lado vi a figura de Estales. Ambos me tiraram de uma camisa de força. Estales me disse:

– Vais passar uns tempos aqui pelas bandas de Itaguaí. A Casa Verde é o seu lar.

Logo que saí da jaula percebi estar num hospício. O lugar parecia mais bonito do que a minha imaginação jamais pudera conceber. Havia flores por todo o lado. Logo fui saudado por um dos internos:

– Bem vindo, sou Inácio Plinto e este é meu amigo Canaliz. –, o qual recitou um verso de Rimbaud.

Aos poucos, formou-se uma roda de internos a cingir-me. De um pouco fora de órbita, com os dias que se assolaram um sobre os outros, mostraram-me um mundo melhor e diferente da Espace. Meu ódio para com Estales e Fedelta e toda a escumalha espaciana fazia-me detestar o gigante Prometeu. Me perguntava: por que não acabou com a humanidade? Em noites de lua cheia, eu desconjurava as gerações e gerações de Fedelta e Estales. O ódio havia dominado meu coração – também, pudera ou não? Contudo com o passar do tempo me vinha a lembrança da minha família. Onde estavam? Por que não me procuravam?

A vida no hospício era boa. Convivia com pessoas polidas. Não queriam saber o meu passado. Que perigo nós representávamos para o mundo? Havia alguns que, no refúgio do seu quarto, pintavam. A cordialidade reinava até nas refeições. Comiam educadamente, sem barulho, sem raspar talher no prato, sem tirar o cotovelo do lugar. Gente de primeira. Os únicos mal educados, os funcionários da Casa Verde, não tratavam bem os internos. O Doutor Simão Bacamarte fazia inspeções de rotina em cada quarto, onde às vezes se acomodavam oito pacientes. Nas inspeções, Neto tentava a inoculação de remédios que julgava pertinentes para a cura de cada moléstia.

Comecei a criar raízes naquele lugar. Sentia-me bem cercado por todos aquele muros e grades. Protegido de um mundo hipócrita. Na Casa Verde não havia liberdade, igualdade e fraternidade. Ninguém prometia nada a ninguém. Não havia convivência com o mundo exterior. Não ocorriam brigas. Os casos raros de surto recebiam o atendimento do médico. Mas, mesmo

assim, quando se está preso, nos primeiros anos, a mente investe sobre o ser humano uma chuva de perguntas. Que?Quem? Como? Quando? Onde? Por quê? Em tempo, talvez ninguém nunca venha a fazer o lead da minha notícia.

O velho Tempo cuidou para que fosse esquecendo de tudo. Dei de freqüentar a biblioteca da Casa Verde. Havia um mundo nos livros. Passava dias inteiros lendo e estudando. A biblioteca, atraía bastante gente, parecia ser o ponto de encontro. Havia um interno dedicado à especialidade rara em antropologia. Ele defendia a tese da anti-natureza humana. Sua tese especulava sobre a loucura. Haveria de ser rígido para não ser louco. Concordava com ele. Havia ainda semiólogos, romancistas, ensaístas e toda uma plêiade de estudiosos. Fui me fortalecendo intelectualmente até ser indicado para uma das cadeiras vagas na Academia Pisicótica de Letras da Casa Verde. Um dos detentos, membros da academia, recebeu, sem querer, a alta. No dia da posse, tive de me vestir com uma roupa bufante feita de restos de lençóis. Foi recitado ao meu pedido um verso de Lustosa. A Cerimônia foi bastante agradável. Não tive de fazer nenhum discurso. Naquele dia me tornava um membro da Academia que visava a manutenção da arte dentro da Casa Verde. A sociedade de letras também tinha a função de manter, junto com a assistente social, toda a agenda de eventos. As atividades de leitura e estudo coletivo faziam da reclusão algo melhor do que a vida fora. Eu lia Murilo Eunir, um dos internos que fez a biografia do Simão Bacamarte Filho, o pai de nosso psiquiatra do hospício. Havia traços parecidos de pai para filho. Buscavam a grande fórmula de cura de qualquer afecção mental. Bacamarte Filho achava que uma pílula miraculosa poderia ser o achado da psiquiatria moderna. Por minha vez, acreditava que faltava música naquele hospício. Mas logo essa carência me foi debelada. Foi internado um pianista de nome Heipitel. De imediato foi encomendado um piano, através do presidente da Academia Psicótica de Letras, instrumento que, se não tinha cauda, fazia um som respeitável. Surpresa tamanha foi que, aos poucos, os membros da orquestra brasileira iam sendo internados no hospício. Tínhamos diariamente um concerto. O maestro fazia os internos ouvirem as obras sublimes de Mozart, Beethovem, Wagner, Bach, Pagani, Strauss. Que estada no paraíso. Sentia apenas a falta de uma vida sexual ativa. Havia somente homens no hospício e nenhum se engraçou para os meus lados, ou levaria um coice. Dedicava então todo o meu tempo aos estudos e vez em quando masturbava-me escondido – afinal aquela vida parecia uma vocação sacerdotal.

Havia algo de muito positivo na Casa Verde, não dispúnhamos de televisão. Nos únicos locais onde existiam tais eletrodomésticos, nas cabines onde ficavam os empregados, a entrada se afigurava sempre proibida.

Outro traço marcante, outra grande aquisição à Casa Verde, foi quando o renomado professor de educação física, Eduardo Franjola, surtou. Ele passou a ministrar aulas de aeróbica de alto impacto para a turma toda. Que grande diversão!!!!!

O café da manhã também mudou com o tempo. De um copo de leite e torradas, passamos a comer croissants e delícias da comida francesa. Isso tudo graças à internação do chefe José Cristini. Ele organizou uma turma, ensinou o que deviam aprender para que começassem a fazer a comida mais gostosa que meu paladar requintado já degustou. Podíamos apreciar suflês, canapés e toda a gama de delicadeza e sortilégios alimentícios. Um verdadeiro festival gastronômico diário. Tudo isso tornava a Casa Verde um dos recantos mais admiráveis do planeta, uma verdadeira ilha cercada de fetidão por todos os lados.

Passado o tempo, era chegada a hora de comemorar o centenário da Casa Verde. O presidente da Academia Psicótica de Letras preparou um grande evento comemorativo. Até o Dr. Bacamarte discursou:

– Eu bem como meu pai e meu avô fomos os precursores de uma nova psiquiatria. Breve terei o segredo de todos os males mentais.

Os internos sabiam os segredos dos males: o mundo externo. A descoberta da grande cura assustava; no entanto, vinha sendo anunciada há tempos infindáveis e, assim, nunca se levava o Doutor muito a sério. E enfrentar estes outros seres, de outro mundo, era o único inconveniente do hospício. Aquelas almas bem vivas traziam toda a degeneração do mundo pós-moderno.

Mesa posta em plena comemoração, os únicos a reclamar do scargot foram os ditos de bem com o seu mental:

– Só louco mesmo come isso. Quero arroz, feijão e pipoca - reclamou um funcionário que acabou devorando um ravioli. Todos tinham educação refinada, menos os da ala mais saudável. Aqueles dias, aqueles contatos de um mundo com o outro é que atritavam a faísca da diferença. Visível. Enorme abismo que separava os de dentro dos de fora.

Havia casos estranhos de mundos em comum. Talvez pela falta de outras disponibilidades sexuais, Claudemiro Alcimenes engatou um filho em uma enfermeira. Acabou tendo que casar. Saiu da Casa Verde aos prantos, dizendo que nunca mais seria ele mesmo e que sua felicidade perdera-se.

A alta era um drama. Ninguém queria sair. No entanto, havia muitos para entrar. Mais dia menos dia seria minha vez. Cabelos grisalhos. Enquanto a alta não vinha, foi internada uma troupe de atores. Eles executaram obras de Brecht, Shakespeare, Becket, Molière. Cada dia ocorria uma atividade intelectual. Parecia até primeiro mundo. Aliás, as pessoas ali faziam parte do primeiro mundo: la crème de la crème. As peças foram verdadeiros sucessos. Os loucos foram

sentindo necessidade de veiculação de peças, concertos e, por que não, de receitas – coisas que todo o bom jornal já teve ou tem. Me prontifiquei a editar um periódico. Eu faria as matérias. Publicaria ensaio dos detentos, as atividades da Academia Psicótica de Letras, a sinfônica, as receitas quarteiras, as peças e seus dias de exibição.

O PiSique começou a circular com uma matéria de Framgalho Cruz. Ele contava sua vida como assessor do presidente Neiva. Contava dos podres do poder. Além disso, havia ensaios sobre Psiquiatria e infância, notícias da semana e uma muito pitoresca matéria sobre a fuga de um interno. Um tal Oldemiro Ribeiro Pena e Lacuna, ao ver pasta de camarão e moqueca de peixe, teve um ataque histérico gritando “arroz e feijão”. A Manchete dizia: TROCOU TUDO PELO ARROZ COM FEIJÃO.

Eu cada vez mais me acomodava à Casa Verde. A biblioteca, bem alimentada de livros, tinha do bom, do melhor, do moderno, do pós. Havia tudo para todos os gostos, menos para Agripino Argúcio, este emitia sons e berros noturnos. Sonhava com Tom e Jerry, a falta da televisão causava-lhe queda de pressão. Teve que receber alta. Coitado. Ele fora, no mundo exterior, diretor de novelas.

Mas, dentre os fatos mais abomináveis e contáveis estava o de o Dr. Bacamarte querer usar os internos como cobaia para sua experiência. Ele tinha certeza, e era assim a cada vez, que obteria a cura para toda e qualquer afecção mental.

– Estão condenados a serem loucos. Há que se contentar com isso!!!!!!

Falava para uma fila de mais de dez sorteados, dentre os tantos que torciam para a boa sorte de seus amigos. Algo de desumano. Parecia a fila para a câmara de gás. Ninguém voltava. Não sabíamos, assim, se havia dado certo a experiência. Tudo cercado do maior sigilo, fazia parte dos projetos da Fundação Estales.

Havia os que partiam e os que chegavam. Um tenor do Municipal foi internado. Passamos a ouvir árias de óperas. Coisa maravilhosa. Música. O doutor Simão Bacamarte apoiava contanto que houvesse interno para de vez em quando fazer parte das suas experiências.

Com o passar dos anos foi criada a ala feminina. No começo, poucas mulheres. Os internos se alvoroçaram. Cartas, torpedos, bilhetinhos, toda a forma de comunicação valia a pena para aquelas pessoas carentes apenas de uma coisa: sexo. Tudo valia a pena quando a alma não fosse pequena. E a alma dos internos tinha grandeza, luz, paz. Podiam dar amor a alguém. Criada a ala feminina, duas divas da música erudita, Eleonor Gore e Vidália Anália, passaram a treinar as outras detentas. As loucas tinham musicalidade. O tenor fez o mesmo entre os homens. Eles apresentaram La Traviata. Foi o êxtase, o orgasmo espiritual. Havaia requinte na recepção as detentas. Meu Deus, que dias!!!!!!

Tudo era bom, amável e cordial. Os gerânios cresciam nas paredes. A primavera crescia em amor. Tudo tão bonito. O sol refletido no horizonte de árvores e prédios fazia com que se adensassem tal nuvens as camadas de luz mais fluidas. Desordenados, os helicópteros pareciam pássaros de tão livres. Eu me olhava dentro do cenário. O que um homem poderia querer mais da vida? Havia alcançado a felicidade. E o pote de ouro além do arco-íris. O Psiquê fazia mais sucesso do que nunca. Meu trabalho, notado e respeitado, galgava o coração dos internos. Conquistava-os pouco a pouco, sem intenção, sem fazer força. Comecei a escrever meu livro de versos. Durante quase um ano me dediquei ao jornal e aos versos. Publiquei-os na editora da Academia Psicótica de Letras. Passei a ser mais respeitado do que nunca. Considerado. Ah, enfim para isso tanto lutara, tanto quis fazer no mundo externo. Com a minha influência entre os detentos, me tornei cabo eleitoral de Inácio Plinto para a sucessão na Presidência da Academia Psicótica de Letras. Plinto havia sido líder sindical, lutado no partido comunista, mas, na atualidade, escritor de mão cheia, demonstrava todo o seu talento no livro "Os abismos rasos". Mostrava que havia uma luz no fim do túnel pós-modernista.

O oponente a Inácio, o não menos nobre Dogoberto Trevo, dono de uma prosa proustiana, tinha tudo para ser o presidente. Havia lealdade na corrida presidencial. Não se disputavam plataformas políticas. Cada candidato fazia uma prova, igual a do outro, elaborada pelo Conselho dos Cinco, e quem tirasse a média mais alta recebia a consagração e a glória. Não havia dúvida quanto a integridade da banca, muito pelo contrário, eles tinham o respeito de toda a população do hospício. Entre os internos havia predileções e não apoios. Tanto que Plinto teve uma nota inferior a DagobertoTrevo. Não fui senão mesuras para com o vencedor e sequer lamentei a derrota de Plinto. O novo presidente era o mais capaz entre nós. As próximas eleições seriam em dois anos.

Passados anos de muito estudo e dedicação, meu nome foi ventilado para a presidência da Academia Psicótica de Letras. Comigo irmanado na disputa, o semiólogo Brados Calif Hua III. Recém-internado e dono de uma erudição estupenda, mesmo com pouco tempo entre os internos, já fizera de sua voz um brilhante eco. Possuía uma pronúncia delicada e quase poética, e todos os requisitos necessários para participar de tão enorme empreitada. A presença da ilustre figura só fazia enobrecer a disputa.

O dia do grande teste estava marcado. A banca – o Conselho dos Cinco – fez as cinco perguntas. Eu debruçava-me, ao lado de Brados, para respondê-las. Por ter jurado sigilo, não posso declinar aqui o conteúdo das questões, mas posso dizer que, das cinco, duas foram de literatura e duas de filosofia, sendo a última uma questão interdisciplinar abrangendo sociologia, antropologia, filologia, história. Terminei a prova dois minutos após meu concorrente. Não havia

limite de tempo para se dar as respostas. Por isso passavam-se dias e dias escrevendo sobre as questões. Parava-se para tomar água, comer e ir ao banheiro. Contudo, para mim e Brados, doze horas foram suficientes.

O Conselho se reuniu. Corrigiu a prova e, sobre aquela grande lua, todos os lunáticos da Casa Verde bramiam a minha vitória. Ovação. Glória. Tudo tão bonito. Os internos recitavam Rimbaud no original. Ao meu lado, o outro candidato era só mesuras e delicadezas comigo. Nos abraçamos. Disputa limpa. Homens de fato.

Tinha como meta, o mesmo de todos que se sucediam, continuar as obras do ex-presidente. Dagoberto havia financiado as reformas nos quartos, a compra de tinta para os renascentistas, instrumentos e enfim tudo que a arte precisava. Manteria a Academia no seu trilho.

No primeiro ano, fiz a restauração de todos os livros da biblioteca – o que foi um trabalho hercúleo. Aos escritores, fiz uma compra de novas máquinas. A turma não gostava de computação, mas com a internação de Morfônios, um phd em informática, demos o início à informatização na Casa Verde. Larguei o Psiquê na mão de outro detento, mas mantive uma coluna semanal.

Meu mandato terminou como uma ventania. Havia sido sorteado para os experimentos do Doutor Simão de Bacamarte. Haveria uma outra eleição em breve, já que tal fato ocorreu quase no final do mandato de dois anos. O tampão foi Brados. Ele arcaria com minhas funções. Me despedi de todos e fui até a grande porta limítrofe junto com um outro detento sorteado. Um funcionário nos conduziu à enfermaria. Passei pelo hall. Havia um grande espelho lá. Só aí vi quanto tempo passara. Meus cabelos, completamente brancos, e as rugas, vulcânicas, atestavam a minha idade. Simão de Bacamarte Neto fez as medições de altura, cintura e coisas do tipo. Ele urrou:

– Dessa vez ganho o Nobel de medicina!

Ele inoculou-me com algo. Disse que eu recebera a cura e podia voltar ao convívio com os normais. Eu chorei. Era o adeus à Casa Verde, ao meu sonho. Logo me puseram num carro e foram me comboiando. Me lembrei daquele caminho: o mesmo que fazíamos – eu e mamãe – para ir à Espace. E foi para lá que me levaram. As ruas desabitadas pareciam o oposto do Rio de meu tempo. O percurso foi vencido rapidamente. Chegamos.

Subi pelo elevador dos fundos e fui deixado na porta do DP. Olhei, olhei e depois entrei na Divisão de Pessoal.

– Fala, coroa – falou um jovem – o que manda?

Fiquei calado e ele concluiu.

– Deve ser o novo funcionário velho.

Olhei atrás da sua mesa. Havia a foto de Estales. Perguntei:

– Ele é o presidente?

– Da República, há dois anos.

A televisão estava aos berros. Reconheci a voz de Tucano.

– E este?

– É o porta-voz do planalto.

Não agüentei e soltei um sorriso. O rapaz me perguntou:

– Qual é o seu nome?

– Modesto.

Ele me deu o crachá e disse:

– O senhor desempenhará as funções de auxiliar de escritório.

Eu olhei a minha volta. Havia muitos de crachá invertido. Quando ia saindo. ..

– O senhor não vai inverter o crachá ?.

– Não, não. Sou muito velho para isto.

Sofri um leve choque na orelha.

– Pegue um carbono pautado na Divad!

Como a gente tem que dar uma de bobo para viver!!!!!!!!